

No
HOMEM
& SPIRITUAL
VOLUME 3

Watchman Nee

**HO
HOMEM
ESPIRITUAL**
VOLUME 3

Editora  Betânia

BELO HORIZONTE
2001

DO ORIGINAL
The Spiritual Man

TRADUÇÃO
Délcio de Oliveira Meireles

REVISÃO
Josafá Nascimento Moura

CAPA
Marcelo Silva e Kleber Faria

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Editora Betânia

Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo. CRB 8/6219

Nee, Watchman.

O Homem Espiritual / Watchman Nee ; tradução de
Délcio de Oliveira Meireles ; revisão de Josafá Nascimento
Moura. – Belo Horizonte : Betânia, 2001.

3 v. ; 21cm.

Título original: The Spiritual Man
ISBN 85-358-0045-X

I. Título. 1. Vida cristã. 2. Batalha espiritual.

CDD 261.515

248.4

1ª EDIÇÃO, 2001

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova
31570-000 Belo Horizonte, MG
Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG

PRINTED IN BRAZIL

ÍNDICE

NOTA EXPLICATIVA 6

PRIMEIRA PARTE: A ANÁLISE DA ALMA: A MENTE

1. A Mente: Um Campo de Batalha..... 8

2. Fenômenos de Uma Mente Passiva 36

3. O Caminho da Libertação 53

4. As Leis da Mente 75

SEGUNDA PARTE A ANÁLISE DA ALMA: A VONTADE

5. A Vontade do Crente 90

6. A Passividade e Seus Perigos 108

7. O Erro do Crente..... 123

8. Como Obter Libertação..... 145

TERCEIRA PARTE: O CORPO

9. O Corpo do Crente 168

10. As Doenças 190

11. Deus, a Vida do Corpo..... 235

12. Vencendo a Morte..... 256

NOTA EXPLICATIVA

O volume 3 de *O Homem Espiritual é* seqüência dos volumes 1 e 2. Existem muitos outros livros que foram elaborados a partir de mensagens proferidas pelo irmão Watchman Nee. Este, porém, foi o único de tamanho substancial que ele escreveu. Observamos isso claramente na diferença de estilo. Devido a uma grave enfermidade, nosso irmão pensou que ele seria sua última contribuição à igreja. Contudo o Senhor, em sua graça infinita, decidiu reverter aquele quadro. Algum tempo após a primeira publicação do livro, alguém ouviu o Sr. Nee dizer que não se deveria fazer uma nova impressão. Por ser um tratado "perfeito" sobre o assunto, ele temia que viesse a se tornar apenas um manual de princípios em vez de ser também um guia para a experiência. Entretanto, tendo em vista a premente necessidade de orientação para os filhos de Deus no tocante à vida cristã e à batalha espiritual, e sabendo do grande desejo do nosso irmão em servir o povo de Deus com o depósito que o Senhor lhe confiou, concluímos que ele, sem dúvida, permitiria sua circulação em nosso idioma. Essa é a razão desta tradução para o português.

PRIMEIRA PARTE

A ANÁLISE DA ALMA:

A MENTE



capítulo

1

A MENTE: UM CAMPO DE BATALHA

A mente do homem é a sede do pensamento. É ela que nos dá condições de conhecer, pensar, imaginar, lembrar e entender. O intelecto, a sabedoria, a inteligência e o raciocínio humanos pertencem à mente. De modo geral, a mente é o cérebro. "Mente" é um termo psicológico; "cérebro", um termo fisiológico. A mente da psicologia é o cérebro da fisiologia. A mente exerce um importante papel na vida humana porque o pensamento influencia a ação.

ANTES DA REGENERAÇÃO

De acordo com a Bíblia, a mente do homem é singular, pois constitui um campo de batalha onde Satanás e os espíritos malignos contendem contra a verdade e, conseqüentemente, contra o cristão. Podemos ilustrar essa batalha da seguinte maneira: a vontade e o espírito do homem são como uma fortificação que os espíritos malignos desejam capturar. O campo onde se trava a batalha pela conquista dessa fortificação é a mente. Observemos como o apóstolo Paulo a descreve: "Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós *sofismas* e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo *pensamento* à obediência de Cristo." (2 Co 10.3-5 - grifo do autor.) Inicialmente, ele fala de uma batalha; depois, de onde ela se trava; e, finalmente, qual o objetivo dela. Essa luta se passa exclusivamente na mente humana. O apóstolo compara os argumentos e raciocínios do homem a uma fortaleza do inimigo. Ele vê a mente como que dominada pelo inimigo; por isso, temos de guerrear para entrar nela. Sua conclusão é que muitos pensamentos rebeldes acham-se armazenados nessas fortalezas e precisamos levá-los cativos à obediência de Cristo. Tudo isso mostra de forma clara que a mente é o cenário da batalha que os espíritos malignos travam contra Deus.

As Escrituras explicam que, antes de um indivíduo ser salvo, "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de

Deus" (2 Co 4.4). Esse versículo, ao declarar que Satanás se agarra à mente do homem, cegando-a, se harmoniza com o outro que citamos. Algumas pessoas talvez se considerem extremamente sábias por serem capazes de apresentar muitos argumentos contra o evangelho. Outras provavelmente pensem que a incredulidade é resultado de um embotamento mental. Contudo a verdade em ambos os casos é que Satanás cegou os olhos da mente humana. Quando Satanás aprisiona a mente de alguém, esta endurece. O homem, como filho da ira, segue os desejos do corpo e da mente e, por isso, é estranho e inimigo no entendimento, porque a mente que se inclina para a carne é inimiga de Deus (Rm 8.7; 2 Co 3.14; Ef 2.3; Cl 1.21).

Lendo essas passagens, podemos ver claramente como os poderes das trevas se relacionam de maneira especial com a mente do homem e como ela é bastante susceptível aos ataques de Satanás. Com respeito à vontade, à emoção e ao corpo do homem, os poderes malignos não têm como fazer nada *diretamente*, a menos que tenham conquistado algum terreno neles. Contudo, na mente, eles podem operar livremente, sem precisar persuadir o homem ou ser convidado por ele. Parece que a mente já é possessão deles. Comparando a mente dos homens a uma fortaleza do inimigo, o apóstolo dá a entender que Satanás e seus espíritos malignos já estabeleceram um relacionamento muito profundo com ela. Parece que, de algum modo, eles usam as mentes como suas fortalezas e nelas aprisionam seus cativos. Através da mente eles impõem sua autoridade e, utilizando a mente dos seus cativos, eles transmitem pensamentos venenosos a outros, de modo que estes também possam se levantar contra Deus. É difícil calcular qual parcela da filosofia, da ética, do conhecimento, da pesquisa e ciências do mundo se origina nos poderes das trevas. Contudo, de uma coisa temos certeza: todos os argumentos e atitudes de resistência ao conhecimento de Deus são fortalezas do inimigo.

Parece estranho constatar que a mente se acha numa relação tão íntima com as autoridades da impiedade. O primeiro pecado que o homem cometeu, insti-

gado por Satanás, foi a busca do conhecimento do bem e do mal. E por isso que a mente humana tem um relacionamento especial com o diabo. Se fôssemos pesquisar cuidadosamente as Escrituras, e observar as experiências dos homens de Deus, veríamos que todas as comunicações entre as forças humanas e satânicas ocorrem no pensamento. Vejamos, por exemplo, as tentações que Satanás lança contra o ser humano. Todas elas são apresentadas à *mente*. E verdade que frequentemente ele usa a carne para "dobrar" o homem. Todavia, em cada caso de sedução, o inimigo cria algum tipo de pensamento para com ele tentar o homem. Não podemos distinguir entre tentação e pensamento. Todas elas surgem para nós sob a forma de pensamentos. Uma vez que estes estão de tal forma expostos ao poder do inimigo, precisamos aprender a guardá-los.

O intelecto do homem irregenerado é incapaz de compreender a Deus. É necessário que o imenso poder divino destrua os argumentos humanos. Isso acontece na hora do novo nascimento, quando o homem se arrepende de seus pecados. A definição original de arrependimento é simplesmente "uma mudança de mente". O ser humano, em sua mente, é inimigo de Deus; por isso, o Senhor tem de alterar a mente dele para comunicar-lhe vida. O homem irregenerado tem uma mente obscurecida. Com a conversão, ela sofre uma mudança drástica. Como antes ela se achava tão unida com o diabo, é essencial que Deus opere uma mudança na mente do homem para que este possa receber um novo coração (At 11.18).

DEPOIS DA REGENERAÇÃO

Contudo, mesmo depois do arrependimento, a mente do cristão não fica totalmente liberta do toque de Satanás. Da mesma forma que o inimigo trabalhou através da mente antes, ele vai continuar operando. Paulo, escrevendo aos *crentes* de Corinto, declarou: "Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa *mente* e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo" (2 Co 11.3 - grifo do autor). O apóstolo reconhece que, assim como o deus deste mundo cega a mente dos não-crentes, também engana a dos que crêem. Embora sejam salvos, sua vida mental permanece sem renovação. Conseqüentemente, continua sendo um estratégico campo de batalha. *A mente sofre a investida violenta dos poderes das trevas mais que qualquer outra parte do homem*. Precisamos reconhecer que os espíritos satânicos dedicam uma atenção especial à nossa mente e a atacam incessantemente, "como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia". Não foi o coração de Eva que Satanás atacou primeiro, mas, sim, a mente. De igual forma, hoje, os espíritos malignos atacam nossa cabeça, e não nosso coração, a fim de nos apartar da simplicidade e pureza

que há em Cristo. Eles sabem que a mente é o ponto *mais fraco* de nosso ser. E que, antes de crermos, ela foi a fortaleza deles e ainda não se acha totalmente dominada pelo Espírito. Então, o caminho mais fácil para a realização dos propósitos satânicos é o ataque à mente. O coração de Eva era sem pecado e mesmo assim ela aceitou os pensamentos sugeridos por Satanás. Desse modo, ela foi enganada pelo logro maligno, perdendo seu raciocínio, e caindo na armadilha do inimigo. O crente deve ter o cuidado de não se orgulhar de possuir um coração honesto e sincero, porque, se não aprender a repelir os espíritos malignos de sua mente, continuará a ser tentado e enganado, perdendo, conseqüentemente, a soberania da sua vontade.

Na seqüência, Paulo mostra de onde vem esse perigo: "Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esse, de boa mente, o tolerais" (2 Co 11.4). Se o cristão deixar que Satanás introduza ensinamentos falsos em seus pensamentos, ele correrá o risco de se apartar de uma devoção sincera e pura para com Cristo. São essas as obras que a "serpente" está realizando hoje. Satanás tem se disfarçado em anjo de luz, a fim de levar os santos a cultuar, com seu intelecto, um outro Jesus, que não o Senhor; a receber um outro espírito que não é o Espírito Santo; e, por meio deles, propagar uma mensagem diferente do evangelho da graça de Deus. Paulo declara que isso nada mais é do que a atuação de Satanás na mente do cristão. O adversário transforma essas "doutrinas" em pensamentos e, depois, as impõe à mente do cristão. Como é trágico que tão poucos reconheçam a realidade dessa atividade maligna! Na verdade, são poucos os que poderiam imaginar que o diabo daria bons pensamentos aos homens!

E possível um filho de Deus ter uma nova vida e um novo coração e não possuir ainda uma nova mente. Muitos crentes têm uma mente "velha", embora seu coração seja "novo". O coração deles está cheio de amor, enquanto a mente não tem nenhuma percepção das realidades espirituais. Muitas vezes, as intenções do coração são inteiramente puras; mas os pensamentos, confusos. Tendo se impregnado de uma mistura de idéias, a mente carece do elemento mais notável de todos: o discernimento espiritual. Inúmeros são os cristãos que amam de fato os filhos de Deus, mas, infelizmente, seu cérebro está abarrotado de uma miscelânea de teorias, opiniões e propósitos. Um grande número dos melhores e mais fiéis filhos de Deus são preconceituosos e possuem uma mente bitolada. Já decidiram o que é a verdade e quais as verdades que vão aceitar. Rejeitam qualquer outra que não se encaixe em suas noções preconcebidas. A cabeça deles não se expande tanto quanto o coração. Além do mais, existem outros filhos de Deus que não conse-

guem formular nenhum pensamento. Embora já tenham ouvido muitas verdades, não se lembram delas, nem as praticam, nem as comunicam a outros. Certamente, ouviram muitas, mas, mesmo assim, não são capazes de expressá-las. Durante muitos anos receberam verdades, porém não conseguem expô-las para suprir as necessidades dos outros. Talvez até sejam pessoas que se orgulham de estarem cheias do Espírito Santo! O que causa tal sintoma é uma mente não renovada.

O cérebro do homem causa mais prejuízos aos outros do que o coração! Se os crentes enxergassem a diferença entre a renovação do coração e a da cabeça, não cometeriam o erro de acreditar no homem. Os cristãos devem saber que mesmo quem mantém uma comunhão íntima com Deus pode, inconscientemente, ter aceitado uma sugestão de Satanás em sua mente. Portanto suas atitudes, palavras e pontos de vista são distorcidos. Nenhuma palavra do homem é digna de total confiança, a não ser a que se acha em harmonia com o ensino bíblico. Não devemos aceitar as palavras de um homem só porque o admiramos e o respeitamos. Sua conduta e seus dizeres podem ser santos; mas seu pensamento pode não ser espiritual. O que temos de observar, portanto, não é seu falar ou sua conduta, mas sua *mente*. Se crêssemos na palavra de um obreiro, vendo-a como uma verdade de Deus, por causa da sua conduta de vida, estaríamos considerando sua palavra e comportamento - e não a Bíblia - a nossa medida aferidora da verdade. A história da igreja está cheia de casos de crentes consagrados a Deus que propagaram heresias! A explicação é simples: o coração foi renovado, mas a mente permaneceu a mesma. Não temos dúvidas de que a vida é mais importante do que o conhecimento. Aliás, a primeira é mil vezes mais influente do que o segundo. Entretanto, depois de experimentarmos algum crescimento na vida, é essencial que busquemos o conhecimento que procede de uma mente renovada. Devemos entender o quanto é importante termos a mente e o coração renovados.

Se o cristão não renovar a mente, sua vida será desequilibrada e limitada. Para ele, se torna quase impossível trabalhar. Hoje é muito comum ensinar-se que a vida cristã deve ter amor, paciência, humildade e assim por diante. Essas características do coração são altamente significativas, visto que nada mais pode ocupar o lugar delas. Mesmo assim, podemos considerá-las suficientes para suprir *todas* as nossas necessidades? Elas são importantes, mas não representam tudo. E igualmente vital que a mente também seja renovada, ampliada e fortalecida. Caso contrário, essa vida será desequilibrada. Muitos sustentam que os cristãos espirituais não de vem ter bom senso, pois mesmo sendo tolos são os melhores. A não ser pelo fato de que tais crentes espirituais vivem um pouco

melhor do que o resto, a utilidade deles é nula e não podemos lhes confiar nenhum trabalho. Não defendemos a sabedoria e o conhecimento mundanos, pois a redenção de Deus não exige o emprego da nossa mente antiga maculada pelo pecado. Contudo ele deseja renová-la, como acontece com nosso espírito. Deus quer restaurar nossa mente ao estado excelente que ela possuía por ocasião da criação, a fim de podermos glorificá-lo, não apenas pela conduta, mas também pelo pensamento. E incalculável o número de filhos de Deus que, pelo fato de negligenciarem a mente, se tornam bitolados, obstinados e, algumas vezes, até mesmo maculados. Eles ficam aquém da glória divina. O povo de Deus precisa saber que, se desejamos ter uma vida plena, devemos renovar a mente. Uma das razões por que o reino de Deus carece de obreiros hoje é que muitos não podem realizar nada no plano mental. Como não buscam a renovação da mente depois de salvos, a obra deles fica prejudicada. A Bíblia declara enfaticamente que devemos ser transformados pela renovação da nossa mente (Rm 12.2).

A MENTE SOB O ATAQUE DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Se examinarmos cuidadosamente as experiências mentais de um cristão, veremos que ele possui não apenas uma mente bitolada, mas muitos outros defeitos também. Sua cabeça, por exemplo, pode estar repleta de toda espécie de pensamentos, imaginações, figuras impuras e idéias confusas, desgovernadas e incontroláveis. Sua memória pode falhar repentinamente; seu poder de concentração, enfraquecer-se. Ele pode ficar obcecado por preconceitos que brotam de fontes desconhecidas. Os pensamentos fluem lentamente como se seu cérebro estivesse acorrentado; ou ele pode ser inundado de pensamentos violentos que giram incessantemente em sua cabeça. O cristão descobre que é incapaz de controlar sua vida mental, de fazer com que ela obedeça à sua vontade. Ele se esquece de inúmeros assuntos - importantes ou não. Realiza muitos atos impróprios, sem entender o motivo e sem investigar a razão. Como tem boa saúde física, não encontra explicação para esses sintomas. Atualmente, muitos crentes têm essas dificuldades mentais, mas não sabem por quê.

Se alguém identificar a manifestação desses sinais acima mencionados, precisará verificar algumas questões para determinar a origem deles. Tem de se perguntar o seguinte: Quem controla minha mente? Eu mesmo? Se assim for, por que não posso controlá-la agora? É Deus quem dirige minha mente? Contudo, de acordo com o princípio bíblico, Deus nunca governa a mente do homem. (Vamos ampliar a análise desse princípio mais adiante.) Se não sou eu nem Deus quem regula minha vida mental, quem então está no controle? Obviamente, são os poderes das trevas que

fomentam esses sintomas mentais. Por isso, toda vez que o filho de Deus percebe que não consegue governar a mente, precisa entender imediatamente que é o inimigo quem a está dirigindo.

Um fato do qual temos de nos lembrar sempre é este: o homem possui livre-arbítrio. A intenção de Deus é que o ser humano tenha o controle de si mesmo. Ele tem autoridade para regular cada uma de suas capacidades naturais. Por isso, todos os seus procedimentos mentais devem estar sujeitos ao poder da sua vontade. O cristão deve questionar a si mesmo:

"Esses pensamentos são *meus*? Sou *eu* quem está pensando? Se não sou eu, então deve ser o espírito maligno que é capaz de operar na mente do homem. Visto que não quero ter esses pensamentos (e minha mente em geral segue minha vontade) então as idéias que agora me brotam na cabeça não podem ser minhas. Elas emanam de outra 'pessoa' que usa minha mente contra minha vontade."

O indivíduo deve saber que, nesse caso, ele não teve a intenção de pensar e ainda assim tais pensamentos apareceram em sua mente. Deve concluir então que esses pensamentos não são seus, e sim do espírito maligno.

Para determinarmos se um pensamento é nosso ou de um espírito maligno, devemos observar como ele surgiu. Suponhamos que nossa mente está tranqüila e serena, funcionando de modo normal e natural, de acordo com as circunstâncias. Subitamente, surge em nosso cérebro um pensamento ou noção completa (sem qualquer ligação com a situação dominante ou com a obra na qual estamos envolvidos). Tal pensamento desordenado e súbito provavelmente é ação dos espíritos malignos. Eles estão tentando injetar o pensamento deles em nossa cabeça, levando-nos a aceitá-los como nossos. Indubitavelmente, a noção que esses espíritos introduzem em nossa mente é um assunto no qual não havíamos pensado, e não segue a linha normal do pensamento. É totalmente "novo"; algo que nunca pensamos por nós mesmos. Surgiu de repente e por si próprio. Quando alguém recebe um tipo de pensamento assim, é bom perguntar o seguinte:

"Eu realmente penso *isso*? Sou *eu* mesmo quem está pensando? Quero pensar dessa forma? Ou isso simplesmente surgiu em minha mente por si mesmo?"

O filho de Deus deve determinar se é ele quem está exercitando o pensar. Se não foi ele quem teve essa idéia, mas, pelo contrário, ele se opõe a ela, e mesmo assim ela continua em sua cabeça, pode concluir que tal pensamento vem do inimigo. Todo pensamento que o homem, por decisão pessoal, não aceita, e todo que se opõe à sua vontade, não vem dele, e sim do exterior.

E muito comum nosso cérebro estar cheio de idéias, as quais não temos como deter. Nossa cabeça é como uma máquina de pensamentos, operada por força externa. Ela prossegue pensando, mas não tem forças para romper com eles. O crente pode abanar a cabeça repetidas vezes, porém ainda assim não tem como tirar os pensamentos da mente. Eles surgem em ondas, rolando incessantemente dia e noite. Não há como acabar com eles. Em geral, não temos consciência de que isso é uma atividade do espírito maligno. Precisamos entender o que é um "pensamento". É algo que nossa *mente agarra*. Contudo, no caso desses pensamentos incontroláveis, não é nossa mente que os segura. São *elas que estão segurando nossa mente*. No curso natural dos acontecimentos, é a mente que pensa nos assuntos; são estes que nos forçam a pensar. É muito comum uma pessoa desejar ignorar um assunto, mas uma força externa a mantém ligada a ele, impedindo-a de se esquecer e forçando-a a pensar ainda mais. Isso é ação dos espíritos malignos.

Resumindo: Devemos investigar todo indício *anormal*. Com exceção de uma causa natural, como uma doença, todos os outros indicadores anormais têm origem nos espíritos malignos. Deus nunca interfere na operação da capacidade natural do homem. Ele nunca mistura abruptamente seu pensamento com o do homem. Tampouco limita ou destrói de repente o funcionamento do intelecto do homem. A parada súbita de todos os pensamentos, como se o cérebro tivesse se tornado um vácuo; uma interrupção repentina do pensamento, em total desacordo com a seqüência da mente naquele momento; o corte imediato da memória, como se um fio tivesse sido arrancado, deixando a mente paralisada, são resultados da operação do inimigo. Já que o espírito maligno se apoderou do órgão do pensamento, ele também é capaz, de forçá-lo a cessar seu funcionamento, ou de soltá-lo, deixando-o agir novamente. Devemos reconhecer que as causas naturais só podem produzir sintomas naturais. Um pensamento súbito ou perda de memória estão totalmente fora da capacidade ou controle da nossa vontade e são contrários a causas e efeitos naturais. Portanto são inspirados por forças malignas sobrenaturais.

Em sua carta aos efésios, Paulo fala sobre o espírito que agora opera nos filhos da desobediência (2.2). É muito importante saber que os poderes das trevas agem não apenas no exterior do ser humano, mas também no seu interior. Quando um homem trabalha, ele pode fazê-lo, no máximo, com palavras, gestos ou movimentos corporais. Os espíritos malignos, porém, operam com tudo isso e muito mais. Eles podem agir no exterior do mesmo modo que o homem age, mas podem operar também do lado de dentro. Isso quer dizer que conseguem se comprimir no pensamento humano e operar a partir dali. O homem não pode fazer isso. Ele não é capaz de entrar no cérebro de outro, fa-

zendo sugestões súbitas e confundindo a origem dos pensamentos. Os espíritos malignos podem. Eles possuem uma capacidade de comunicação que o ser humano não tem. Eles podem atuar inicialmente na mente do homem e depois alcançar sua emoção, pois a mente e a emoção se acham intimamente ligadas. Eles operam primeiro na mente e, dali, chegam à vontade do homem, pois a mente e a vontade também estão intimamente ligadas.

Esses espíritos inimigos operam introduzindo secretamente na cabeça do homem noções que eles apreciam, com o fim de atingir seus objetivos. Eles também bloqueiam pensamentos que não lhes interessam para que o homem não os considere. A Bíblia indica claramente que os poderes das trevas tanto podem comunicar idéias ao homem como tirá-las dele. "Durante a ceia, tendo já o diabo *posto* no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus." (Jo 13.2 - grifo do autor.) Isso mostra que Satanás pode colocar seu pensamento na mente humana. "Vem, a seguir, o diabo e arrebatá-lhes do coração a palavra" (Lc 8.12). Isso confirma que Satanás retira as palavras que o homem deveria guardar na memória e faz com que ele se esqueça de tudo. Esses dois versículos revelam a dupla operação dos espíritos malignos sobre a mente do homem - acrescentando ou retirando algo.

AS CAUSAS DO ATAQUE DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Por que a vida mental do cristão é tão assediada pelos espíritos malignos? Porque os crentes dão a esses (ou ao diabo) a oportunidade de os atacar. É importante que todos entendam claramente que o diabo pode atacar a mente de uma pessoa. A experiência de muitos cristãos confirma isso. A área que os espíritos malignos preferem atacar é a faculdade mental, pois ela tem uma afinidade especial com eles. Ela escapou parcial ou totalmente da soberania do homem e veio a ficar sob a ordem satânica. Da mesma forma, essas potestades podem ligar ou desligar os pensamentos de alguém conforme os desejos *deles*, menosprezando completamente as idéias da vítima. Embora a cabeça do crente ainda esteja ligada a ele, a soberania dele sobre ela foi suplantada por outro. E por mais que ele proteste, pouco pode ser corrigido. Sempre que alguém dá oportunidade aos espíritos malignos, não pode mais seguir a própria vontade. Tem de obedecer à vontade de outro. Assim que um indivíduo cede terreno na mente, perde a soberania sobre esta. Isso também indica que, agora, os espíritos malignos ocupam a faculdade mental dele. Se esses espíritos não tivessem atacado sua mente, ele continuaria no controle de tudo. Poderia pensar ou parar de pensar sem dificuldade, conforme seu querer.

Devido a essa afinidade entre a mente e os maus espíritos, o cristão freqüentemente abre caminho para eles. O terreno que essas potestades conquistam con-

cede-lhes autoridade para operarem na mente do crente sem impedimento. Por isso, tenhamos consciência do seguinte: a mente do homem pertence ao *homem*. Sem sua permissão, o inimigo não tem poder para usá-la. A menos que o homem *voluntariamente* entregue (sabendo ou não) sua mente aos espíritos malignos, eles não têm o direito de se intrometer na sua liberdade. Isso não significa que essas forças malévolas nunca nos tentem em nosso pensamento (isso é inevitável). Contudo, ao exercitar nossa vontade, fazendo oposição ao pensamento tentador, este cessará imediatamente. O problema de muitos cristãos hoje é que mesmo resistindo conscientemente, o pensamento continua vulnerável. E não deveria ser assim. Isso é uma firme indicação de que os espíritos malignos estão operando nele.

O fator mais crítico em relação à atividade perversa deles é a concessão do *terreno* a eles. Sem isso, eles não podem operar. O limite da operação deles depende da quantidade de espaço que lhes cedemos. É no órgão do pensamento que o cristão fornece território aos espíritos malignos, e é dali que eles operam. Falando de modo geral, são seis os tipos de terreno que podemos ceder ao inimigo. Vamos examinar cada um deles agora mais detidamente.

1. *Uma mente não renovada.* A carne seguidamente fornece base para as operações do inimigo. Se a mente do homem não for renovada quando seu espírito é regenerado, ele expõe grande território às maquinções do espírito maligno. Embora muitos crentes tenham a mentalidade mudada por ocasião da conversão, os olhos do seu coração, uma vez cegados por Satanás, ainda não foram iluminados inteiramente e podem continuar tapados em muitas áreas. Esses cantos escuros são os antigos centros de operação dos espíritos malignos. Embora impedidos em grande parte, eles não foram eliminados e, assim, continuam a fornecer as bases para a operação das hostes invisíveis da impiedade.

Os exércitos do diabo encobrem cuidadosamente seus feitos. Se o cristão permanecer carnal, eles irão introduzir nele noções que aparentemente concordam com seu temperamento e suas avaliações, levando-o a crer que tudo isso é seu pensamento natural. Sabedoras de que essa mente não renovada constitui sua melhor oficina de trabalho, as forças do inimigo empregam todo artifício para manter o crente na ignorância, impedindo-o de buscar a renovação da sua mente. Esse tipo de entrega de terreno é bastante comum entre os cristãos. E se estes cedessem apenas nele, o sofrimento do intelecto e da memória não seria tão severo; mas existem ainda outros tipos.

2. *Uma mente incorreta.* Todos os pecados fornecem território ao adversário. Se um filho de Deus alimenta um pecado no coração, está cedendo a mente

aos espíritos satânicos para que eles a usem. Visto que todos os pecados têm origem nas potestades das trevas, o crente não tem como resistir a tais poderes que estão por trás de quaisquer pecados que ele permita que continuem em sua mente. O período que ele admite a permanência de pensamentos pecaminosos em seu coração é exatamente o tempo em que os espíritos malignos continuarão operando. Todos os pensamentos impuros, maus, injustos ou de orgulho fornecem base para a atividade desses espíritos. Se o filho de Deus permitir que tais pensamentos permaneçam, encontrará dificuldade em resistir na próxima vez em que eles surgirem, porque os poderes das trevas já asseguraram uma área em sua mente.

Além dos pensamentos pecaminosos, existem muitos outros impróprios que oferecem base de operação ao inimigo. Frequentemente, as hostes de Satanás introduzem uma idéia na mente do cristão. Se ele a aceitar, essa noção terá conquistado um terreno para operar nela. Toda teoria não provada, pensamento vazio ou de origem desconhecida, palavras ouvidas ao acaso ou uma frase que lemos inadvertidamente, constituem terreno que damos ao inimigo como base futura para operações. O adversário pode assim encher uma pessoa com preconceitos, a fim de levá-la, pelo engano, a se opor à verdade de Deus e a abraçar muitas heresias.

3. *Interpretar mal a verdade de Deus.* Os crentes raramente têm consciência de que fornecem terreno ao inimigo toda vez que aceitam uma mentira dos espíritos malignos. Se os seguidores de Deus aceitam ou, erradamente, interpretam como sendo natural, ou causado por eles mesmos, algo que esses espíritos colocam em seu corpo, circunstâncias ou trabalhos, estão lhes cedendo um terreno precioso para suas abomináveis realizações. Quando abraçamos uma mentira, damos terreno para que os elementos satânicos continuem operando. Se, erroneamente, aceitarmos esses fenômenos como sendo originados em nós mesmos, daremos a autorização para que eles permaneçam em nossa vida. Apesar de os espíritos malignos obterem essa permissão por meio do engano, ela fornece um lugar para a operação deles.

Por outro lado, muitos cristãos interpretam mal as verdades de Deus. Ignorando o verdadeiro sentido de haverem morrido com Cristo, da consagração, do mover do Espírito Santo, e assim por diante, concebem no coração interpretações inexatas dessas verdades e, conseqüentemente, prejudicam a si mesmos. Os espíritos malignos aproveitam essa oportunidade e comunicam aos cristãos seu entendimento e interpretação errada das verdades divinas. Eles planejam de acordo com o entendimento errado do crente e este julga que essas coisas são de Deus, ignorando que são apenas uma imitação feita pelos tais espíritos, fundamentadas no seu mal entendimento.

4. *Aceitação de sugestões.* Inúmeras são as sugestões que as hostes de Satanás plantam na mente do cristão, principalmente idéias com respeito às suas circunstâncias e seu futuro. Elas gostam de dar-lhe profecias, predizendo o que será feito dele e o que lhe acontecerá. Se ele não tiver consciência da origem de tais predições, e permitir que elas permaneçam em sua mente, os espíritos malignos, na hora certa, atuarão em suas circunstâncias para provocarem tudo aquilo que profetizaram. Talvez o crente já espere por isso, sem ter conhecimento de que tudo foi planejado pelos poderes inimigos. Eles simplesmente elaboram um pensamento na forma de profecia, depois o plantam na mente do cristão para ver se ele vai aceitá-la ou rejeitá-la. Se a mente dele não oferecer objeção, e até mesmo aprovar a profecia, os espíritos da impiedade terão conquistado um lugar para realizar o que planejaram. O cumprimento das palavras dos adivinhos é baseado inteiramente nesse princípio.

Ocasionalmente, o adversário injeta declarações proféticas com respeito ao corpo do cristão, predizendo, por exemplo, fraqueza ou doença. Se ele aceitar esse pensamento, ficará realmente enfermo e fraco. Ele pensa que está doente de verdade. Os que possuem conhecimento científico concluem que se trata de uma doença psicológica. Contudo quem tem discernimento espiritual sabe que isso acontece simplesmente porque a pessoa aceitou a sugestão de um espírito maligno. Desse modo, concedeu terreno para que ele criasse a situação. Quantas das doenças chamadas naturais e psicológicas são, na realidade, maquinações desses espíritos. Quando um cristão não repele os pensamentos que têm origem nos espíritos malignos, ele lhes concede base para que atuem em sua vida.

5. *Uma mente vazia.* Deus criou o homem com uma mente que deve ser utilizada: "... é o que ouve a palavra e a compreendi" (Mt 13.23). O Senhor quer que o homem compreenda sua palavra com o intelecto, de onde a mensagem passa à emoção, à vontade e ao espírito. Uma mente vivida é, portanto, um obstáculo à obra dos espíritos malévolos. Um dos principais alvos desses espíritos é conduzir a mente da pessoa a um estado de vazio interior, estabelecendo ali um verdadeiro vácuo. As potestades do inimigo empregam o engano ou a força para transformar a faculdade mental do cristão numa entidade vazia. Elas sabem que, enquanto sua cabeça estiver vazia, ele não poderá pensar. Elas o despojaram de lodo raciocínio e sentido e o levaram a aceitar, sem questionar, os ensinamentos malignos, a despeito da natureza ou conseqüência deles.

O cristão deve exercitar a mente, pois o exercício dela constitui uma enorme desvantagem para os espíritos malignos. Tanto é que eles são compelidos a exercitar sua força total para tentar esvaziá-la. Só

quando a mente funciona de forma normal é que o cristão está apto a *discernir* as revelações sobrenaturais absurdas e as várias insinuações nela implantadas, e também a reconhecer que são de origem demoníaca. Uma mente vazia constitui uma base para o maligno atuar, todas as revelações e noções que entram numa cabeça vazia emanam de fontes inimigas. Se o cristão não utilizar seu órgão de pensamento, descobrirá como os espíritos malignos estão ansiosos para ajudá-lo a pensar!

6. *Uma mente passiva.* Em termos gerais, a mente vazia difere bastante da passiva. A diferença é que, enquanto a mente vazia é aquela que não é usada, a passiva fica à espera de alguma força exterior para ativá-la. Encontra-se um passo além da mente vazia. Ser passivo é se abster de mover-se por si mesmo e deixar que elementos exteriores o façam. Um cérebro passivo não pensa por si mesmo, mas permite que uma força estranha pense por ele. A passividade reduz o homem a uma máquina.

A mente que se encontra em um estado passivo é muito vantajosa para os espíritos malignos, porque lhes oferece a oportunidade de ocupar também a vontade e o corpo do crente. Assim como a mente obscura é facilmente enganada por não saber o que está fazendo e para onde está indo, assim também a passiva acha-se vulnerável ao ataque, visto não ter nenhuma sensibilidade. Se alguém permitir que sua cabeça cesse de pensar, pesquisar, decidir e de examinar sua experiência e ação à luz da Bíblia, está praticamente convidando Satanás a invadir sua mente e enganá-lo.

Muitos dos filhos de Deus, em seu desejo de seguir a direção do Espírito Santo, acham que não precisam avaliar, investigar e julgar à luz da Palavra todos os pensamentos que aparentemente vêm do Senhor. Pensam que ser guiado pelo Espírito é estar morto para si mesmo e obedecer toda noção e impulso do cérebro. Seguem principalmente as idéias que surgem depois de um período de oração. Por isso, procuram deixar a mente passiva durante e depois da oração. Interrompem o fluxo dos próprios pensamentos e outras atividades mentais a fim de se prepararem para receber os "pensamentos de Deus". O resultado é que se tornam duros e inflexíveis, sem raciocínio, e adotam práticas severas, obstinadas e irracionais. Eles ignoram vários fatos. Primeiro, a oração não transforma nossos pensamentos comuns em espirituais. Segundo, ficar esperando pensamentos divinos durante e após a oração é abrir a mente às operações dos espíritos malignos que tentam imitar as de Deus. Terceiro, a direção do Senhor ocorre na intuição, que é do espírito, e não na mente, que é da alma. Não são poucos os crentes que procuram treinar a si mesmos para alcançarem uma mente passiva. Estão ignorando a vontade de Deus que não deseja que o homem seja passivo, mas que

coopere ativamente com ele. Eles induzem a si mesmos a não pensar, a fim de receberem os pensamentos divinos. Não entendem que, se eles mesmos não estão usando o cérebro, o Senhor também não o usará nem introduzirá nele seus pensamentos. O princípio de Deus é que os homens, pela própria vontade, controlem todo o seu ser, e trabalhe junto com ele. Somente o diabo se aproveita da mente passiva, impedindo que o homem a controle. Deus não deseja que os homens recebam sua revelação como autômatos; os espíritos inimigos é que almejam isso. Toda passividade é proveitosa para esses, pois prazerosamente tiram vantagem da insensatez e da inércia do povo de Deus, para operar em sua mente.

PASSIVIDADE

Qualquer terreno que damos aos espíritos malignos implica abrir nossa vida para que eles operem nela. O mais grave desses terrenos é a passividade. Ela reflete uma atitude da nossa vontade, que por sua vez representa todo o nosso ser. A passividade permite que o iníquo opere, embora ele geralmente faça isso despidadamente, procurando enganar o cristão. A causa da passividade é a ignorância do crente. Ele interpreta erroneamente o papel do intelecto na vida espiritual. Ele valoriza o seu intelecto, mas ao mesmo tempo o desvaloriza. Por isso, permite que seu raciocínio se torne passivo, e aceita qualquer pensamento que brote dessa inércia. Portanto é essencial que compreendamos claramente a maneira como Deus nos orienta.

A passividade da mente se deve a uma interpretação errada do significado da consagração e da obediência ao Espírito Santo. Muitos admitem que seus pensamentos impedem seu caminhar espiritual. Não percebem que o que atrapalha sua vida espiritual é o cérebro parar ou operar caoticamente. O que trabalha adequadamente não apenas é útil, mas também essencial. Só uma mente assim pode cooperar com Deus. Como já enfatizamos anteriormente, o caminho normal da condução (de Deus) é a intuição do espírito, e não a mente. É extremamente necessário que entendamos esse princípio. Não podemos desprezá-lo. O crente deve seguir a revelação da sua intuição, e não o seu pensamento. Quem presta atenção à mente está andando segundo a carne e, conseqüentemente, se desviando. Não queremos dizer com isso que a mente seja totalmente inútil e não realize nem mesmo um papel secundário. O erro é vê-la como o órgão pelo qual temos comunhão direta com Deus e recebemos revelação dele. Entretanto ela *tem* seu próprio papel, que é *auxiliar* a intuição. Através desta, chegamos a conhecer a vontade de Deus. Contudo precisamos também da mente para analisar nosso sentimento, a fim de determinar se ele vem da intuição ou, é uma imitação das nossas emoções, se é ou não de Deus, e se ele se harmoniza com a Palavra. Pela intuição, co-

nhecemos a verdade. Pela mente, tiramos a prova. E como é fácil errar! Sem o auxílio da mente, veremos que é difícil definir o que é genuinamente de Deus.

A atuação da mente também é necessária no processo normal de receber orientação do Senhor. Embora a orientação proveniente da intuição muitas vezes seja oposta ao raciocínio, ainda assim temos de usar a cabeça, não para discutir com a intuição, mas para examinar se aquele pensamento realmente vem de Deus. A intuição capta a vontade divina rapidamente; entretanto precisamos de tempo para o cérebro procurar provar se o que ele apreendeu vem de fato da nossa intuição e do Espírito Santo. Se for de Deus, durante a prova, nossa intuição emitirá um sentimento ainda mais preciso, produzindo em nós uma fé ainda mais forte, dando-nos a certeza de que aquela mensagem vem do Senhor. Nesse sentido, o exercício do intelecto é benéfico e correto. Contudo, se essa impressão for do nosso pensamento e do sentimento carnal, nossa consciência se oporá durante o processo de verificação. Conseqüentemente, o teste mental, para *entender* se um assunto é ou não de Deus, não implicará interferência. Pelo contrário, dará oportunidade à intuição de provar que de fato é verdadeira. Se o pensamento for mesmo da intuição, o que tem ela a temer da prova da mente? Por outro lado, qualquer idéia que tiver medo de uma verificação, provavelmente vem da própria pessoa. A cabeça não deve nunca guiar ou conduzir, mas, inquestionavelmente, deve testar a autenticidade da direção.

Tal ensinamento concorda com as Escrituras: "Não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor" e "provando sempre o que é agradável ao Senhor" (Ef 5.17,10). Não podemos desprezar o funcionamento da mente. Deus não elimina os vários componentes da alma do homem; primeiro, ele os renova e, depois, os usa. O Senhor quer que seus filhos saibam o que estão fazendo quando obedecem. Ele não deseja que o sigamos inconsciente e cegamente. Ele não quer que ninguém siga o que ouve e o que sente com uma mente confusa, sem saber do que se traia. Tampouco é seu método usar qualquer parte do corpo do crente sem a compreensão e o consentimento dele. A intenção de Deus é que o cristão entenda a vontade divina e, conscientemente, obedeça ao Senhor com todo o seu ser. Quem se recusa a ter uma atitude responsável, e fica passivo esperando que Deus o mova parcial ou totalmente, está sendo preguiçoso. O Senhor, porém, quer que o homem examine ativamente qual é a vontade divina, para em seguida exercitá-la, obedecendo a Deus. O Senhor exige uma operação harmoniosa da intuição com a consciência do homem.

Portanto, se o crente não reconhecer que esse é o método normal de Deus nos guiar, *pode* cair na passi-

vidade. Fica esperando que o Senhor coloque sua vontade no pensamento dele. E segue cegamente toda orientação sobrenatural que recebe, sem exercitar a inteligência para examinar se ela realmente procede de Deus. Esse crente espera até mesmo que o Senhor use seu corpo como se ele fosse um autômato. Ele não emprega a mente para entender, nem a consciência para executar aquilo que é a vontade de Deus. A consequência de tal ignorância é que o inimigo invade a sua mente, visto que a passividade é uma condição que favorece esse fenômeno. (Trataremos disso mais adiante.) Se o homem não utiliza a inteligência, Deus também não a usa, pois isso seria contrário à maneira como o Senhor opera. Os espíritos malignos, entretanto, o fazem. Eles nunca hesitam em aproveitar uma oportunidade para usar a mente do homem. Portanto é insensatez deixarmos nossa mente afundar num estado de passividade, pois os espíritos inimigos estão à espreita, buscando a quem possam devorar.

Avancemos mais um passo nesse assunto da passividade como base para a atuação dos espíritos malignos. Estamos cientes de uma classe de indivíduos que gosta de se comunicar com esses espíritos. As pessoas, em geral, não desejam ser possuídas por demônios, mas essa classe especial anseia por isso. São os adivinhos, os agoureiros, os médiuns, os necromantes. Observando atentamente a forma como eles ficam possessos, podemos compreender o princípio da possessão demoníaca. Essas pessoas dizem que, a fim de ficarem possesas por aquilo que elas chamam de "deuses" (que na realidade são demônios), não podem lhe oferecer nenhuma resistência. Têm de estar dispostos a aceitar aquilo que vier sobre seu corpo, seja o que for. Para tornarem sua vontade totalmente passiva, primeiro, têm de reduzir a mente a um branco total. O cérebro vazio produz uma vontade passiva. Esses dois elementos são os requisitos básicos para a possessão demoníaca. Por isso, um necromante que está esperando que sou "deus" venha sobre ele, põe-se a abanar a cabeça por algum tempo, até ficar tonto. Assim, sua mente fica completamente "desligada". Como a mente está vazia, sua vontade naturalmente se torna imóvel. Nesse ponto, sua boca começa a se mover de forma involuntária, o corpo treme gradativamente e, daí a pouco, seu "deus" desce sobre ele. Essa é uma maneira de se ficar possesso. Embora haja outras, o princípio para todo espírita é o mesmo: buscar a passividade da vontade esvaziando totalmente a mente. Todos os espíritas concordam que, quando os espíritos ou demônios descem sobre eles, sua cabeça não pode mais pensar e sua vontade não mais atua. Enquanto não alcançarem esse estado de mente vazia e vontade inerte, não estarão possessos.

O chamado hipnotismo científico e a ioga religiosa de hoje, que capacitam os indivíduos a receber os poderes da telepatia, da cura e da transfiguração, na rea-

lidade, são fundamentados sobre esses dois princípios. Usando o argumento de que certos métodos podem ser benéficos à humanidade, os que pertencem a essa classe realizam técnicas tais como: fixar a atenção num determinado ponto, ficar assentado em silêncio, e "meditar" profundamente. Na verdade, estão empregando esses esquemas para levar a própria mente a um estado de vazio e sua vontade à passividade. O objetivo é convidarem os espíritos sobrenaturais ou demônios para dar-lhes muitas "experiências maravilhosas". Nosso propósito aqui não é inquirir se essas pessoas reconhecem que estão invocando os espíritos malignos. Só queremos observar que elas estão cumprindo os requisitos para a possessão demoníaca. A consequência é grave; talvez mais tarde venham a descobrir que, na verdade, acolheram os espíritos malignos.

Não é nossa intenção considerar plenamente esse assunto. Desejamos simplesmente dar a conhecer aos filhos do Senhor os princípios que há por trás da prática da "magia negra", que são: *mente e vontade vazias e passivas*. Os espíritos malignos vibram quando alguém assume essas condições, pois podem começar a fazer sua obra malévola imediatamente.

É bom que todo cristão guarde na memória a importante, básica e crucial distinção entre a operação desses espíritos e a do Espírito Santo: o Espírito Santo só opera quando o homem cumpre as condições *divinas* de operação. Os espíritos malignos, porém, agem quando o homem cumpre as condições de operação *deles*. Se um homem, mesmo que pareça estar buscando o Espírito Santo, preencher os requisitos para os espíritos malignos operarem, o Espírito de Deus nunca agirá. Os demônios aguardam incansavelmente a oportunidade de atuarem. Se alguém não souber distinguir o que verdadeiramente é de Deus daquilo que é imitação demoníaca, é só fazer uma pergunta a si mesmo: "Em que condição eu estava quando experimentei tais fenômenos?" Se ele cumpriu as condições para a operação do Espírito Santo, então sua experiência deve ser de Deus. Contudo, se satisfaz as condições necessárias para a operação dos espíritos malignos, então o que ele experimentou deve ter sido desses espíritos. Não rejeitamos todo fenômeno sobrenatural; desejamos ardentemente apenas distinguir o que é de Deus daquilo que é de Satanás.

Podemos resumir a distinção básica entre as condições de operação do Espírito Santo e dos espíritos malignos da seguinte maneira:

1. Todas as revelações e visões sobrenaturais ou outras ocorrências estranhas que exigem a *suspensão total da função da mente*, ou que só obtemos quando ela pára de funcionar, não provêm de Deus.

2. Todas as visões que têm sua origem no Espírito Santo são aquelas que o crente recebe quando sua

mente está plenamente ativa. Para se receber essas visões, é necessário um envolvimento ativo das várias funções da mente. O empenho dos espíritos malignos segue exatamente o caminho oposto.

3. Tudo o que flui de Deus se harmoniza com a natureza divina e a Bíblia.

Desconsideremos a forma exterior. Ela pode identificar-se libertamente como sendo diabólica ou então disfarçar-se de divina (na verdade, tais são os termos dados). Perguntemos simplesmente qual é o princípio envolvido. Precisamos reconhecer que toda revelação sobrenatural das potestades das trevas exige a suspensão da função da mente. Por outro lado, tudo que provém de Deus permite que a capacidade e a função da mente continuem operando normalmente sem qualquer interferência. Tanto a visão que o povo de Israel contemplou no monte Sinai, registrada no Antigo Testamento, quanto a visão que Pedro teve em Jope, mencionada no Novo Testamento, revelam que os envolvidos exercitaram a cabeça de forma completa.

Examinando os exemplos no Novo Testamento, que falam de uma revelação sobrenatural de Deus, vemos que todo aquele que experimenta a revelação o faz com a mente operando e com a capacidade de *controlar a si mesmo* e de usar qualquer parte do seu corpo. Contudo a imitação da revelação sobrenatural feita pelos demônios exige que a mente daquele que a recebe esteja total ou parcialmente *passiva*, de modo que ele não possa mais empregar elementos do seu corpo em parte ou *no todo*. Isso constitui a antítese entre o que é de Deus e o que é do diabo. Nos textos sobre falar em línguas, por exemplo, vemos que aqueles que falam têm controle e consciência de si mesmos. No dia de Pentecostes, Pedro pôde *ouvir* o deboche das pessoas e *responder* a elas, provando que seus companheiros não estavam bêbados, e sim cheios do Espírito Santo (At 2). Na igreja de Corinto, cabia aos irmãos determinar o número dos que falavam em línguas nas reuniões, se dois ou três. Deveriam *controlar-se* para falar um de cada vez e, se não houvesse interpretação, podiam *manter silêncio* (1 Co 14). Todos retinham sua consciência e podiam limitar a si mesmos, porque "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (1 Co 14.32). Contudo, na experiência falsificada, os espíritos geralmente exigem que "os profetas" se sujeitem a eles. Nisso podemos ver o que é de Deus e o que é do diabo.

Examinamos bastante como se pode distinguir os fenômenos *especiais* concedidos pelo Espírito Santo dos que são dados pelos espíritos malignos. Vamos concluir com uma breve observação sobre a distinção entre uns e outros nos eventos *comuns*. Vamos apenas ilustrar usando o exemplo da direção de Deus. Devemos nos lembrar de que o Espírito Santo quer que sejamos *iluminados e tenhamos sabedoria* (Ef 1.17,18). O Espírito de

Deus nunca trata os homens como se fossem marionetes, intimando-os a segui-lo inconscientemente. Ele não lhes pede nem mesmo que pratiquem o bem desse modo. Geralmente, ele expressa seu pensamento no íntimo do homem, em seu espírito. Por isso, a direção divina nunca é confusa, vaga, obscura ou obrigatória. Com os espíritos malignos, porém, não é assim. Vejamos como eles operam: O pensamento deles sempre invade o homem, vindo de fora, entrando principalmente pela mente. Ele não vem do fundo do seu ser. Não é uma revelação da intuição, mas é um pensamento mental repentino. O pensamento deles força, empurra e compele o homem a agir imediatamente. Ele nunca concede tempo ao ser humano para pensar, considerar ou examinar. Isso confunde e paralisa a mente do homem, para que não pense.

Conseqüentemente, podemos ver que, em todos os acontecimentos da vida do crente, sejam especiais ou comuns, tudo o que procede dos espíritos malignos anula o devido funcionamento da sua mente. O Espírito Santo, entretanto, nunca faz isso.



2

FENÔMENOS DE UMA MENTE PASSIVA

Muitos cristãos desconhecem a diferença fundamental que há entre a atividade do Espírito Santo e a dos espíritos malignos. Por isso, de maneira inconsciente, permitem que o inimigo penetre em sua mente, ocupando-a, o que é profundamente lamentável. Por isso, é interessante fazer uma breve exposição sobre os fenômenos que se passam na mente sob o ataque de espíritos malignos.

PENSAMENTOS REPENTINOS

Quando alguém permite que sua mente mergulhe na passividade, começa a receber pensamentos estranhos. São conceitos impuros, blasfemos ou confusos que passam pela mente, um após o outro. E quando tenta expulsá-los, logo se descobre impotente. A mente fica à semelhança de um motocontínuo: uma vez posta a funcionar, não pára mais. A pessoa não consegue livrar-se deles, por mais que se esforce. São os espíritos malignos que trazem esses pensamentos contrários à vontade do crente.

Às vezes, essas idéias surgem como um relâmpago. Proporcionam novas descobertas e a compreensão de fatos novos. Podem se apresentar sob a forma de sugestão, compelindo alguém a fazer alguma coisa. Muitas vezes parecem ter surgido da própria pessoa. Após um exame mais profundo, porém, descobre-se que são apenas o resultado da ação de espíritos malignos em uma mente passiva. Pensamentos repentinos que requerem alguma ação não vêm do Espírito Santo. Por isso, o servo do Senhor deve resistir a eles. Se alguém resolver colocá-los em prática, vai perceber que são completamente destituídos de importância.

Sabemos que, nestes últimos tempos, os espíritos malignos estão atuando de modo especial, ensinando novas doutrinas (1 Tm 4.1). O povo de Deus deve guardar-se de tais ensinamentos que eles podem incutir em mentes passivas. Muitos crentes, ao estudar as Escrituras, acreditam ter recebido uma nova revelação, discernindo fatos que outros não conseguiram. Essas pessoas devem ter muita cautela, pois geralmente é na hora da meditação que as potestades iníquas lançam suas idéias em nosso pensamento, ou

então, de modo furtivo, introduzem algo nele. Muitos cristãos não têm consciência de que podem receber ensinamentos de espíritos malignos. Desse modo, pensam que tudo que lhes vem à mente, de súbito, quando estão meditando, é algo que eles próprios descobriram. Passam então a ensinar essas doutrinas, apresentando-as como o fruto de uma pesquisa pessoal. E não são poucos os que, ao tomarem conhecimento de tais "revelações", se maravilham da sabedoria desses mestres. No entanto, será que essas pessoas estão cientes de que muitas dessas doutrinas emanam do inferno? Muitas heresias, inúmeros ensinamentos ditos "espirituais", interpretações sectárias da Palavra de Deus, que fracionam a igreja de Cristo, se originam nesses pensamentos repentinos que podem sobrevir a alguém durante o estudo das Escrituras. Não devemos nos impressionar com as maravilhas de tais lampejos repentinos. Pelo contrário, devemos procurar verificar qual a sua *procedência*. Será que se trata mesmo de uma revelação do Espírito Santo através de nossa intuição? São produto de nossa mente? Ou terão sido o fruto da ação de espíritos malignos?

Quando alguém deixa sua mente em estado passivo, torna-se fácil para o inimigo induzir pensamentos destituídos de propósito, como: "Você é um vaso especial para Deus", "Sua obra vai abalar o mundo", "Você é muito mais espiritual que os outros", "Você deve dar outro rumo à sua vida", "Deus brevemente vai abrir uma porta larga para seu ministério", "Você deve deixar tudo e viver pela fé", "Suas possibilidades espirituais são ilimitadas". Pensamentos espúrios, como esses, desarmam toda a vigilância do crente. Alimentando essas idéias, dia e noite, ele sonha com a própria glória. Assim, está deixando de lado a razão, não se dando conta do perigo e do ridículo que esses pensamentos podem representar para sua caminhada espiritual. Compraz-se neles, sempre antevendo um futuro glorioso.

Alguns pregadores do evangelho muitas vezes são dominados por esses pensamentos repentinos. Pregam "revelações" que lhes ocorrem de súbito. Atribuem a

Deus tais pensamentos, aceitando-os passivamente. Ignoram que Deus não nos dá revelações repentinas, nem as comunica à nossa mente. Embora essas palavras às vezes pareçam ter um significado rico, elas vêm das potestades iníquas. Além disso, muitas vezes, versículos das Escrituras inundam a mente daquele que está pregando. E embora os ouvintes pareçam tocados, não experimentam nenhum benefício depois de uma mensagem dessas. E como um sonho, e também pode ser uma ação das potestades iníquas.

Quando um filho de Deus cede espaço para os espíritos malignos agirem em sua mente, descobre que eles são capazes de introduzir nela qualquer pensamento. Tais espíritos muitas vezes provocam uma desconfiança infundada entre colegas de ministério, ou um pensamento sectário na mente de um obreiro, de modo a isolá-lo dos demais. Por instigação maligna, esse obreiro conclui, de maneira descabida, que alguém esta falando mal dele; daí o afastamento. Na verdade, não há base para tal pensamento. Se tão-somente os servos de Deus fossem capazes de discernir a origem desses pensamentos e resistir-lhes, não haveria semelhantes divisões. Como é triste alguém acreditar que isso é fruto de sua mente, não percebendo que é obra de espíritos malignos!

IMAGENS

O adversário também pode projetar imagens na mente do cristão. Algumas são nítidas e agradáveis, e ele as aceita. Outras são impuras e pecaminosas, e sua consciência as repudia. Boas ou más, aceitas ou não, o triste fato é que ninguém dispõe de forças para impedir que elas lhe invadam a mente. Contra a vontade, permanecem perante os olhos experiências passadas, predição de acontecimentos futuros, e muitas outras idéias. Isso se dá porque seu poder de imaginação caiu na passividade. Por não controlar a imaginação, permitiu que os espíritos malignos a manipulassem. O filho de Deus deve ter consciência de que aquilo que não vem de sua própria mente provém de forças sobrenaturais inimigas.

SONHOS

Os sonhos podem ser naturais ou sobrenaturais. Alguns provêm de Deus; outros são inspirados pelo inimigo. Uns resultam das condições físicas e psicológicas do homem; os demais são de origem sobrenatural. Quando a mente está aberta aos espíritos malignos, os sonhos originam-se, na maioria das vezes, das imagens com que ele se depara durante o dia, reproduzidas sob outra forma. As potestades malignas invisíveis criam imagens durante o dia e sonhos durante a noite. Para saber se nossos sonhos procedem do inimigo, devemos simplesmente nos perguntar: minha mente está *habitualmente* passiva? Se a resposta for sim, não merecem credibilidade. Além do mais, os

sonhos e visões inspirados por Deus tornam o homem tranqüilo, pacífico, firme e cheio de sabedoria. Já aqueles produzidos pelos espíritos malignos são bizarros, conturbados, cheios de fantasia e engano, tornando a pessoa arrogante, fantasiosa, confusa e destituída de entendimento.

É por causa da passividade da vida mental que as potestades iníquas conseguem provocar tantos sonhos esquisitos no cristão. Nenhum dos sonhos daquele cuja mente se tornou passiva procede de Deus, nem de causas naturais. São o resultado da ação dos espíritos malignos. A noite o cérebro não está tão ativo quanto durante o dia, por isso acha-se mais propenso a ser manipulado pelo inimigo. Tais sonhos fazem-nos acordar com a cabeça pesada e o espírito melancólico. Deixando a mente passiva, permitimos que os espíritos malignos afetem adversamente o nosso bem-estar, por isso o sono não é reparador. A ocorrência de sonhos desse tipo durante a noite significa que a mente está sujeita à ação nefasta de espíritos malignos. Quem resistir a seus feitos dia e noite, reconquista a liberdade.

INSÔNIA

A insônia é um dos males que freqüentemente acometem os cristãos. É um tipo de trabalho característico do inimigo na mente humana. Muitos, ao deitar, são dominados por uma torrente de pensamentos. Continuam pensando no dia de trabalho, recordando experiências passadas, ou apenas enchendo a mente com uma salada de assuntos fora de propósito. Parecem estar examinando mil idéias, como o que se deve fazer, a maneira de fazer, e qual a melhor estratégia. Adiantam se, começando a pensar nos negócios do dia seguinte: como planejar, o que poderia acontecer, ou como proceder nas diversas situações. Assim, uma onda de pensamentos inunda sua mente. Embora saibam que cama é lugar de dormir e não mesa de trabalho, seu cérebro fica em constante atividade. Reconhecem a importância do sono para o trabalho do dia seguinte; querem dormir, realmente e não ficar pensando. No entanto, por razões desconhecidas, não conseguem. A mente trabalha sem descanso e o sono lhes foge. Alguns crentes com certeza já passaram pela angústia de incontáveis noites de insônia. Quando termina o dia, eles colocam de lado as preocupações e preparam-se para descansar a mente. Contudo isso não acontece, por mais que estejam cansados. À semelhança de uma máquina que não pode parar, continuam em atividade. A vontade não exerce nenhum controle sobre o cérebro. São incapazes de deter os pensamentos; apenas aguardam o instante em que a mente, por algum motivo, pare de funcionar e eles possam conciliar o sono. Normalmente, o sono revigora o espírito, mas quem experimenta indescritíveis noites de insônia passa a ter pavor da hora de dormir,

da cama e da noite. Precisa descansar, mas, cada manhã, ao acordar, sente-se como se estivesse saindo de um mundo terrível: a cabeça pesada, a vontade entorpecida, e com uma sensação de absoluta falta de energia.

Em situações como essa, o filho de Deus é levado a crer que a causa está nas condições físicas precárias ou numa sobrecarga dos nervos. Com frequência, porém, essas razões não passam de meras hipóteses. Se fossem reais, depois de um descanso ou de outro remédio natural, haveria a restauração. Isso, porém, não acontece, porque os espíritos malignos se valem daquelas causas naturais para camuflar sua atividade invisível. Desse modo, quando o crente percebe pensamentos borbulhando em sua cabeça durante a noite, deve inquirir o seguinte: Onde se originam estes pensamentos? Serão meus mesmos ou serão estranhos? Será que sou eu que estou pensando? É assim mesmo que *eu* penso? Se não estou querendo pensar, como é que este pensamento pode ser meu? Quem coloca em minha mente estes pensamentos repetidos, confusos, impuros e opressivos? Quem, se não os espíritos malignos?

ESQUECIMENTO

Devido aos ataques do inimigo, alguns crentes perdem a capacidade de memória, passando a sofrer de esquecimento. Esquecem-se até daquilo que acabaram de dizer ou de fazer. Não conseguem nem mesmo encontrar objetos que guardaram no mesmo dia. Esquecem-se de compromissos assumidos há relativamente pouco tempo. Parece até que perderam o cérebro, pois não conseguem reter nada na mente. Pensam que sua memória é pior do que a de qualquer outra pessoa, sem perceberem que o problema é um ataque de espíritos malignos. Passam, então, a depender de anotações. Tornam-se escravos de agendas e memorandos, como um meio de lembrar-se das coisas. Não estamos querendo dizer, entretanto, que uma pessoa deva lembrar-se de tudo. Concordamos que, passados muitos anos, ou até imediatamente, podemos nos esquecer de certos fatos que não deixam uma impressão profunda. Mesmo assim, quando as circunstâncias são favoráveis, devemos nos lembrar, dentro de um período razoável de tempo, de coisas que aconteceram há algum tempo, e que prenderam nossa atenção. Por que será que caíram no esquecimento, então, desaparecendo sem deixar nenhum vestígio, sem possibilidade de serem lembradas? Não existe uma explicação natural para isso; deve ter sido o resultado da invasão das forças do mal. O esquecimento de alguns fatos é um processo natural; o de outros, nem tanto. Toda perda inexplicada de memória indica um ataque súbito das hostes do mal. Muitos cristãos sofrem esse tipo de ataque. E quanto esforço este destrói! Alguns até fazem piadas sobre esse esquecimento! O fato é que muito

da nossa confiança e capacidade para a obra fica prejudicado.

Outro fato que acontece, também, é que muitos crentes possuem memória privilegiada, mas em momentos críticos ela falha inesperadamente. Parece que de repente ela se apaga, não permitindo a lembrança de mais nada. Isso causa sérios problemas. Quem passa por essa paralisação súbita pode achá-la misteriosa, mas acaba admitindo que se trata apenas de uma deficiência temporária no vigor físico, algo que pode acontecer de vez em quando. O que raramente se percebe é que isso é sintoma de um ataque dos espíritos malignos.

FALTA DE CONCENTRAÇÃO

Os asseclas de Satanás muitas vezes interferem na capacidade de concentração mental do cristão, que, como se sabe, varia bastante de uma pessoa para outra. O que temos observado, porém, é que a maioria dos crentes já sofreu alguma perda dessa faculdade, devido a uma ação contrária de espíritos malignos. Alguns parecem totalmente incapazes de concentrar-se na hora de pensar; outros, nem tanto, mas seus pensamentos dispersam-se pouco depois de se concentrarem num determinado assunto. Esses irmãos percebem seus pensamentos vagando principalmente durante os períodos de oração, leitura da Bíblia e de entrega da mensagem. Não conseguem concentrar-se, apesar de se esforçarem. Podem até alcançar êxito por algum tempo, mas isso não dura muito. Às vezes perdem o controle por completo. É claro que se trata de uma ação do inimigo. Esses ataques acontecem porque o crente dá lugar aos espíritos malignos.

É uma pena ver alguém desperdiçando sua capacidade mental, passando o dia todo sem conseguir realizar nada. O desperdício da energia mental é prejudicial, da mesma forma que o das energias físicas. Hoje em dia, muitos crentes gastam tempo demais para alcançar poucos resultados. A mente deles é tomada de assalto por espíritos malignos, dificultando bastante a concentração.

O ataque das forças das trevas faz com que o povo de Deus experimente um tipo peculiar de desatenção. A mente, que devia estar concentrada em um determinado assunto, de repente tem um "branco" e em seguida passa a ocupar-se de outro interesse. A pessoa perde a consciência do que está fazendo ou do que está lendo. Ela pode inclusive achar que estava pensando em outra coisa e não naquela em que se concentrara. Será, porém, que tais pensamentos se originam de sua *própria* vontade? São inúmeros os cristãos que, de repente, perdem a capacidade de ouvir qualquer coisa durante um culto. Os espíritos inimigos procuram evitar que ouçam algo que lhes seria proveitoso. Para isso, em vez de paralisar sua mente, forçam-nos a pen-

sar em outros assuntos.

Quando o inimigo ataca a mente do cristão, este tem dificuldade para ouvir os outros. Muitas vezes ele perde palavras, e até mesmo frases. Para escutar com atenção, precisa franzir a testa, tentando compreender o que os outros estão querendo dizer. Às vezes, deixa de entender até as palavras mais simples. A mensagem chega deturpada aos seus ouvidos. Tudo isso se deve a uma perturbação da mente. Os espíritos malignos provocam um entendimento preconcebido da mensagem, que eles interpretam previamente. Por essa razão, muitos crentes são avessos a ouvir o que os outros têm a dizer. Antes que terminemos de falar, estão eles nos interrompendo impacientemente. É que os espíritos malignos já colocaram na mente deles inúmeros pensamentos, e querem que eles os considerem, e passem a divulgá-los logo em seguida. Em verdade, tais indivíduos estão ouvindo tanto o que se diz em seu interior como fora. Dentro, estão as insinuações do inimigo; fora, o que outro está falando. A voz interior é mais forte do que a que chega aos seus ouvidos. Desse modo, eles têm dificuldade de ouvir o que vem de fora. Tais sintomas de desatenção são uma prova de que os elementos satânicos ocuparam o coração deles. Os crentes, às vezes, passam por essa experiência. E enquanto não forem libertos da atividade desses espíritos, serão incapazes de concentrar-se.

Essa perturbação mental costuma levar os cristãos a abanar a cabeça, num esforço para se livrarem desses pensamentos angustiantes. Precisam falar em voz alta consigo mesmos, para produzir uma impressão em sua mente. Caso contrário, não vão entender nada, pois ela está obscurecida. Mais ainda, essas pessoas precisam ler em voz alta, para conseguir pensar no que estão lendo.

INATIVIDADE

Quando a mente do cristão sofre um ataque violento, perde a capacidade de pensar. Cai quase completamente nas mãos de espíritos malignos, de modo que seu dono não pode mais utilizá-la. Não consegue pensar, ainda que queira, pois se tornou incapaz de iniciar qualquer pensamento próprio. Na realidade, miríades de pensamentos passam por sua mente, sem qualquer controle e sem que ele possa detê-los, para começar os seus. As idéias de fora são irresistíveis, a ponto de não lhe permitir considerar as suas próprias. Ele pode até achar um espaço na mente, onde inserir seu pensamento, mas logo descobre que é muito desgastante continuar pensando. As muitas vozes e os muitos assuntos que lá se encontram sufocam a sua própria. Para que alguém pense, deve possuir memória, imaginação e poder de raciocínio. O crente, no entanto, já perdeu essas faculdades, por isso não consegue pensar. Está destituído da capacidade de criar, deduzir, lembrar, comparar, julgar e apreender. Desse modo,

não pode pensar. Se ele insistir, vai sentir uma espécie de sensação confusa que sufoca qualquer pensamento produtivo.

Com o processo mental cativo, o cristão naturalmente desenvolve um ponto de vista desordenado e desequilibrado. Para ele, um montículo é como se fosse uma montanha. Tudo lhe parece tão difícil quanto subir ao céu por uma escada. Passa a ter medo de qualquer coisa que lhe exija pensar. Não gosta de relacionar-se com outros, porque isso exige demais dele. Tem a sensação de que, se quiser manter regularmente um bom desempenho nas tarefas diárias, precisa dar a vida. Acha-se preso por uma cadeia intangível, que os outros não conseguem ver. Sente-se tão mal quanto um escravo que quer fugir e não consegue.

Esses cristãos vivem como que sonhando. Desperdiçam seu tempo, pois não têm pensamentos úteis, nem imaginação, raciocínio ou consciência. Quando a mente é tomada de assalto, a vontade, que obedece ao seu comando, fica automaticamente comprometida. Os crentes, então, tornam-se passivos, permitindo que as circunstâncias os joguem para lá e para cá, sem tomarem nenhuma decisão própria. Cheios de pensamentos conturbados e sem paz, não conseguem romper esse cativeiro para tornarem-se livres. Parece que estão presos por algo que não conseguem ver. Têm vontade de fazer muitas coisas; quando tentam, porém, uma compulsão opressora os leva a desistir, pois, aos seus olhos, todas as tarefas se tornaram impossíveis. Para eles, a vida é uma sucessão de obstáculos intransponíveis. Poderão, por acaso, estar satisfeitos?

Esse tipo de inatividade é muito diferente da natural. Se o problema da mente é apenas passividade, é possível ativá-la a qualquer instante. No entanto, se a inatividade do cérebro for devida à opressão de espíritos malignos, não adianta tentar. A pessoa simplesmente não consegue pensar! Parece que a cabeça está afundando sob o peso de uma carga pesada! É isso que acontece quando os processos mentais estão profundamente afetados por espíritos malignos.

A inatividade mental também é causada pela preocupação constante de que muitos crentes sofrem. Se nos colocarmos no lugar deles, certamente veremos que esses irmãos têm tudo para estar satisfeitos e ser felizes. A realidade, porém, é que estão cheios de preocupações e de pensamentos angustiantes. Se lhes perguntarmos por que estão assim, logo veremos que para eles nada está bom. Se os aconselharmos a se livrarem desses problemas, vão se achar completamente incapazes. Eles mesmos não entendem o porquê desse estado de coisas. Parece que estão afundando em um pântano do qual não conseguem sair sozinhos. Tão acostumados estão a viverem preocupados que não têm mais forças para superar essa situação. Com certeza, isso é a mão do inimigo. Se fosse uma preocupa-

ção natural, certamente haveria alguma causa que a justificasse. As preocupações sem motivo são sempre desencadeadas por espíritos malignos. O crente se acha num poço tão profundo porque deu ouvidos à voz dos mensageiros das trevas, e agora está sem forças para livrar-se deles. Sua mente se acomodou na passividade de tal maneira que já não consegue ser ativa. As cargas que pesam sobre ele despertam-lhe a consciência para o fato de que se acha cativo. Ele não consegue vislumbrar o azul do céu nem ter um entendimento correto de nenhum problema. Não pode exercer a faculdade de raciocínio. É um prisioneiro lançado numa cela escura, e passa nela todos os seus dias. Os espíritos malignos se regozijam com o sofrimento dele. Todo aquele que cair nas mãos desses espíritos vai ser tratado dessa mesma maneira.

INCONSTÂNCIA

Enquanto a mente do cristão estiver dominada pelas potestades inimigas, seus pensamentos serão totalmente desprovidos de crédito, pois a maioria vêm de espíritos malignos. Poucos são dele mesmo. Esses espíritos podem induzir um determinado pensamento e logo em seguida outro contrário. Seguindo tais mudanças, o cristão naturalmente se torna vacilante. Os que convivem com ele consideram-no de caráter instável, devido às constantes mudanças de opinião. No entanto, são os espíritos malignos que alteram seus pensamentos e mudam seus pontos de vista. Quantas vezes nos deparamos com crentes que num instante dizem "Eu posso" e logo depois respondem "Não posso". De manhã, eles falam "Eu quero" e de tarde já estão dizendo "Não quero". Isso acontece porque os espíritos malignos introduzem em sua mente o pensamento "Eu posso" e os levam a acreditar piamente que podem. Logo em seguida, porém, introduzem o pensamento oposto a esse, fazendo-o acreditar que de fato não podem. Assim, não foram eles mesmos que mudaram de idéia.

Em todas essas atitudes inconstantes podemos encontrar o adversário agindo na mente humana. Os crentes podem abominar tais atitudes vacilantes, mas não conseguem mudá-las e tornar-se firmes, porque elas não provêm deles mesmos. Quando se recusam a seguir a voz estranha, as potestades malignas falsificam a voz da consciência e os acusam de não obedecer a Deus. Para livrar-se da acusação, esses crentes não têm outra escolha senão mudar as posições já assumidas. Essas características inconstantes têm todas a mesma origem. Dando ouvidos às sugestões malignas, os cristãos começam repentinamente a empreender muitos projetos. No entanto, a medida que as potestades inimigas modificam suas propus! as, os crentes fazem também o mesmo.

Muitas vezes, os espíritos malignos instilam pensamentos em ocasiões inadequadas. Despertam a pes-

soa à meia-noite, por exemplo, orientando-a a fazer isso ou aquilo. Se alguém se recusa a obedecer-lhes, promovem uma acusação. Ou ainda, eles poderão sugerir uma mudança de rumo durante a madrugada, levando-o a tomar uma decisão extremamente importante, numa hora em que a mente está mais sujeita a confusões. Rastreado a origem de muitos desses acontecimentos, vamos descobrir espíritos malignos agindo na mente do homem.

TAGARELICE

Os servos de Deus cuja mente é tomada de assalto pelo Inimigo costumam esquivar-se de conversar com outros, porque não conseguem *ouvir*. Quando tentam, começam a passar, pela cabeça deles, pensamentos sobre os quais não têm nenhum controle, como se fossem nuvens açoitadas pelo vento. Geralmente, são muito tagarelas. Como é que a boca pode deixar de falar se a mente está fervilhando de idéias? A mente que não consegue ouvir, mas quer que os outros a ouçam, está doente. E verdade que alguns crentes, são tagarelas por natureza. Assim, inconscientemente, podem ser instrumento nas mãos do inimigo. Muitos cristãos parecem máquinas de falar comandadas por forças externas.

São muitas as pessoas incapazes de refrear a língua para não soltar mexericos, anedotas e difamações. O coração delas está limpo, mas não consegue reprimir as palavras ociosas. Parece que tão logo as idéias penetram na mente do indivíduo, e antes que ele tenha oportunidade de refletir, elas se transformam em palavras. Essas ondas de pensamento levam-no a falar. A língua escapa ao controle da mente e da vontade. Então ele solta uma torrente de palavras, sem nenhuma reflexão. Algumas vezes isso acontece contra o intento e vontade daquele que está falando. Quando mais tarde os outros lhe lembram o que disse, ele fica admirado de ter dito aquilo. Tudo isso se deve à passividade da mente. As potestades das trevas podem acionar a língua, quando a mente está imobilizada. Começam misturando seus pensamentos aos do homem; e depois misturam as palavras.

O crente deve ter a mais absoluta convicção de que suas palavras devem ser o resultado de seu próprio pensamento. Qualquer palavra que estiver à margem deste é formulada pelos espíritos malignos.

OBSTINAÇÃO

Quando a mente de um indivíduo cai na passividade e as potestades das trevas passam a ocupá-la, se ele toma uma decisão, recusa-se categoricamente a considerar qualquer outro argumento que possa surgir. Ele vê qualquer tentativa no sentido de proporcionar-lhe um melhor entendimento dos fatos como uma interferência em sua liberdade. Quem se encontra nessa situação considera tolos os que procuram orientá-lo,

pois entende que não têm o mesmo nível de conhecimento que ele. Ainda que completamente errado, acha que possui motivos que os outros não conseguem entender. Como sua mente é extremamente inflexível, não tem como usar a razão para examinar, discernir ou julgar. Sem qualquer juízo crítico, aceita tudo que os espíritos malignos colocam em sua mente, reputando como extraordinário. Quando alguém nessas condições ouve uma voz sobrenatural, imediatamente aceita-a como sendo a vontade de Deus. Essa voz é sua lei, transcendendo, portanto, uma investigação racional. Qualquer que seja o pensamento, a voz, ou o ensinamento, ele os considera infalíveis e, sem sombra de dúvida, seguros.

Recusa-se a fazer qualquer análise. Agarra-se tenazmente a esses pensamentos, não levando em conta mais nada. Não se deixa mover por nada que provenha do seu raciocínio ou da sua consciência. Igualmente ineficazes para ele são a explicação e a evidência de outros. Depois de acreditar que se trata da direção de Deus, ele fecha a mente, resistindo a qualquer mudança. E como não usa o raciocínio, pode ser enganado de pronto pelos espíritos malignos. Aqueles que têm algum discernimento enxergam o perigo, mas ele engole tudo como se fosse um doce. Não é fácil restaurar uma pessoa assim.

O SINTOMA DOS OLHOS

Através dos olhos podemos identificar com facilidade uma mente passiva que se acha dominada pelos espíritos malignos. Os olhos, mais que qualquer outra parte do corpo, revelam a condição da mente. Quem se encontra nesse estado de passividade pode olhar para um livro, procurando lê-lo, mas nenhuma idéia vai penetrar no seu cérebro, nem impressionar sua memória. Quando conversamos com alguém nessas condições, os olhos dele tendem a mover-se para cima e para baixo, vagando em todas as direções. Embora seja uma atitude indelicada, ele não consegue olhar direto em nosso rosto. Contudo ele pode também agir de modo contrário. Fixando o olhar no interlocutor, sem nem sequer piscar, como se estivesse dominado por um poder desconhecido.

Esse olhar fixo pode significar algo mais sério. O inimigo utiliza esse meio para produzir no cristão a atitude de um necromante. Muitas vezes, ao olhar por muito tempo o semblante do seu interlocutor, o crente deixa de ouvir o que ele está dizendo, para ficar atento aos pensamentos que as potestades do mal estão engendrando em sua mente.

Devemos estar atentos ao movimento dos nossos olhos, para ver se está de acordo com o que se passa em nossa mente. Quando a mente se encontra passiva, os olhos tornam-se ofuscados. Aí a pessoa pode começar a captar as visões peculiares que não está bus-

cando, mas torna-se incapaz de concentrar-se naquilo que está querendo ver.

FINALMENTE

Recapitulando, os fenômenos da mente do cristão que se acha sob o ataque de espíritos malignos são múltiplos e variados. Subjacente a todos eles, porém, está a perda do controle. De acordo com o mandamento de Deus, cada uma das habilidades naturais do homem (entre as quais se acha a faculdade de pensar) deve estar completamente sujeita ao seu próprio domínio. Todavia, se, por desconhecimento, um crente der lugar aos espíritos malignos, eles vão ocupar sua mente e assumir o controle direto, sem que a vontade da vítima possa fazer nada. Desse modo, se por acaso esse cristão descobrir qualquer atuação independente em sua mente, deve ficar sabendo que está sendo alvo do ataque das potestades das trevas.

Alguns resultados da ação nefasta dos espíritos malignos são: a inatividade em vez de uma atividade; a inquietude em lugar da calma; um mal-estar devido a um turbilhão de pensamentos; incapacidade de concentrar-se, distinguir ou lembrar; confusão descontrolada; trabalho sem resultados; falta de ação durante o dia; sonhos e visões à noite; insônia; dúvidas; falta de vigilância; medos infundados e perturbação que produz agonia.



CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

Quando a mente de uma pessoa se torna vítima dos fenômenos discutidos no capítulo anterior, ela deve buscar a libertação. Descrevemos ali apenas os sintomas gerais de uma mente passiva. Não podemos dar uma definição detalhada de cada caso particular, porque existem variações no grau de passividade, na extensão do ataque do espírito maligno e, em consequência, na intensidade do dano causado à mente. Entretanto é importante lembrar que tão logo percebamos qualquer dos fenômenos mencionados, devemos tomar o máximo cuidado, porque podemos ter dado lugar aos espíritos malignos, daí o ataque. É preciso buscar a libertação.

A grande maioria dos cristãos desconhece o dano sofrido por sua mente. Chegam a ficar surpresos quando sabem que esta acha-se na condição de decaída. Parecem entender muita coisa, no que diz respeito à própria mente, porém, seu conhecimento é quase nulo. Não conseguem sequer avaliar a extensão do dano sofrido; é preciso que alguém lhes mostre. Por que não enxergaram isso antes? Será que essa falha não revela uma relação especial da mente com os espíritos malignos, resultando numa perda do conhecimento que deveríamos ter dela? Quem já sofreu tal dano que responda.

OS ARDIS DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Assim que o crente abre os olhos e enxerga o estado em que se encontra, naturalmente vai buscar libertação. Devemos levar em conta, porém, que os espíritos malignos não vão permitir que os cativos se libertem sem luta. Vão empregar toda sua força para impedir que as vítimas lhes escapem.

Vão fazer sugestões mentirosas para servirem como desculpa, tais como:

- Aqueles pensamentos bonitos que de súbito lhe ocorreram provêm de Deus.
- Aquelas revelações que vieram como lampejo são fruto da espiritualidade.
- Sua memória está fraca por causa de sua saúde

precária.

- Os esquecimentos repentinos são coisa natural.
 - o Sua sensibilidade exagerada se deve ao seu temperamento.
- Essa memória fraca você herdou de seu pai (mãe).
- A insônia é resultado de doença.
- Você está apenas cansado.
- Você não consegue pensar porque trabalhou muito.
- Aquela imagem permanente durante a noite provém do super-esgotamento de sua mente durante o dia.
- Os pensamentos impuros são frutos do pecado.
- Você já caiu.
- Você não consegue ouvir os outros por causa da sua própria condição e dos erros que eles cometem.

Os espíritos malignos podem forjar várias outras desculpas. Precisamos reconhecer que estamos sendo *realmente atacados*, e que de fato nos afastamos da normalidade. Se não fizermos isso, o inimigo vai empregar essas e outras desculpas semelhantes para ocultar as posições que ocupou em nossa mente. A verdadeira razão, porém, é que a mente se encontra passiva e vazia, por isso espíritos satânicos a ocupam. Esses fenômenos são um efeito da operação perniciosa desses espíritos. Admitimos a possibilidade de que haja mesmo algumas causas naturais contidas nessas desculpas. Entretanto o que a experiência de muitos crentes confirma é que as potestades das trevas operam com extrema sutileza através das causas naturais, chegando a enganá-los. Convencem-nos de que as causas naturais, como o temperamento, as condições físicas e ambientais, são a única explicação, e eles se esquecem totalmente da mistura sutil produzida pelos espíritos malignos. Estes se comprazem em ocultar suas obras por trás de alguma causa natural. Nesse caso, podemos aplicar o seguinte teste: se a causa for na-

tural, a pessoa voltará à normalidade logo que se eliminar esse fator natural. No entanto, se além do natural houver algo sobrenatural, a remoção daquele não produzirá recuperação. Se tivermos insônia, por exemplo, o inimigo vai apresentar como causa o trabalho demasiado e a exaustão da mente. Ouvimos isso e deixamos de trabalhar, descansando por algum tempo, sem exercitar a mente. Mesmo assim milhares de pensamentos continuam a encher a mente e a rodear o cérebro durante o sono. Isso mostra que a doença não se deve unicamente à causa natural. Existe uma causa sobrenatural que a acompanha. Se não dedicarmos tempo para cuidar do aspecto sobrenatural, de nada adiantará a remoção do elemento natural. li da maior importância que os irmãos hoje *examinem* a fonte dessas desculpas. As potestades do mal enganam as pessoas com extrema habilidade, levando-as a explicar que seus ardis malignos não passam de fenômenos naturais. Levam-nas a imaginar que elas próprias estão erradas. Essas pessoas, então, de maneira inconsciente, encobrem a ação dos espíritos malignos. Por isso, devemos examinar com cuidado qualquer desculpa que nos vier à mente. Precisamos escrutinar bem todo raciocínio. De igual modo, devemos identificar a origem de cada sintoma apresentado. Se simplesmente admitirmos como naturais causas que na verdade são sobrenaturais, vamos ceder mais terreno ao inimigo. Devemos examinar cada opinião acerca de nós mesmos, a fim de não darmos mais terreno aos espíritos malignos, antes mesmo de recuperarmos o que já perdemos anteriormente.

Se alguém passou muito tempo submisso aos espíritos malignos, pode cometer o erro fatal de defender as ações perversas deles. Por isso, precisa proteger-se. Caso incorra nesse erro, estará colaborando com esses espíritos na ocultação da verdadeira causa do seu ataque. Embora esteja passando por problemas, estará ajudando os espíritos malignos a preservarem o terreno conquistado.

Nessa situação, as hostes do diabo estão incitando a carne do crente a cooperar com elas. Na verdade, a carne sempre trabalha junto com o diabo. Querendo salvar as aparências, ou por qualquer outra razão, o cristão se recusa a crer que sua mente possa estar ocupada pelo diabo. Desse modo, se nega a ouvir qualquer ensino sobre Satanás e suas obras. Tal relutância em examinar a questão, com medo de perder sua "experiência espiritual", dificulta muito a libertação. Ele pode retorquir de várias formas:

"Não *preciso* de libertação, por que haveria eu de *querer* ser liberto?"

"Já venci com Cristo. Ele já venceu Satanás, por isso não preciso me preocupar com o inimigo, mas apenas deixá-lo entregue a Deus. Olho para Cristo."

"Não sei nada a respeito de Satanás. Dedico-me à pregação do evangelho; por que haveria eu de preocupar-me com Satanás?"

E com muitas outras respostas desse tipo, o crente rejeita a idéia de que os espíritos malignos estejam agindo em sua vida. E se alguém tenta ajudá-lo, ele pode até mesmo dizer:

"Tudo bem! Resista por mim e ore por mim."

Quem fala assim não está sendo sincero. Simplesmente deseja ficar tranqüilo, enquanto outros lutam pela sua libertação.

Aqui, então, devemos perguntar por que alguém haveria de fazer objeção a aprender algo sobre Satanás e suas obras. Seria pelo fato de Satanás ter agido na mente da pessoa a ponto de causar-lhe receio de enfrentar a situação, temendo que ela venha a ser exposta? Na verdade, quem reage dessa maneira está familiarizado com muitas coisas referentes ao diabo e não se preocupa em saber de mais nada. No entanto o evangelho de Jesus Cristo salva as pessoas não apenas do pecado, mas do diabo também. Por que, então, temer a menção do inimigo ao pregar o evangelho? Não parece o caso de uma pessoa que cometeu determinado crime e fica com medo quando alguém se refere a ele? Devido à sua preocupação com o diabo, o crente sente-se mal quando outros o mencionam. No fundo do coração, ele abriga o temor de que sua verdadeira condição seja revelada.

"Suponhamos que eu esteja realmente oprimido por espíritos malignos", declara ele com seriedade, "aí então que é que eu vou fazer neste mundo?"

Apesar de dizer isso, o que na verdade ele está procurando é encobrir-se e confortar a si mesmo.

Se, porém, o crente recebe e aceita o ensinamento e começa a buscar libertação, os espíritos malignos começam a atacá-lo. Passam a derramar inúmeras acusações em sua mente, responsabilizando-o por toda sorte de erros, condenando-o e repreendendo-o com tal fúria que não lhe sobra energia para recuperar o terreno perdido. Eles sabem que o crente agora está informado e que assim não podem mais *enganá-lo*. Por isso mudam de tática, utilizando uma cadeia incessante de acusações:

"Você está errado, você está errado."

Aí o crente sente-se como se estivesse afundando num abismo de pecado, pois não enxerga socorro à vista. Entretanto, se puder reconhecer nisso uma simples mentira de Satanás, ele se levanta e resiste. Assim ele vence.

A experiência ensina que logo depois que alguém descobre que perdeu o domínio da mente, e luta para reconquistá-la, passa a sofrer muito mais do que antes.

Os espíritos malignos vão partir para um último ataque, tentando derrotá-lo. Vão empregar sua costunheira tática mentirosa, dizendo-lhe que ele não poderá reconquistar a liberdade, por ter-se afundado demais na passividade. Ou então dirão que Deus não está disposto a conceder-lhe graça novamente, ou que será melhor não resistir. Dirão ainda que, de qualquer forma, ele não poderá receber libertação. Por que, então, aborrecer-se com esforço e sofrimento? Todos nós, porém, precisamos saber que não devemos viver pela graça satânica. Devemos possuir a liberdade, mesmo que tenhamos de morrer para reconquistá-la. É impossível alguém cair na passividade a ponto de não poder mais ser liberto. Deus é por ele, e ele poderá ser livre, sim!

Conhecendo a verdade e reconhecendo que sua mente nunca foi liberta do poder das trevas, ou que o foi apenas em parte, o filho de Deus naturalmente se levantará para batalhar contra os espíritos malignos, procurando destruir a fortaleza que eles edificaram em sua mente. Ele descobre, então, que as armas de guerra devem ser espirituais, pois as da carne de nada valem. Ele não pode libertar a si mesmo apenas tomando resoluções, ou adotando medidas para melhorar sua memória ou seu pensamento. Sua mente está cativa de poderes sobrenaturais, os quais ele não pode expulsar nem destruir por instrumentos carnis. O crente nunca imagina que os poderes das trevas possam ter usurpado sua mente de modo tão profundo. Ele só consegue enxergar isso quando entende a verdade sobre sua condição por si mesmo e se prepara para reconquistar o território perdido que essas potestades ímpias irão, igualmente, defender a todo custo. O filho de Deus passa, então, a ver como sua mente está escura, embotada, passiva e fora de controle. O diabo fará de tudo para torturá-lo com ameaças, para evitar que ele tome qualquer atitude no sentido de recuperar o espaço cedido a Satanás. Com isso, ele convence o crente mais do que nunca de que sua vida mental é definitivamente uma fortaleza do inimigo e que ele não tem nenhum controle sobre ela. Ele percebe que o adversário tenta impedir que entenda as verdades que deseja aprender, pois é capaz de se lembrar de assuntos não essenciais, mas totalmente incapaz de compreender ou se lembrar dos que são vitais. Sente que, em sua mente, existe uma força contrária à verdade que ele já aceitou.

Agora começa a guerra pela libertação da mente. Será que o cristão vai conformar-se em permanecer como fortaleza dos espíritos malignos? Se não for, quem deve resolver o problema então? Deus? Não, é o próprio homem. Ele deve escolher entre oferecer-se inteiramente ao Senhor ou permitir que o mecanismo de seus pensamentos continue sendo um objeto nas garras de Satanás. Vai continuar dando permissão às potestades das trevas para utilizarem a mente de um servo de Deus? Para derramarem seus pensamentos

perversos através da mente desse salvo? Os espíritos malignos poderão encher a cabeça dos crentes com pensamentos que procedem do fogo do inferno? Podem propagar seus ensinamentos à vontade, através da mente do cristão? Poderão resistir à verdade de Deus manipulando a mente do remido? Poderão prejudicá-lo, atormentando-o através da mente? E o próprio cristão quem deve decidir. Será que ele deseja continuar sendo uma marionete nas mãos dos espíritos malignos? *Ele* tem de tomar essa decisão. Caso contrário, não haverá possibilidade de libertação. Na realidade, tomar uma decisão de ficar ao lado de Deus não significa que ele tenha vencido. Mostra apenas se ele está mesmo se opondo ao ataque do inimigo.

RECUPERANDO O TERRENO PERDIDO

Lembremo-nos de que os espíritos malignos conseguem operar na mente do cristão porque este lhes cedeu terreno. Anteriormente, havíamos agrupado o terreno perdido em seis categorias. Vamos reduzi-las agora a três tipos principais: (1) a mente não renovada, (2) a aceitação das mentiras dos espíritos malignos, e (3) a passividade. O crente deve examinar cuidadosamente a si mesmo para descobrir que tipo de terreno ele cedeu aos espíritos malignos. Foi a mente não renovada? Ou a mente passiva? Ou foi a aceitação das mentiras dos espíritos malignos? Quem sabe ele cedeu os três? De acordo com a experiência, é exatamente isso que muitos têm feito. Têm cedido os três tipos de terreno ao diabo e seus seguidores. Depois de identificar o ponto ou os pontos por meio dos quais ele cedeu território aos espíritos malignos, deve partir imediatamente para a recuperação de todo o terreno perdido. Essa é sua única salvação. Visto que ele chegou ao estado em que se encontra por entregar alguma fortaleza aos espíritos malignos, só estará liberto quando reconquistar todas as fortalezas entregues. A mente não renovada deve ser renovada. A mentira aceita deve ser identificada e repudiada. A passividade deve ser transformada em ação livre. Vamos analisar uma por uma.

A MENTE RENOVADA

O que Deus quer, por ocasião da conversão, não é apenas uma mudança na nossa mente. Sua vontade é que tenhamos uma mente totalmente renovada, transparente como cristal. Encontramos esse mandamento na Palavra de Deus. Satanás opera no cristão porque ele ainda não foi totalmente liberto da mente carnal. Inicialmente, ele pode ter uma mentalidade bitolada, incapaz de tolerar os outros. Ou pode ter uma mentalidade obscura que não consegue compreender as verdades mais profundas, ou ainda uma mentalidade tola que não dá conta de nenhuma responsabilidade importante. Depois, passa a pecados mais sérios. Isso acontece porque "o pendor da carne é inimizade contra Deus" (Rm 8.7). Conhecendo o ensino de

Romanos 6, muitos cristãos se acham já libertos da mente carnal. O que não lhes agrada é ter de deixar a cruz operar minuciosamente em cada área de sua vida.

O "considerai-vos mortos para o pecado" deve ser seguido pelo "não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal" (Rm 6.11,12). Seguindo a mudança de mentalidade, outro fato deve ocorrer: todo pensamento deve ser levado cativo a Cristo (2 Co 10.5). A mente deve ser renovada completamente, visto que qualquer resíduo de carnalidade é inimizado contra Deus.

Para termos uma mente renovada, devemos nos aproximar da cruz. Em Efésios 4, o apóstolo Paulo mostra isso com clareza. Nos versículos 17 e 18, ele afirma que a mentalidade carnal do homem encontra-se obscurecida. Em seguida, nos versículos 22 e 23, ensina como a mente pode ser renovada: "... vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento". Sabemos que o nosso velho homem já foi crucificado com o Senhor (Rm 6.6). Agora ele nos exorta a nos "despojar", para que nossa mente possa ser renovada. Isso revela que a cruz é o instrumento de renovação. O crente deve compreender que seu velho cérebro também é parte do velho homem, do qual Deus quer que nos despojemos completamente. A salvação que o Senhor comunica através da cruz compreende não apenas uma nova vida, mas a renovação de cada *função* da nossa alma também. Precisamos ir pouco a pouco "desenvolvendo" essa salvação, profundamente arraigada em nosso ser. Os cristãos hoje cometem uma falha grave, quando não percebem a necessidade de salvação para sua mente (Ef 6.17). Concebem a salvação em termos vagos e gerais. Não reconhecem que Deus deseja salvá-los completamente, de tal modo que todas as suas capacidades sejam renovadas e adequadas para o uso do Senhor. A mente é uma das capacidades naturais do homem. Deus nos conclama a crer que o velho homem foi crucificado. A partir daí precisamos aceitar sinceramente o julgamento divino para com o velho homem e exercitar nossa vontade para resistir a seus feitos, despojando-nos deles, inclusive dos antigos pensamentos. Devemos chegar ao pé da cruz com o desejo de abandonar a mentalidade tradicional, confiando que Deus vai nos dar uma nova mente. Irmãos, precisamos nos despojar da velha mente de modo completo. É claro que essa renovação é obra de Deus, mas o despojar-se - negar, abandonar - do velho órgão do pensamento é tarefa nossa. Se realizarmos nossa parte, o Senhor fará a dele. Se nos despojarmos de fato, poderemos então acreditar que Deus vai renovar nossa mente de maneira completa, mesmo sem sabermos como.

Muitos são os filhos de Deus que, embora salvos e possuindo uma nova vida, continuam carregando a ve-

lha mente. Não houve nenhuma mudança nas suas antigas teorias, nos seus processos mentais e nos seus preconceitos. Essas pessoas apenas receberam um invólucro de cristão. Usam seu velho cérebro para pesquisar, aceitar e propagar a verdade espiritual. Não é de admirar que estejam frequentemente caindo em erros ou que precipitem conflitos intermináveis na igreja. Da mesma maneira que Deus não está satisfeito com aquele que realiza a obra do Senhor em sua própria força, ele está insatisfeito com aquele que usa a mente natural para apreender a verdade divina. A mente não renovada acha-se espiritualmente morta. Por isso, tudo o que dela procede está morto também. Muitos podem orgulhar-se dos seus profundos conhecimentos da Bíblia e da excelência de suas doutrinas teológicas, mas aqueles que possuem discernimento espiritual têm consciência de que tudo isso está morto.

Por reconhecer que nossa mente está envelhecida, naturalmente passamos a ter o propósito de nos despojar dela pela cruz. Para isso, devemos negar dia após dia todos os pensamentos carnis. De outro modo, será impossível experimentarmos a renovação. Como é que Deus pode ter sucesso em sua missão de renovar nossa mente, se continuarmos ainda pensando segundo a carne?

Com paciência e determinação, devemos examinar todos os nossos pensamentos, mas do ponto de vista de *Deus*. Qualquer coisa que não seja dele, ou que seja contrária à sua verdade, deve ser "espremida" ou "forçada" para sair da mente. Devemos igualmente rejeitar o simples conhecimento intelectual da verdade. Paulo revela que a mente não renovada está cheia de argumentos e imaginações altivas (2 Co 10.5). Essas coisas nos impedem de chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus. Devemos trazer todos esses pensamentos cativos à obediência de Cristo. O apóstolo diz "todo pensamento". Assim, não podemos deixar se submeter nem um deles sequer a esse processo. Não descansemos enquanto não levarmos cada pensamento à sujeição a Cristo. Examinando nosso pensamento, iremos verificar (1) se ele vem da nossa mente velha, (2) se emana do terreno cedido, (3) se vai oferecer mais terreno aos espíritos malignos, ou (4) se brota de uma mente normal e renovada. Devemos nos perguntar por que ele está confuso, cheio de preconceitos, rebelde ou irritado; por que se opõe a determinada verdade antes mesmo de examiná-la; por que é contra alguns cristãos dos quais apenas ouviu falar; e se tem base suficiente para opor-se dessa maneira, ou se os detesta simplesmente por ter uma mente natural. Durante esse processo, devemos examinar todo pensamento e tudo aquilo que provém da nossa imaginação, a fim de detectar quais são os que brotam do velho homem, rejeitando-os imediatamente. Para quem vive de forma leviana, tal exercício, sem dúvida, parece in-

suportável. Dirigida pelas potestades das trevas, a mente dessas pessoas está solta e desenfreada. No entanto, não podemos perder de vista que se trata de uma guerra. Se não lutarmos, como poderemos retomar a fortaleza do adversário que se acha instalada em nossa mente? O inimigo é uma realidade incontestável; desse modo, não temos outra coisa a fazer senão exercer contínua vigilância.

REJEITAR AS MENTIRAS

Quando o salvo se coloca debaixo da luz de Deus, descobre que no passado costumava aceitar as mentiras dos espíritos malignos. Essas mentiras provocaram sua queda, deixando-o na condição em que agora se encontra. Algumas vezes ele assumiu uma *posição* errada devido a um mal-entendimento da verdade divina, acreditando na mentira do inimigo. Por não compreender o relacionamento entre Deus e o homem, por exemplo, ele pode, inadvertidamente, crer que o Senhor comunica seu pensamento diretamente a ele. Desse modo, espera e aguarda passivamente, e depois aceita aqueles pensamentos crendo que vêm de Deus. Com isso, os espíritos malignos obtêm sucesso com as imitações que fazem, e com frequência lhe comunicam uma grande quantidade de pensamentos, todos fraudulentos. Em outra ocasião, o inimigo pode sugerir situações de derrota para a sua vida, inclusive na área da saúde. Quando o crente acata essas insinuações, mais tarde descobre que elas acabam se transformando em realidade. Os espíritos malignos podem introduzir em nossa mente, por exemplo, a idéia de que algo nos sobrevirá. Se não resistirmos a isso, ou se recebermos a insinuação sem questionar, dentro de pouco tempo descobriremos que ela termina invariavelmente acontecendo.

Exercitando-se, o filho de Deus descobre que muitas das Aflições, fraquezas, doenças e várias outras mazelas que o acometem, são mentiras que os espíritos malignos plantaram em sua mente e que ele aceitou. Às vezes, esses males são causados diretamente pelo fato de ele crer nessas mentiras. Em outras, eles são indiretos, consequência de ele haver acreditado nelas. Para o cristão se libertar, ele deve experimentar a luz de Deus, que é a verdade divina. Anteriormente, esse cristão perdeu terreno por ter dado crédito a essas mentiras. Por isso, ele deve recuperar esse terreno agora, negando todas elas. Da mesma maneira que a luz desfaz as trevas, a verdade destrói a mentira. Devemos, portanto, buscar compreender toda a verdade a respeito de nós mesmos, de Deus, e dos espíritos malignos. Precisamos pagar o preço para nos apropriarmos dessas verdades. Devemos orar de todo o coração para obter a revelação divina, e assim possamos contemplar nossa verdadeira condição. Dessa forma, saberemos onde fomos enganados e o que provocou nosso sofrimento. Em seguida, devemos fazer um au-

to-exame de todos os nossos sofrimentos físicos e emocionais. De onde provém cada um deles? Que é que provocou essas dificuldades? Foi a aceitação das mentiras de Satanás, ou as ações erradas decorrentes da aceitação delas? Temos de descobrir a fonte e depois, com *tranqüilidade* e *oração*, esperar para sermos iluminados pela verdade de Deus.

O diabo aborrece a luz e a verdade porque elas ocupam o terreno onde ele pretende agir. O crente deve batalhar na mente para reter cada palavra da verdade. Os espíritos malignos procuram ocultar a verdade, impedindo que tenhamos conhecimento de suas obras. Além do mais, eles tentam negar o fato *específico* que resulta da aceitação de uma *determinada* mentira. O princípio de operação deles é sempre "para que lhes não resplandeça a luz" (2 Co 4.4). Em qualquer circunstância devemos nos esforçar muito para descobrir a verdade. Esta significa, no mínimo, a *verdadeira condição*. Mesmo que alguém seja incapaz de expulsar o inimigo, seu posicionamento ao lado da verdade faz com que Satanás perca terreno. Podemos, pelo menos, expressar nossa vontade, declarando que *queremos* a verdade, que desejamos conhecê-la e obedecer a ela. Pela oração e por uma decisão voluntária, devemos resistir a toda mentira satânica, qualquer que seja sua aparência: pensamento, imaginação ou argumento. Quem faz isso está permitindo que o Espírito Santo conduza sua mente obscurecida à luz da verdade de Deus. Pode acontecer de levarmos meses para identificar *uma* mentira satânica. Devemos, primeiro, resistir em nossa vontade a todo fundamento dos espíritos malignos, para depois derrubar uma por uma as mentiras nas quais *anteriormente acreditávamos, mas agora não acreditamos mais*. Desse modo, recuperamos gradualmente todo o território cedido a ele. Não vamos crer em absolutamente nada daquilo que os espíritos malignos disserem. Assim eles perderão seu poder.

RECONHECER A NORMALIDADE

Se alguém está sofrendo aflições de toda espécie, seja devido à passividade, seja por haver acreditado na mentira dos espíritos malignos, precisa procurar descobrir urgentemente qual é o seu estado normal. Com exceção da mente não renovada, tanto a passividade quanto a aceitação das mentiras fornecem aos espíritos malignos fortalezas que provocam a deterioração constante de todas as funções da mente do cristão. Suas capacidades de raciocínio, de memória, de resistência física e outras, irão enfraquecer. Tão logo reconheçamos o perigo, devemos buscar libertação. No entanto, que é que se deve entender por "libertação"? Exatamente isto: a volta ao estado *original*. Por isso, é essencial que todo aquele que busca restauração descubra qual era o seu estado original. Cada pessoa tem uma condição normal, Aquele estado em que se en-

contrava antes de cair devido ao engano do inimigo. E deve novamente tomar consciência desse estado. Assim que descobrir que já não é como era antes, deve perguntar a si mesmo o seguinte: Qual era minha condição anterior? A que distância estou dela hoje? Como posso voltar a ela?

Nosso estado anterior é o normal. O estado de onde caímos é o nosso padrão aferidor. Se não soubermos o que é normal para nós, devemos fazer as perguntas seguintes: Minha mente nasceu assim tão confusa ou houve alguma ocasião em que eu tinha lucidez? Minha memória sempre foi tão falha ou houve um período em que eu conseguia me recordar dos fatos com mais facilidade? Sempre tive insônia, ou antes conseguia dormir bem? Diante dos meus olhos sempre passaram figuras, como um filme numa tela, ou já tive momentos mais tranquilos? Sempre fui fraco, ou já houve um tempo em que me sentia mais forte? E verdade que nunca consegui me controlar, ou antes eu podia me dirigir melhor? Respondendo a essas perguntas, a pessoa deve ser capaz de perceber se está fora da sua situação normal, se está sob ataque ou se tornou-se passiva. Ademais, ela poderá saber qual é o seu estado normal.

Para definir nossa condição normal, devemos reconhecer e crer que inicialmente *tínhamos* um estado normal. Embora alguém esteja caído hoje, já experimentou uma vida melhor antes. E exatamente esse o estado normal, aquele ao qual se aspira voltar. A normalidade significa o estado normal de alguém. Se encontrarmos dificuldade em definir a nossa normalidade, devemos procurar nos lembrar da melhor fase de nossa vida, quando nosso espírito era ainda forte; a memória e o pensamento, claros; e o corpo, saudável. Vamos adotar isso como nossa normalidade. Será um padrão mínimo que devemos alcançar. Não podemos nos contentar com nenhuma outra medida que não atenda a essa condição. E não existe razão que justifique a eventualidade de não alcançarmos esse estado, visto que já estivemos nele antes. Todavia essa não é ainda a maior possibilidade que temos. Por isso, devemos pelo menos reconquistar a normalidade e recusar terminantemente nos afastarmos dela de novo.

Comparando a situação atual com aquela que já desfrutamos um dia, podemos avaliar o quanto estamos afastados da condição normal. Quando a mente sofre um ataque do mal, podemos perceber que a memória e o raciocínio se tornam fracos. Quando é o corpo que está sendo atacado, podemos muito bem sentir que as forças estão diminuídas. Depois de reconhecer o afastamento da normalidade, devemos imediatamente exercitar a vontade para resistir à condição anormal e lutar para voltar ao estado normal. Geralmente, os espíritos malignos resistem a essa tentativa

de demolição de suas fortalezas. Começam, então, a insinuar:

"Você já está velho e não pode pretender que sua mente seja como a de um jovem; a capacidade do homem decai com o passar dos anos."

Aos jovens eles dizem:

"Devido a um problema congênito, você não pode desfrutar da bênção de uma mente ativa por muito tempo, como os outros fazem."

Ou então dizem que nos encontramos nesse estado por lermos trabalhado demais. Eles podem se tornar ousados a ponto de dizer que nosso verdadeiro estado é o atual, que somos inferiores aos outros por termos recebido um dom menor. O alvo dos espíritos malignos é levar-nos a crer que a explicação para nossas fraquezas é que elas são *naturais, necessárias* e até esperadas. Se não estivermos enganados, nem passivos, mas absolutamente livres, essas palavras talvez mereçam alguma investigação. No entanto, se estivermos enganados ou na passividade, essas desculpas não são dignas de crédito. Aquele que foi redimido para desfrutar de uma vida melhor não deve permitir que as potestades das trevas o mantenham num estado inferior. Decididamente, devemos rejeitar suas mentiras.

Chamamos a atenção para o seguinte: a mente enfraquecida pela doença é bem diferente da que está minada por ter cedido terreno aos espíritos malignos. No primeiro caso, existe um distúrbio no sistema nervoso. No segundo, a obra do inimigo não causa nenhuma alteração nos nervos, simplesmente impede seu funcionamento adequado. Se a mente não sofreu perturbações orgânicas, achando-se apenas temporariamente fora de suas condições normais, pode ser restaurada. Para isso, basta que os espíritos malignos sejam expulsos. Muitos doentes mentais, inicialmente, sofreram perturbações nervosas causadas por doenças naturais. Depois, porém, foram vítimas do ataque de espíritos malignos. Nesses casos, a restauração fica mais difícil.

VENCER A PASSIVIDADE

Definida nossa condição normal, o importante passo a ser dado a seguir é a luta pela restauração. Não devemos nos esquecer, porém, de que o adversário fará de tudo para manter o terreno conquistado, do mesmo modo que os governantes deste mundo defendem renhidamente seus territórios. Não podemos esperar que os poderes das trevas entreguem suas cidadelas sem resistência. Pelo contrário, vão lutar até ao fim. Reconheçamos que perder terreno é fácil, recuperá-lo, porém, é tarefa que exige um esforço enorme. Devemos, ainda, dispensar uma atenção especial ao aspecto legal do problema. Toda nação tem leis cujos

juízos lícitos devem ser cumpridos de maneira absoluta. Do mesmo modo, no mundo espiritual existem leis, e seus juízos legais são tão coercitivos que nem mesmo os demônios podem desobedecer a eles. Se aprendermos essas leis espirituais, e agirmos de conformidade com elas, os espíritos malignos serão forçados a devolver o que tomaram.

Há uma lei básica que é a mais importante do reino espiritual. De acordo com ela, ninguém pode realizar nada que diga respeito ao homem sem o consentimento deste. É por ignorância, então, que o crente aceita o engano dos espíritos malignos e permite-lhes operar em sua vida. Ele precisa agora recuperar o território cedido; para fazer isso, deve exercitar sua vontade, a fim de desfazer seu antigo consentimento. Deve, ainda, insistir no fato de que ele é senhor de si mesmo, e não vai tolerar que o inimigo manipule qualquer parte do seu ser. Numa batalha como essa, os espíritos malignos não podem transgredir a lei espiritual; por isso, têm de bater em retirada. No início, as potestades do mal usurparam a mente do cristão, por causa da passividade deste. Isso provocou a passividade da vontade. O crente, agora, deve declarar, pela lei de Deus, que sua mente lhe pertence, que ele vai usá-la, e que não permitirá que nenhuma força exterior a instigue, empregue ou controle. Se ele sair da passividade de maneira implacável e exercitar sua mente, ela será liberta, retornando, por fim, ao seu estado original. (Em outra parte falaremos mais sobre a recuperação do terreno e sua batalha.)

Nesse conflito, é necessário exercitar a mente. Precisamos tomar a iniciativa em cada ação, e não ficar dependendo de ninguém. Se possível, devemos tomar nossas próprias decisões, sem esperar passivamente pelos outros, nem aguardar circunstâncias mais favoráveis. Não devemos olhar para trás, nem nos preocupar com o futuro, e sim aprender a viver o momento atual. Orando e vigiando, devemos avançar passo a passo. Devemos exercitar a mente e *pensar*: pensar no que fazer, falar ou ser. Devemos lançar fora toda muleta, não permitindo que nenhum elemento ou meio mundano substitua a capacidade da mente. Devemos usá-la para pensar, raciocinar, lembrar e compreender.

Se a passividade da mente for longa, a batalha pela libertação terá uma duração igualmente demorada. É preciso entender que, antes de reconquistarmos a liberdade, os espíritos malignos que usurparam a mente ainda criarão muitos pensamentos. Por essa razão, precisamos examinar cada idéia, a fim de não acontecer que, antes de recuperarmos totalmente o terreno antigo, venhamos a ceder novos territórios a esses espíritos. Portanto, durante esse período, as acusações que surgirem não serão necessariamente por causa dos nossos erros, nem os louvores recebidos originados por méritos próprios. Não devemos perder a esperan-

ça, mesmo que a cabeça esteja cheia de pensamentos de desânimo. Da mesma forma, não devemos ficar exaltados, se as idéias forem elevadas.

É preciso, também, atacar as mentiras dos espíritos malignos. Vamos enfrentar de modo resolutivo cada insinuação do inimigo, citando verdades da Bíblia. Respondamos às dúvidas com textos de fé. Temos de reagir ao desespero com palavras de esperança; ao temor, com palavras de quietude. Quem não conhece um versículo apropriado, deve orar a Deus pedindo a orientação dele. Sempre que percebermos que algo vem desses inimigos, vamos dizer:

"Isso é mentira de vocês e não vou aceitar." Alcançaremos a vitória pelo manejo da Espada do Espírito.

Durante esse combate, não podemos jamais nos esquecer da posição da cruz. Devemos permanecer em Romanos 6.11, considerando-nos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Já morremos, por isso estamos libertos da velha criatura. Os espíritos malignos agora não podem fazer absolutamente nada em nossa vida, pois toda base de operação que tinham foi desfeita na cruz. Cada vez que exercitamos a mente e resistimos ao diabo, manifestamos uma completa dependência àquilo que a cruz realizou. Percebemos, então, que nossa morte com o Senhor é um fato. Por isso, sustentamos com firmeza nossa posição diante do inimigo. Nós morremos; os espíritos malignos não têm autoridade sobre uma pessoa morta. Faraó não podia ferir os filhos de Israel que estavam do outro lado do mar Vermelho. Descansar na morte do Senhor nos proporciona uma vantagem imensa.

LIBERDADE E RENOVAÇÃO

À medida que recuperamos o terreno, palmo a palmo, o efeito vai se manifestando. Às vezes, no início, quando começamos a busca da restauração, as coisas parecem piorar. Quem persistir, porém, verá que o adversário irá constantemente perdendo o poder. Vários sintomas irão diminuindo, à medida que vamos amplamente reconquistando o território. A mente, com suas faculdades de memória, imaginação e raciocínio, se tornará livre para que possamos usá-la novamente. Entretanto é preciso ter cuidado para não nos tornarmos satisfeitos com nós mesmos, deixando de lutar até ao fim, até aquele ponto em que recuperamos todo o terreno perdido. Agindo assim, concederíamos uma base de operação aos espíritos malignos, de onde surgiriam novas ações no futuro. É preciso continuar lutando pela restauração da soberania até alcançar a emancipação completa. Aquele que permanece no fundamento da cruz, e exercita sua mente para resistir à usurpação do inimigo, logo estará completamente liberto, tornando-se senhor da própria mente.

Recapitulemos resumidamente o processo que vai da passividade à libertação:

1. A mente do cristão originalmente era normal.
2. Ele se afundou na passividade, desejando que Deus usasse sua mente.
3. Cometeu engano ao pensar que agora possuía uma nova mente.
4. Na verdade, ele caiu abaixo da normalidade, devido aos ataques dos espíritos malignos.
5. Sua mente se tornou fraca e sem poder.
6. Ele batalha para reconquistar o terreno perdido.
7. Sua mente parece se tornar mais corrupta e confusa do que nunca.
8. Na verdade, ele está reconquistando gradualmente a liberdade.
9. Ele insiste na sua soberania e determina recuperar-se da passividade.
10. A passividade é desfeita; ele está recuperado.
11. Lutando por sua vontade, ele não apenas obteve sucesso em reter sua normalidade dali para frente, mas:
12. Pode também fazer o que antes não podia, visto que sua mente foi recuperada por completo.

Observemos que a mente renovada é algo muito mais profundo do que a mente simplesmente liberta. Reconquistar as fortalezas perdidas por causa da passividade e por dar crédito às mentiras do inimigo significa simplesmente restaurar o que foi perdido. Ao passo que ser renovado inclui não apenas a restauração do que foi cedido ao diabo, mas também posse de algo muito mais elevado do que aquilo que se possuía antes. Ter uma mente renovada é alcançar o ponto mais alto que Deus destinou à mente. O Senhor quer que o cristão tenha uma mente não apenas liberta dos grilhões das trevas pelo pleno controle de si mesma, mas também que ela seja *renovada*, a fim de poder cooperar inteiramente com o Espírito Santo. Deus quer que a mente seja plena de luz, sabedoria e entendimento, com toda sua imaginação e todo seu raciocínio purificados e levados à perfeita obediência de sua vontade (Cl 1.9). Portanto não devemos ficar contentes apenas com um pequeno ganho.



capítulo

4

AS LEIS DA MENTE

Com a mente renovada, podemos nos maravilhar com o poder de Deus. Somos libertos das atividades improdutivas e não-essenciais. A capacidade de concentração se torna muito mais aguçada; o entendimento, mais perceptivo; a memória, mais pronta; o raciocínio, mais claro; e a perspectiva, menos limitada. Trabalhamos com mais eficácia, raciocinamos com maior clareza e captamos os pensamentos dos outros com mais facilidade. Como agora estamos livres da linguagem de uma experiência limitada e liberados para o mundo ilimitado do conhecimento espiritual, recebemos o conhecimento espiritual com a mente aberta. Afastamos toda prevenção e toda idéia preconcebida contra a obra de Deus. Assim, nossa mente se torna capaz de realizar obras até então impossíveis, e de aceitar responsabilidades duas ou três vezes maiores que aquelas que suportaria antes.

Em nossos dias, a mente do cristão é bastante ineficaz, porque ainda não foi renovada. E, mesmo depois de renovado, a velha mentalidade pode atacá-la. Se não nos opusermos tenazmente à maneira tradicional de pensar, inconscientemente voltaremos a ela. Sabemos que é necessário renunciar às obras da carne e diariamente seguir o espírito. Da mesma maneira, devemos resistir à velha mentalidade e, dia após dia, pensar de acordo com a mente renovada. E uma vigilância absolutamente necessária; se não a exercermos, retornaremos ao estado anterior. Na vida espiritual, sempre é possível ocorrer uma regressão. Se não vivermos a renovação mental com vigilância, poderemos, ainda, acreditar na mentira do inimigo e ceder-lhe terreno, através da passividade. Para mantermos a mente sempre renovada, em constante progresso, precisamos nos apropriar de suas leis. Da mesma maneira que o espírito, a mente tem leis. Vamos mencionar algumas delas. Se as colocarmos em prática, obteremos a vitória.

A MENTE TRABALHA COM O ESPÍRITO

Examinando o processo por que passa o crente *espiritual* para discernir, entender e realizar a vontade de Deus, podemos identificar os seguintes passos: Primeiro, o Espírito Santo revela a vontade de Deus no espírito do cristão, para que ele a conheça. Segun-

do, através da mente ele compreende o significado dessa revelação. Terceiro, com sua vontade ele emprega sua força espiritual para ativar o corpo, a fim de executar a vontade de Deus. Não há nada mais perto do espírito do que a mente. Esta nos permite o aprendizado nas esferas intelectual e material. Com o espírito, percebemos as realidades do mundo espiritual. Já o conhecimento de nós mesmos provém do intelecto. As coisas de Deus nos chegam através do espírito. Ambos são órgãos de conhecimento, por isso seu relacionamento é o mais íntimo possível. Andando segundo o espírito, descobriremos que a mente é o seu melhor ajudador. Portanto é necessário entender essa operação conjunta.

A Bíblia fala de modo bem claro sobre a coordenação entre o espírito e a mente: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno *conhecimento* dele, iluminados os olhos do vosso coração, para *saberdes...*" (Ef 1.17,18 - grifo do autor.) Já explicamos o significado de "espírito de sabedoria e de revelação". Deus nos dá a conhecer a sua pessoa e a sua vontade, concedendo revelação ao nosso espírito. Agora desejamos observar como a revelação obtida intuitivamente em nosso espírito opera junto à nossa mente.

"Os olhos do coração" é uma figura que aponta a sede do raciocínio e do entendimento - a mente. Nessa passagem, a palavra "conhecer", ou "conhecimento", usada duas vezes, serve para transmitir duas noções distintas. A primeira é o conhecimento intuitivo; a segunda, o conhecimento ou compreensão mental. Esse espírito de revelação está localizado no fundo do nosso ser. Deus se revela ao nosso espírito para que verdadeiramente possamos compreendê-lo, por meio da intuição. Até aqui temos o conhecimento intuitivo, ou seja, enquanto o homem interior sabe, o exterior permanece ignorante. E indispensável comunicar ao homem exterior aquilo que o interior já sabe. Não havendo essa comunicação, não pode existir uma ação conjunta dos dois. Como é que ela se processa? As Escrituras ensinam que o espírito ilumina a mente, para fazê-la compreender o significado da revelação

contida na intuição. Nosso homem exterior depende da mente para compreender as coisas. Por isso, o espírito deve transmitir a esta o que sabe por intuição, de modo que a mensagem chegue a todo o ser, capacitando-nos a andar segundo o espírito.

Primeiro, conhecemos a vontade de Deus pela intuição; depois nosso intelecto a interpreta. O Espírito Santo se move em nosso espírito, produzindo um sentimento espiritual. Em seguida, exercitamos o cérebro para estudar e entender o significado desse sentimento. Para termos uma compreensão plena da vontade de Deus, é necessário que haja uma cooperação entre o espírito e a mente. O espírito capacita nosso homem interior, a saber; a mente leva o homem exterior a compreender. Tal cooperação ocorre num segundo; descrevê-la, porém, leva mais tempo. Eles operam como se fossem as duas mãos. Num piscar de olhos, o espírito transmite à mente o que percebeu. Todas as revelações vêm do Espírito Santo e nós as recebemos através do espírito, e não da mente, a fim de que o espírito possa conhecê-la pela intuição. Depois as faculdades mentais as estudam e compreendem.

Temos de recusar com veemência a possibilidade de a mente ser o principal canal de recepção da vontade de Deus. Contudo não devemos impedi-la de servir de canal secundário. O crente carnal vê no raciocínio seu critério de conduta, porque ainda não aprendeu a andar segundo o espírito. O crente espiritual segue o espírito, mas também permite que sua mente compreenda o que o espírito quer dizer. A verdadeira orientação é aquela em que os dois se harmonizam. Comumente a direção do espírito se opõe àquilo que os homens chamam de raciocínio. Todavia, no crente cujas faculdades racionais foram renovadas, o raciocínio opera junto com o espírito, de modo que a direção deste parece perfeitamente lógica ao *seu* raciocínio. Já a racionalidade daquele cujo homem interior ainda não alcançou essa condição elevada vai se opor com frequência à direção do espírito.

Vimos em Efésios 1 como o espírito ajuda a mente. Depois de receber revelação de Deus, o espírito ilumina o intelecto. A mente do homem espiritual não depende da vida natural, e sim da luz do espírito. Se não fosse assim, ela se precipitaria nas trevas. A mente renovada precisa ser dirigida pela luz do espírito. Desse modo, quando o homem interior estiver bloqueado por espíritos malignos, o indivíduo pode achar seus pensamentos confusos, e todo o seu ser, disperso. A mente do homem espiritual é sustentada pelo espírito. Se este cair, devido aos ataques, sua influência não pode atingir o cérebro. Assim, a mente começa a perder controle imediatamente. Precisamos estar vigilantes para preservar o relacionamento adequado desses dois elementos e para que nosso espírito não seja sitiado pelos espíritos malignos, afastando a mente de

seu funcionamento normal.

Nossa mente é um instrumento através do qual o Espírito Santo age. De que modo se expressa aquele que habita no espírito do homem? Ele não se satisfaz simplesmente com o fato de cremos que ele está presente em nosso espírito. Sua meta é manifestar-se por nosso intermédio, para que outros possam possuí-lo também. O Espírito Santo exige *nossa* cooperação em inúmeras situações. Para ele, não basta *habitar* em nosso espírito; ele quer, também, se *expressar* por meio dele. E é através da mente que o nosso espírito se manifesta. Quando ela se encontra obstruída, nosso espírito fica privado desfie meio de expressão. Isso impede que o Espírito de Deus flua do nosso interior para outras pessoas. Precisamos da mente, também, para entender o significado do nosso conhecimento intuitivo. Isso abre as portas para Deus comunicar seu pensamento a outros por nosso intermédio. Se nossa mente for estreita e destituída de prudência, a comunhão do Espírito Santo conosco fica prejudicada.

A MENTE, O ESPÍRITO E A MENTE ESPIRITUAL

Quanto mais espiritual for o filho de Deus, maior será sua consciência do que é andar segundo o espírito e dos perigos de andar segundo a carne. Então, o que significa andar no espírito? Em Romanos 8 encontramos a resposta. É cogitar das coisas do espírito e possuir uma mente espiritual. "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz." (Rm 8.5,6.) Andar segundo o espírito significa fixar a mente nas coisas do espírito; significa também permitir que o espírito dirija a mente. Os que agem segundo o espírito são aqueles que se ocupam do que diz respeito ao homem interior. Portanto sua mente é espiritual. Andar segundo o espírito indica simplesmente que a mente está sob o controle do espírito e "cogita" das coisas que são dele. É isso que caracteriza a mente renovada, que se acha sob o controle do espírito, e está apta para saber quando ele age ou quando se cala.

Aqui vemos, mais uma vez, a relação entre os dois: "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito". A mente do homem pode cogitar tanto das coisas da carne como das do espírito. Nossas faculdades mentais (alma) situam-se entre o espírito e a carne (o corpo). O homem anda naquilo em que a mente se fixa. Se ela se ocupar da carne, andaremos segundo a carne. Se ela se prender ao espírito, andaremos segundo o espírito. Portanto não é necessário perguntar se estamos andando segundo o espírito ou não. Precisamos apenas procurar saber se estamos cogitando das coisas do espírito, isto é, se es-

tamos percebendo se ele está em movimento ou quieto. E impossível cogitarmos das coisas da carne e ainda assim andarmos segundo o espírito. Sempre seguimos o rumo para o qual nossa mente se inclina. Essa lei é imutável. Em que é que nossa mente pensa e o que é que ela observa em nossa experiência diária? A quem obedecemos? Estamos atentos ao homem interior ou estamos obedecendo à carne? Ocupando-nos das coisas do espírito, seremos homens espirituais. Ocupando-nos da carne, nos tornaremos carnis. Se nossa mente não for governada pelo espírito, será pela carne. Se não for guiada pelo céu, será pela terra. Se não receber orientação de cima, receberá de baixo. Seguir o espírito produz vida e paz. Seguir a carne resulta em morte. Do ponto de vista de Deus, tudo que brota da carne não tem nenhum valor espiritual. Um crente pode viver em "morte", embora ainda possuindo vida.

Por que é tão importante para quem anda segundo o espírito *inclinarse* para as realidades do espírito? Porque essa é a condição mais importante para assegurar-se a direção em espírito. Muitos crentes esperam que Deus determine as circunstâncias de sua vida, mas ao mesmo tempo menosprezam a necessidade de atentar para o espírito. Isso significa que eles não estão atentos às sugestões que emanam do fundo do seu ser. Deus, que habita em nós, está sempre nos conduzindo na direção do nosso espírito. No entanto, por causa da dureza da nossa mente, não nos agradamos disso. Realmente, ele se revela à nossa intuição, mas nosso intelecto está voltado para uma infinidade de outros interesses, estranhos ao que se passa no espírito. Estamos negligenciando nossa percepção espiritual. Às vezes, nosso espírito está bem, mas nossa mente se desvia, incapacitando-nos para seguir o espírito. Tudo aquilo que provém da intuição é delicado e suave. Se não nos habituarmos a obedecer ao espírito, não poderemos conhecer os pensamentos dele e andar de acordo com eles. Nossa mente deve estar alerta como um vigia, aguardando sempre o mover no homem interior, a fim de que nosso homem exterior se torne totalmente submisso.

Deus sempre nos orienta através de toques delicados no espírito. O Senhor nunca usa de sentimentos fortes e coercivos para forçar o homem a obedecer-lhe. Invariavelmente, ele nos dá a oportunidade de decidir. O que nos é imposto à força nunca provém de Deus; é obra dos espíritos malignos. Se não atendermos aos requisitos para a operação do Espírito Santo, ele não atuará. Por isso, não podemos simplesmente nos limitar a esperar sua direção. Se quisermos que o Espírito nos guie, temos de levar nosso espírito e nossa mente a operar ativamente junto com ele. Andaremos segundo o espírito se exercitarmos nosso homem interior para cooperar com o Espírito Santo, e fizermos nosso homem exterior seguir o movimento, ou o silên-

cio, em nosso espírito.

A MENTE ABERTA

Além de experimentarmos a revelação direta de Deus, muitas vezes tomamos conhecimento da verdade através da Palavra pregada por outros servos do Altíssimo. Recebemos essa verdade primeiro no intelecto; depois ela alcança o espírito. E através da mente que entramos em contato com os ensinamentos dos outros. Dificilmente, isso se dá por meio de outro canal. Por isso, uma mente aberta é da maior importância para a vida espiritual. Se tivermos o cérebro cheio de preconceitos em relação à verdade ou ao pregador, não captaremos nenhuma mensagem. Com isso, a verdade não influenciará nossa vida. Não é de admirar que alguns cristãos não recebam nenhuma ajuda. Eles já decidiram o que querem ler ou ouvir.

Se estivermos familiarizados com o processo de comunicação da verdade, perceberemos a importância de ter uma mente livre. A verdade chega primeiro à mente; depois entra no espírito, despertando-o. Por fim, ela se manifesta em nosso viver diário. A mente fechada, preconceituosa, impede que a verdade entre no espírito. Opõe-se a tudo que seja diferente daquilo que pensa, criticando-o. Seus conceitos constituem o padrão da verdade. Vê tudo o que lhe é contrário como inverdade. Uma mente dessas impede que muitas das verdades de Deus penetrem no coração. Assim está prejudicando sua própria vida espiritual. Muitos cristãos experientes podem testemunhar da necessidade de uma mente despida de preconceitos, no tocante à revelação da verdade. Constantemente, estamos recebendo muitas verdades, mas não as compreendemos por faltar-nos uma mente aberta. Deus precisa de muito tempo para remover os obstáculos, para que possamos aceitar a verdade! Uma mente desobstruída, aliada a um espírito livre, ajuda-nos muitíssimo no conhecimento da verdade.

Se nossa mente estiver aberta, logo perceberemos como é preciosa uma verdade que inicialmente nos parecia ofuscada, mas agora tem a luz do espírito. É sempre assim que recebemos a verdade. Inicialmente, ela parece destituída de propósito. Depois de algum tempo, porém, a luz do espírito brilha em nossa mente, capacitando-a a compreender o quanto aquela verdade é profunda. Podemos até não dispor das palavras adequadas para expressá-la, mas bem no íntimo a compreendemos perfeitamente. A mente aberta permite que a verdade entre; a luz do espírito torna-a proveitosa.

A MENTE CONTROLADA

Tudo em nossa vida deve estar sob controle, inclusive a mente, mesmo depois de renovada. Não podemos soltar as rédeas, senão os espíritos malignos tirarão proveito disso. É importante lembrar que *o pen-*

samento é a semente da ação. Um descuido nessa questão invariavelmente conduz a um pecado. Qualquer pensamento que semearmos, mais cedo ou mais tarde, acabará germinando. Todos os pecados inconscientes ou de arrogância têm origem nas sementes de pensamento que permitimos ao inimigo plantar em nós. Se deixarmos que uma noção pecaminosa se instale em nossa mente, algum tempo depois, anos talvez, surgirá um ato pecaminoso proveniente dela. Se, por exemplo, concebermos um mau pensamento contra nosso irmão, devemos imediatamente erradicá-lo, purificando nossa mente. Se não o fizermos, colhere-mos um fruto repugnante. Devemos empregar todos os nossos esforços ao tratar com nossos pensamentos. Se deixarmos nossa vida mental sem controle, possivelmente não teremos domínio sobre mais nada. Por isso Pedro nos exorta a cingir a mente (1 Pe 1.13), isto é, a controlar nossos pensamentos, sem jamais deixá-los soltos.

O propósito de Deus é que levemos *"todo* pensamento cativo à obediência a Cristo". Por isso, devemos examinar cada um dos nossos pensamentos sob a luz de Deus, não permitindo que nenhum deles escape à nossa observação ou julgamento. Temos de examinar e controlar todo pensamento.

Para dominarmos a mente, não podemos ter nenhum pensamento impróprio. Devemos lançar fora tudo que for inconveniente. Também não podemos deixar a mente ociosa. Ela deve avaliar tudo com cuidado, para que possamos ser prudentes e espirituais. Não devemos permitir que a mente vagueie, para evitar que os espíritos malignos venham a agir sobre ela. Ela não deve ser preguiçosa, nem inativa. Antes, deve estar em permanente atividade. Mesmo depois de recebermos uma revelação no espírito, precisamos exercitar o intelecto para examinar se ela procede de Deus ou de nós mesmos. Ao tomar qualquer atitude, precisamos também descobrir se estamos seguindo inteiramente o espírito, agindo no momento de Deus, ou se há algo que procede de nossa própria mente. Essa atividade mental ajuda o espírito a tornar clara a revelação recebida pela intuição, e também a identificar qualquer discrepância. Todo pensamento centralizado no ego impede-nos de conhecer a vontade divina; pois somente o que desaprova o "eu" é correto. Deus não quer que o sigamos cegamente. Quer que compreendamos sua mente com lucidez. Devemos desconfiar de tudo que for destituído de clareza.

Sempre que a mente estiver em atividade, devemos ter cuidado para ela não operar sozinha, ou seja, independentemente do governo do espírito. A mente liberta do "eu" pode entender melhor a vontade de Deus; mas a independente apenas mostra a corrupção da carne. Muitos crentes, por exemplo, examinam as Escrituras com a razão, apoiados em sua própria capaci-

dade intelectual. No entanto, a verdade que declaram conhecer está apenas na cabeça deles. Essa atitude mental independente é bastante perigosa, pois não edifica ninguém. Só serve para fornecer alguma informação que vai alimentar os pensamentos e servir de base para a jactância. Deveríamos rejeitar com vigor todas as verdades que afio fruto apenas da mente, pois possibilitam a operação de Satanás. Temos de restringir todos os desejos de busca do mero conhecimento intelectual.

A mente deve funcionar, mas também precisa de descanso. Se trabalhar incessantemente, sem nenhum repouso, acabará adoecendo, da mesma maneira que o corpo. Devemos regular nossa atividade, evitando que a mente se torne superativa e fora de controle. A derrota de Elias, quando estava debaixo da árvore de zimbro, deveu-se a um trabalho excessivo da mente (1 Rs 19).

Devemos conservar a mente na paz de Deus o tempo todo. O profeta Isaías diz: "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti" (26.3). Um cérebro que não descansa fica perturbado, prejudicado tanto para a vida espiritual como para o serviço espiritual. É por isso que muitos têm caído no erro. Uma mente sem paz não pode funcionar bem. Por isso, o apóstolo Paulo ensina a não nos inquietarmos por coisa alguma (Fp 4.6). Devemos entregar todas as ansiedades a Deus, tão logo elas surjam. Que a paz de Deus governe nosso coração e nossa mente (v. 7)! Contudo Paulo também nos exorta a colocar nossa mente para trabalhar e a não deixá-la ociosa: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (v. 8).

Não podemos deixar que as emoções controlem a mente. Ela deve descansar tranqüila em Deus e operar pela fé. Esse é o significado de uma mente moderada que Paulo recomenda que cultivemos (2 Tm 1.7). Devemos seguir a intuição do espírito e julgar tudo segundo o mandamento de Deus, que estabelece o que é certo e o que é errado.

Nossa atitude mental deve ser sempre de humildade. A mente orgulhosa facilmente provoca desvios. Qualquer idéia de justiça própria, de importância própria, ou de auto-suficiência pode nos levar ao erro. Alguns crentes, apesar de possuírem enorme bagagem de conhecimentos, caem no engano próprio por pensarem demais em si mesmos, e sempre de modo muito elevado. Se quisermos servir ao Senhor genuinamente, devemos fazê-lo "com toda a humildade" de mente (At 20.19). Temos de lançar fora toda consideração enganosa, e procurar determinar qual é nosso

lugar no corpo de Cristo, de acordo com a designação de Deus.

A MENTE CHEIA DA PALAVRA DE DEUS

"Na sua mente imprimirei as minhas leis", declara o Senhor (Hb 8.10). Devemos ler muito a Palavra de Deus e decorar mais textos dela, para que nos momentos de grande necessidade possamos lançar mão desse conhecimento. Se lermos a Bíblia com diligência, Deus fará com que suas leis estejam presentes em todos os nossos pensamentos. Quando estivermos necessitando de luz para o nosso caminho, logo nos lembraremos daquilo que a Bíblia diz. Muitos não querem exercitar a mente lendo a Palavra. Eles oram e depois abrem a Bíblia, aceitando como sendo de Deus o que lhes aparecer.

Não podemos acreditar nessa prática. No entanto, se a Palavra estiver abundando em nossa mente, o Espírito Santo pode Iluminá-la de vez, através da intuição do espírito, trazendo à lembrança um versículo apropriado à nossa situação. Não é preciso que ninguém nos diga que não devemos roubar, pois sabemos disso pela Palavra de Deus. Ela já está em nossa mente. O mesmo se aplica a qualquer outro assunto. Desse modo, se estivermos firmes nas Escrituras, poderemos compreender a mente de Deus em qualquer circunstância.

CLAMAR POR UMA MENTE PURIFICADA

Devemos estar sempre pedindo a Deus que purifique nossa mente e a mantenha sempre renovada. Temos de pedir ao Senhor para extirpar todo pensamento negativo que se refere a ele, bem como toda idéia estranha, de tal forma que só aviamos naquilo que procede unicamente dele. Vamos orar pedindo a Deus que nos conceda pensar apenas nele, e também fazê-lo de modo correto. Pecamos ainda que nenhum pensamento brote de nossa natureza corrompida, e, se brotar, que sua luz possa imediatamente identificá-lo e desfazê-lo. Vamos pedir a Deus para guardar-nos dos velhos pensamentos, a fim de que a igreja de Cristo não seja dividida por doutrinas sectárias. Pecamos também que o Senhor impeça que nossa mente receba qualquer doutrina facciosa, que provoque separação entre irmãos. Roguemos-lhe que tenhamos todos uma só mente; e, se não conseguirmos essa unidade em alguma questão, que esperemos por ela sincera e pacientemente. Supliquemos ao Pai que jamais abracemos idéias ou ensinamentos errôneos. Imploramos-lhe que nos ensine a "morrer" não apenas para nossa natureza corrompida, mas também para nossa mente carnal. Roguemos-lhe que nossas idéias jamais venham a ser motivo de divisão no corpo de Cristo. Peçamos-lhe que não permita que nos enganemos de novo. Imploramos em favor dos nossos irmãos, para que também possam viver para ele, deixando de lado toda provoca-

ção e toda atitude sectária, e que todos possam verdadeiramente desfrutar da comunhão fraternal plena.

SEGUNDA PARTE

A ANÁLISE DA ALMA:

A VONTADE



5

A VONTADE DO CRENTE

A vontade é a faculdade que permite ao homem tomar decisões. Querer ou não querer, escolher ou não escolher são operações típicas da vontade. Ela é o "leme" que nos permite navegar pelo mar da vida.

Podemos considerar a vontade nosso verdadeiro ego, pois é ela que realmente o representa. A ação da vontade é nossa própria ação. Quando dizemos "eu quero, eu decido", é a nossa vontade que está querendo ou decidindo. Ela atua pelo homem inteiro. Nossas emoções expressam simplesmente o que sentimos. A mente diz apenas o que pensamos. A vontade, porém, comunica aquilo que *queremos*. Por isso, ela é o principal elemento do nosso ser. É mais profunda do que a emoção e a mente. Desse modo, na busca do crescimento espiritual, não podemos negligenciar nossa vontade.

Muitos cristãos cometem o erro de ver apenas o aspecto emocional da "religião". Eles crêem que ela apenas alivia e alegria nossas emoções. Já outros insistem em que a "religião" deve ser racional, e nunca exageradamente emocional. Esses só aceitam uma religião racional. O que os homens não sabem é que a verdadeira religião não tem como alvo a emoção ou a razão, e sim a comunicação da vida ao espírito do homem, levando-o a submeter-se totalmente à vontade de Deus. Se nossas experiências "religiosas" não produzirem em nós uma aceitação *voluntária* de todo o conselho de Deus, serão bastante superficiais. Que aproveita ao homem uma caminhada espiritual se ao longo dela a vontade não demonstrar nenhum sinal adequado da graça? ou se ela não receber nenhuma influência de Deus?

A salvação verdadeira e perfeita é a que opera na vontade do homem. Qualquer coisa que não for suficientemente completa para envolver a salvação da vontade do homem é apenas vaidade. Todos os sentimentos agradáveis e pensamentos lúcidos pertencem exclusivamente ao domínio exterior. O homem pode experimentar alegria, conforto e paz crendo em Deus. Pode entender sua majestade e acumular conhecimentos maravilhosos. Contudo, se sua vontade não estiver unida com a de Deus, será que ele goza de uma

união genuína com o Altíssimo? A única união verdadeira é a das vontades. Por isso, depois de recebermos vida, devemos estar atentos não apenas à intuição, mas à vontade também.

O LIVRE-ARBÍTRIO

Ao examinar o homem e sua vontade, devemos ter em mente que ele possui livre-arbítrio. Isso significa que ele é soberano, que sua vontade é soberana. Não se deve impor ao homem aquilo que ele não aceita; não se deve forçar nada a que ele resista. Ter livre-arbítrio significa poder decidir o que quiser. O homem não é um brinquedo mecânico dirigido por outros. É responsável por todos os seus atos. Sua vontade controla todos os aspectos de sua vida, tanto os interiores como os exteriores. Ele não é governado automaticamente por uma força externa; pelo contrário, abriga no seu interior um princípio que determina seus atos.

Foi assim que Deus criou o homem. Não era um ser mecânico, pois o Senhor lhe disse: "De toda árvore do jardim comerás *livremente*, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.16,17 - grifo do autor). Como foi que Deus lhe ordenou? Ele o persuadiu, proibiu-o, mas nunca o forçou. Se Adão quisesse atender a Deus e não comer do fruto proibido, isso teria sido decisão dele. Entretanto, como ele não quis ouvir e decidiu comer, Deus não o impediu. Isso é que é ter livre-arbítrio. O Criador atribuiu ao homem a responsabilidade de comer ou de não comer, para que ele resolvesse segundo sua vontade livre. Deus não criou um Adão incapaz de pecar, de rebelar-se ou de roubar. Se assim fosse, ele seria apenas uma peça de um maquinário. Deus pode aconselhar, proibir e ordenar; todavia a responsabilidade de atender ou não é do homem. Por amor, o Senhor deu a ordem; por causa da justiça, ele não força o homem a fazer o que este não quer. Para o homem obedecer a Deus, é necessário que ele esteja disposto a isso, pois o Senhor jamais o força. Na verdade, o Criador poderia empregar vários meios para fazê-lo querer. Entretanto Deus não realiza seu propósito no homem sem o consentimento deste.

Esse princípio é extremamente vital. Veremos mais tarde que o Criador nunca o desrespeita, mas os espíritos malignos o fazem constantemente. Desse modo, podemos aprender a identificar o que procede de Deus e o que não procede.

A QUEDA DO HOMEM E A SALVAÇÃO

Infelizmente, a humanidade caiu. Essa queda trouxe um prejuízo enorme ao livre-arbítrio do homem. Podemos dizer que no Universo existem duas vontades sólidas e contrárias. Uma é a de Deus, santa e perfeita; a outra, a de Satanás, contaminada, corruptora e rebelde. No meio das duas, encontra-se a vontade soberana, independente e livre do homem. Quando este ouve ao diabo e se rebela contra Deus, apresenta um eterno "não" à vontade divina e um permanente "sim" à de Satanás. O homem emprega sua vontade para escolher a do diabo, tornando-a cativa deste. Por isso, todos os seus filios são governados pela vontade do diabo. Enquanto o homem não anular essa sujeição a Satanás, sua vontade continuará dominada por ele.

Nessa condição decaída, o homem é carnal. A vontade e todas as demais funções são governadas pela carne, que se acha totalmente corrompida. Como é que uma vontade tão obscurecida pode produzir algo agradável a Deus? Até mesmo quando busca o Criador, ela o faz com motivação carnal. Por isso, tal atitude não tem valor espiritual. Ele pode até criar muitas maneiras de cultuar ao Todo-Poderoso. Todas elas, porém, são oriundas de sua mente; tudo é "culto de si mesmo" (Cl 2.23), que, em hipótese alguma, o Senhor aceita.

Se o homem não receber a nova vida de Deus para depois servi-lo em novidade de vida, tudo que fizer será obra da carne. A intenção de servir ao Senhor, e até mesmo de sofrer por ele, é vã. Antes de ser regenerado, sua vontade é fútil, mesmo que esteja inclinada para o bem e para Deus. O que realmente importa para Deus não é o que o homem caído deseja fazer para o Senhor, e sim o que Deus quer que ele faça. O homem pode conceber e realizar um grande número de obras extraordinárias para o Senhor. Contudo, se elas não tiverem sua origem em Deus, nada mais são do que "culto de si mesmo".

Isso se aplica também à questão da salvação. Quando o homem vive segundo a carne, Deus não aceita nem mesmo sua vontade de ser salvo. Lemos no Evangelho de João que "a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (1.12,13 - grifo do autor). O homem não é regenerado porque quer. Tem de nascer de Deus. Hoje em dia, os cristãos cometem o erro de achar que, se alguém quiser ser salvo e buscar o cami-

nho da vida, sem dúvida nenhuma será um bom discípulo de Cristo, já que não há nada melhor do que ter esse anseio. No entanto Deus afirma que a vontade do homem não tem nada a ver com a questão da regeneração, nem com outras que dizem respeito ao Senhor.

Muitos crentes não entendem por que João 1 declara que a vontade do homem é ineficaz, enquanto o último capítulo do livro de Apocalipse traz esta afirmação: "Quem *quiser* receba de graça a água da vida" (22.17 - grifo do autor), como se o próprio homem fosse totalmente responsável por sua salvação. E o Senhor Jesus mesmo, explicando por que os judeus não eram salvos, disse: "Contudo, *não quereis* vir a mim para terdes vida." (Jo 5.40 - grifo do autor.) Aqui também parece que a responsabilidade da perdição recai sobre a vontade do homem. Será que a Bíblia se contradiz? Existe algo especial por trás dessas aparentes incoerências? Compreendendo esse assunto, poderemos entender melhor o que Deus requer de nós na vida cristã.

Lembremo-nos de que o desejo de Deus é "que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento", porque ele "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (2 Pe 3.9; 1 Tm 2.4). A dúvida não é se Deus quer salvar alguns, ou deixar que outros pereçam. O problema é a atitude do pecador para com a vontade do Senhor. Se ele decidir tornar-se um cristão movido apenas por causas naturais, encontra-se tão longe de Deus e da vida divina como qualquer outro pecador. Algumas dessas causas são uma inclinação natural para a "religião", a tendência de olhar o mundo com natural desdém, sua herança cultural, o meio em que se vive, e a família. Se o pecador tomar sua decisão num momento de emoção e de entusiasmo, ele pode não conseguir nada. Na verdade, tudo se resume nisto: qual é a atitude dele para com a vontade *de Deus*? Deus o ama, mas será que ele vai aceitar esse amor? Cristo o chama, mas será que ele vem? O Espírito Santo quer dar-lhe vida, mas será que ele está disposto a nascer de novo? Sua vontade só é útil para tomar a decisão de unir-se à de Deus. A questão resume-se tão-somente em saber como essa vontade vai agir para com a vontade de Deus.

Será que dá para perceber a diferença? Se for o homem que iniciar a busca da salvação, ele continuará perecendo. Vários fundadores de religião encontram-se nessa categoria. Contudo, se o homem, após ouvir o evangelho, estiver *disposto* a aceitar o que Deus *lhe oferece*, aí ele será salvo. No primeiro caso, o homem toma a iniciativa; no outro, ele a aceita. Um realiza o próprio querer; o outro aceita a vontade de Deus. João 1 fala do homem querendo a salvação, enquanto João 5 e Apocalipse 22 se referem ao homem *aceitando* a vontade de Deus. Portanto não existe contradição nenhuma entre esses textos; pelo contrário, existe aí uma

lição de importância vital que precisamos aprender.

Deus ensina que, numa questão de tamanha importância como a da salvação, ele rejeita o que procede do ego. Se queremos crescer espiritualmente, devemos entender e conservar na mente cada um dos princípios vitais que Deus aplicou em nós, por ocasião da nossa regeneração. Esses princípios iniciais mostram o que devemos fazer para termos crescimento espiritual. O que acabamos de dizer constitui um dos princípios mais importantes. Tudo que brote de nós, isto é, da nossa carne, não tem nenhum valor perante Deus Mesmo que estejamos em busca de algo absolutamente indispensável e sublime como a salvação, nosso esforço será de igual modo rejeitado. Precisamos ter em mente que Deus não olha para a aparência das coisas. Não vê se são boas ou más, grandes ou pequenas. O que ele vê é a origem delas; se provêm dele ou não. Somos salvos não porque queremos, mas porque o Senhor nos quer salvar. O mesmo se aplica a tudo em nossa vida. Precisamos entender que todas as demais atividades, por mais nobres que sejam, se estiverem fora daquilo que Deus opera através de nós, são totalmente ineficazes. Se não conseguirmos ver esse princípio de vida no estágio inicial da salvação, enfrentaremos constantes derrotas daí por diante.

Além disso, enquanto o homem se encontra na condição de pecador, sua vontade está em rebeldia contra Deus. Por isso, o Todo-Poderoso quer trazer o homem para si mesmo, concedendo-lhe uma nova vida. Da mesma maneira que a vontade humana representa o homem, pois é a essência do seu ser, a vontade divina personifica Deus, sendo a própria vida dele. Dizer que o Senhor vai trazer o homem para si mesmo é dizer que ele vai conduzi-lo à sua vontade. Sem dúvida, isso se realizará ao longo de toda vida, mas já no início da salvação Deus começa a operar nesse sentido. Assim, quando o Espírito Santo convence o homem do pecado, essa convicção é operada de tal forma que ele não teria nada a dizer se Deus o condenasse ao inferno. Da mesma maneira, quando o Senhor lhe mostra o plano divino definido na cruz de Cristo, ele o aceita alegremente, manifestando sua prontidão em receber a salvação de Jesus Cristo. Observemos, então, que o primeiro estágio da salvação é, em essência, a salvação da vontade. A fé e a aceitação expressas pelo pecador são apenas seu *desejo* de beber da água da vida e ser salvo. Semelhantemente, se ele se opõe e resiste, demonstra sua *indisposição* de vir ao Senhor para receber vida, e, em consequência disso, perece. É na vontade do homem que se trava a batalha da salvação. A queda original do homem se deveu à rebelião da sua vontade contra a de Deus. Por isso, sua salvação se realiza quando sua vontade volta a obedecer a Deus.

No momento do novo nascimento, a vontade do

homem ainda não está unida a Deus. Contudo, assim que ele aceita o Senhor Jesus e rejeita Satanás, o ego e o mundo, ela é erguida. Quando o homem crê na Palavra de Deus e recebe seu Espírito, sua vontade é renovada. Depois que ele nasce de novo, recebe um novo espírito, coração e vida. Sua vontade passa a ter um novo Senhor, e, daí em diante, se acha "sob nova direção". Se sua vontade for obediente, torna-se parte da sua nova vida. Se resistir, passa a ser um tremendo inimigo dela.

A vontade renovada desempenha um papel bem mais importante que as outras funções da alma. A mente pode estar desorientada e as emoções, perturbadas, mas a vontade não pode errar. Se isso acontecer, sobrevirão graves consequências, pois ela é o próprio ego do homem e controla todas as outras funções. Se ela estiver errada, Deus não realiza sua vontade na vida do homem.

UMA VONTADE SUBMISSA

O que é a salvação? É simplesmente o esforço de Deus para libertar o homem dele mesmo, e conduzi-lo para si. A salvação possui dois aspectos: o da remoção e o da união. O que é removido é o ego; a união é com Deus. Somente aquilo que visa à libertação do ego e a uma união com o Senhor pode ser considerado salvação genuína. O que não serve para libertar o homem do seu ego e uni-lo a Deus é pura inutilidade. O verdadeiro início da vida espiritual implica uma libertação da vida casual e uma entrada na divina. A criatura deve renunciar a tudo aquilo que lhe pertence, a fim de desfrutar de tudo apenas no Criador. É necessário que a criatura desapareça para que a salvação genuína possa se manifestar. A verdadeira grandeza consiste não na quantidade daquilo que temos, mas do que perdemos. Só experimentamos uma vida autêntica quando rendemos o ego a Deus. Para que a vida do Senhor se manifeste na criatura é preciso que esta renuncie à sua natureza, sua vida e suas atividades. Muitas vezes, nosso "ego" é o inimigo da vida de Deus. Se não estivermos dispostos a perder, ou se não experimentarmos perdas, nosso crescimento espiritual ficará seriamente atrofiado.

O que é o ego? É extremamente difícil responder a isso, pois a resposta pode não ser totalmente correta. Se dissermos que o "ego" é a "vontade própria", não estaremos muito longe da verdade. A essência do homem está na sua vontade, porque é ela que expressa o que ele é, o que deseja e o que busca. Antes de a graça do Todo-Poderoso realizar sua obra no homem, tudo que nele há, seja ele crente ou não, geralmente é contrário a Deus. Isso se dá porque o homem pertence ao natural que é radicalmente oposto à vida de Deus.

Portanto a salvação visa a livrar o homem da sua vontade criada, natural, animal, carnal, proveniente do

ego. E há um ponto que precisamos observar. Depois da nova vida que Deus nos outorga, a maior maravilha da salvação é a conversão da nossa vontade a ele. Podemos até mesmo afirmar que Deus nos comunica essa nova vida para que lhe entreguemos nossa vontade. O evangelho visa a facilitar a união da nossa vontade com a de Deus. Se isso não ocorrer, podemos dizer que a missão fracassou. O Senhor aponta a flecha da salvação não tanto para nossa emoção ou para nossa mente, mas para nossa vontade. Isso ocorre porque, quando esta é salva, influencia as outras faculdades. O homem pode estar unido com Deus em sua mente até certo ponto; muitos dos seus sentimentos podem estar em harmonia com os de Deus. Contudo a união mais importante e mais perfeita é a da vontade humana com a divina. Ela envolve por completo a união de Deus com o homem. Tudo que ficar aquém da união das vontades é imperfeito. A vontade é a faculdade mais importante do homem, pois dirige todo o nosso ser. O próprio espírito, apesar de tão nobre, deve render-se ao governo da vontade. (Mais adiante, vamos falar ainda sobre isso.) O espírito não representa o homem total; é apenas o meio pelo qual ele se comunica com Deus. O corpo também não pode representá-lo; é somente seu instrumento de comunicação com o mundo. Já a vontade engloba a verdadeira condição, atitude e intenção do homem. É a faculdade que melhor nos representa. E se nossa vontade não estiver em harmonia com Deus, nossa união com ele será superficial e vazia. A vontade governa o homem. Então, quando ela estiver em perfeita sintonia com a vontade de Deus, o homem se submeterá ao Senhor de maneira total e espontânea.

Nossa união com o Senhor tem dois aspectos: a união da vida, e a da vontade. Nossa vida se une à dele no momento em que somos regenerados e recebemos a vida divina. Assim como ele vive por seu Espírito, daí em diante viveremos também pelo Espírito Santo. Esse é o vínculo de vida. Ele indica que compartilhamos de uma mesma vida com Deus. Essa união é interior. Contudo é a vontade que *manifesta* essa vida. Por isso, é necessário que haja também uma união exterior, ou seja, de vontades. Estar unido com o Senhor na vontade indica simplesmente que temos uma só vontade com ele. Esses dois tipos de união acham-se intimamente relacionados. Uma não é independente da outra. A da nova vida é espontânea, pois esta é a vida de Deus. A da vontade não é nem simples nem espontânea, porque nossa vontade é o nosso próprio eu.

Como observamos antes, Deus pretende destruir a natureza própria da alma, mas não sua função. Desse modo, depois que nos unimos com o Senhor pela vida, ele dá início à renovação da nossa alma, com suas várias funções, a fim de que ela esteja unida à nossa nova vida e, conseqüentemente, com a vontade divina. Como nossa vontade é do jeito que é, Deus busca todos os

dias uni-la à sua. A salvação só estará completa quando a vontade do homem estiver inteiramente unida à de Deus. Sem esse vínculo perfeito, o *ego do homem* continua em conflito com o Senhor. Deus quer que tenhamos sua vida, e quer também que sejamos um com ele. Visto que a vontade constitui a representação do ser, nossa união com Deus não pode ser completa sem a união da nossa vontade com a dele.

Fazendo uma leitura cuidadosa das Escrituras, percebemos que existe um denominador comum a todos os nossos pecados: o princípio da desobediência. Por meio da desobediência de Adão, nós perecemos. Por meio da obediência de Cristo, somos salvos. Anteriormente, éramos filhos da desobediência; hoje Deus quer que sejamos filhos da obediência. Desobedecer significa seguir a própria vontade. Obedecer implica fazer a de Deus. O propósito da salvação divina é levar-nos a negar nossa vontade e sermos um com o Senhor. É exatamente aí que jaz um grande erro dos cristãos modernos. Eles acham que ter espiritualidade é experimentar sentimentos de regozijo ou possuir profundo conhecimento. Passam muito tempo buscando ardentemente as sensações mais variadas ou procurando conhecimento intelectual da Bíblia, achando que tais coisas são mais elevadas. E, com base em seus sentimentos e pensamentos, prosseguem realizando tarefas boas, importantes e notáveis, que acreditam serem agradáveis a Deus. Não entendem, porém, que a maneira como eles se sentem ou raciocinam não é importante para Deus. O Senhor busca apenas a união da vontade humana com a divina. Seu prazer está em ver seu povo obedecendo à vontade divina. É necessário que o crente se submeta incondicionalmente a Deus e se disponha a aceitar a vontade dele por completo. Do contrário, tudo aquilo que se denomina espiritualidade não passa de exibição exterior, sejam sentimentos santos e alegres, ou pensamentos dignos de louvor. Até mesmo visões, sonhos, vozes, suspiros, zelo, obra, atividade e trabalho são manifestações exteriores. Se o crente, em sua vontade, não estiver determinado a completar a carreira que Deus lhe propôs, nada que faça tem valor.

Se estivermos realmente unidos com Deus através da vontade, abandonaremos de vez toda atividade que emana de nós mesmos. Daí em diante, não poderá mais haver ação independente. Estamos mortos para o ego e vivos para Deus. Não fazemos mais nada para ele por impulso próprio, nem segundo nosso caminho. Só agimos depois que o Senhor nos move. Tornamo-nos livres de toda ação do ego. Em outras palavras, essa união representa uma mudança de comando; um novo começo. Antes, todas as nossas atividades eram concentradas no ego, e partiam dele. Agora, tudo vem de Deus. Ele não pergunta qual é a natureza de nada daquilo que iniciamos. Quer saber apenas se foi ele quem deu início à atividade. O Senhor desconsidera qualquer elemento ainda não liberto do ego, por melhor

que ele possa parecer.

A MÃO DE DEUS

Apesar de salvos, muitos crentes não estão ainda totalmente submissos à vontade de Deus. Por isso, a fim de conduzi-los à obediência, o Senhor usa caminhos os mais diversos. Através do seu Espírito, ele move os que lhe pertencem, tocando-os com seu amor, para que obedeam somente a ele, e só desejem fazer a vontade divina. Muitas vezes, porém, isso não produz o resultado desejado. Então, Deus faz pesar sua mão para levá-los ao ponto em que quer que eles estejam.

Vemos sua mão operar, primeiramente, nas circunstâncias. O Senhor pesa sua mão sobre seu povo para esmagar, quebrantar ou amarrar, a fim de que a vontade humana não mais se endureça contra ele.

O Senhor não ficará satisfeito enquanto não estivermos totalmente unidos a ele através da vontade. Para atingir esse alvo, ele permite que muitos fatos desagradáveis nos sobrevenham. Ele nos deixa ficar tristes, gemer e sofrer. Permite também que surjam muitas cruzes em nosso caminho, para que tenhamos de curvar a cabeça e nos render. Nossa vontade é excessivamente obstinada. Enquanto ela não recebe uma disciplina severa, não obedece a Deus. Sempre que nos submetemos à mão poderosa do Senhor, aceitando voluntariamente sua disciplina, nossa vontade passa por uma nova "poda" e é mais uma vez entregue à morte. Se, porém, continuarmos a resistir-lhe, mais adiante sofreremos aflição maior para sermos conduzidos à sujeição.

O propósito de Deus é despojar-nos de tudo aquilo que se origina em nós mesmos. Todo crente, depois de verdadeiramente regenerado, preocupa-se em observar a vontade de Deus. Alguns chegam a prometer isso publicamente. Outros abrigam esse propósito em secreto. Para nos provar e ver até que ponto nossa promessa e propósito são sinceros, Deus nos submete a despojamentos. Leva-nos a perder bens de natureza material: saúde, fama, posição e serviço. Mais ainda. Chega a fazer com que sejamos privados de sentimentos de regozijo, de desejo ardente, da presença e do conforto de Deus. Ele quer mostrar-nos que devemos renunciar a tudo, menos à vontade dele. Se for da vontade de Deus, devemos estar dispostos a aceitar a dor e o sofrimento em nosso corpo físico. Temos de estar prontos, também, para suportar a aridez, as trevas e a frieza. Mesmo que ele venha a despojar-nos de tudo, até mesmo do chamado "poder espiritual", devemos aceitar. Ele quer que os seus saibam que foram salvos não para *seu próprio prazer*, mas para realizar a vontade dele. Ganhando ou perdendo, na alegria ou na tristeza, conscientes da presença ou da rejeição divinas, devemos contemplar apenas a vontade de Deus. Suponhamos que fosse a vontade dele nos rejeitar (embora isso

seja impossível), será que iríamos aceitar esse fato? Quando um pecador confia no Senhor, seu principal objetivo é ir para o céu. Isso é admissível durante aquele período *inicial*. No entanto, depois que Deus nos instrui, sabemos que chegamos a crer nele unicamente por causa da sua vontade. Se, mesmo crendo, fôssemos para o inferno, ainda assim deveríamos crer em Deus. Não nos importamos mais se ganhamos ou perdemos. Se ir para o inferno glorifica a Deus, estaremos preparados para isso. Naturalmente, damos aqui apenas um exemplo hipotético. Entretanto devemos compreender que vivemos aqui na terra não para nós mesmos, mas para fazer a vontade de Deus. Nossa maior bênção, nosso mais alto privilégio e nossa glória suprema é rejeitar a vontade corrompida da carne e do sangue, para nos unirmos à de Deus, visando à realização do desejo do coração divino. Como criaturas, não devemos estar preocupados com ganhar ou perder, gloriarmos ou nos envergonharmos, com a alegria ou com a dor. Não importa o quanto iremos nos humilhar, se isso satisfaz o Altíssimo. Essa é a única maneira pela qual nos unimos a Deus!

DUAS OPERAÇÕES

Para que possamos nos unir com Deus através da vontade, ele realiza duas operações em nós. Primeiro, sujeita nossa vontade. Depois, subjuga a essência dela. Na maioria das vezes, nossa vontade só se submete ao Senhor em algumas questões especiais. Apesar disso, pensamos que lhe obedecemos plenamente. Lá no íntimo, porém, temos uma inclinação secreta para a desobediência que aflora sempre que há oportunidade. O propósito de Deus não é apenas controlar nossa vontade. Ele quer também esmagar essa inclinação interior, de tal modo que sua natureza se mostre transformada. A rigor, uma vontade submissa é diferente de uma vontade harmoniosa. A submissão tem a ver com os atos que praticamos, enquanto a harmonia diz respeito à vida, à natureza e à inclinação da vontade. A submissão de um servo se revela na execução das ordens do seu senhor. Já o filho, que conhece o coração do pai, e cuja vontade está em sintonia com a vontade dele, não só cumpre suas obrigações, mas cumpre-as *com prazer*. A vontade submissa controla as ações. A vontade harmoniosa, além de controlar as ações, possui também um coração unido com Deus. Somente aqueles que se acham em harmonia com ele conseguem realmente conhecer o coração divino. Aquele cuja vontade não se encontra em perfeita harmonia com a vontade de Deus, ainda não chegou ao ápice da vida espiritual. Ser submisso ao Senhor realmente é bom. Contudo só chegamos à plena sintonia com ele quando a graça divina domina nossa vida natural por inteiro. Na verdade, a união de vontades é o auge do nosso caminhar espiritual. Muitos crentes às vezes pensam que já submeteram totalmente sua vontade a Deus, quando, na verdade, não o fizeram. No

momento da tentação e da prova, descubram que ter uma vontade submissa não é o mesmo que ter uma vontade em harmonia com Deus. Percebemos que ausência de resistência não significa necessariamente ausência de vontade própria. Quem é que não se preocupa em ter algum ganho, ou não guarda um pouco para si mesmo? Quem é que não deseja ouro e prata, honra, liberdade, alegria, vantagem, posição ou qualquer outro bem? Podemos até pensar que não nos importamos nem um pouco com esses valores. Enquanto os possuímos, podemos até não ter consciência do domínio que eles exercem sobre nós. Entretanto, assim que sentimos que corremos o risco de perdê-los, descobrimos o quanto desejamos conservá-los. Uma vontade submissa pode concordar com a vontade de Deus em muitas ocasiões, mas sempre há um dia em que temos de enfrentar uma luta ferrenha entre a nossa vontade própria e a de Deus. E se a graça divina não realizar uma obra mais completa em nós, dificilmente venceremos.

A conclusão óbvia, a partir daí, é que não podemos achar que uma vontade submissa seja a perfeição desejada. Embora ela esteja quebrantada e destituída de forças para resistir a Deus, ainda precisa estar em harmonia com ele. Obviamente, temos de reconhecer que chegar ao ponto de não termos forças para resistir a Deus já é fruto de sua maravilhosa graça. Costumamos dizer que uma vontade submissa já está morta. Todavia, estritamente falando, ela ainda possui um fio de vida que não foi quebrado. Continua a existir nela uma inclinação secreta, uma admiração oculta pelo antigo modo de viver. É por isso que há ocasiões em que ela obedece ao Senhor com menos alegria, menos entusiasmo e menor diligência. Apesar de obedecer à vontade de Deus, permanece ainda uma diferença de gosto que se manifesta em diversas situações. Se a essência do ego tivesse sido inteiramente aniquilada, nossa atitude para com a vontade de Deus seria *exatamente a mesma* em qualquer situação. Qualquer variação na prontidão, no sentimento e no esforço para obedecer revela que não há perfeita harmonia entre nossa vontade e a de Deus.

Bons exemplos dessas duas condições da vontade são a mulher de Ló, os israelitas e o profeta Balaão. Podemos dizer que, quando a esposa de Ló saiu de Sodoma, quando os israelitas deixaram o Egito, e quando Balaão abençoou a Israel, estavam obedecendo à vontade de Deus. Todos foram submissos ao Senhor, e não seguiram sua própria opinião. Mesmo assim, sua inclinação interior não se achava em harmonia com ele. Por isso, terminaram em fracasso. Muitas vezes, a direção dos nossos passos é correta, mas, lá no fundo, nosso coração não está em harmonia com Deus. Assim, acabaremos fracassando.

O CAMINHO PARA A VITÓRIA

Deus não pode nos obedecer. Ele é quem quer nossa obediência a ele, isto é, à sua vontade. E nenhuma outra atitude, por mais nobre, importante e indispensável que seja pode substituir essa obediência. O que ele deseja é que façamos sua vontade. Ele mesmo a faz e exige que a façamos também. Sempre que o ego do homem está presente, Deus só vê corrupção. Os atos que praticamos sob a direção do Espírito Santo são bons e proveitosos. Os mesmos atos praticados só pelo homem têm seu valor grandemente reduzido. Em consequência, o ponto cardeal de tudo não é a intenção do homem nem a natureza das coisas, mas simplesmente a vontade de Deus. Esse é o primeiro ponto que devemos ter em mente.

Vejamos agora como a vontade do homem pode entrar em sintonia com a de Deus. Como é que podemos tirar a vontade própria do centro de nossa vida, colocando em seu lugar a de Deus? Tudo gira em torno da vida natural. Quanto mais inflexíveis formos com respeito ao controle de nossa alma, maior será nossa união com Deus. E o que mais impede essa união é a energia da alma. Quanto mais esmagarmos a vitalidade de nossa alma, mais nossa vontade se centralizará em Deus. Nossa nova vida nos inclina em direção a ele, mas o velho modo de ser da alma a sufoca. O que temos a fazer para chegarmos ao ápice da espiritualidade é abandonar a natureza própria da alma, deixando-a morrer.

O homem sem Deus está perdido e qualquer coisa fora de Deus é vã. Tudo o que está fora de Deus provém da carne. Qualquer força ou pensamento que não seja do Senhor constitui maldição. Devemos negar nossa própria força e também nossos prazeres. Temos de negar-nos a nós mesmos por completo, em todas as dimensões de nossa vida. Não podemos fazer nada por nós mesmos, mas temos de confiar em Deus, em qualquer circunstância. Precisamos avançar passo a passo, seguindo o caminho de Deus, esperando o tempo dele e satisfazendo as condições divinas. Devemos receber voluntariamente a força, a sabedoria, a justiça e a obra que Deus nos dá. Reconheçamos o Senhor como a fonte de todas as coisas. Assim, alcançaremos a harmonia desejada.

Isso é realmente a "porta estreita", o "caminho apertado". Ela é apertada e difícil porque a vontade de Deus deve ser o padrão para cada passo. Existe apenas uma regra: não dar lugar ao ego. Qualquer desobediência aí nos afasta do caminho. Contudo é possível obedecer. A medida que quebramos os hábitos, gostos, desejos e anseios da alma, sua natureza própria se desfaz e cessa nossa resistência ao Senhor. Como é lamentável que tantos cristãos nunca tenham passado por essa porta, nem trilhado esse caminho! Outros já entraram, mas não prosseguiram andando pacientemente. Esse período difícil pode ser longo ou curto, mas só

ele é o caminho da vida. Essa é a porta e o caminho de Deus. Ele é verdadeiro e seguro. Todo aquele que valoriza a vida abundante tem de andar constantemente nesse caminho.



A PASSIVIDADE E SEUS PERIGOS

"O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento." (Os 4.6.) Com certeza, essas palavras se aplicam aos nossos dias. De um modo geral, os cristãos, hoje, carecem de dois tipos de conhecimento: o das condições necessárias à operação dos espíritos malignos e o do princípio da vida espiritual. Essa ignorância concede a Satanás e a suas hostes uma tremenda vantagem, que tem trazido grandes danos à igreja de Deus. Os cristãos vivem a gabar-se de que conhecem a Bíblia e das muitas experiências que têm. Entretanto a insensatez prevalece. Isso entristece nosso coração. Eles não reconhecem que muito do seu pretenso conhecimento nada mais é que raciocínio humano, totalmente destituído de valor. Desconhecem quase que totalmente o que seja ter humildade diante do Senhor e ansiedade de buscar a revelação das verdades de Deus. Enquanto se gloriam da riqueza do seu conhecimento, afundam-se numa areia movediça da qual não podem sair nem livrar os outros. É uma visão verdadeiramente terrível.

A LEI DE CAUSA E EFEITO

Existe uma lei para todo ser criado. Todas as nossas ações são governadas por leis. Por isso, os espíritos malignos também operam segundo leis definidas. Uma delas diz que toda causa produz um efeito correspondente. Ora, se alguém criar as condições adequadas para a operação dos espíritos malignos (de modo voluntário, como os feiticeiros, os médiuns e os adivinhadores; ou involuntário, como os cristãos), estes certamente vão ocupar o terreno dado a eles e exercer ali a sua influência. Observemos aqui a lei de causa e efeito. O fogo queima, a água afoga. Existem aí duas leis: ninguém escapa de queimar-se, se cair no fogo; nem de afogar-se, se cair na água. De igual modo, quem satisfizer os requisitos para a operação dos espíritos malignos sofrerá os males que eles provocam. A mesma lei de causa e efeito vigora aqui. Isso acontece com crentes e não-crentes. Havendo condições para a atuação dos espíritos malignos, eles jamais deixam de agir. Se um cristão cair no fogo, não pode evitar as queimaduras; se cair na água, não pode evitar o afogamento. Da mesma maneira, se, por ignorância, der lugar à ação dos espíritos malignos, não poderá esca-

par do perigo de ser ferido. O fogo queima tudo que encontrar; a água afoga todos que nela forem submersos; os espíritos malignos atacam todos os que lhes derem lugar. Ninguém escapa, nem mesmo aquele que é filho de Deus. Se um crente der lugar ao inimigo, este não hesitará em atacá-lo. Quais são, então, as condições para a operação do inimigo? O que é que facilita sua operação? Essa é a questão crucial. A Bíblia caracteriza tais condições como dar *lugar* (Ef 4.27) ou *oportunidade*. Podemos entender também como ceder *terreno*. Isso designa qualquer porção de espaço *vazio* que o homem delimita para os espíritos malignos. Esse lugar ou terreno constitui a base de operação deles. A extensão da invasão é determinada pelo tamanho da base de apoio. Os espíritos malignos começam a penetrar em qualquer homem, ímpio ou cristão, tão logo consigam uma base de apoio. Podemos chamar de *terreno* tudo o que lhes proporciona uma oportunidade ou base de apoio através da qual eles atacam ou invadem. Se alguém ceder terreno, a invasão será inevitável. Uma causa determinada produz sempre o efeito correspondente. O cristão que cede terreno aos espíritos malignos, e ainda assim imagina que não será atacado, já caiu no engano do inimigo.

Falando de modo simples, *o terreno que o crente fornece aos maus espíritos é o pecado*. O pecado constitui o modo como damos terreno para eles. Abrigar um pecado no coração significa abrigar também os espíritos malignos que se escondem por trás dele. Todo pecado fornece território a esses espíritos. Existem dois tipos de pecado: o positivo e o negativo. Os pecados positivos são os maus atos que alguém comete. Suas mãos realizam más ações, seus olhos contemplam cenas malignas, seus ouvidos ouvem notícias ímpias e sua boca pronuncia palavras impuras. Essas práticas oferecem oportunidade aos espíritos malignos para que agarrem as mãos, os olhos, os ouvidos e a boca dos crentes. Pecar através de qualquer desses órgãos equivale a convidar o inimigo para vir e ocupá-lo. Então, quando a ocupação brota do *pecado*, o filho de Deus precisa decididamente abandonar esse erro, a fim de recuperar o território perdido. Caso contrário,

os espíritos malignos irão gradualmente aumentando seu domínio, até que a pessoa seja tomada por completo. *Alguns crentes aceitam sua própria morte na cruz, mas encontram dificuldade em abandonar o pecado que tenazmente os assedia. A explicação é esta: além do problema da "carne", existe também o ataque sobrenatural das potestades malignas.*

O pecado positivo, que dá oportunidade à operação dos espíritos malignos, é bem conhecido da maior parte dos cristãos. Por isso, não vamos estender esses comentários. Focalizaremos nossa atenção agora no segundo tipo, o *pecado negativo*, que é muito mal compreendido. Encontra-se na esfera da vontade, por isso iremos discuti-lo com detalhes.

O entendimento popular é que somente os pecados positivos podem ser considerados como tais; os negativos não são tidos como pecados. A Bíblia, no entanto, afirma que não são pecados apenas as injustiças de toda sorte que o homem *comete* através de uma ação, mas que "aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando" também (Tg 4.17). A Palavra de Deus considera pecado tanto o que o homem *comete* como o que ele *omite*. O pecado concede base de apoio ou terreno para a obra dos espíritos malignos. E tanto o pecado positivo como o negativo, isto é, o pecado de omissão, oferecem terreno para a atuação desses espíritos.

O pecado de omissão, que oferece terreno aos espíritos malignos, é a passividade do crente. A não utilização ou a má utilização de qualquer das partes do nosso ser constitui pecado aos olhos de Deus. O Senhor nos capacita com habilidades de todo tipo, e temos de usá-las. Se alguém não usa qualquer dos seus talentos, permitindo que ele seja enterrado na inércia, está dando ocasião ao diabo e às suas hostes para usá-lo em seu lugar. Esse é o terreno para suas operações sinistras. Os cristãos sabem que o pecado dá condição para o ataque do inimigo. No entanto muitos deles não sabem que a passividade também é pecado, e dá ao maligno condições para atacá-los. Depois que se dá lugar a ela, torna-se inevitável a penetração do inimigo, seguindo-se o sofrimento de modo natural.

PASSIVIDADE

A primeira causa da invasão do inimigo entre os "pagãos" e também entre os cristãos carnais é o pecado de liberado. Já "a principal causa de engano... nos crentes que se renderam a Deus pode ser resumida em uma só palavra: passividade, isto é, *a cessação do exercício ativo da vontade no controle do espírito, da alma e do corpo, ou de apenas um deles*". O órgão da vontade pára de fazer escolhas e de tomar decisões sobre assuntos que lhe dizem respeito. "A palavra *passividade* descreve simplesmente a condição oposta à atividade. Na experiência do crente, ela significa: (1) perda do controle

próprio - no sentido de que a pessoa mesmo deixa de controlar todas as áreas do seu ser; (2) perda da vontade livre - no sentido de que a própria pessoa deixa de exercer sua vontade como o princípio orientador do controle pessoal, em harmonia com a vontade de Deus."* A passividade de um cristão brota da não utilização dos seus vários talentos. Ele tem boca, mas recusa-se a falar, porque espera que o Espírito Santo fale através dele. Tem mãos, mas não as usa, pois aguarda que Deus o faça. Ele não utiliza nenhuma parte do seu ser, mas espera que o Senhor o mova. Considera-se plenamente entregue a Deus, por isso não *usa* mais nenhuma parte do seu ser. Aí ele cai numa inércia que abre o caminho para o engano e a invasão maligna.

Depois de aceitar a doutrina de sua união com a vontade de Deus, os cristãos geralmente desenvolvem um conceito errado sobre o significado dessa união. Entendem que isso significa obedecer a Deus passivamente, o que é um erro. Pensam que devem anular sua vontade própria, tornando-se marionetes. Afirmando que não devem mais fazer uso da vontade, e que esta não deve exercer controle sobre nenhuma parte do seu corpo. Não decidem nada, nem executam mais sua vontade. A princípio, parece uma grande vitória, pois, de modo maravilhoso, "a pessoa de *vontade forte* se torna repentinamente submissa" (Penn-Lewis, WOTS, 73). Ela se torna fraca como a água. Não tem nenhuma opinião sobre nada. Obedece cegamente às ordens. Não exercita a mente, nem a vontade, nem mesmo a consciência para distinguir entre o bem e o mal, pois é uma pessoa de obediência perfeita. Só se move quando é movida. Isso é uma condição perfeita (e um convite também) para o inimigo entrar.

Quando cai nesse estado de inércia, o cristão cessa toda atividade. Na verdade, ele está o tempo todo esperando passivamente que uma força externa venha ativá-lo. E a menos que essa força o impulsione a mover-se, ele permanecerá inerte. Se ele permanecer nessa situação durante algum tempo, descobrirá que, por vezes, não vai conseguir atuar, mesmo querendo, porque a força externa não está operando sobre ele. Além do mais, descobre que mesmo quando quiser agir será incapaz de fazê-lo. Sem aquele poder exterior, ele não pode dar nem um passo sequer. Sua vontade é sufocada e ele está amarrado; só pode mover-se depois que a força estranha vier movê-lo.

A INSENSATEZ DO CRENTE

Muitos crentes insistem em considerar seu estado de inatividade como verdadeira obediência a Deus e perfeita união com a vontade divina. Os espíritos malignos tiram vantagem desse posicionamento para realizar seus desígnios. Esses irmãos não entendem que Deus jamais exige passividade; são as potestades das trevas que os mantêm nesse estado. Além do mais,

Deus quer que exercitemos nossa vontade ativamente para cooperarmos com ele. Ele revela isso através de diversas passagens das Escrituras: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina..." (Jo 7.17), e "pedireis o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7). Deus nunca desconsidera a nossa vontade.

Nós, seres humanos, desfrutamos de uma vontade livre. Deus nunca usurpa essa vontade. Ele espera nossa obediência, mas ao mesmo tempo respeita nossa personalidade (observe que a palavra "personalidade", conforme empregamos neste livro, tem sempre em vista a pessoa do homem e não seu caráter). Deus deseja que queiramos o que ele também quer. Ele não usurpa nosso querer, reduzindo nossa vontade a uma inatividade mortal. Ele precisa da nossa cooperação mais positiva. Seu prazer se realiza quando a criatura alcança o ápice, isto é, a perfeita liberdade da vontade. Na criação, Deus concedeu ao homem uma vontade sem grilhões. Na redenção, ele recuperou essa vontade. Visto que ele não nos *criou* para prestar-lhe uma obediência mecânica, como é que poderia esperar que o homem *redimido* fosse um autômato, agindo sob a direção divina, por controle remoto? A grandeza de Deus certamente se manifesta no fato de ele não exigir que, para sermos obedientes, tenhamos de nos tornar como um pedaço de madeira ou uma pedra. Seu plano consiste em fazer-nos obedecer-lhe voluntariamente, pela operação do seu Espírito em nosso espírito. Ele se recusa a querer em nosso lugar.

Em suma, a *lei* que governa a operação de Deus no homem é exatamente a mesma que governa a operação de Satanás. Deus se deleita em ver o homem com a vontade livre, por isso o criou com essa capacidade. Isso significa que a humanidade tem o poder de escolher e decidir acerca de qualquer assunto a ela relacionado. Embora Deus seja o Senhor de todo o universo, ele se autolimita, para não usurpar a vontade livre do homem. Ele nunca força o homem a ser-lhe leal. Satanás, do mesmo modo, não tem como usurpar nenhuma faculdade do homem sem o *consentimento* deste, de modo consciente ou não. Tanto Deus quanto o diabo, antes de atuar no homem, precisam convencê-lo a dar-lhes permissão para isso. Quando o homem "deseja" o bem, Deus o realiza; quando ele "deseja" o mal, os espíritos malignos o realizam. Foi isso que vimos no jardim do Éden.

Antes da regeneração, a vontade do homem estava escravizada a Satanás; logo, não era livre. Em um cristão regenerado e vencedor, a vontade é livre e, portanto, capaz de optar pelo que é de Deus. Como Satanás jamais desiste, usa de inúmeras maneiras para recapturá-lo. Ele sabe muito bem que nunca vai conseguir essa permissão de modo explícito. Por isso, usa ardis para obtê-la. Satanás precisa da permissão do

crente, mas este jamais vai dá-la. O diabo, então, passa a valer-se do engano para obter esse consentimento. Os espíritos malignos não podem entrar no homem sem a permissão da vontade humana, e só podem ir até onde sua vontade consentir.

Se conhecermos o princípio da vida espiritual, e também as condições para a atuação dos espíritos malignos, não correremos esse perigo. Muitas vezes, os crentes demonstram uma falta de consciência, tanto da vantagem que o adversário leva devido à sua inércia, quanto da necessidade de ter uma vontade ativa cooperando com Deus. Essa ausência de consciência é que torna passiva a sua vontade. Contudo temos de nos lembrar sempre de que Deus nunca força sua vontade sobre o homem. E o próprio homem que tem de ser responsável pelo que faz. Deus não decide por ele.

Se os espíritos malignos não estão operando em algumas pessoas passivas, isso se dá provavelmente porque na realidade essa passividade não passa de preguiça ou de inatividade. Quando não há a atuação do espírito maligno, as pessoas *podem* tornar-se ativas a qualquer momento. Contudo, se se afundarem na passividade a ponto de serem dominadas, não poderão se tornar ativas, mesmo que o *queiram*.

É aqui, pois, que vemos o contraste entre a operação de Deus e a de Satanás. Embora o Senhor queira que o homem se submeta inteiramente a ele, seu desejo é que o ser humano use também os talentos que possui, em cooperação com o Espírito Santo. Satanás, por outro lado, exige que a vontade do homem cesse por completo, a fim de que seus demônios atuem por ele. O contraste é realmente sério. Deus convida o homem a optar pela vontade divina de modo ativo, consciente e voluntário, a fim de que seu espírito, alma e corpo sejam livres. Satanás força-o a ser seu escravo passivo e cativo. Deus determina que o homem seja autônomo e livre para ser seu próprio senhor. Satanás força o homem a ser sua marionete, totalmente manipulado por ele. Deus não exige que o homem cesse suas atividades para que possa operar nele. Satanás manda que o homem seja totalmente passivo e inativo. Deus pede ao homem para atuar em cooperação com ele conscientemente. Satanás ordena ao homem que lhe obedeça passivamente. É verdade que Deus requer do homem que cesse todas as suas atividades pecaminosas, pois sem isso ele não pode cooperar com o Espírito Santo. Satanás, porém, exige que ele cesse com *todas* as suas atividades, incluindo as da alma, a fim de que seus asseclas possam atuar pelo homem. Assim, Satanás reduz o ser humano a uma simples peça de máquina, sem nenhuma responsabilidade consciente.

E triste perceber que os cristãos ignoram que Deus vive neles e que desconhecem o princípio da operação divina na vida deles. Acham que o Senhor quer que

sejam como peões num jogo de xadrez, para dirigi-los de acordo com seu agrado. Entendem que devem ser absolutamente passivos, sem nenhum poder de escolha e decisão, sendo dirigidos por Deus de modo simples e insensível. Esquecem que, no princípio, quando Deus criou o homem, ele o dotou de uma vontade livre. Obviamente, Deus não se agrada se o homem deseje algo fora dele, mas também não fica satisfeito se tivermos de obedecer-lhe mecânica e inconscientemente. Ele fica satisfeito quando queremos o que ele quer, mas nunca deseja que nos tornemos seres destituídos de vontade. Os *próprios* crentes devem executar muitos atos. Deus não os fará em nosso lugar. Alguns ensinam que devemos entregar tudo ao Senhor e deixar que ele tudo realize em nosso lugar. Dizem que não devemos levantar as mãos nem mover os pés; que devemos nos entregar inteiramente ao Espírito Santo, que habita em nós, para que ele faça tudo por nós. Afirmam que devemos permitir que Deus nos mova. Concordamos que existe alguma verdade em tal ensino, mas o erro contido nele talvez seja mais poderoso do que a verdade. (Voltaremos a essa questão no próximo capítulo.)

OS PERIGOS

Na sua ignorância, o cristão pode ser enganado pelas potestades das trevas, caindo na armadilha de Satanás e criando condições para a atuação dele. Observemos a ordem desse processo, pois é extremamente importante: (1) ignorância, (2) engano, (3) passividade e (4) entrincheiramento. A ignorância é a causa principal desse processo. Satanás consegue enganar os crentes porque estes desconhecem as exigências do Espírito Santo e o princípio da operação satânica. Se os cristãos procurassem aprender a cooperar com Deus, e a saber qual a maneira como ele age, nunca aceitariam o engano de Satanás. Contudo, como estão enganados, imaginam que devem permanecer passivos, a fim de que o Senhor possa viver e operar por meio deles. Dessa forma, aceitam como sendo de Deus muitas das manifestações sobrenaturais dos espíritos malignos. Depois o engano se aprofunda ainda mais, e o inimigo se entrincheira neles em condições alarmantes.

Cria-se, então, um círculo vicioso. Toda vez que o crente cede terreno, os espíritos malignos têm a porta aberta para entrar. Depois que eles entram, manifestam-se através de inúmeras atividades. Se o crente interpretar mal essas atividades, não sabendo que elas se originam do diabo, cederá ainda mais espaço aos espíritos malignos, pois acreditou em suas mentiras. Esse círculo continua girando. Com isso, a invasão aumenta, a cada dia. Quando alguém entra num estado de passividade, fornecendo assim uma base para os espíritos malignos, os perigos podem se multiplicar facilmente.

Se alguém cai na inércia, deixando de tomar as

próprias decisões, aceita passivamente qualquer situação. Nessas condições, o crente presume que agora é Deus quem está decidindo por ele. Acha que o Senhor só exige dele, portanto, uma submissão passiva. Tudo que lhe acontece é desígnio de Deus e provém dele; é a vontade divina, que ele tem de aceitar com resignação. Logo o crente perde a capacidade de optar. Não inicia nada nem toma decisões a respeito do que é de sua responsabilidade. Além do mais, fica temeroso de expor suas idéias e mais relutante em expressar sua opinião. Assim, os outros devem optar e decidir por ele. Tal vítima do inimigo é como uma planta marinha à deriva nas ondas do oceano. Espera que os outros decidam por ele, ou então que as circunstâncias sejam tais que haja apenas um caminho a seguir, aliviando-o do peso de tomar uma decisão. Parece feliz quando é forçado a fazer alguma coisa, pois isso o resguarda da ansiedade causada pela indecisão. Prefere ser guiado pelas circunstâncias a ter liberdade para escolhê-las. Para ele, é muito desgastante ter de tomar uma decisão.

Em tal estado de inércia, decidir sobre qualquer questão, ainda que simples, é uma tarefa difícilíssima! A vítima busca ajuda por toda parte. Sente-se bastante constrangida por não saber lidar com os problemas do dia-a-dia. Parece ter grande dificuldade em compreender o que os outros lhe dizem. Nesse estado, é extremamente doloroso ter de lembrar-se de algo.

Tomar uma decisão é uma agonia. Analisar uma tarefa passa a ser um terror. Sua vontade inerte é impotente para arcar com uma responsabilidade tão pesada. Por causa de sua enorme fraqueza, a pessoa sente-se compelida a esperar auxílio das circunstâncias ou dos outros. Quando alguém lhe presta ajuda, regozija-se por isso, mas ao mesmo tempo se ressentido, pois percebe que perdeu sua vontade. Quem pode avaliar o número de horas perdidas à espera de uma ajuda externa? Em hipótese alguma, porém, devemos imaginar que esse crente passivo não goste de trabalhar. Quando uma força externa o impulsiona, ele se mostra operoso. Contudo, logo que passa a compulsão, ele pára bem no meio do trabalho, sentindo-se sem forças para prosseguir. Percebemos que uma pessoa está com a vontade passiva quando ela deixa inúmeras tarefas inacabadas.

Como esse estado de inatividade deve ser inconveniente! O crente passa a depender muito de lembretes. Tem de falar em voz alta para concentrar-se. Vê-se obrigado a criar centenas de *muletas* para apoiar-se. Seus sentidos vão se tornando gradualmente embotados. Afinal, de modo inconsciente, ele desenvolve numerosas peculiaridades e hábitos esquisitos, tais como não olhar direto para aqueles com quem conversa, andar curvado, usar pouco a mente em qualquer atividade, prestar atenção demasiada às necessidades

físicas ou aplicar excessiva repressão às exigências do corpo, e assim por diante.

Devido à insensatez, esse crente não percebe que todos esses sintomas são consequência da passividade e da presença dos espíritos malignos. Pelo contrário, supõe que isso tudo seja apenas o resultado de suas fraquezas naturais. Ele procura se consolar dizendo que tais condições não chegam a surpreender, já que não possui os dons e capacidade dos outros. Não consegue discernir as mentiras dos espíritos malignos, deixando-se enganar cada vez mais. Não ousa realizar tarefa nenhuma, nem fazer nenhum trabalho, por estar temeroso, nervoso e calado, com a mente embotada ou com o corpo enfraquecido. Nunca procurou saber por que os outros crentes conseguem se sair melhor que ele. Às vezes, algumas pessoas bem menos talentosas que ele conseguem fazer muito mais. E ele mesmo já teve um desempenho bem melhor. Como pode então atribuir esses sintomas à hereditariedade, ao temperamento natural e a outras causas? Saiba que isso é obra dos espíritos malignos, mesmo que não se perceba.

As potestades das trevas estão bem familiarizadas com as condições do crente, e vão provocar muitos problemas no ambiente em que ele vive, para perturbá-lo. Como ele está com a vontade passiva e sem capacidade de operar, os espíritos malignos vão conduzi-lo a uma situação em que precisará exercer a vontade, a fim de envergonhá-lo e expô-lo ao escárnio. Enquanto isso, eles fazem o que querem com a vítima, à semelhança de meninos travessos perturbando um pássaro na gaiola. Provocam muitas dificuldades, para deixar o crente esgotado. É lamentável que ele não tenha forças para opor-se e resistir a isso. E as circunstâncias vão só se agravando. Embora ele tenha autoridade para resistir aos espíritos malignos, não consegue pronunciar nem uma palavra. As potestades das trevas levaram vantagem só porque sua vítima passou da ignorância para o engano, do engano para a passividade e da passividade para os sofrimentos de um entrincheiramento profundo. Entretanto ele ainda não conseguiu discernir que essa situação não provém de Deus, por isso continua em sua aceitação passiva.

Quando o cristão cai a esse nível, inconscientemente *pode até mesmo buscar o auxílio desses espíritos malignos*. Como ele não consegue decidir nada por si mesmo, busca auxílio externo. Muitas vezes sofre a perturbação dos espíritos malignos, mas, mesmo assim, inocentemente, espera que eles venham ajudá-lo. E por isso que eles querem torná-lo passivo. De posse dos talentos do crente, eles podem expressar-se exercitando esses talentos. Eles gostam de exercer a vontade em lugar da pessoa, não hesitando em fazê-lo sempre que ela lhes der condições para isso. Deleitam-se em convencer suas vítimas a seguir cegamente

uma revelação exterior, sem usar o raciocínio ou a vontade. Por isso, com freqüência, operam por meio dos homens grande quantidade de fenômenos estranhos e sobrenaturais.

O cristão que desconhece o princípio da operação de Deus imagina estar sendo obediente ao *Criador* quando, na verdade, tornou-se presa do engano. Aten-temos para a advertência: "Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, des-se mesmo a quem obedecéis..." (Rm 6.16.) Se nos oferecemos a Deus apenas de boca, e na prática estamos nos sujeitando aos espíritos malignos, certamente seremos escravos destes. É verdade que somos enganados, mas também nos submetemos de modo consciente ao erro, por isso somos responsáveis pela situação. Para ter comunhão com Deus, o cristão precisa satisfazer as condições necessárias para isso. Se, ao contrário, ele preencher os requisitos para a operação dos espíritos malignos, deve saber que estes o escravizarão.

Vamos fazer uma revisão final desse processo, que termina com o entrincheiramento. Quando alguém almeja uma sensação física da presença de Deus ou outras experiências semelhantes (tais como as descritas anteriormente, nos volumes 1 e 2), pode acabar sendo enganado pelos espíritos malignos, que lhe concedem muitas sensações espúrias. Ingenuamente, ele acredita que elas provêm de Deus, entrando, por isso, num estado de passividade. Conclui que não deve se mover, pois *agora é Deus quem se moverá por ele*. Pára de agir, crendo que Deus vai atuar em seu lugar. No entanto, Deus jamais faz isso, porque quer que o homem coopere com ele ativamente. Sem querer, então, o crente cria as condições básicas para a operação dos espíritos malignos, que não hesitam em entrar e agir nele. O homem mesmo não age, Deus também não. Esses espíritos, então, agem em seu lugar. Sempre que nos conscientizamos da vontade de Deus, através da intuição do nosso espírito, todo o nosso ser deve empenhar-se em cumpri-la. Essa é uma recomendação da maior importância. O cristão não deve ser passivo.



ERRO DO CRENTE

Não devemos aceitar a errônea idéia de que só os crentes mais carnisais, degenerados e pecaminosos podem ser enganados pelos espíritos malignos. Pelo contrário, aqueles que se deixam enganar muitas vezes são cristãos totalmente dedicados, e até mais espirituais que a maioria. Esforçam-se para obedecer a Deus, e pagam qualquer preço para isso. Inadvertidamente caem na passividade por não saberem que devem cooperar com Deus, embora sejam inteiramente consagrados a ele. Já os menos interessados nas questões espirituais não enfrentam o perigo da passividade. Como alguém poderia mergulhar na inatividade, terminando por cair nas garras do inimigo, se ainda persiste em viver segundo suas próprias idéias, apesar de se dizer inteiramente consagrado? Um crente desses pode dar lugar ao inimigo em outras áreas, mas não no que diz respeito à submissão à vontade de Deus, pois não cedeu terreno passivo ao inimigo. Somente os consagrados, os que renunciam a seus próprios interesses, estão sujeitos à passividade. A vontade deles pode descambar para esse estado, por almejam ardentemente obedecer a todas as ordens.

Muitos ficam perplexos, procurando entender por que Deus não os protege. A intenção deles não é a melhor possível? Como Deus pode permitir que crentes fiéis, que o buscam, sejam enganados por espíritos malignos? Muitos vão alegar que ele deve proteger seus filhos, sejam quais forem as circunstâncias. O que eles não sabem, porém, é que para desfrutarmos da proteção de Deus devemos satisfazer determinadas condições. O Senhor não impede que os espíritos malignos operem quando alguém criou as condições para a operação deles. Isso se dá porque ele próprio é um Cumpridor da lei. O cristão, intencionalmente ou não, se entregou aos espíritos malignos. Por isso, Deus não vai impedir essas entidades de exercer controle sobre ele. Quantos acreditam que as boas intenções os protegem do engano! Mal sabem eles que as maiores vítimas de engano são exatamente os que estão cheios de boas intenções. A sinceridade não nos livra do engano, mas o *conhecimento*, sim. Se negligenciarmos os mandamentos de Deus, deixando de vigiar e orar, confiando que, por termos boas intenções, ele nos protegerá do engano, estaremos entre as vítimas dos espí-

ritos malignos. Como é que podemos esperar que Deus nos proteja, se estivermos dando as condições a esses espíritos para operarem em nós?

Inúmeros crentes acham que estão livres do engano por causa de suas freqüentes experiências espirituais. Essa autoconfiança mostra que eles já caíram no engano. Se eles não tiverem humildade suficiente para reconhecerem que podem ser ludibriados, continuarão sendo, indefinidamente. Livrar-se do engano não é uma questão de vida nem de intenção, mas de conhecimento. Dificilmente, o Espírito Santo vai mostrar a verdade a um crente que tenha absorvido muitos ensinamentos infundados nos primeiros estágios de sua experiência cristã. E os outros crentes, também, vão ter muita dificuldade para dar a orientação necessária a alguém que já tenha aceito uma interpretação preconceituosa das Escrituras. Essa falsa segurança é perigosa, porque permite que os espíritos malignos operem ou continuem operando.

Já vimos como a ignorância causa a passividade, e esta, o entrincheiramento. Essa última condição não ocorreria se o cristão estivesse devidamente instruído. Na verdade, a passividade é uma obediência ou uma consagração *equivocada*. Pode-se dizer, ainda, que é uma obediência ou uma consagração *excessiva*. Se o crente soubesse que os espíritos malignos exigem a inércia do homem para poder operar, não se permitiria cair na passividade. Se soubesse que Deus, para operar, não reduz o homem a um simples autômato, não ficaria passivo esperando que ele o movesse. O trágico estado em que muitos santos se encontram hoje é consequência da ignorância.

Sem os conhecimentos necessários, não poderemos distinguir a operação de Deus da atuação de Satanás. Precisamos conhecer o princípio da operação divina, e também as condições para a operação satânica. Quem possui esses conhecimentos está se protegendo das potestades das trevas. É por meio da mentira que Satanás ataca o crente, por isso devemos enfrentá-lo com a verdade. Ele quer manter-nos nas trevas, por isso devemos resistir-lhe com a luz. O princípio que rege a operação do Espírito Santo é um; o dos espíritos malignos, outro. Os dois são completamente antagônicos,

e não podemos nos esquecer disso. Lembremo-nos, também, de que cada um opera *de acordo com seu princípio*. Embora os espíritos malignos sejam peritos nas mais variadas formas de camuflagem, seu princípio de operação é sempre o mesmo. Examinando os princípios que operam em nosso interior, podemos saber o que é do Espírito Santo e o que é dos espíritos malignos, pois cada um opera de acordo com o seu princípio.

Consideremos, agora, mais detalhadamente, vários conceitos errôneos que os cristãos costumam aceitar.

UMA NOÇÃO ERRADA A RESPEITO DO ESTAR MORTO JUNTAMENTE COM CRISTO

As condições para a passividade do crente podem ocorrer através de uma interpretação errada da "morte com Cristo". Paulo diz: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim." (Gl 2.19,20.) Há quem diga que essas palavras ensinam a despersonalização. Quem crê assim considera que o ápice da vida espiritual é a "perda de personalidade, a ausência de vontade, do autocontrole e a rendição do seu 'eu', que assume uma condição de *obediência* mecânica e automática, à semelhança de uma máquina" (Penn-Lewis, WOTS, 86 - citação bibliográfica completa no capítulo anterior). Acham que daí em diante não podem abrigar nenhum sentimento. Pelo contrário, devem renunciar a toda consciência de desejo, de interesse e de gosto pessoal. Acreditam que devem buscar a autonegação, reduzindo-se à condição de cadáver, anulando, assim, a personalidade por completo. Equivocadamente entendem que Deus requer deles essa despersonalização, auto-renúncia e auto-aniquilação, para que não tenham mais consciência de si mesmos nem de suas necessidades, apenas do mover e da operação de Deus em sua vida. Erradamente entendem que estar "morto para o eu" significa ausência de autoconsciência. Por isso, continuamente, entregam a autoconsciência ao vazio, buscando não sentir nada, a não ser a presença de Deus. Dominados por esses conceitos errôneos, imaginam que devem praticar a morte. Sempre que se tornam conscientes do "ego", ou têm consciência de desejos, de carências, necessidades, interesses ou de preferências pessoais, eles os entregam à morte com determinação.

O argumento dessas pessoas é este:

"Fui crucificado com Cristo, logo o eu não mais existe. E se Cristo vive em mim, então o eu não vive mais. Já que o eu morreu, então devo praticar a morte, isto é, não posso abrigar nenhum pensamento ou sentimento. Cristo está vivo dentro de mim, por isso ele pensará e sentirá em meu lugar. Minha personalidade

deve ser aniquilada, por isso vou obedecer a Deus passivamente, permitindo que ele pense e sinta por mim."

Infelizmente, essas pessoas ignoram o que Paulo disse mais sobre "a vida que agora vivo na carne". O apóstolo "morreu", mas ao mesmo tempo não morreu! Esse "eu" foi crucificado; não obstante, o "eu" ainda vive na carne. Paulo, depois de ter passado pela cruz, declara ainda de si mesmo: "Agora (eu) vivo!"

Aqui está a confirmação de que a cruz não aniquila o nosso "eu"; ele continua existindo para sempre. Sou "eu" quem irá um dia para o céu. Como pode a salvação *me* beneficiar se é outro que vai em meu lugar? Quando aceitamos a morte juntamente com Cristo, morremos para o pecado e também entregamos à morte a vitalidade própria de nossa alma. Mesmo que nossa alma seja excelente, justa e virtuosa, nós entregamos sua vitalidade à morte. Esse é o verdadeiro significado dessa aceitação. O Senhor nos convida a negar o desejo de viver pelo nosso poder natural e a vivermos por ele mesmo, dependendo sempre de sua vitalidade para suprir cada uma de nossas necessidades. Isso de modo nenhum implica que devemos desprezar nossas várias faculdades, acomodando-nos à passividade. Pelo contrário; andar com Deus requer o exercício diário da nossa vontade, de maneira ativa, consistente e cheia de fé, para negarmos a nossa própria energia natural, e nos apropriarmos da energia divina. Do mesmo modo que a morte do corpo físico hoje não significa aniquilação, nem a morte no lago de fogo sugere extermínio, a morte juntamente com Cristo, em espírito, não pode significar despersonalização. O homem deve continuar existindo como pessoa; sua vontade deve prosseguir. Só sua vida natural é que deve morrer. É isso que as Escrituras Sagradas ensinam.

As conseqüências de se acreditar nesse engano são: (1) o crente deixa de ser ativo; (2) Deus não pode usá-lo, porque ele violou o princípio divino de operação; (3) os espíritos malignos aproveitam a oportunidade para invadi-lo, pois ele involuntariamente cumpriu os requisitos para a operação deles. Devido à sua má interpretação da verdade, e à sua prática da morte, ele se torna uma ferramenta do inimigo, que se fez passar por Deus. É lamentável que o entendimento equivocado da verdade contida em Gálatas 2 tenha sido, em muitos casos, o prelúdio do engano.

Depois dessa "morte", o indivíduo fica privado de qualquer sentimento. Ele não pode sentir por si mesmo, nem pelos outros. Quem está ao seu redor tem a impressão de que ele se acha totalmente destituído de sentimentos, como se fosse de ferro ou de pedra. Não é capaz de sentir o sofrimento alheio, nem tampouco percebe o sofrimento que ele mesmo já causou aos outros. Perde a capacidade de sentir, de distinguir e de

discernir, tanto o que se passa dentro dele, como o que acontece à sua volta. Não tem consciência de seu modo de agir, nem de suas atitudes e ações. Fala e age sem exercitar a vontade. Não sabe de onde brotam suas palavras, pensamentos e sentimentos, que fluem como um rio, apesar de não ter tomado nenhuma decisão por sua própria vontade. Todas as suas ações são mecânicas, e ele ignora a origem delas. Não passa de um ser impulsionado por uma força estranha. Apesar de inconscientes do próprio ego, essas pessoas são bastante sensíveis ao tratamento que os outros lhes dispensam, o que é bastante esquisito. Apresenta tendência a ter mal-entendidos e, em consequência, ao sofrimento. Essa "inconsciência" constitui a condição básica para a invasão do inimigo, e também as consequências dela. É que assim os espíritos malignos tornam-se capazes de operar, de atacar, sugerir, pensar, pressionar ou abafar, sem a menor resistência do crente, que desconhece completamente as circunstâncias. Por conseguinte, devemos ter em mente que o que se costuma chamar de "morte do ego" significa, em essência, a morte da vida, da energia, do exercício e da atividade do ego. De modo algum, ela significa a morte da personalidade. Não devemos nos despersonalizar, fazendo desaparecer nossa personalidade. Precisamos fazer distinção entre esses dois eventos. Quando dizemos "sem ego", queremos dizer sem nenhuma atividade do ego, e não sem a existência dele! Se o cristão aceita a interpretação que admite a perda da personalidade, recusando-se a pensar, a sentir e a agir, viverá como que sonhando. Embora se imagine verdadeiramente morto, totalmente destituído do ego e extremamente espiritual, sua consagração não é para Deus, e sim para os espíritos malignos.

A OPERAÇÃO DE DEUS

Outro texto que muitas vezes é mal interpretado é Filipenses 2.13: "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Para alguns, essa passagem parece dizer que o Senhor realiza tanto o querer como o realizar, isto é, Deus coloca em seus filhos o que ele mesmo quer e efetua. Como é Deus quem quer e quem opera no lugar deles, eles mesmos já não precisam fazer isso. Esses crentes se vêem como uma espécie de criatura superior, não tendo necessidade de querer nem de operar, já que Deus o faz por eles. E como um brinquedo mecânico que não exercita nenhuma responsabilidade própria de querer e de realizar. Esses crentes não vêem que a verdadeira essência desse versículo é que Deus opera em nós até onde estamos dispostos a querer e realizar. Ele só vai até esse ponto e nada mais. Ele nunca realiza o querer e o efetuar em lugar do homem. Apenas se empenha em levá-lo à condição em que está disposto a querer e fazer sua maravilhosa vontade.

E o próprio homem quem deve realizar o querer e o efetuar. O apóstolo Paulo ensina claramente: "*em vós tanto o querer como o realizar*". Não é Deus quem quer e realiza, mas *nós*. Nossa personalidade continua existindo, logo, a responsabilidade é nossa. Portanto devemos querer e agir. Deus, na verdade, está operando, mas ele nunca toma nosso lugar. Cabe ao homem decidir e realizar. Deus quer mover-nos, quebrantar-nos e incentivar-nos a que inclinemos o coração para fazer a vontade dele. Contudo ele não realizará sua vontade em nosso lugar. Ele nos inclina para a sua vontade e depois nos deixa tomar a decisão. O que a Palavra ensina aqui é que nossa vontade requer o sustento do poder de Deus. Como são ineficazes e infrutíferos os feitos que realizamos pela vontade humana, sem a participação do Senhor! Deus não realiza o querer em nosso lugar, mas também não quer que exercitemos nosso querer independentemente dele. Ele ordena que queiramos de acordo com o seu poder, isto é, segundo sua operação em nós.

Não entendendo o significado correto dessa passagem, o crente supõe que não precisa querer. Desse modo, ele permite que outra vontade controle seu ser. Assim, não toma a iniciativa de decidir nada, nem de empreender nenhuma ação, nem mesmo de resistir a poder nenhum. Limita-se a esperar, passivamente, que a vontade de Deus venha até ele. E se uma outra vontade decide por ele, aceita-a passivamente. Anula tudo que venha de sua própria vontade. E qual é o resultado? Ele não está exercitando a vontade, nem Deus o faz, pois o Senhor não exerce a faculdade de querer e decidir por ele. Deus exige que cooperemos ativamente. Contudo os espíritos malignos dominam a vontade do crente quando esta se acha passiva, e agem em seu lugar.

Precisamos enxergar a diferença entre Deus querer por nós e nossa vontade cooperar com ele. Se ele escolhesse e decidisse por nós, não teríamos ligação real com o ato ou com a ação que realizamos, porque não teriam partido do nosso coração. Depois, quando voltássemos a assumir o controle, veríamos que não fomos *nós* quem praticou a ação. Por outro lado, porém, se exercitamos nossa vontade e cooperamos ativamente com Deus, nós mesmos nos encarregamos de realizar a ação, só que no poder divino. Já aquele que é vítima do engano de Satanás pode até imaginar que agiu, falou ou pensou. Mais tarde, no entanto, ao ser iluminado por Deus, reconhece que na realidade não foi ele quem quis agir, nem falar, nem pensar. Sabe, então, que esses atos não têm nenhuma ligação com ele; são da autoria do inimigo.

Não é propósito de Deus aniquilar nossa vontade. Se dissermos que não teremos mais vontade própria, para que o propósito divino se manifeste em nós, não estaremos nos oferecendo a Deus. Pelo contrário, esta-

remos fazendo aliança com um espírito maligno, pois o Senhor nunca tira nossa vontade e coloca em nós a dele. A atitude correta é esta: tenho minha própria vontade, entretanto prefiro a de Deus. Devemos colocar nossa vontade a serviço dele. Contudo, até isso não podemos fazer por nossa própria força, mas pelo poder de Deus. A verdade nisso tudo é que já entregamos à morte a vida que anteriormente alimentava nossa vontade. Esta agora está atrelada ao poder de Deus. Não a eliminamos, ela continua no mesmo lugar; o que mudou foi a vida. O que morreu foi a nossa própria vida. Continuamos exercitando nossa vontade, só que renovada por Deus. A partir daí nossa vontade é alimentada por essa nova vida.

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

São muitos os cristãos que mergulharam na passividade e na escravidão por não entenderem a obra do Espírito Santo. A seguir, apresentamos alguns dos equívocos mais comuns.

1. *Obediência ao Espírito Santo.* Os crentes em geral entendem que Atos 5.32 indica que devem obedecer ao Espírito Santo: "... o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem." No entanto, desobedecem à ordem expressa na Bíblia, não provando os espíritos, para saber se eles são da verdade ou do erro (1 Jo 4.1,6). Desse modo, todo espírito que vem a eles, pensam que é o Espírito Santo. Crêem que com esse tipo de obediência estão agradando a Deus. O que eles não entendem é que essa passagem não está dizendo para obedecermos ao Espírito Santo, e sim a Deus, o Pai, através do Espírito. Em Atos 5.29, quando os apóstolos foram interrogados pelo concílio, replicaram que deviam "obedecer a Deus". Se alguém fizer o propósito de obedecer ao Espírito Santo, esquecendo-se do Pai, arrisca-se a obedecer ao espírito que está em si ou ao seu redor, em vez de, através do Espírito Santo, obedecer ao Pai que está no céu. Com tal atitude, ele estará caindo na passividade e, mais ainda, fornecendo aos espíritos malignos a oportunidade de exercer o engano imitando o que Deus faz. Ultrapassar os limites da Palavra de Deus resulta em perigos incontáveis!

2. *O Governo do Espírito Santo.* Anteriormente, vimos como Deus governa nosso espírito através do Espírito Santo e como nosso espírito governa nosso corpo ou todo o nosso ser através da alma, ou seja, da vontade. Isso pode parecer simples, contudo apresenta inúmeras implicações espirituais. O Espírito Santo influencia apenas nossa intuição, com a finalidade de revelar-nos sua vontade. Ele enche somente nosso espírito, mais nada. *Ele jamais controla ou enche diretamente nossa alma ou nosso corpo.* Precisamos atentar bem para isso. Portanto *não* devemos esperar que o Espírito de Deus pense por meio de nossa mente, nem que ele sinta por nossas emoções, nem decida por in-

termédio de nossa vontade. Ele revela sua vontade ao nosso espírito através da intuição, a fim de que nós mesmos possamos pensar, sentir e agir segundo a vontade dele. E um grave erro pensar que devemos oferecer nossa mente ao Espírito Santo, permitindo que ele pense através dela. A verdade é que ele nunca toma o lugar do homem para usar a mente dele. Também nunca ordena que nos ofereçamos a ele passivamente. O que Deus quer é que cooperemos com ele, porque ele não faz aquilo que é para o crente fazer. Se ele o fizesse, o crente poderia "apagar" a atuação divina. Ele não força ninguém a fazer nada.

O Espírito Santo também não assume o controle de nosso corpo diretamente. Quando desejamos falar, utilizamos nossa *própria* boca. Ao andar, temos de utilizar os *próprios* pés; e, para trabalhar, as *próprias* mãos. O Espírito Santo nunca interfere em nossa vontade livre. Ele atua em nosso espírito, que é uma nova criatura de Deus, mas não usa nenhuma outra parte do nosso corpo, sem o consentimento da nossa vontade. Mais ainda: mesmo que o queiramos, ele não usa nenhum membro do nosso corpo em nosso lugar. O homem deve ser senhor de si mesmo. Devemos exercitar nosso corpo. Isso é uma lei de Deus, e ele não a transgride.

Costumamos afirmar que "o Espírito Santo reina sobre nós". Com isso, queremos dizer que ele opera em nós para tornar-nos obedientes a Deus. Contudo, se alguém quiser dizer com isso que ele controla diretamente todo o seu ser., estará incorrendo em erro. Aqui vemos uma clara distinção entre a obra do Espírito Santo e a dos espíritos malignos. O Espírito Santo habita em nós para testificar que *pertencemos a Deus*, ao passo que os espíritos malignos manipulam as pessoas, a fim de reduzi-las a máquinas. O Espírito de Deus solicita nossa cooperação; os espíritos malignos buscam exercer um controle direto. Daí fica claro que nossa união com Deus é no espírito, e não no corpo ou na alma. Se não entendermos isso, e esperarmos que o Senhor mova diretamente nossa mente, nossas emoções, nossa vontade e nosso corpo, abriremos uma enorme brecha para os espíritos malignos nos enganarem, imitando a obra de Deus. E verdade que não devemos seguir nossos próprios pensamentos, sentimentos ou preferências. Contudo, assim que recebermos uma revelação em nosso espírito, devemos *executá-la* com a mente, emoções e vontade.

VIDA ESPIRITUAL

Existem vários conceitos errados relativos à vida espiritual. Dentre eles, podemos citar os seguintes:

1. *Falar.* O texto usado é Mateus 10.20: "Visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós." Muitos cristãos entendem que o Senhor vai falar por eles. Alguns acham que, ao en-

tregar uma mensagem, não devem empregar nem a mente nem a vontade, mas apenas oferecer, passivamente, sua boca a Deus, deixando que ele fale por seu intermédio. Desnecessário é dizer que as palavras de Jesus registradas nessa passagem em particular aplicam-se apenas a ocasiões de perseguição e de prova. Ele não ensina que o Espírito Santo vai falar em nosso lugar. Essa predição se cumpriu na experiência dos apóstolos Pedro e João diante do concílio.

2. *Direção*. Texto: "Os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele." (Is 30.21.) Os crentes não percebem que esse versículo se refere especificamente à experiência do povo de Deus na Terra - os judeus - durante o remado milenar de Cristo, quando não haverá imitação satânica. Desconhecedores desse fato, entendem que a direção sobrenatural, por meio de uma voz, é a mais elevada que existe. E alguns até acham que recebem esse tipo de direção sobrenatural porque são mais espirituais do que os outros. Não ouvem sua consciência, nem seguem a intuição. Simplesmente esperam, de forma passiva, a voz sobrenatural. Tais crentes julgam que não precisam pensar, nem raciocinar, fazer opções ou decidir. Só precisam obedecer. Permitem que essa voz tome o lugar de sua intuição e consciência. As conseqüências são as seguintes: "(a) não usam a própria consciência; (b) Deus não lhes pede uma obediência 'mecânica'; (c) os espíritos malignos aproveitam a oportunidade, e passam a falar-lhes com vozes sobrenaturais já que eles não exercitam a consciência" (Penn-Lewis, WOTS, 121). Com isso, o inimigo passa a ter mais domínio sobre o crente. E "daí em diante, o homem não se orienta mais pelo que sente, pelo que vê, ou pelo que os outros dizem. Rejeita qualquer indagação que lhe surgir e pára de usar o raciocínio. Em vez de exercitar a consciência, passa a orientar-se pela direção sobrenatural. Isso explica a deterioração do padrão moral das pessoas que têm experiências sobrenaturais. Tal ocorre porque elas deixaram de se dirigir pela consciência e se submeteram à direção dos espíritos malignos. Têm plena consciência de que baixaram o nível de seu padrão moral, mas sua consciência acha-se cauterizada. O que acontece é que ao julgarem questões de valor, que deveriam avaliar por meio da consciência, deliberadamente deixam de ouvi-la, passando a dar atenção às vozes de espíritos enganadores" (Penn-Lewis, WOTS, 121,122).

3. *Memória*. Texto: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito." (Jo 14.26.) Os cristãos não entendem que esse versículo significa que o Consolador iluminará sua mente, a fim de que *elas* possam lembrar-se daquilo que o Senhor falou. Acham que a instrução é para que não usem sua memória, porque Deus lhes trará tudo à mente. Em conseqüência, per-

mitem que a memória caia na passividade e se degenerar. Não exercitam a vontade para lembrar-se de nada. E qual é o resultado? "(a) o próprio homem não usa a memória; (b) Deus também não a usa, pois ele não faz isso sem nossa colaboração; (c) então, como o crente não a exercita voluntariamente, os espíritos malignos a usam, introduzindo ali suas operações" (Penn-Lewis, WOTS, 121).

4. *Amor*. Texto: "O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado." (Rm 5.5.) Muitos crentes interpretam erradamente essas palavras, achando que isso significa que eles mesmos não devem amar, mas, sim, deixar que o Espírito Santo lhes dispense o amor de Deus. Pedem ao Senhor que ame através deles, dando-lhes o amor divino abundantemente, até à plenitude. Assim, não terão mais de amar, pois daí em diante é Deus quem deve fazê-los amar. Por isso, param de exercitar a facultade da afeição, permitindo que ela paralise totalmente. O resultado é que (a) o próprio crente não ama; (b) Deus não derrama sobre ele amor sobrenatural, pois respeita o homem e o exercício da sua afeição natural; (c) então os espíritos malignos assumem o lugar do homem e, através deste, expressam o amor ou o ódio. Quando uma pessoa deixa de controlar sua afeição pelo exercício da vontade, os espíritos malignos introduzem nela seu falso amor. Daí em diante, ela se comporta como se fosse de madeira ou de pedra, fria e morta para qualquer afeição. E por isso que muitos cristãos, embora santificados, são muito fechados em si mesmos.

"Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força", disse o Senhor Jesus (Mc 12.30). Ora, *a quem* pertence esse amor? De quem é o coração, a alma, a mente e a força de que ele fala aqui? Nossos, naturalmente. Nossa vida natural precisa morrer, mas esses dons e suas funções permanecem.

5. *Humildade*. Texto: "Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos." (2 Co 10.12.) Os crentes entendem mal essa longa passagem, que vai do versículo 12 ao 18. Pensam que esse texto é um convite para se ocultarem, chegando à perda da auto-estima, característica que, sem sombra de dúvida, Deus nos permite ter. Muitos exemplos de auto-humilhação são, essencialmente, um disfarce para a passividade. Em conseqüência, (a) o crente anula a si mesmo; (b) Deus não o preenche; e (c) os espíritos malignos utilizam sua passividade para torná-lo inútil.

Quando a auto-humilhação é fruto de um ataque do inimigo, tudo ao redor parece sombrio, desolado e sem esperança. A impressão que uma pessoa nesse estado dá, aos que convivem com ela, é de frieza mortal e melancolia desalentadora. Ela mesma se desanima

com facilidade e vive desencorajada. Nos momentos críticos, abandona a luta e se retira, prejudicando outros. Passa a dar menos importância à obra de Deus. Procura anular-se, tanto em palavras como em atos, mas isso expõe ainda mais o seu ego, o que causa grande tristeza àquele que é realmente espiritual. Devido ao excessivo desprezo por si mesma, coloca-se em segundo plano, e fica aguardando o momento em que surja uma grande necessidade no reino de Deus. Demonstra permanente incapacidade, desesperança e sentimentos feridos. Embora ache que isso é humildade, não percebe que se trata apenas de uma atuação dos espíritos malignos. A verdadeira humildade é capaz de olhar para Deus e prosseguir.

OBEDECENDO A DEUS

Sabemos que, além da vontade do homem, existem no mundo mais duas, que se acham em completo antagonismo: a de Deus e a de Satanás. O Senhor ordena que lhe obedecemos e resistamos a Satanás. Duas vezes na Bíblia encontramos essas atitudes mencionadas juntas: "Sujeitai-vos, portanto, a Deus", exorta Tiago, que em seguida diz "mas resisti ao diabo" (4.7). E Pedro ordena: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus". Mais adiante, ele diz: "resisti-lhe (ao diabo) firmes na fé" (1 Pe 5.6,9). Esse é o equilíbrio da verdade. Devemos aprender a nos submeter a Deus em tudo, reconhecendo que a determinação dele é a melhor para nossa vida. Mesmo que haja sofrimento, devemos nos submeter à vontade divina, de todo o coração. Entretanto isso é apenas *um lado* da verdade. Os apóstolos compreenderam o perigo do desequilíbrio. Por isso, advertiam os cristãos acerca da necessidade de resistir ao diabo, ao mesmo tempo em que se submetiam a Deus. A razão disso é que existe outra vontade além da de Deus - a de Satanás. Muitas vezes, o diabo imita a vontade divina, principalmente nos fatos que nos acontecem. Se ignorarmos a existência de outra vontade além da de Deus, poderemos aceitar facilmente o que é de Satanás, achando que é do Senhor, caindo assim na armadilha do diabo. Por isso, Deus quer que resistamos ao diabo quando nos submetemos ao Senhor. E como é que se resiste? Por meio da *vontade*. Resistir significa exercitar a vontade para opor-se, discordar e rebater. Deus quer que exercitemos a vontade, por isso nos exorta a "resistir ao diabo". Ele não vai resistir por nós. Nós mesmos é que devemos fazer isso. Temos uma vontade e devemos exercitá-la para atender à Palavra de Deus. Assim nos ensina a Bíblia. Credo que Deus revela sua vontade nas ordens que nos dá, podemos achar que tudo que chega até nós é a vontade dele. Quem pensa assim, naturalmente não emprega sua vontade para optar, decidir ou resistir em nenhuma situação. Aceita tudo tranquilamente. Isso pode parecer bom e correto, mas contém um erro grave.

Reconhecemos a mão de Deus em tudo que nos acontece, e confessamos que temos de nos submeter plenamente a ele. O ponto central aí é nossa atitude, e não uma conduta. Se aquilo que está acontecendo conosco é a vontade direta de Deus, certamente não vamos fazer nenhuma objeção. Isso envolve a intenção do nosso coração. Contudo, depois que estivermos decididos a obedecer, devemos verificar, também, se o que está acontecendo emana de algum espírito maligno ou é apenas a vontade permissiva de Deus. Se for a vontade divina ativa, não vamos fazer nenhuma objeção. Caso contrário, devemos resistir, juntamente com o Senhor. Portanto não devemos nos submeter às circunstâncias que nos rodeiam, sem diariamente submetê-las a um exame e um teste. Nossa *atitude* deverá ser sempre a mesma, mas só devemos partir para a *ação* depois de termos certeza de que se trata da vontade de Deus. Como é que iríamos nos submeter à vontade de Satanás?

Não devemos agir como se não tivéssemos cérebro, conduzidos passivamente pelas circunstâncias. Precisamos examinar, de modo ativo e consciente, a fonte de cada questão, provar sua natureza, buscar entender seu significado e só então decidir o curso a ser seguido. É importante obedecer a Deus, mas não cegamente. Tal investigação ativa não é sinal de rebelião contra os desígnios do Senhor, uma vez que a intenção do nosso coração continua sendo submissa a Deus. Só queremos ter certeza de que, ao submeter-nos, é *a Deus* que estamos realmente obedecendo. Não há dúvida de que há muita desobediência entre os crentes hoje. Embora conheçam a vontade do Senhor, deixam de obedecer-lhe. Entretanto os que são quebrantados por Deus vão para o outro extremo. Aceitam sem questionar qualquer idéia que lhes sobrevenha. A verdade está no centro. Disponhamos o coração para *obedecer*, mas *aceitemos* a ordem só depois de saber ao certo qual a procedência dela.

E uma lástima que muitos cristãos totalmente consagrados não consigam perceber a diferença entre a vontade de Deus e a de Satanás. Submetem-se passivamente a tudo que lhes sobrevém, crendo que se trata de um desígnio divino. Cedem terreno aos espíritos malignos, deixando-os atormentá-los e prejudicá-los. Esses espíritos criam situações que são verdadeiras armadilhas para perturbar os crentes ou levá-los a realizar a vontade deles. Os cristãos podem achar que isso se encaixa na ordem que Jesus dá em Mateus 5.39: "Não resistais ao perverso". Contudo se esquecem de que o mandamento de Deus, aí, é que lutemos contra o pecado (Hb.12.4). Superando as circunstâncias, venceremos o espírito deste mundo.

Uma compreensão equivocada do mandamento de Deus traz os seguintes resultados: (a) os crentes não exercitam a vontade para tomar decisões; (b) Deus,

com certeza, não cria circunstâncias que venham a oprimi-los; (c) os espíritos malignos criam certas circunstâncias para os crentes que estão com a vontade passiva. Assim, em vez de esses cristãos obedecerem a Deus, na verdade, estão obedecendo aos espíritos malignos.

SOFRIMENTOS E FRAQUEZAS

Ao entregar-se plenamente a Deus, o cristão naturalmente admite que deve andar no caminho da cruz e sofrer por amor a Cristo. Reconhece, também, que sua vida natural é infrutífera, e está disposto a tornar-se fraco, a fim de fortalecer-se no poder de Deus. Essas duas atitudes são louváveis, mas, se não as entendermos corretamente, poderemos deixar que o inimigo as utilize.

Reconhecendo que existe algo de muito proveitoso no sofrimento, o cristão consagrado pode submeter-se passivamente a qualquer fato que lhe sobrevenha, sem questioná-lo. Simplesmente crê que está sofrendo pelo Senhor, e que, portanto, isso é útil e compensador. Mal sabe que, se não exercitar intencionalmente sua vontade para aceitar o que Deus lhe designa, e para resistir à oferta do inimigo, aceitando de forma passiva *todo* sofrimento, está oferecendo uma excelente oportunidade aos espíritos malignos para que o atormentem. Quem estiver sofrendo nas garras desses espíritos, crendo que esse sofrimento procede de Deus, apenas concede ao inimigo o direito de prolongar o ataque. Esse crente não tem consciência de que seu sofrimento não provém de Deus, e que ele lhe sobreveio porque criou condições para a operação dos espíritos malignos. Acha que está sofrendo pela igreja, a fim de que possa completar o que falta nas aflições do corpo de Cristo. Pensa que é um mártir, quando na verdade é apenas uma vítima. Gloria-se nesses sofrimentos, que não passam de sintomas de ataques do adversário.

Precisamos entender que toda aflição que resulta da atuação dos espíritos malignos não tem sentido. É totalmente infrutífera e sem propósito. O que ocorre aí é só um sofrimento sem nenhum sentido. O Espírito Santo não testifica com nossa intuição que tal sofrimento proceda de Deus.

Analisando a situação, o cristão vai descobrir que só veio a passar por tais experiências depois de ter-se oferecido ao Senhor e ter *decidido sofrer*. Feito isso, passou automaticamente a aceitar todo e qualquer sofrimento como sendo proveniente de Deus, embora muitos deles, na realidade, tenham sido causados pelas potestades das trevas. Cedeu terreno aos espíritos malignos, acreditou em suas mentiras, e agora sua vida está marcada por sofrimentos destituídos de sentido e de propósito. Depois que conhecemos melhor tudo que diz respeito a essa atuação mais profunda dos

espíritos malignos, passamos a ter meios não somente de vencer os pecados, mas também de eliminar as aflições desnecessárias.

O filho de Deus pode abrigar ainda o seguinte conceito errado com relação à fraqueza. Ele acha que, para obter o poder de Deus, deve viver numa condição de fraqueza. O apóstolo Paulo afirmou que "quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.10). Por isso, ele também *deseja* ser fraco para poder ser forte. O problema é que o apóstolo não *desejava* ser fraco. Ele estava simplesmente relatando sua experiência de como a graça divina o fortaleceu numa situação de fragilidade, visando à realização do propósito do Senhor. Paulo não desejava aquela enfermidade, mas quando a experimentava, sentia-se fortalecido por Deus. Não podemos deduzir disso que Paulo esteja ensinando que um crente forte deve *buscar propositadamente* a fraqueza, a fim de que o Senhor possa fortalecê-lo depois. Ele está simplesmente mostrando a um crente *fraco* o modo como pode obter força!

Quando alguém busca a fraqueza e o sofrimento, está criando condições para a operação dos espíritos malignos. Agindo assim, o homem alia sua vontade à do inimigo. Isso explica por que um grande número de filhos de Deus, que gozavam de boa saúde, mas decidiram ser fracos, encontram-se diariamente enfraquecidos. A força que esperam receber não vem. Com isso, eles se tornam um peso para os outros. São inúteis na obra de Deus. Com tal decisão, não estamos atraindo para nós o poder do Senhor. Pelo contrário, estamos abrindo brechas para os espíritos malignos nos atacarem. Se esses crentes não resistirem persistentemente a essas fraquezas, enfrentarão constantes enfermidades.

O PONTO VITAL

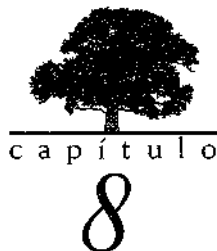
O que acabamos de descrever pode aplicar-se principalmente a casos mais graves. É possível que a maioria dos crentes não chegue a tais extremos. Contudo o princípio em jogo é o mesmo para todos. Sempre que alguém deixar sua *vontade em estado passivo* ou *criar condições para a operação do diabo*, ele agirá. Embora muitos cristãos não tomem uma decisão específica, buscando o sofrimento ou a fraqueza, *involuntariamente* permitem a si mesmos afundarem na passividade, cedendo assim lugar ao inimigo, e se colocando numa situação perigosa. Qualquer um que passar por essa experiência deve perguntar a si mesmo: "Será que criei as condições para a operação dos espíritos malignos?" Isso o livrará de sofrimentos desnecessários e de experiências falsas.

Sabemos que o inimigo usa a verdade, só que ele a leva além dos seus limites. Todas essas experiências - a autonegação, a submissão, o sofrimento, esperar a ordem de Deus, ou alguma outra da mesma natureza -

são verdadeiras. O fato, porém, é que os espíritos malignos exploram a ignorância do crente no tocante aos princípios da vida espiritual, levando-o a criar condições para que eles operem. Se não compreendermos o princípio que há por trás de qualquer ensinamento e não procurarmos saber se criamos condições para a atuação do Espírito Santo ou dos espíritos malignos, acabaremos enganados. Todo acréscimo à verdade é sempre perigoso. Devemos ter muito cuidado a esse respeito.

No entanto precisamos conhecer bem a diferença entre a forma de atuação de Deus e a de Satanás. *Deus quer que o crente coopere com ele, exercitando sua própria vontade e usando toda a sua capacidade, para ser cheio do Espírito Santo. Os espíritos malignos, visando a facilitar sua atuação, exigem que o crente deixe sua vontade em estado passivo e renuncie completamente ao uso de suas capacidades.* No primeiro caso, o Espírito de Deus preenche o espírito do homem comunicando-lhe vida, poder, e operando nele libertação, crescimento, renovação e força, para que ele possa ser livre e inabalável. No segundo caso, Satanás ocupa as faculdades passivas do homem e, se não for detectado, passa a destruir sua personalidade e sua vontade, reduzindo-o a um boneco, subjugando sua alma e seu corpo, e deixando-o amarrado, oprimido, devastado e aprisionado. O Espírito Santo capacita o crente a conhecer a vontade de Deus através da intuição, a fim de que ele a compreenda com a mente e depois a realize, exercitando a vontade. O espírito satânico, porém, submete a pessoa à opressão de um poder externo que dá a esta a impressão de ser a vontade de Deus, forçando-a a agir como uma máquina desprovida de pensamento e de poder de decisão.

Muitos filhos de Deus, hoje, inconscientemente, caíram num estado de passividade. Pararam de exercitar a vontade e a mente, e, por essa razão, experimentam sofrimentos indescritíveis. Tudo isso acontece simplesmente por causa de uma lei. No reino natural, existe lei para tudo. O mesmo se dá no reino espiritual. Há um princípio que diz que a cada ação corresponde uma reação. É Deus quem estabelece essas leis, e ele mesmo as cumpre. Quem transgredir qualquer delas, voluntária ou involuntariamente, sofrerá as conseqüências. No entanto, quando o homem exercita sua vontade, sua mente e suas faculdades para cooperar com Deus, o Espírito Santo irá operar, pois isso também é uma lei.



COMO OBTER LIBERTAÇÃO

É possível que um cristão consagrado seja, durante muito tempo, vítima de engano no que diz respeito à passividade sem jamais se dar conta do perigo de tal condição. É que essa inatividade vai aumentando, e afinal ele passa a sofrer indescritíveis aflições na mente, nas emoções, no corpo, bem como em seus relacionamentos. E de vital importância que os crentes que se acham nesse estado entendam o verdadeiro significado da consagração. O conhecimento da verdade é absolutamente necessário para eles vencerem a passividade. Sem isso, a liberdade é *impossível*. Sabemos que eles caem na passividade por meio do engano, que, por sua vez, tem bases na falta de conhecimento.

O CONHECIMENTO DA VERDADE

O primeiro passo para esses crentes conquistarem a libertação é buscar o conhecimento total da verdade. Eles precisam saber a respeito da sua cooperação com Deus, da operação dos espíritos malignos, da consagração, e das manifestações sobrenaturais. Para alcançar libertação, o filho de Deus deve conhecer tanto a verdadeira fonte das experiências que porventura tenha provado, como a natureza delas. A rota da queda foi primeiro o engano; depois, a passividade; em seguida, o entrincheiramento; e por fim, mais engano e passividade. Por isso, para se libertar, ele precisa inicialmente reconhecer o logro. Assim que este é desfeito, a passividade, o entrincheiramento e os enganos posteriores se desfarão. O engano abre a porta para os espíritos malignos. A passividade prepara o terreno para eles permanecerem. O resultado disso é que eles se entrincheiram na vida do crente. Para desapossá-los, é necessário pôr um fim à passividade. Para isso, é preciso que o crente tenha consciência do engano. Aí entra o conhecimento da verdade. Portanto, conhecer a verdade, é o primeiro passo em direção à libertação. Só a verdade liberta.

Temos advertido os leitores repetidas vezes sobre o perigo de experiências sobrenaturais. Não estamos querendo dizer, porém, que devam desprezar categoricamente a toda manifestação desse tipo, nem que re-

sistam ou se oponham a elas. Isso estaria em desacordo com o ensinamento da Bíblia, uma vez que as Escrituras registram inúmeros atos sobrenaturais de Deus. Nosso propósito é simplesmente lembrar aos cristãos que é possível haver mais de uma fonte desses fenômenos sobrenaturais. O Senhor pode realizar prodígios, mas os espíritos malignos conseguem imitá-los! É essencial, então, saber distinguir o que é de Deus e o que não é. Se alguém não morreu para sua vida emocional, e busca ansiosamente experiências sensacionais, facilmente será enganado. Não estamos exortando as pessoas a resistirem a toda manifestação sobrenatural; mas, sim, a resistir a todo acontecimento sobrenatural que tenha origem em Satanás. O que temos procurado demonstrar nesta parte deste livro são as diferenças básicas entre a operação do Espírito Santo e a dos espíritos malignos, a fim de que os filhos de Deus possam discernir entre uma e outra.

Estamos convencidos de que, no que se refere a questões sobrenaturais, os cristãos dos nossos dias são particularmente susceptíveis de engano. Nosso mais sincero desejo é que, ao terem contato com os fenômenos sobrenaturais, eles busquem primeiro discernir a origem deles, para não serem enganados. Não podemos nos esquecer de que, nas experiências sobrenaturais de autoria do Espírito Santo, a mente permanece alerta em condições de participar. Essa experiência não exige passividade, nem total, nem parcial. O crente permanece apto a exercitar livremente sua consciência, podendo assim distinguir entre o bem e o mal, sem qualquer restrição. Já nas experiências originadas em algum espírito maligno, a vítima fica em estado de passividade, sua mente se esvazia e realiza suas ações sob compulsão externa. Essa é a diferença essencial. Em 1 Coríntios 14, o apóstolo Paulo menciona vários dons espirituais: revelação, profecia, línguas e outros. Ele reconhece que tais dons fluem do Espírito Santo. Todavia, ao definir a natureza desses dons outorgados por Deus, ele diz: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (v. 32). Se o profeta (crente) recebe uma manifestação do Espírito Santo, esta estará sujeita ao espírito dele. Isso significa que o

Espírito Santo, que nos concede experiências sobrenaturais diversas, não viola nossos direitos. Ele não manipula nenhuma de nossas faculdades contra nossa vontade. Continuamos de posse do *autocontrole*. Se o espírito se acha sujeito ao profeta - ou crente - é de Deus. Qualquer espírito que exige que o profeta se submeta a ele não é de Deus. Embora não devamos resistir a tudo o que é sobrenatural, precisamos, no entanto, julgar se o agente sobrenatural exige sujeição passiva ou não. A operação do Espírito Santo e a dos espíritos malignos são fundamentalmente opostas. O Espírito Santo deseja que os homens sejam soberanamente livres. Os espíritos malignos exigem que ele seja totalmente passivo.

Esse é o critério segundo o qual devemos julgar nossas experiências. Verifiquemos se temos sido passivos ou não. Isso pode ser a solução para todos os nossos problemas.

Se o filho de Deus deseja liberdade, não pode ser insensato. Em outras palavras, ele precisa conhecer a verdade e examinar a verdadeira natureza dos acontecimentos. As mentiras de Satanás prendem. A verdade de Deus liberta. É claro que a verdade tem seu preço. Ela quebra a vanglória que podemos ter assumido, devido a experiências passadas. Talvez nos consideremos superiores aos outros, achando que somos espirituais e infalíveis. Como é doloroso para alguém, que está nessa condição, confessar - ou até mesmo ouvir os outros dizerem - que pode ter sido invadido pelo inimigo. Somente aquele que deseja a verdade de Deus de todo o coração consegue aceitar esse fato doloroso e humilhante. Ouvir verdades agradáveis é fácil, mas aceitar uma que destrói o ego é muito difícil. E relativamente simples reconhecer que podemos ser vítimas do engano. Contudo confessar que o inimigo está entrincheirado em nossa vida é muito complicado. Queira Deus ser misericordioso com seus filhos, pois mesmo depois que um crente conhece a verdade, ainda pode resistir a ela. Vemos, então, que o primeiro passo para a libertação é acolher a verdade. O filho de Deus deve estar disposto a conhecer os fatos que lhe dizem respeito. Isso exige humildade e sinceridade. Aquele que resiste fortemente a esse conhecimento precisa corrigir-se, pois pode se tornar cativo do diabo sem ter consciência disso.

Os meios pelos quais descobrimos a verdade são muitos e variados. Alguns crentes percebem sua real condição quando descobrem que perderam totalmente a liberdade em razão de uma escravidão satânica, séria e prolongada. Outros, cuja experiência pode ser noventa por cento de Deus e apenas dez por cento demoníaca, conhecem a verdade quando começam a duvidar de suas experiências. E há ainda os que tomam conhecimento de sua situação por meio de outros crentes. Em hipótese alguma o cristão deve recusar as

revelações que receber nesse sentido.

A dúvida é o prelúdio da verdade. Não queremos dizer com isso que devemos duvidar do Espírito Santo, de Deus ou da sua Palavra, mas sim das experiências que temos. Essa dúvida é, ao mesmo tempo, necessária e bíblica, pois Deus nos manda provar os espíritos (1 Jo 4.1). Os cristãos, geralmente, cometem o erro de não examinar os espíritos, temendo pecar contra o Espírito Santo. No entanto é ele mesmo quem quer que façamos a prova. Se a experiência vier do Espírito Santo, ele passa no teste. Se, contudo, ela vier de um espírito maligno, descobriremos sua verdadeira natureza. Será que foi Deus quem levou o crente a cair na situação em que hoje se encontra? Será que o Espírito Santo opera de maneira contrária às suas leis? Somos realmente infalíveis em qualquer assunto?

Depois de receber alguma revelação a respeito da verdade, podemos, logo em seguida, admitir que somos suscetíveis ao erro. Assim, abrimos caminho à operação da verdade. O pior erro que podemos cometer é nos acharmos infalíveis. E um erro capital afirmar que os outros podem estar errados, mas nós, não. Só depois de experimentarmos a auto-humilhação é que poderemos ver que de fato estamos enganados. Quando comparamos os princípios da operação divina com as condições nas quais Satanás atua, compreendemos que as experiências passadas foram fruto da passividade. O crente criou as condições para que os espíritos malignos atuassem nele, e, desse modo, recebeu manifestações estranhas. Inicialmente, elas o deixaram feliz, mas depois produziram um enorme sofrimento. Ele não cooperou com Deus de modo ativo. Pelo contrário, seguiu passivamente uma orientação que acreditava ser do Senhor. Suas experiências, tanto as de felicidade quanto as de sofrimento, devem ter se originado nos espíritos malignos. Em consequência, ele agora admite que foi terrivelmente ludibriado. Além de o filho de Deus aceitar a verdade, ele deve também verificar, à luz dessa verdade, qual é sua verdadeira condição. Desse modo, a mentira do inimigo será desfeita. Vemos, então, que os passos que o *crente* deve dar são os seguintes: (a) reconhecer que todo *crente* é passível de enganar-se; (b) admitir que *ele também* está sujeito a isso; (c) confessar que *ele foi* enganado; (d) examinar por que foi enganado.

O CONHECIMENTO DO TERRENO

Agora já compreendemos que o crente pode ceder terreno aos espíritos malignos. E que terreno é esse? Antes de vermos como podemos dar espaço para o inimigo, vejamos exatamente o que é esse terreno.

Além de pecar, existem outros modos pelos quais alguém pode ceder terreno aos espíritos malignos: concordar com a imitação, cair na passividade da vontade e aceitar os pensamentos repentinos do inimigo.

E preciso que o crente reconheça isso. Inicialmente, vamos focalizar nossa atenção na passividade, que significa permitir que nossa mente e corpo mergulhem num estado semelhante ao "coma". Nele, deixamos de exercer um controle consciente sobre a mente, e desativamos as faculdades próprias da vontade, da consciência e da memória. A passividade é o principal terreno, e pode ocorrer em vários níveis. O grau de passividade em que caímos determina a extensão da área que o inimigo vai ocupar. Logo que alguém se torna consciente de sua condição de apatia, seja qual for o grau dela, tem de procurar imediatamente recuperar o terreno perdido. Deve resistir com firmeza, propósito e persistência às tentativas do inimigo de manter a base conquistada. E deve fazê-lo principalmente nas áreas em que foi enganado. É indispensável que ele identifique o terreno cedido e o recupere.

Depois de reconhecer o engano, o crente deve logo buscar identificar bem o terreno perdido e tentar recuperá-lo. Os espíritos malignos conservam sua posição apenas no território que lhes é cedido. Portanto, tão logo recuperemos a área ocupada, eles sairão dela.

Por não exercitarem a vontade, assumindo o autocontrole de sua vida, muitos cristãos caem na passividade e no engano. Por isso, a cada tentação e a cada sofrimento devemos exercitar a vontade, e, pelo poder de Deus, resistir às forças das trevas, e revogar os propósitos equivocados que assumimos anteriormente. A passividade toma conta de nós aos poucos, por isso será eliminada aos poucos também. A emancipação se dá na mesma medida que conseguimos identificar a inércia. Se a inatividade dura muito tempo, o livramento demorará mais ainda. Descer uma montanha é sempre mais fácil do que escalá-la. Do mesmo modo, tornar-se passivo é fácil, ao passo que retomar a liberdade é tarefa árdua. Para reconquistarmos completamente o terreno cedido, precisaremos empenharnos com todo o nosso ser.

O crente deve pedir a Deus, de todo o coração, que lhe mostre o ponto em que foi enganado. Ele deve desejar sinceramente que Deus lhe revele *toda* a verdade a seu respeito. De modo geral, se o crente teme ouvir algo, isso possivelmente pertence ao terreno cedido ao inimigo. Se há algo que ele teme tratar, esse é justamente o ponto a que ele deve renunciar, pois é quase sempre ali que o inimigo estabeleceu sua base. É da maior importância que o cristão rogue a Deus que lhe revele os sintomas e as causas de seus problemas, a fim de reconquistar o território perdido. A revelação divina é essencial. Sem ela, o crente tende a interpretar o sobrenatural como natural, e o espiritual (dos espíritos malignos), como físico. É assim que ele cede terreno ao inimigo.

A RECONQUISTA DO TERRENO

Um princípio comum explica o modo como alguém cede terreno aos espíritos malignos: o da passividade, ou seja, a inatividade da vontade. Para o cristão recuperar o terreno perdido, é imprescindível que reative a vontade. Daí em diante, ele deve aprender a obedecer à vontade de Deus, a resistir à vontade do diabo, e a exercitar sua própria vontade, em colaboração com a vontade dos outros crentes. A vontade é o elemento mais importante na recuperação do território cedido. Foi ela que se tornou passiva, por isso é ela que deve dissipar a passividade.

A primeira medida que a vontade deve tomar é fazer a *decisão* de seguir numa direção definida. Depois de sofrer muito nas garras dos espíritos malignos, o cristão agora acha-se iluminado pela verdade, e encorajado pelo Espírito Santo. Por isso, ele naturalmente assume uma nova posição, em que passa a detestar esses espíritos perversos. Em conseqüência, ele se levanta contra todas as obras deles. Está determinado a reconquistar a liberdade, a reassumir o controle de seu próprio ser e a expulsar o inimigo. O Espírito de Deus opera nele com o propósito de fortalecê-lo na luta contra os espíritos malignos. Quanto mais ele sofre, mais odeia o inimigo. Quanto mais pondera acerca de sua situação, mais raiva tem dele. Resolve, então, livrar-se completamente dos poderes das trevas. Essa decisão é o primeiro passo para recuperar o terreno perdido. Se ela for sincera, ele continuará firme, mesmo que a luta contra o inimigo se torne renhida. É assim que todo o seu ser coopera com a decisão de opor-se ao adversário daí por diante.

Devemos também exercitar a vontade para decidir acerca do que desejamos. Quando travamos uma batalha espiritual, fazer essa decisão pode ter resultados muito bons. Devemos declarar constantemente que escolhemos e queremos a liberdade, que recusamos a passividade, que vamos usar nossas próprias faculdades. Temos de afirmar que insistimos em reconhecer os ardis dos espíritos malignos, desejamos a derrota deles, vamos cortar todo o relacionamento com as potestades das trevas, e nos opomos a todas as suas mentiras e desculpas. Essa declaração da vontade é extremamente benéfica. Ela expressa uma *escolha* de nossa mente, não apenas uma decisão. As potestades das trevas não têm a menor consideração pelas decisões de ninguém. Contudo, quando exercitamos a própria vontade para opor-se a elas, através do poder de Deus, elas certamente fogem. Tudo isso está relacionado com o princípio da liberdade da vontade do homem. Assim como o crente permitiu a entrada dos espíritos malignos, agora deve escolher o oposto, isto é, cortar pela raiz qualquer base do inimigo.

Durante esse período de conflito, o cristão deve exercitar a vontade ativamente em várias operações. Além de decidir e escolher, ele deve também *resistir*,

empregando seu poder de decisão para contender com os espíritos malignos. Deve ainda *recusar*, fechando a brecha para a entrada do inimigo. Resistindo aos espíritos malignos, ele impede outras manobras deles. Recusando, ele desfaz a antiga permissão que lhes havia concedido. Exercitando a recusa e a resistência juntas, ele praticamente neutraliza todas as obras do inimigo. A resistência é a uma atitude relativa a algo que está para acontecer. A recusa é uma tomada de posição com respeito a algo que já ocorreu. Ao proclamar que "quero ter minha liberdade", por exemplo, estamos rejeitando os espíritos malignos. Todavia precisamos também resistir a eles, a fim de mantermos a liberdade que acabamos de conquistar por meio da rejeição. Devemos continuar exercitando a rejeição e a resistência até alcançarmos a plena libertação.

A resistência é verdadeiramente uma batalha que exige toda a força do espírito, da alma e do corpo. A principal força, no entanto, é a vontade. A decisão, a escolha e a recusa são, acima de tudo, questões de atitude. Já a resistência é uma ação prática. É uma conduta que expressa uma atitude. É um batalhar no espírito, uma situação em que, pelo exercício da vontade, através da força do espírito, expulsamos os espíritos malignos do terreno que estavam ocupando. É um ataque contra as linhas do inimigo. Quando resistimos, empregamos o poder de expulsar, de expelir e de afugentar. E mesmo diante de uma resistência e rejeição do crente, os espíritos malignos não cedem nem um centímetro sequer do terreno que ocupam. Devemos expulsá-los com força real. Temos de empregar o poder espiritual para imobilizar o inimigo e expulsá-lo. Devemos *exercitar* a vontade para afugentá-lo. Não basta declarar o que queremos. Temos de adotar também medidas práticas. A resistência sem a recusa também é ineficaz, pois precisamos recuperar o terreno originalmente cedido ao inimigo.

Ao retomar o território entregue ao inimigo, o crente deve usar sua vontade tanto para decidir, escolher e rejeitar, como para resistir. Ele precisa decidir lutar, optar pela liberdade, recusar a perda de terreno e resistir ao inimigo. Tem de brigar para recuperar sua soberania. Não podemos perder de vista essa capacidade. Deus nos concedeu uma vontade livre para sermos nossos próprios senhores, mas os espíritos malignos usurparam nosso corpo e nossas faculdades. Tornaram-se senhores do homem, que perdeu seus direitos soberanos. Para opor-se a isso, o crente entra em batalha. Ele declara continuamente:

"Não quero que os espíritos malignos usurpem meus direitos soberanos. Não vou permitir que invadam minha personalidade. Não vou deixar que me possuam. Não vou segui-los cegamente. Não vou consentir que me manipulem. Em hipótese alguma, permitirei quaisquer operações deles. Pretendo ser meu

próprio senhor. Sei o que faço. Tomo a decisão de controlar a mim mesmo. Quero todo o meu ser sujeito a mim mesmo. Resisto a todas as obras dos espíritos malignos, e também ao direito deles de operar em mim."

Quando exercitamos a vontade para decidir, escolher e recusar, evitamos novas manobras do inimigo. Daí em diante, é através da vontade que devemos resistir a eles.

Assim que o crente recupera o terreno perdido, ele inicia uma nova vida. O passado acabou e ele agora está tendo um novo começo. Ele exige de volta tudo que tinha posto à disposição dos espíritos malignos. Ele resgatou seu espírito, alma e corpo das garras do inimigo e, novamente, os dedicou a Deus. Recuperou palmo a palmo o território cedido por ignorância. O poder soberano do homem volta para ele. E como é que conseguimos isso? Rejeitando o que antes aceitáramos. Descrendo daquilo em que antes crêramos. Afastando-nos do que antes nos aproximáramos. Destruindo o que antes erigíramos. Revogando os pactos feitos anteriormente. Negando o que antes prometêramos. Separando o que antes uníramos. Resistindo àquilo a que antes obedecêramos. Declarando o que antes não faláramos. Opondo-nos àquilo com que antes cooperáramos. Retomando o que antes havíamos dado. Temos de nos desfazer dos antigos acordos, considerações e permissões, e renunciar até mesmo a certas orações feitas no passado e às respostas recebidas.

Sem dúvida, todas essas medidas têm eficácia direta contra os espíritos malignos. Anteriormente, pelo fato de confundirmos esses espíritos com o Espírito Santo, havíamos formado uma associação íntima com eles. Agora, à luz desses novos conhecimentos, precisamos recuperar tudo o que por ignorância lhes entregamos. Como cedemos o terreno *palmo a palmo*, temos de retomar *especificamente* cada item usurpado. O maior empecilho para uma libertação completa é o próprio crente não se dispor a recuperar cada palmo do território cedido. Nossa tendência é tentar uma retomada total do terreno, exercitando a vontade de forma vaga, geral e inclusiva. Essa oposição geral indica apenas que a atitude do crente está correta. Para ser liberto, porém, ele deve retomar cada item em particular. Isso pode parecer trabalhoso, mas, se genuinamente desejamos ser libertos, e pedimos a Deus que nos mostre toda a situação, o Espírito Santo vai revelar-nos o passado gradativamente. Resistindo a cada engano, finalmente iremos desfazer tudo. Com um avanço constante e paciente, vamos experimentar um livramento após o outro. Agora estamos a caminho da libertação. Uma resistência genérica mostra que realmente estamos nos opondo aos espíritos malignos. Contudo só opondo a questões específicas po-

demos forçá-los a abandonar o terreno que estão ocupando.

O crente foi rendendo sua vontade ao diabo passo a passo, até que ela se tornou completamente passiva. Agora ele precisa reverter o processo e recuperar a liberdade, passo a passo. Ele deve repetir todos os estágios pelos quais passou, só que, dessa vez, libertando-se. Antes ele foi enganado aos poucos, até cair na passividade. Do mesmo modo, agora, ele precisa reativar sua vontade. Tem de desfazer totalmente a passividade anterior, de modo gradual e constante. Cada passo que der para a liberdade mostra que ele recuperou algum terreno. As primeiras perdas a serem recuperadas devem ser as mais recentes. E como descer uma escada e depois subi-la. O último degrau em que pisamos ao descer será o primeiro que pisaremos ao voltar.

O filho de Deus deve recuperar todas as fortalezas, até conquistar a liberdade que gozava a princípio. Ele deve saber *de onde* caiu, pois é para lá que ele deve retornar ao ser restaurado. Deve ter consciência do que era normal para ele (qual era o nível de atividade de sua vontade e da nitidez de sua mente antes), e também de qual é sua condição atual. Comparando esses dois estados, ele poderá avaliar o quanto caiu até chegar na passividade. Na subida, ele deve colocar diante de si, como padrão mínimo ou meta, o seu estado normal anterior, qualquer que tenha sido ele. Não deve ficar satisfeito, enquanto sua vontade não for restaurada à condição original, isto é, enquanto ela não estiver controlando ativamente cada parte do seu ser. Não deverá considerar-se livre, enquanto sua normalidade não estiver novamente restaurada. É preciso recuperar por completo cada faculdade que esteja fora da normalidade, e haja caído na passividade. Pode ser a faculdade de pensar, a de lembrar, a de imaginar, de discernir o certo do errado, de decidir, de escolher, de recusar, de resistir, de amar, ou qualquer outra que tenha passado por esse processo. Se alguém renunciou ao controle de algo, deve trazê-lo de volta ao seu domínio. Deve exercitar a vontade para opor-se à inércia, e também para fazer uso de todas as suas faculdades. Quando alguém cai na passividade, os espíritos malignos apoderam-se das faculdades passivas e passam a usá-las. A retomada das áreas perdidas e a recuperação do uso das próprias faculdades pode ser extremamente difícil para o crente. Isso se dá pelos motivos seguintes: Sua própria vontade é, por natureza, fraca e, portanto, sem poder para dirigir suas faculdades. Os espíritos malignos contendem com ele com toda a força que possuem. Se, por exemplo, o crente era passivo ao decidir, tem de ocupar o terreno cedido e proibir os espíritos malignos de continuarem a operar. Ele deve estar determinado a decidir por si mesmo, sem qualquer interferência desses espíritos. No entanto ele vai descobrir que não consegue decidir e que os espíritos malignos não deixam que ele decida,

nem que atue. Quando o crente lhes nega permissão para controlá-lo, eles resistem, não deixando que ele opere livremente.

Exatamente nesse ponto o crente deve decidir se vai continuar passivo, deixando que os espíritos malignos continuem atuando por ele. Naturalmente, ele não vai permitir que esses espíritos continuem a manipulá-lo. Embora temporariamente incapaz de tomar qualquer decisão, ele *não vai permitir* que os espíritos malignos controlem seu poder de decidir. A batalha pela liberdade tem agora uma nova implicação. Trata-se de uma disputa da *vontade*, pois, pela passividade, ele permitiu que todas as suas faculdades caíssem nas garras dos espíritos malignos. Daqui por diante, ele deve exercitar a vontade para opor-se ao domínio dos espíritos malignos, recuperar o terreno perdido, e cooperar ativamente com Deus, ao usar cada uma de suas faculdades. Tudo depende da vontade. Os espíritos malignos se retiram quando o crente exercita a vontade, e opõe resistência a eles e proíbe que ocupem seus membros.

Devemos recapturar cada palmo do terreno que cedemos. Temos de lutar para desmascarar todo engano. Precisamos enfrentar o inimigo em todas as áreas, lutando com determinação, até alcançar a vitória. A rejeição inicial não é suficiente para retomarmos todo o terreno. Os espíritos malignos lutam até ao fim, por isso, o filho de Deus deve fortalecer-se para enfrentar muitas lutas. "O crente deve confirmar a rejeição e resistir com persistência, até que reconheça cada parte do terreno cedido e as retome, possibilitando a liberação gradativa de suas faculdades, para que elas atuem livremente, de acordo com sua vontade. As faculdades que se tornaram passivas precisam recuperar suas condições normais de funcionamento. A mente, por exemplo, deve pensar o que é verdadeiro e puro, e ser capaz de dominar qualquer assunto que venha a ser tratado, evitando que ele escape ao controle. O mesmo deve acontecer com a memória, com a vontade, a imaginação, as ações do corpo, o cantar, o orar, o falar, o ler, etc." (Penn-Lewis, WOTS, 193.) A vontade deve ter o controle total do indivíduo. Ele deve exercitar todas as suas faculdades adequadamente, de acordo com suas condições normais.

Além da completa negação de terreno às potestades das trevas, teremos de rejeitar todas as suas manobras. Se, pelo exercício da vontade, mantivermos uma posição antagônica ao inimigo, os esforços dele serão inúteis. Devemos pedir a Deus que nos revele esses esforços, a fim de resistirmos a cada um deles. A operação dos espíritos malignos na vida do crente consiste em atuar no seu lugar e influenciá-lo a agir segundo a vontade deles. Por isso, devemos recusar que eles atuem em nosso lugar, e resistir à influência deles. Precisamos impedir a entrada dos espíritos inimigos e

também negar qualquer terreno onde eles possam estabelecer-se. Quando resistimos ao inimigo, ele luta de todos os modos. Por isso, precisamos nos empenhar com *todas as forças*, até conseguirmos a restauração da normalidade e da liberdade. No início da luta, poderemos nos sentir temporariamente incapacitados. Contudo, se batalharmos com todas as nossas forças, nossa vontade deixará a passividade e passará à atividade, assumindo o controle de todo o nosso ser. Desse modo, batalhando, desfaremos a passividade e o entrincheiramento do inimigo.

"O período de luta é muito doloroso. Passamos momentos de grande sofrimento e de intenso combate, devido à resistência por parte das potestades das trevas, que lutam para reter aquilo que o crente se empenha em recuperar," (Penn-Lewis, WOTS, 194.) Ao exercitar a vontade para resistir ao domínio dos espíritos malignos, e restabelecer seu próprio controle, o crente enfrenta uma rigorosa oposição do inimigo. Inicialmente, ele pode não ter consciência da profundidade do poço em que caiu. Contudo, ao começar a combater, palmo a palmo, para encontrar o caminho de retorno ao seu estado normal, ele conseguirá avaliá-la. Devido à resistência do inimigo nesse estágio inicial do combate, ele pode achar que seus sintomas *se accentuam*. Tem a impressão de que, à medida que a batalha se desenrola, sua vontade está perdendo forças e que a área na qual o combate se trava está ficando mais confusa. Esse fenômeno, porém, é o sinal da *vitória!* Embora o crente se sinta pior, na realidade ele está melhor. *É que isso revela que a resistência tem produzido resultados: o inimigo sentiu a pressão e, por conseguinte, está queimando seus últimos cartuchos. Se o crente continuar exercendo pressão, os espíritos malignos baterão em retirada.*

Durante a batalha, é indispensável que o crente permaneça firme no ensinamento de Romanos 6.11, reconhecendo que é *um* com o Senhor. A morte de Jesus é a sua morte. Essa fé vai libertá-lo da autoridade dos espíritos malignos, pois eles não têm poder sobre quem está morto. Devemos tomar essa posição com firmeza. Além disso, é preciso fazer uso da Palavra de Deus contra todas as mentiras do inimigo, porque nessa conjuntura o adversário mente, dizendo ao crente que não há nenhuma esperança de restauração. Se ele se convencer disso, e cair nesse artil, certamente estará correndo o maior dos perigos. Na verdade, ele deve lembrar-se de que, no Calvário, Jesus derrotou Satanás e todas as suas hostes malignas (Cl 2.14,15; Hb 2.14). A obra da salvação foi consumada para que todos possam ser libertos das potestades das trevas, e transportados para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1.13). O sofrimento por que o crente passa para recuperar o terreno garante-lhe aquilo que o inimigo mais teme, e mostra como é necessário que ele o recupere. Conseqüentemente, sempre que as potestades

iníquas impuserem novas e maiores aflições ao crente, ele deve identificar a origem de todas elas. Por isso, ele tem de rejeitá-las e desprezá-las, sem se preocupar com elas, nem falar a seu respeito.

Se o cristão suportar com paciência esses incômodos temporários, e exercitar, de maneira corajosa, sua vontade para retomar o território cedido, perceberá que progressivamente vai sendo liberto. Pouco a pouco, à medida que ele nega terreno ao inimigo, e o recupera, reduz a invasão demoníaca. Se ele não ceder *mais* nenhum terreno, enquanto luta pela retomada dele, o inimigo vai perdendo o poder de importuná-lo. O resgate completo ainda pode demorar algum tempo, mas agora ele está a caminho da libertação. Começa a ter consciência de si mesmo, a preocupar-se com a alimentação, com a aparência e com outros elementos cuja percepção havia perdido por causa do ataque maligno. No entanto ele não deve interpretar mal esses fatos, acreditando tratar-se de um retrocesso espiritual. Pelo contrário, a consciência restaurada constitui evidência de que seus sentidos estão livres do antigo invasor. Assim, nesse estágio, ele deve continuar firmemente no processo, até recuperar a liberdade em toda a sua plenitude. Precisa ter cuidado para não se contentar com pequenas vitórias. Não deve parar enquanto não recuperar plenamente seu estado normal.

A ORIENTAÇÃO CERTA

Precisamos compreender o modo certo como o Senhor conduz o homem, e o relacionamento entre a vontade humana e a divina.

Devemos obedecer a Deus de modo incondicional. Quando atingirmos o ápice da vida espiritual, nossa vontade estará perfeitamente unida à de Deus. No entanto isso não significa que ela tenha deixado de existir. Continua existindo; só o controle carnal é que desapareceu. Deus requer sempre que a vontade do homem coopere com ele na realização dos propósitos divinos. Observando o exemplo do Senhor Jesus, podemos ter certeza de que nossa vontade, mesmo em união com Deus, permanece sob nosso controle. "Não procuro a *minha própria* vontade, e sim a daquele que me enviou"; "não para fazer a *minha própria* vontade, e sim a vontade daquele que me enviou"; "contudo, não se faça a *minha* vontade, e sim a tua" (Jo 5.30; 6.38; Lc 22.42 - grifo do autor). Aqui vemos que o Senhor Jesus, embora sendo um com o Pai, ainda possui sua *própria* vontade, distinta da do Pai. Ele tem sua própria vontade, mas não a busca nem a cumpre. A implicação é óbvia. Todo aquele que está realmente unido com Deus deve unir sua vontade à dele. Não devemos aniquilar nossa faculdade volitiva.

Deus, que nos dá a orientação certa, não obriga o cristão a obedecer-lhe mecanicamente. O que o crente tem a fazer é executar a vontade divina *ativamente*.

Deus não tem prazer em exigir dos seus obediência cega. Ele quer que façamos sua vontade no exercício pleno e consciente do nosso ser total. Uma pessoa preguiçosa gostaria que Deus agisse por ela, para que assim pudesse segui-lo passivamente. Contudo o Senhor não quer filhos preguiçosos. Ele deseja que todos nós, depois de examinarmos sua vontade, coloquemos nossas faculdades à sua disposição e lhe obedecemos ativamente. Vemos, então, que, ao obedecer na prática, o crente passa pelos estágios seguintes: Primeiro, *dispõe-se* a fazer a vontade de Deus (Jo 7.17). Segundo, o Espírito Santo *revela* essa vontade à intuição dele (Ef 5.17). Depois, Deus o fortalece para *querer* sua vontade. A seguir, o Senhor o fortalece para que realize sua vontade (Fp 2.13). Deus nunca opera em lugar do crente para realizar a vontade divina. Por conseguinte, depois de conhecermos a vontade de Deus, devemos querer executá-la, e afinal nos colocarmos na dependência do poder do Espírito Santo para realizá-la.

Por que é que o cristão deve depender do poder do Espírito Santo? Porque sua vontade sozinha é muito fraca. Como são verdadeiras estas palavras de Paulo: "Pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuar-lo" (Rm 7.18). Devemos permitir que o Espírito Santo fortaleça nosso homem interior, para depois praticar a obediência a Deus. É por isso que *ele* opera em nós primeiro o querer, e depois o efetuar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13).

Quando nosso querer está unido a Deus, este revela sua vontade ao nosso espírito através da intuição, e nos fortalece para que a queiramos e a realizemos. Ele exige que sejamos um com ele, mas nunca se põe em nosso lugar para usar nossa vontade. O propósito da criação e da redenção de Deus é dar ao homem um querer perfeitamente livre. Através da salvação que o Senhor Jesus realizou na cruz, nós, cristãos, podemos agora decidir livremente fazer a vontade de Deus. Segundo nosso desejo e vontade, podemos aceitar ou rejeitar todas as obrigações do Novo Testamento concernentes à vida e à santidade. Se Deus tivesse de anular nosso querer, para que realizássemos essas obrigações, estas não teriam nenhum valor para ele.

O cristão espiritual é aquele que tem plena autoridade para exercitar seu próprio querer. Ele sempre decide fazer a vontade de Deus e rejeitar a de Satanás. Embora algumas vezes fique inseguro, sem saber se algo vem do Senhor ou do diabo, ainda assim é capaz de aceitar ou de rejeitar. Ele pode dizer:

"Embora eu não saiba se isso é de Deus ou de Satanás, ainda assim escolho aquilo que é de Deus, e rejeito o que é de Satanás."

Ele pode continuar ignorando se algo vem do Senhor ou do diabo, mas mesmo assim pode manter a a-

titude de querer o que é de Deus e de rejeitar o que é do diabo. O filho de Deus deve exercitar sempre o seu direito de aceitar ou rejeitar tudo que lhe é apresentado. Não importa muito se não possui consciência plena acerca da origem das coisas. O importante é que ele decida fazer a vontade de Deus. Ele pode dizer:

"Sempre que souber qual é a vontade do Senhor, eu a farei. Eu sempre vou optar pela vontade de Deus e rejeitar a de Satanás."

Essa atitude concede ao Espírito Santo a oportunidade de operar nele, até que sua vontade de rejeitar o diabo se torne mais forte e Satanás perca diariamente sua influência sobre ele. Desse modo, Deus passa a ter mais um servo fiel no meio de um mundo rebelde. O crente deve persistir em manter a *atitude* de rejeitar a vontade do inimigo, suplicando continuamente ao Senhor para mostrar-lhe o que é de Deus. Agindo assim, ele logo começará a sentir como essa atitude da vontade é importante para sua vida espiritual.

DOMÍNIO PRÓPRIO

O ápice de nossa caminhada espiritual é o domínio próprio. Comumente se diz que o Espírito Santo nos governa, mas isso não significa que ele controle diretamente cada uma de nossas faculdades. Um entendimento errado dessa questão pode gerar engano ou desespero. Se soubermos que o objetivo do Espírito Santo é conduzir-nos ao domínio próprio, não cairemos na passividade. Pelo contrário, obteremos um significativo crescimento espiritual.

"Mas o fruto do Espírito é... domínio próprio." (Gl.5.22,23.) A obra do Espírito Santo é conduzir nosso homem exterior a uma perfeita harmonia com o nosso domínio próprio. O Espírito Santo dirige o crente através de uma vontade renovada. Quando um filho de Deus anda segundo a carne, seu homem exterior é rebelde ao espírito, e ele se torna uma pessoa desagregada. Contudo, quando anda no espírito, ele produz fruto espiritual. Aí, então, passa a manifestar em sua alma o domínio próprio, bem como o amor, a alegria, a benignidade, e outras virtudes. O homem exterior, outrora disperso e confuso, agora acha-se totalmente sujeito e submisso ao domínio próprio, de acordo com a mente do Espírito Santo. Portanto as faculdades que devemos controlar por meio da vontade são as seguintes:

1. *Nosso próprio espírito.* Temos de mantê-lo em condições ideais, isto é, nem quente demais nem frio demais. O espírito precisa estar sob o controle da vontade, da mesma maneira que as demais faculdades do homem. Somente quando temos uma vontade renovada e cheia do Espírito Santo é que somos capazes de dirigir nosso próprio espírito, mantendo-o no seu devido lugar. Os crentes maduros são aqueles que sabem que devem exercitar a vontade para controlar o espíri-

to, se ele se mostra precipitado, ou então para erguê-lo, quando se acha por demais abatido. Só assim o crente pode andar em espírito, dia após dia. Isso não contradiz o que dissemos anteriormente acerca do fato de que o espírito dirige todo o nosso ser. Quando afirmamos que o espírito governa o homem total, estamos querendo dizer que o espírito, conhecendo a mente de Deus por meio da intuição, *governa* o ser total (inclusive a vontade), de acordo com aquilo que Deus quer. Ao dizer que a vontade controla o homem, queremos dizer que ela controla *diretamente* o homem inteiro (inclusive o espírito), de acordo com a vontade de Deus. Na prática, as duas idéias se harmonizam perfeitamente. "Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio." (Pv 25.28.)

2. *Nossa mente e as demais faculdades da alma.*

Precisamos submeter todos os pensamentos ao pleno controle da vontade. Quando o pensamento divaga, temos de reassumir imediatamente o controle dele: "... levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5); "Pensai nas coisas lá do alto..." (Cl 3.2).

3. *Nosso corpo.* Ele deve ser um instrumento a serviço do homem, e não seu senhor, por causa de seus hábitos e desejos desenfreados. O cristão deve exercitar a vontade para controlar, disciplinar e subjugar o corpo, a fim de que ele esteja em plena submissão, pronto para fazer a vontade de Deus, e não para impedir a realização dela. "Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão..." (1 Co 9.27.) Quando a vontade do crente alcança o estado de total domínio próprio, nenhuma de suas faculdades pode impedi-lo de realizar a vontade de Deus, pois, no momento em que ele tem consciência dela, realiza-a imediatamente. Tanto o Espírito Santo quanto o espírito do homem necessitam de que a vontade esteja submissa ao domínio próprio, para lhes permitir executar aquilo que o Senhor lhe revela. Assim, por um lado devemos estar unidos a Deus, e, por outro, temos de controlar todo o nosso ser, a fim de torná-lo obediente a nós. Isso é um imperativo para crescermos espiritualmente.

TERCEIRA PARTE

O CORPO



CORPO DO CRENTE

Precisamos saber o lugar que Deus reservou para o nosso corpo físico, em seu plano e em seu propósito. É impossível negar que existe uma relação entre o corpo e a espiritualidade. Além do espírito e da alma, temos também um corpo. Não importa que a intuição, a comunhão e a consciência do nosso espírito estejam perfeitamente saudáveis, ou que a emoção, a mente e a vontade da nossa alma estejam totalmente renovadas. Nosso corpo também precisa estar são e restaurado, do mesmo modo que o espírito e a alma. Se isso não acontecer, nunca alcançaremos a condição de cristãos espirituais, nem seremos aperfeiçoados. Pelo contrário, estaremos continuamente incorrendo em algum erro. Devemos atender aos impulsos interiores, mas sem negligenciar nosso lado físico. Se cometêssemos tal disparate, sofreríamos muito.

O corpo é necessário e importante; do contrário, Deus não teria criado o homem com um corpo. Examinando atentamente as Escrituras, vemos que a Bíblia fala muito sobre ele. Isso mostra o valor que Deus dá ao nosso corpo. O mais extraordinário de tudo é que o Verbo se fez carne. O Filho de Deus assumiu um corpo de carne e sangue e, embora tenha morrido, continua a ter "essa vestimenta" para sempre.

O ESPÍRITO SANTO E O CORPO

Em Romanos 8.10-13, vemos qual é a condição do corpo, como o Espírito Santo o ajuda, e qual deve ser nossa atitude para com ele. Se aplicarmos esses versículos à nossa vida, teremos um entendimento correto do lugar que o nosso corpo ocupa no plano redentor de Deus.

"Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça." (V 10.) Inicialmente, tanto nosso corpo quanto nosso espírito estavam mortos. Contudo, quando cremos no Senhor Jesus, nós o recebemos para ser nossa vida. Através do Espírito Santo, Cristo vive no crente. Esse é um dos princípios essenciais do evangelho. Cristo habita em todo crente, mesmo naqueles que são fracos. E este Cristo é a nossa vida. Quando ele vem fazer morada em nós, vivifica nosso espírito. Antes, tanto o espírito quanto o corpo estavam mortos. Agora o espírito foi vivificado; apenas o corpo permanece

morto. A condição comum a *todo crente* é um corpo morto com um espírito vivo.

Essa experiência revela a enorme diferença entre o estado interior do cristão e o exterior. Em nosso ser interior flui vida, ao passo que o homem exterior está cheio de morte. Cheios do Espírito de vida, estamos bem vivos. Todavia existimos numa "casca" de morte. Em outras palavras, existe uma diferença radical entre a vida do espírito e a vida do corpo. A vida do espírito é de verdade; a do corpo, morte real. Isso se dá porque nossa constituição física é ainda o "corpo do pecado". Por mais avançado que seja o nível espiritual de um cristão, sua carne continua sendo o "corpo do pecado". Um dia ainda teremos uma constituição ressurreta, gloriosa e espiritual, "a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23) que se dará no futuro. O corpo que hoje temos não passa de um "vaso de barro", de um "tabernáculo" terreno, de um "corpo de humilhação" (2 Co 4.7; 5.1; Fp 3.21). C) pecado foi expulso do espírito e da vontade, mas não foi eliminado do corpo. E é a permanência do pecado que faz com que o corpo esteja morto. Esse é o sentido do texto que afirma que o nosso "corpo, na verdade, está morto por causa do pecado". Simultaneamente, porém, nosso espírito vive. Ou melhor, nosso espírito recebe vida por causa da justiça que há em Cristo. Quando confiamos nele, nós o recebemos como nossa justiça, e assim Deus nos justifica. Num primeiro momento, Cristo nos comunica seu próprio ego (uma transação efetiva). Depois Deus nos justifica por causa de Cristo (uma transação legal). Se Cristo não comunicar sua justiça, não pode haver justificação. No momento em que recebemos a Cristo, obtemos a justificação diante de Deus e desfrutamos ainda a experiência viva de Cristo haver comunicado a nós sua justiça. Cristo entra em nós como vida, a fim de vivificar nosso espírito morto. E isso que significam as palavras: "o espírito é vida, por causa da justiça".

"Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita." (Rm 8.11.) O versículo 10 revela que Deus vivifica nosso espírito; o 11, como Deus dá vida ao nosso corpo. No versículo 10, Paulo fala da

vivificação do espírito, com o corpo ainda morto. No 11, ele vai além, dizendo que, depois da vivificação do espírito, o corpo também pode viver. Na primeira parte desse versículo, ele diz que o espírito vive porque Cristo habita em nós. Na outra, declara que o corpo viverá porque o Espírito Santo habita em nós. O Espírito Santo dará vida ao nosso corpo.

O corpo não está morto no sentido de haver cessado alguma atividade biológica, mas por estar caminhando para a sepultura. Espiritualmente falando, ele é considerado morto. Para o homem, o corpo possui vida. Para Deus, porém, até mesmo essa vida é morte, porque está cheia de pecado: "O corpo, na verdade, está morto por causa do pecado". Embora haja vitalidade no corpo, não podemos permitir que ela se manifeste. Ele não deve exercer atividade nenhuma, pois a ativação de sua vida não passa de morte. O pecado é a vida do corpo e significa morte espiritual. Na verdade, o corpo vive com base na morte espiritual. Por outro lado, sabemos que temos de testemunhar de Deus, servi-lo e trabalhar para ele. E isso exige força física. Se o corpo está espiritualmente morto, e sua vida na verdade é morte, não podemos utilizá-lo para atender às exigências da vida espiritual sem fazer uso de sua morte-vida. É óbvio que nosso corpo não pode fazer e não fará a vontade do Espírito de vida que há em nosso interior. Pelo contrário, fará oposição e lutará contra o Espírito. Como pode o Espírito Santo induzir nosso corpo a responder à chamada divina? Dando ele mesmo vida ao nosso corpo de morte.

Aquele que "ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos" é Deus. Por que então Paulo não o menciona claramente? Para dar mais ênfase ao que *ele fez*, isto é, ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos. O objetivo aqui é chamar nossa atenção para a possibilidade de Deus ressuscitar também nosso corpo *mortal*, uma vez que ele ressuscitou o corpo *morto* de Jesus. De modo indireto, o apóstolo diz que esse Espírito de Deus é o Espírito Santo, que é também o Espírito da ressurreição. Novamente, ele emprega a palavra "se": "Se habita em vós o Espírito daquele... vivificará também o vosso corpo mortal." Ele não está pondo em dúvida que o Espírito Santo habite no crente, pois no versículo 9 ele diz que qualquer um que pertence a Cristo tem o Espírito de Cristo. O que ele quer dizer é o seguinte:

"O Espírito Santo habita em vocês. Portanto seu corpo mortal deve experimentar a vida dele. Todos aqueles que possuem o Espírito habitando neles gozam desse privilégio. Ele não quer que, por ignorância, nenhum crente desconheça essa bênção."

Na realidade, esse versículo ensina que, se o Espírito de Deus habita em nós, Deus, através desse poder presente em nós, da vida também ao nosso corpo mortal. Ele não se refere a uma ressurreição futura, pois

não é disso que ele fala aqui. Simplesmente se faz uma comparação entre a ressurreição do Senhor Jesus e a questão de recebermos vida em nosso corpo hoje. Se a questão fosse a ressurreição, ele empregaria o termo "corpo de morte". Contudo aqui ele diz apenas "corpo mortal", isto é, o corpo que está sujeito à morte, *embora ainda não esteja morto*. O corpo do crente acha-se espiritualmente morto, pois caminha para a sepultura e deve morrer. Isso é muito diferente de um cadáver no sentido literal. Assim como o fato de o Espírito Santo habitar em nós é algo do presente, do mesmo modo ele dar vida ao nosso corpo mortal deve ser uma experiência atual também. Mais ainda. Devemos reconhecer que ele não está se referindo aqui à nossa regeneração, pois não fala de o Espírito Santo comunicar vida ao nosso espírito, e sim ao nosso corpo.

Nesse versículo, Deus revela um privilégio físico que temos, ou seja, a vida do nosso corpo mortal através do seu Espírito que em nós habita. O que ele afirma aí não é que o "corpo do pecado" se tornou santo, ou que nosso "corpo de humilhação" foi transformado num corpo glorioso. Também não diz que este corpo mortal se revestiu de imortalidade. Isso não poderá se realizar nesta vida. A redenção do nosso vaso de barro deve aguardar até que o Senhor venha e nos receba para si mesmo. É impossível ocorrer a mudança da natureza do nosso corpo ainda neste mundo. Por isso, a expressão "o Espírito Santo dá vida ao nosso corpo" significa na verdade que ele nos restaurará quando estivermos doentes e nos preservará se não estivermos doentes. O Espírito Santo fortalecerá nosso tabernáculo terreno, para que possamos cumprir as exigências da vida com o Senhor e da realização de sua obra, sem que nossa vida e o reino de Deus venham a sofrer por causa da fraqueza do nosso corpo.

É isso que Deus preparou para todos os seus filhos. Contudo poucos cristãos experimentam genuinamente, todos os dias, essa vida dada pelo Espírito ao seu corpo mortal. A vida espiritual de muitos é ameaçada por suas condições físicas. Muitos caem por causa da fraqueza física, e não podem trabalhar ativamente para Deus por causa da escravidão da doença. A experiência dos cristãos hoje não corresponde à provisão divina. Existem várias razões para essa discrepância. Alguns rejeitam a provisão de Deus, pois afirmam que ela nada tem a ver com eles. Outros conhecem essa provisão, crêem nela e a desejam, mas não apresentam seu corpo ao Senhor como um sacrifício vivo. Afirmam que Deus lhes concedeu força para viverem por si mesmos. No entanto aqueles que realmente desejam viver para Deus, e pela fé se apropriam dessa promessa e dessa provisão, experimentam a realidade da plenitude da vida no corpo, conforme o Espírito Santo lhes concede.

"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne

como se constringidos a viver segundo a carne." (Rm 8.12.) Esse versículo dá uma descrição perfeita da relação correta entre o crente e seu corpo. Muitos irmãos são escravos do seu corpo. Sua vida espiritual acha-se completamente aprisionada em seu corpo! Eles existem como duas pessoas diferentes. Quando se voltam para o seu interior, sentem-se espirituais, vêem-se próximos de Deus e com vida abundante. Quando estão na carne, sentem-se caídos, carnis e afastados do Senhor, por estarem obedecendo a seu corpo. Este, então, se torna uma carga pesada para eles. Um pequeno incômodo físico pode alterar sua vida. Uma pequena enfermidade ou dor os perturba e enche seu coração de amor próprio e autopiedade. Sob tais circunstâncias, é impossível crescer espiritualmente.

O apóstolo usa as palavras "assim, pois" simplesmente por estar completando o que havia dito nos versículos anteriores. Cremos que o versículo 12 é uma continuação direta do 10 e do 11. No 10, ele declara que o corpo está morto; no 11, afirma que o Espírito Santo dá vida ao corpo. Com base nessas duas declarações sobre o corpo, o apóstolo conclui, dizendo: "Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constringidos a viver segundo a carne". Primeiro, visto que o corpo está morto por causa do pecado, não *podemos* viver segundo o corpo. Agir assim seria pecar. Segundo, uma vez que o Espírito Santo deu vida ao nosso corpo mortal, não *precisamos* viver segundo a carne, pois ela já não tem autoridade para amarrar nossa vida espiritual. Essa provisão do Espírito de Deus capacita nosso interior para comandar diretamente o corpo sem sofrer interferência deste. Antes, tínhamos a impressão de que éramos devedores à carne, incapazes de negar-lhe aquilo que ela exigia, desejava e cobiçava. Vivíamos debaixo do domínio dela, cometendo inúmeros pecados. Agora, porém, temos a provisão do Espírito Santo. Não apenas as cobiças da carne deixaram de ter controle sobre nós, mas suas fraquezas, doenças e sofrimentos também perderam a força.

Muitos argumentam que devemos cumprir as exigências e os desejos legítimos da carne. Contudo o apóstolo assevera que nada devemos a ela. E não devemos mesmo, a não ser preservar nosso tabernáculo terreno numa condição adequada como vaso de Deus. Naturalmente, a Bíblia não nos proíbe de cuidar do corpo, caso contrário, teríamos muitas doenças desnecessárias e assim seríamos obrigados a dedicar-lhe muito mais tempo e cuidado. A vestimenta, o alimento, o abrigo e o descanso são necessidades. Todavia o que queremos ressaltar é que essas preocupações não deveriam ter prioridade em nossa vida. Sem dúvida, devemos comer quando tivermos fome, beber quando tivermos sede, descansar quando cansados e vestir-nos quando estivermos com frio. Contudo não devemos permitir que tais cuidados penetrem tanto em

nosso coração que se tornem nossa principal meta de vida, nem total nem parcialmente. Não devemos amar essas necessidades. Elas deveriam manifestar-se e ser atendidas *naturalmente*. Jamais devem permanecer em nós, tornando-se desejos interiores. Algumas vezes, por causa da obra de Deus ou de alguma outra necessidade extrema, devemos esmurrar nosso corpo e subjugar-lo, negando-lhe aquilo que ele exige. No jardim do Getsêmani, os discípulos demonstraram amor ao sono. O Senhor Jesus suportou fome ao lado do poço de Sicar. Esses dois episódios apresentam um quadro contrastante da derrota (dos discípulos) e da vitória (de Cristo) sobre exigências legítimas do corpo. Não sendo mais devedores à carne, não devemos pecar seguindo as cobiças dela, nem ser relaxados na obra espiritual devido a uma fraqueza física.

"Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." (Rm 8.13.) Se os cristãos rejeitarem a provisão de Deus, passando a viver pela carne, certamente serão castigados.

"Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte." As palavras "morrer" e "viver" nesse texto têm vários significados. Vamos mencionar apenas um, a morte do corpo. Por causa do pecado, nosso corpo está "morto". Por causa das conseqüências do pecado, ele é um "corpo de morte", isto é, destinado à morte. Se vivermos pela carne, esse corpo de morte se tornará um corpo moribundo. Seguindo a carne, seremos incapazes de receber a vida que o Espírito Santo dá ao corpo. Além disso, encurtaremos nossos dias aqui na terra, pois todo pecado é prejudicial ao corpo. O pecado manifesta seus efeitos na carne, e o resultado é a morte. Por meio da vida que o Espírito Santo dá ao nosso corpo, devemos resistir à morte que está nele. Caso contrário, ela completará sua obra rapidamente.

"Mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." Devemos receber o Espírito Santo não apenas como o Doador de vida ao nosso vaso de barro, mas também como aquele que mortifica os "feitos" dele. Como podemos esperar que ele dê vida ao nosso corpo carnal, sem a "mortificação de seus feitos"? Somente mortificando os feitos do corpo, por meio do Espírito Santo, é que podemos *viver*. Para que o corpo viva, precisamos primeiro mortificar os "feitos" dele, senão o resultado será a morte. Esse é o erro de muitos cristãos. Eles acreditam que podem viver por si mesmos, usando seu corpo carnal da maneira como querem e, ao mesmo tempo, esperam que o Espírito Santo lhes dê vida para que tenham saúde, e fiquem livres de enfermidades. Será que ele daria vida e força aos homens para capacitá-los a viver para si mesmos? Que grande tolice! O propósito da vida que Deus dá ao nosso corpo é que vivamos para ele. Se o Espírito Santo nos desse saúde e força, sem que tivés-

semos nos oferecido inteiramente a Deus, iríamos viver mais intensamente para nós mesmos. Muitos cristãos, que buscam no Espírito Santo vida e saúde para seu corpo mortal, entenderão agora que não desfrutam dessa experiência por terem negligenciado esse ponto essencial.

Nós mesmos não podemos dominar nosso corpo. Só conseguiremos controlá-lo através do Espírito Santo. Ele nos capacita a mortificar os "feitos" do corpo. Todo crente sabe que é incapaz de resistir às concupiscências da carne, que levam seu corpo a realizar "feitos" que agradam àquela. Contudo o Espírito Santo nos capacita a dominar essa situação. É muito importante saber isso. E inútil tentar crucificar o próprio ego. Muitos hoje compreendem o que é estar crucificado com o Senhor na cruz. Contudo poucos têm experimentado isso como uma realidade. Para muitos crentes, estar crucificado com Cristo é apenas uma doutrina. Em sua essência, isso se deve à falta de um entendimento claro do papel do Espírito Santo no plano da salvação. Tais crentes não compreendem que o Espírito opera em harmonia com a cruz. Precisamos saber que a cruz sem o Espírito de Deus é totalmente ineficaz. *Somente o Espírito Santo pode fazer com que os crentes experimentem o que a cruz realizou. Se ouvirmos a verdade da cruz, mas não permitirmos que o Espírito aplique em nossa vida, nosso conhecimento não passa de uma teoria, de um ideal.*

E muito bom reconhecer que "nosso velho homem foi crucificado com ele para que o corpo pecaminoso seja anulado" (Rm 6.6 - Darby). Contudo, se "pelo Espírito", não "mortificamos os feitos do corpo", permaneceremos escravizados a esses feitos. Temos visto muitos crentes que compreenderam claramente a verdade da cruz e a aceitaram, todavia ela não se aplica na vida deles. Então começam a duvidar de que podem experimentar a realidade da salvação *prática* da cruz. No entanto eles não deveriam ficar surpresos com isso. E que se esqueceram de que somente o Espírito Santo pode aplicar à sua vida a experiência da cruz. Só ele pode confirmar a salvação, e mesmo assim eles se esqueceram dele. Se os crentes não se entregarem ao Espírito Santo, confiando plenamente no poder dele para mortificar os feitos do corpo, a verdade que professam conhecer será uma simples teoria. Só pela mortificação desses feitos, efetuada pelo Espírito Santo, teremos vida hoje em nosso corpo mortal.

PARA GLORIFICAR A DEUS

O texto de 1 Coríntios 6.12-20 lança mais luz sobre o ensinamento bíblico acerca do corpo do crente. Examinemos essa passagem, versículo por versículo.

"Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas." (V 12.) Como vemos pelos versículos seguintes, o apóstolo Paulo aqui

está se referindo ao corpo. Ele julga que tudo lhe é lícito porque, de acordo com a natureza, todas as exigências do corpo, como o comer, o beber ou o sexo são naturais, justas e lícitas (v. 13). Entretanto ele entende que nem todas elas são necessariamente úteis, nem devem escravizar o homem. Em outras palavras, de acordo com nossa existência natural, temos permissão para fazer muita coisa com nosso corpo. Entretanto, como pertencemos a Deus, somos capazes também de *abrir mão* delas, para a glória de Deus.

"Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo." (V 13.) A primeira parte desse versículo corresponde à primeira parte do versículo anterior. O alimento é lícito, mas tanto ele quanto o estômago serão destruídos. Nenhum deles é eternamente útil. E a última parte corresponde à segunda metade do versículo anterior. O cristão é capaz de situar-se acima do desejo sexual, consagrando seu corpo inteiramente ao Senhor (1 Co 7.34).

"O corpo é para o Senhor." Essa expressão é muito importante. Primeiro, Paulo nos fala sobre a questão do alimento. Ao comer e beber, o cristão tem a oportunidade de provar na prática que "o corpo é para o Senhor". Adão pecou pelo comer. O Senhor Jesus, no deserto, também foi tentado no comer. Muitos cristãos não sabem glorificar a Deus em seu comer e beber. Não comem e bebem apenas para manter o corpo preparado para o uso do Senhor, mas buscando a satisfação dos seus desejos pessoais. Devemos compreender que o corpo é para o Senhor e não para nós mesmos. Por isso, devemos evitar usá-lo para o nosso próprio prazer. O comer não deve impedir nossa comunhão com Deus. A finalidade da alimentação é apenas preservar o corpo com saúde.

O apóstolo menciona também a questão da imoralidade. Trata-se de um pecado que contamina o corpo. Cometendo-o, transgredimos diretamente o princípio de que "o corpo é para o Senhor". A imoralidade aqui refere-se não apenas à licenciosidade fora do casamento, mas também aos excessos mesmo para quem é casado. O corpo é para o Senhor, totalmente para o Senhor, e não para nós. De modo que ele proíbe que abusemos dele inclusive no relacionamento sexual legítimo.

O propósito do apóstolo Paulo nessa passagem é mostrar que devemos resistir inteiramente a qualquer excesso da carne. O corpo é para o Senhor e somente o Senhor pode usá-lo. Qualquer ato que praticarmos em qualquer área dele, apenas por prazer pessoal, desagrada a Deus. Só devemos usar o corpo como instrumento de justiça, de nenhum outro modo. Ele não pode servir a dois senhores, como aliás todos os ou-

tros aspectos do nosso ser. Mesmo em questões naturais, como o alimento e o sexo, devemos usar o corpo exclusivamente para satisfazer *necessidades*. Embora precisemos realmente satisfazer essas necessidades, o corpo é para o Senhor, e não para os manjares ou para o sexo. Muitos cristãos hoje em dia aspiram à santificação do seu espírito e de sua alma, mas não têm uma percepção completa de que isso depende da santificação do corpo. Esquecem-se de que, se tudo que diz respeito ao corpo, como as reações nervosas, as sensações, as ações, a conduta, as obras, o alimento e a linguagem não forem totalmente para o Senhor, eles nunca alcançarão a perfeição.

"O corpo é para o Senhor." Isso significa que, embora a carne pertença ao Senhor, este a confiou ao homem. E o Senhor quer que a conservemos para ele. São muito poucos os que conhecem e praticam essa verdade! Inúmeros cristãos hoje acham-se acometidos de doenças, fraqueza e sofrimento. Deus está disciplinando esses crentes, para que possam apresentar-lhe seu corpo como sacrifício vivo. Se entregassem o corpo totalmente a Deus, ele os curaria. Deus quer que essas pessoas saibam que o corpo é para o Senhor, e não para elas mesmas. Se continuarem a viver seguindo seus desejos, o açoitamento de Deus permanecerá sobre elas. Todo aquele que está doente deve meditar seriamente nessas palavras.

"E o Senhor, para o corpo." Essa declaração é incrivelmente maravilhosa! Costumamos achar que o Senhor salva apenas nosso espírito e nossa alma, mas aqui diz que "o Senhor (é) para o *corpo*". Os cristãos entendem que o Senhor Jesus veio salvar somente o espírito e a alma. Crêem que o corpo é inútil e destituído de valor espiritual, desprovido de qualquer provisão no esquema redentor de Deus. Contudo Paulo afirma aqui com clareza que "o Senhor é para o corpo". E Deus mesmo quem diz que ele é também para esse vaso de barro que o homem tanto estima.

Por que é que os crentes negligenciam o corpo físico? Porque erroneamente entendem que o Senhor Jesus veio salvá-los apenas dos seus pecados; não das suas doenças. Por isso, recorrem apenas aos métodos humanos para curar suas fraquezas e doenças. Ao lerem os evangelhos, vêem que o Senhor Jesus efetuou mais curas físicas do que salvação de almas. Contudo espiritualizam a questão, entendendo que essas enfermidades eram doenças espirituais. Podem até admitir que o Senhor Jesus, enquanto estava na terra, curou doenças físicas, mas crêem também que hoje ele só cura enfermidades espirituais. Estão dispostos a entregar as questões de natureza espiritual ao Senhor para que ele as resolva. Entretanto crêem que devem buscar a cura de suas dores físicas em outro lugar, pois acreditam que o Senhor nada tem a ver com elas. Esquecem-se de que "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será

para sempre" (Hb 13.8).

Muitos crentes hoje pensam que Deus não tem bênçãos para o corpo. Acham que a redenção de Cristo se limita ao espírito e à alma, e não afeta nosso ser físico. Não levam em conta que o Senhor Jesus, em seus dias, curou doenças, e que os apóstolos continuaram a exercitar esse poder de cura. A única explicação para tal atitude só pode ser a incredulidade. No entanto a Palavra de Deus declara que o Senhor é também para o corpo.

Isso tem relação com o que dissemos anteriormente. Nosso corpo é para o Senhor e, ao mesmo tempo, o Senhor é para o nosso corpo. Vemos nisso o relacionamento recíproco entre Deus e o homem. Deus se dá inteiramente a nós, para que possamos nos oferecer totalmente a ele. Quando nos oferecermos a ele, o Senhor se dará novamente a nós, de acordo com a medida da nossa entrega pessoal a ele. Deus quer que saibamos que ele deu seu corpo por nós, e também que, se nosso corpo for genuinamente "para ele", vivenciaremos o fato de que o Senhor é para o corpo. A expressão "o corpo é para o Senhor" significa que devemos dedicar nosso corpo totalmente a ele, para viver para ele. "O Senhor é para o corpo" significa que, ao aceitar nossa consagração, ele concede sua vida e seu poder ao nosso corpo físico. Ele cuidará dele, preservando-o e nutrindo-o.

Como temos consciência das fraquezas, impurezas, pecaminosidade e mortalidade da carne, achamos impossível aceitar que o Senhor é para o corpo também. Poderemos entender isso melhor analisando o método de salvação criado por Deus. Quando o Senhor Jesus nasceu, o Verbo se fez carne. Ele passou a possuir um corpo. Quando estava na cruz, carregou "ele mesmo em seu *corpo*, sobre o madeiro, os nossos pecados" (1 Pe 2.24 - grifo do autor). Unido a ele, pela fé, nosso corpo foi crucificado com ele também. Desse modo, ele nos libertou do poder do pecado. Em Cristo, esse nosso tabernáculo de carne ressuscitou e ascendeu ao céu. Atualmente, o Espírito Santo está habitando em nós, por isso podemos dizer que o Senhor é para o nosso corpo, e não apenas para o nosso espírito e nossa alma.

A expressão "o Senhor é para o corpo" possui vários significados:

1. Exprime a idéia de que o Senhor livrará o corpo do pecado. De certo modo, quase todo pecado tem relação com o corpo. Muitos pecados têm causas fisiológicas especiais. A glotonaria e a bebedeira, por exemplo, se baseiam na satisfação de apetites físicos. Muitos acessos de ira são desencadeados por mal-estar físico. Aqueles que têm nervos supersensíveis podem se tornar frágeis e ásperos. Muitas personalidades estranhas são resultado de problemas fisiológicos. Sabemos de inúmeros criminosos que apresentam uma constituição física diferente das pessoas normais. Apesar de tudo isso, o Senhor ainda é para o corpo. Se

oferecermos nosso corpo a Deus, reconhecendo-o como Senhor de tudo, e por meio da fé reivindicarmos o cumprimento de sua promessa, veremos que ele pode nos livrar de nós mesmos. A despeito de nossa constituição física, mesmo apresentando fraquezas especiais, podemos vencer nossos pecados, através do Senhor.

2. O Senhor é também para nossas doenças físicas. Do mesmo modo que ele destrói o pecado, cura as doenças. Ele é para qualquer problema relacionado ao nosso corpo, e, por conseguinte, para nossas doenças também. As enfermidades são apenas a manifestação do poder do pecado em nosso corpo. O Senhor Jesus é capaz de nos livrar das doenças, assim como nos liberta dos pecados.

3. O Senhor é também para o nosso viver no corpo. Ele será a força e a vida do corpo, permitindo que vivamos por ele. O Senhor deseja que, em nosso caminho diário, experimentemos o poder da sua ressurreição, para que nosso corpo também viva por intermédio dele.

4. O Senhor é também para a glorificação do corpo. Isso acontecerá no futuro. E verdade que hoje podemos alcançar um elevado nível de vida se vivermos por meio dele. Isso, porém, não muda a natureza do nosso corpo. Contudo virá o dia em que o Senhor há de redimir nosso corpo de humilhação, transformando-o na semelhança do seu corpo glorioso.

Devemos ressaltar o significado da expressão "o corpo é para o Senhor". Se desejamos vivenciar a realidade de que "o Senhor é para o corpo", precisamos antes viver o fato de que "o corpo é para o Senhor". Se usarmos nosso corpo segundo nosso próprio desejo, para o nosso prazer, em vez de dedicá-lo inteiramente ao Senhor, será impossível conhecer a experiência de que "o Senhor é para o corpo". Todavia, se nos entregarmos totalmente a Deus, rendendo nossos membros como instrumentos de justiça, e conduzindo-nos em tudo segundo os preceitos divinos, com toda certeza ele nos concederá sua vida e seu poder.

"Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder." (V 14.) Essas palavras esclarecem a última parte do versículo anterior, "o Senhor é para o corpo". A ressurreição do Senhor é física; nossa ressurreição futura também será física. Assim como Deus ressuscitou o corpo do Senhor Jesus, ressuscitará também o nosso. Esses dois fatos são igualmente verdadeiros. E assim que o Senhor é para o nosso corpo: ele nos ressuscitará pelo seu poder. Embora isso ainda vá suceder no futuro, podemos, desde hoje, antegozar o poder da sua ressurreição.

"Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamen-

te, não." (V. 15.) A primeira pergunta está expressa de modo extraordinariamente incomum. Em outros textos, como em 1 Coríntios 12.27, por exemplo, diz simplesmente que "vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo". Somente nessa passagem ele diz: "vossos corpos são membros de Cristo". Na verdade, nosso ser total é um membro de Cristo. Por que, então, aqui ele especifica o corpo? Não temos dificuldade de admitir que nossa vida espiritual é um membro de Cristo, pois ela é espiritual. Como pode, então, este corpo físico ser considerado um membro de Cristo? Estamos realmente recebendo a revelação de uma verdade muito maravilhosa.

Precisamos entender nossa união com Cristo. Deus não contempla cada crente individualmente. Ele engloba a todos dentro da sua visão de Cristo. Nenhum cristão pode existir fora de Cristo, pois é ele quem nos dá força para o viver diário. Para Deus, a união dos crentes com Cristo é uma realidade perfeitamente definida. O "corpo de Cristo" não é apenas uma expressão espiritual; é um fato real. Da mesma maneira que o corpo físico se acha unido à cabeça, nós, os crentes, estamos unidos a Cristo. Aos olhos de Deus, nossa união com ele é perfeita, ilimitada e absoluta. Em outras palavras, nosso espírito (o aspecto mais importante) está unido ao de Cristo. Nossa alma acha-se ligada à de Cristo (o que constitui a união da nossa vontade, afeição e mente com a dele), e nosso corpo ao de Cristo. Se nossa união com Cristo é completa, como é que a parte física do nosso ser pode ficar de fora? Se somos membros de Cristo, nosso corpo também o é.

Sem qualquer sombra de dúvida, a perfeita união só ocorrerá por ocasião da ressurreição futura. Apesar disso, nossa união com Cristo já é uma realidade. Esse ensinamento é vital, pois quando tomamos conhecimento de que *o corpo de Cristo é para o nosso corpo*, desfrutamos de grande conforto. Podemos experimentar na prática todas as verdades. Se tivermos algum distúrbio fisiológico, alguma doença, sofrimento ou fraqueza, lembremo-nos de que o corpo de Cristo é para o nosso corpo. Nosso corpo está unido ao dele. Conseqüentemente, podemos extrair vida e força do seu corpo para suprir nossas necessidades físicas. Todos aqueles que possuem deficiências físicas devem firmar-se nessa união com Cristo, pela fé, e buscar no Senhor o necessário para suas carências físicas.

O apóstolo admira-se de os coríntios ignorarem uma verdade tão clara. Se eles tivessem compreendido esse ensinamento, teriam desfrutado de muitas experiências espirituais. Teriam tido, também, uma atitude responsável, dando atenção a várias advertências práticas, como a de que, se nosso corpo é membro de Cristo, não podemos fazê-lo membro de uma prostituta. E o apóstolo pergunta logo a seguir: "Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só

corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne." (V. 16.) Paulo expõe a doutrina da união de modo bastante claro. Aquele "que se une à prostituta forma um só corpo com ela"; isto é, torna-se um membro da prostituta. O crente uniu-se a Cristo, por isso agora é um membro de Cristo. Onde ficará Cristo se esse seu membro tornar-se membro de uma prostituta? O apóstolo proíbe tal prática.

"Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele." (V. 17.) Nos versículos 15 a 17, ele expõe o mistério da união entre nosso corpo e Cristo. O que ele está dizendo nesse versículo é o seguinte. Se, ao se unir com uma prostituta, o homem se torna uma só *carne* com ela, e um membro dela, se estamos unidos ao Senhor, e nos tornamos um espírito com ele, nosso corpo também se torna membro de Cristo. Quando alguém se une a uma prostituta, ocorre uma união de dois corpos. Se todo o nosso ser está unido a Cristo, muito mais devem os dois se tornarem um.

Paulo entende que o primeiro passo de nossa união com o Senhor é nos tornarmos "um espírito com ele". Essa união é em espírito. Contudo ele não vê o corpo do crente como distinto de seu todo. Ele afirma que a união principal é a que ocorre no espírito. Todavia, pela fusão dos espíritos, nosso corpo se torna um membro de Cristo. Isso prova afinal que o corpo é para o Senhor e o Senhor também é para o corpo.

A questão em estudo aqui é a união. Precisamos entender claramente a posição que temos em Cristo, e saber que não existe a menor brecha em nossa união com ele. Nosso corpo é membro de Cristo, e através dele a vida de Jesus pode se manifestar. Se o Senhor fosse fraco e doente, não poderíamos esperar muito. Entretanto a verdade é justamente o oposto. Por isso, é inegável que podemos receber dele saúde, poder e vida. Entretanto precisamos entender que não podemos sentir em nosso corpo toda nossa comunhão espiritual, bem como as demais experiências cristãs. E fato que nosso *corpo* se tornou membro de Cristo, mas isso não quer dizer que toda nossa experiência espiritual tenha de evidenciar-se nele. Se tivermos de sentir a presença divina em nosso corpo, se Deus tomar o controle direto dele, fazendo-o tremer, se o Espírito Santo o encher e manifestar sua vontade através dele, ou ainda, se o Espírito assumir a direção de nossa língua, e falar por meio dela, nosso corpo terá tomado o lugar de nosso espírito, realizando as obras deste. O resultado é que o espírito perderia sua capacidade de operar, pois o corpo teria usurpado seu lugar e passado a realizar suas obras. No entanto nosso vaso de barro não é capaz de suportar tal condição; a prova disso são suas freqüentes fraquezas. Além do mais, as potestades malignas, como os espíritos que não têm corpo, estão sempre desejando corpos humanos. Seu principal anseio é possuir o físico do homem. O cris-

tão que força seu corpo a ir além de sua capacidade normal está dando lugar à atuação dos espíritos malignos. Isso se harmoniza com as leis que regem o mundo espiritual. Se acharmos que Deus e seu Espírito vão ter comunhão conosco por meio do *corpo*, naturalmente ficaremos na expectativa de que essa comunhão ocorra. Entretanto Deus e seu Espírito nunca se comunicam diretamente com nosso corpo. O Senhor se comunica com o espírito do crente por meio do seu Espírito. Se alguém insistir em buscar uma experiência física com Deus, os espíritos malignos vão aproveitar a oportunidade para entrar, concedendo-lhe aquilo que ele ingenuamente está buscando. O resultado será que os espíritos malignos ocuparão esse corpo. Já entendendo corretamente a união do nosso corpo com Cristo, compreendemos que nos tornamos capazes de receber a vida de Deus fortalecendo-nos. O espírito ocupa uma posição muito importante; por isso, devemos ter muito cuidado para não permitir que nosso corpo venha a usurpar a função do espírito.

"Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo." (V.18.) A Bíblia considera a imoralidade ou fornicação um pecado grave, pois ela está relacionada com nosso corpo, que é membro de Cristo. Será que devemos nos espantar de o apóstolo ter sido tão insistente e enfático quando persuadiu os crentes a evitar a fornicação? Hoje vemos essa prática como uma impureza moral. O apóstolo, porém, ressalta um aspecto diferente. A fornicação é o único pecado pelo qual unimos nosso corpo a outro. Logo, é um pecado que praticamos contra o corpo. Isso significa que nenhum outro pecado, além da fornicação, pode fazer com que um membro de Cristo se torne membro de uma prostituta. A fornicação é um pecado que cometemos contra os membros de Cristo. Devido à nossa união com Cristo, a fornicação se torna duplamente abominável. Vejamos essa questão por outro ângulo. Percebendo o quanto a fornicação é abominável, podemos avaliar como é real a união do nosso corpo com Cristo.

"Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (V. 19.) Essa é a segunda vez que Paulo pergunta "Não sabeis?" A primeira é a do versículo 15, onde ele reforça que o corpo é para o Senhor. Agora ele está se referindo ao "Senhor é para o corpo". Paulo se expressara antes de modo geral, dizendo "Não sabeis vós que sois o templo de Deus" (3.16 - ARC). Aqui ele diz especificamente que "*vosso corpo* é santuário do Espírito Santo". Isso significa que a presença do Espírito Santo em nós começa no espírito e vai até ao corpo. Se acharmos que o corpo é o principal lugar de sua habitação, estaremos cometendo um grande erro. Ele habita inicialmente em nosso espírito, onde mantém comunhão

conosco. Entretanto isso não impede que sua vida flua do espírito para o corpo, a fim de torná-lo vivo. Se acharmos que o Espírito Santo vem principalmente sobre nosso corpo, estaremos enganados. Contudo, se cremos que ele habita apenas em nosso espírito, também seremos prejudicados.

Precisamos entender bem o lugar do corpo no plano redentor de Deus. Cristo afasta do pecado o nosso corpo físico para que possamos ser cheios com o Espírito Santo, tornando-nos instrumentos dele. Ele morreu, ressuscitou e foi glorificado; por isso, pode dar do seu Santo Espírito ao nosso corpo. Anteriormente, era a vida de nossa alma que impregnava nosso corpo. Agora é seu Espírito quem o permeia. A vida dele fluirá para cada um dos nossos membros, e ele nos dará vida e poder muito mais abundantemente do que imaginamos.

E fato que o nosso corpo constitui templo para o Espírito Santo. E isso pode se tornar uma realidade em nosso viver. No entanto muitos hoje são como os crentes de Corinto, que se esqueceram dessa gloriosa possibilidade. Apesar de o Espírito de Deus habitar neles, é como se o Espírito Santo não existisse para eles. Precisamos exercitar a fé para crer nessa verdade, reconhecê-la e aceitá-la. Se o fizermos, descobriremos que o Espírito vai comunicar não apenas a santidade, a alegria, a justiça e o amor de Cristo à nossa alma, mas também concederá vida, poder, saúde e força ao nosso corpo fraco, cansado e doente. Ele dará a vida de Cristo ao nosso vaso de barro, junto com os elementos vitais do seu corpo glorioso. Quando nosso corpo verdadeiramente morrer com Cristo, isto é, quando estivermos totalmente sujeitos a ele, quando rejeitarmos toda vontade própria e toda ação independente, e nada buscarmos senão ser templo do Senhor, com toda certeza o Espírito Santo manifestará a vida do Cristo ressurreto em nosso corpo mortal. Como é bom experimentar a cura e o fortalecimento do Senhor, sendo ele nossa saúde e vida! Se vírmos nosso "tabernáculo" como templo do Espírito Santo, nós o seguiremos, maravilhados e cheios de amor!

"Acaso, não sabeis que... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." (Vv. 19, 20.) Somos membros de Cristo, somos templo do Espírito Santo, não pertencemos a nós mesmos. Fomos comprados por preço. Tudo o que é nosso pertence a ele, principalmente nosso corpo. O fato de Deus efetuar a união de Cristo conosco, e nos dar o selo do Espírito Santo, prova que nosso corpo realmente pertence ao Senhor. "Agora, pois, glorificai a Deus no vosso *corpo*."

Irmãos, Deus quer que o honremos no corpo. Ele deseja que o glorifiquemos através da consagração desse nosso "corpo é para o Senhor" e também através da sua graça manifestada no "Senhor é para o corpo". Sejamos sóbrios e vigilantes, a fim de não usarmos nosso

corpo para nós mesmos, nem permitirmos que ele chegue a um estado em que pareça que o Senhor não é para o corpo. Desse modo, glorificaremos a Deus e permitiremos que ele demonstre seu poder livremente, libertando-nos das fraquezas, das doenças e dos sofrimentos, bem como do interesse próprio, do amor próprio e do pecado.



capítulo
10

AS DOENÇAS

As doenças são um acontecimento comum na vida. Para entendermos como devemos manter nosso corpo em condições de glorificar a Deus, precisamos primeiro saber que atitude vamos tomar com respeito às doenças, como poderemos tirar proveito delas, e também como obter a cura. Se não soubermos lidar com as doenças, certamente estaremos incorrendo em grave erro, tal a relevância delas.

AS DOENÇAS E O PECADO

A Bíblia revela que existe uma relação muito estreita entre a doença e o pecado. A consequência final do pecado é a morte. As doenças encontram-se no meio dos dois, entre o pecado e a morte. Elas são o efeito do pecado e o prelúdio da morte. Se no mundo não houvesse pecado, não haveria nem doenças nem morte. Se Adão não tivesse pecado, não haveria doença na Terra. Disso podemos ter certeza absoluta. As doenças, assim como outros males, surgiram por causa do pecado.

Os seres humanos possuem duas naturezas: a física e a não-física. Ambas sofreram com a queda do homem. O espírito e a alma foram prejudicados pelo pecado, e o corpo foi invadido por doenças. O pecado do espírito e da alma, juntamente com as doenças do corpo, comprovam que o homem tem de morrer.

Quando o Senhor Jesus veio ao mundo para nos salvar, ele não apenas perdoou o pecado do homem, mas também curou o corpo deste. Ele salvou tanto o corpo como a alma. No início do seu ministério, ele curou as enfermidades. Ao completar sua obra na cruz, ele se tornou propiciação para os nossos pecados. Atentemos para o número de pessoas doentes que ele curou quando estava aqui na Terra! Mostrava-se sempre pronto para tocar os doentes e levantá-los. A julgar pelo que ele mesmo realizou e pelo que mandou que seus discípulos fizessem, temos de reconhecer que a salvação que ele provê inclui a cura das enfermidades. Seu evangelho é de perdão e de cura. Os dois andam sempre juntos. O Senhor Jesus salva as pessoas dos pecados e das doenças, para que assim conheçam o amor do Pai. Lendo os evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as epístolas ou o Antigo Testamento, verificamos que perdão e cura andam sempre

lado a lado.

Todos sabemos que Isaías 53 é o texto do Antigo Testamento que apresenta o evangelho com maior clareza. Existem várias passagens do Novo Testamento que fazem referência a esse capítulo, mostrando o cumprimento das profecias dele na obra redentora do Senhor Jesus. "O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados." (V 5.) Esse texto afirma, de modo inequívoco, que Deus nos concedeu tanto a cura do corpo como a paz da alma. Isso se torna mais claro ainda quando vemos o verbo "levar" empregado de duas maneiras diversas. Ele "levou sobre si o pecado de muitos" (v. 12) e "as nossas dores (doenças) levou sobre si" (v. 4). O Senhor Jesus leva nossos pecados e nossas doenças. Já que ele levou nossos pecados, não precisamos carregá-los; da mesma forma, já que ele levou nossas doenças, já não precisamos levá-las.* O pecado prejudicou tanto nossa alma quanto nosso corpo, por isso o Senhor Jesus salva ambos. Ele nos livra das doenças e também dos pecados. Os crentes hoje podem louvar a Deus como fez Davi: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades." (Sl 103.1,3.) E lamentável que muitos cristãos só possam pronunciar esse louvor pela metade, pois conhecem apenas meia salvação. Isso constitui uma perda tanto para Deus quanto para o homem.

Notemos que a salvação de Deus não seria completa se o Senhor Jesus simplesmente perdoasse os nossos pecados, mas não curasse as doenças. Como poderia ele salvar nossa alma e ainda assim deixar nosso corpo ser atormentado pelas enfermidades? Quando Jesus estava aqui na Terra, não deu importância a esses dois aspectos? Algumas vezes, ele perdoou primeiro para depois curar; em outras, deu-se o inverso. Ele age conforme nossa capacidade de receber. Examinando os evangelhos, percebemos que o Senhor Jesus realizou mais curas do que qualquer outra obra, porque para os judeus daquele tempo era mais fácil acreditar nas curas do que no perdão (Mt 9.5). Hoje, porém, os cristãos comportam-se do modo contrário. Naqueles dias, os homens criam que o Senhor tinha

poder para curar enfermidades, mas duvidavam da sua graça para perdoar. Hoje os crentes crêem no seu poder para perdoar, mas duvidam da sua graça para curar. Confessam que o Senhor Jesus veio para salvar os homens de seus pecados, todavia ignoram o fato de que ele é igualmente o Salvador que cura. Pela incredulidade, o homem divide o Salvador perfeito em dois, embora a verdade continue sendo que Cristo é, para sempre, o Salvador do corpo e da alma, competente para curar e para perdoar.

Para o Senhor, perdoar ao homem não é suficiente. Este precisa de cura também. Por isso, depois de ter declarado ao paralítico: "Homem, estão perdoados os teus pecados", ele ordenou: "Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa". (Ver Lucas 5.20,24.) Quanto a nós, embora afligidos por pecados e doenças, achamos que o perdão do Senhor é suficiente. Aceitamos carregar as enfermidades e buscamos a cura por outros meios. O Senhor Jesus, porém, não quer que os amigos do paralítico, que já recebeu o perdão, voltem com ele para casa ainda confinado a uma cama.

No tocante à relação entre o pecado e a doença, a concepção do Senhor é contrária à nossa. Achamos que o pecado é relacionado com o reino espiritual, algo que desagrade a Deus e que ele condena. As doenças, porém, são apenas um fenômeno natural, que nada têm a ver com Deus. No entanto o Senhor Jesus considera tanto os pecados da alma quanto as enfermidades do corpo como obras de Satanás. Ele veio "para destruir as obras do diabo" (1 Jo 3.8). Por isso, expulsa os demônios e cura as doenças. Quando Pedro, sob revelação, fala do *ministério de cura* do Senhor, declara que ele "andou... fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo" (At 10.38). Os pecados e as doenças acham-se intimamente associados, assim como a alma e o corpo. O perdão e a cura se complementam.

A DISCIPLINA DE DEUS

Tendo visto o que o Senhor pensa com respeito à enfermidade, voltemos, agora, nossa atenção para as causas das doenças dos *crentes*.

"Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo." (1 Co 11.30-32.) Paulo explica aqui que a doença é uma forma pela qual Deus nos corrige. Os crentes sofrem essa disciplina por terem errado diante do Senhor. O objetivo é levá-los a julgarem a si mesmos, e a eliminarem seus erros. Ao castigar seus filhos, Deus usa de misericórdia para com eles, para que não sejam condenados com o mundo. Quando nos arrependemos de nossos erros, o Senhor afasta sua disciplina. Portanto

podemos então evitar a doença efetuando um autojulgamento.

Na maioria dos casos, achamos que a doença é apenas um problema físico, sem nenhuma relação com a retidão, a santidade e o castigo divino. Nessa passagem, porém, o apóstolo diz claramente que a doença é o resultado do pecado e também uma punição que Deus aplica. Os cristãos costumam citar o caso do homem cego de João 9, para sustentar a opinião de que as enfermidades não constituem um castigo de Deus por causa do pecado. Todavia o Senhor Jesus não afirmou ali que a doença não tem relação com o pecado. Ele apenas adverte seus discípulos a não condenarem todos os doentes. Se Adão não tivesse pecado, aquele homem de João 9 não teria nascido cego. Além do mais, o homem em questão *nasceu cego*, de modo que a *natureza* da sua doença é bastante diferente da natureza das enfermidades dos crentes. As causas das moléstias de quem nasce doente talvez não sejam seus próprios pecados. De acordo com as Escrituras, porém, quando adoecemos depois que cremos no Senhor, essa enfermidade geralmente tem relação com o pecado. "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados." (Tg 5.16.) A cura só ocorrerá depois que o enfermo confessar seu pecado, que é a raiz da doença.

Em muitos casos, a doença é uma disciplina divina, no sentido de nos alertar para pecados aos quais não damos atenção. Ele quer que os deixemos. Deus *permite* que tenhamos enfermidades para que ele possa nos disciplinar e nos purificar das faltas. Ele pesa sua mão sobre nós para chamar nossa atenção para algum erro que estejamos abrigando, alguma injustiça ou dívida, o orgulho ou amor a este mundo, autoconfiança ou cobiça na obra, ou para algum ato de desobediência ao Senhor. A doença é, portanto, uma disciplina manifesta de Deus sobre o pecado. Disso, porém, não devemos inferir que quem está doente é necessariamente mais pecaminoso que os outros. (Ver Lucas 13.2.) Pelo contrário, geralmente o Senhor disciplina os mais santos. Jó é um ótimo exemplo disso.

Toda vez que Deus corrige um crente e este adoecer, ele pode receber grandes bênçãos, porque o Pai dos espíritos "nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.10). A doença faz com que nos lembremos do passado e o examinemos, para ver se há algum pecado oculto, alguma desobediência a Deus ou vontade própria. Desse modo, podemos ficar sabendo se existe alguma barreira entre nós e Deus. Quando examinamos o coração, enxergamos como nossa vida tem sido dominada pelo ego, e se acha muito distante da santidade do Senhor. Esses exercícios espirituais nos capacitam a crescer espiritualmente e a obter a cura de Deus.

Portanto a primeira atitude a tomar quando estamos doentes não é correr de um lado para outro em busca da cura ou dos meios para isso. Tampouco devemos ficar ansiosos ou temerosos. O que temos de fazer é nos abrir inteiramente à luz de Deus, e nos submetermos a um exame, com o desejo sincero de saber se o castigo se deve a algum erro que praticamos. Devemos julgar a nós mesmos. Assim o Espírito Santo nos mostrará em que temos falhado. Depois, teremos de confessar e abandonar imediatamente tudo aquilo que o Espírito Santo nos indicar. Se cometemos algum pecado *que prejudicou outras pessoas*, devemos fazer o *máximo* para repará-lo, crendo também que Deus nos aceitou. Precisamos oferecer-nos novamente a ele, dispostos a obedecer plenamente à sua vontade.

Deus "não aflige, nem entristece de bom grado os filhos dos homens" (Lm 3.33). Quando o Senhor vê que já atingimos o objetivo do autojulgamento, ele cessa a disciplina. Deus tem prazer em afastar sua disciplina, depois que ela cumpriu seus objetivos. A Bíblia afirma que, se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados. Deus quer que fiquemos livres do pecado e do ego. Quando alcançamos esse objetivo, a doença desaparece, porque esta já realizou sua missão. O que precisamos compreender hoje é que Deus nos castiga com um propósito específico. Por isso, devemos permitir sempre que o Espírito Santo nos revele nossos pecados, a fim de atingirmos o alvo divino, e não precisemos mais de disciplina. Aí então Deus nos cura.

Quando confessamos nossos pecados e os abandonamos, crendo também no perdão de Deus, podemos confiar nas promessas divinas, acreditando, sem nenhum temor, que ele vai nos curar. Com a consciência livre de acusação, temos ousadia para nos aproximar de Deus e receber sua graça. Quando nos achamos separados dele, temos dificuldade para crer, ou então nem temos coragem para isso. Contudo, depois que abandonamos o pecado e recebemos o perdão, temos livre acesso à presença de Deus, através da iluminação do Espírito Santo e da obediência a ele. Removida a causa da doença, ela desaparecerá. Agora o crente enfermo já não tem dificuldade em crer que "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele (Cristo); e pelas suas pisaduras fomos sarados". Nesse momento, a presença do Senhor se manifesta abundantemente, e sua vida entra em nosso corpo para torná-lo vivo.

Será que temos nítida consciência de que nosso Pai celeste não está satisfeito conosco em muitas áreas? Ele se utiliza das enfermidades como forma de ajudarnos a perceber nossas fraquezas. Se não abafarmos a voz da consciência, o Espírito Santo certamente nos mostrará o motivo do castigo. Deus se deleita em perdoar nossos pecados e curar nossas doenças. A grande obra redentora do Senhor Jesus contém tanto o perdão

quanto a cura. Ele não vai permitir que nada se interponha entre nós e ele. Deus quer que vivamos por ele melhor do que vivíamos antes. E hora de confiarmos nele e de lhe obedecermos inteiramente. O Pai celeste não deseja nos castigar. Ele está muito desejoso de curar-nos, para podermos manter uma comunhão mais íntima com ele, ao contemplar seu amor e seu poder.

A DOENÇA E O EGO

As circunstâncias adversas e negativas servem para expor nossa verdadeira condição. Em si, elas não são pecado. Apenas revelam o que existe em nós. A doença é uma dessas circunstâncias que nos permitem enxergar o real estado de nossa alma.

Só temos consciência do quanto estamos vivendo para o ego, e como vivemos pouco para Deus, quando ficamos doentes, principalmente se a doença for prolongada. Em situações normais, podemos declarar com profunda convicção que estamos dispostos a obedecer a Deus de todo o coração, aceitando de bom grado qualquer tratamento que ele venha a nos dispensar. No entanto é só por ocasião da doença que descobrimos se isso é verdade. O que Deus deseja infundir em nós é uma atitude de satisfação para com sua vontade e seu modo de agir. Ele não quer que um filho seu, por causa dos *seus* sentimentos imaturos, venha a murmurar contra essa vontade e esse modo de agir. Por isso, Deus permite que seus filhos mais queridos adoecem repetidas vezes. Ele quer que enxerguemos claramente nossa atitude para com o plano que ele preparou especialmente para nós.

Como é triste ver um cristão que, por causa dos seus próprios desejos, murmura contra o Senhor na hora da provação! Ele não entende que o que Deus lhe dá é o melhor para ele. Pelo contrário, seu coração fica dominado pelo desejo de obter cura imediata. (O que queremos dizer quando nos referimos a uma doença dada por Deus, na realidade, é que o Senhor permite a doença, pois ela procede diretamente de Satanás. Então, qualquer enfermidade que acomete um cristão acontece com a permissão de Deus e também com um propósito definido. A experiência de Jó é um exemplo perfeito dessa verdade.) Por causa disso, o Senhor prolonga a doença. Ele só retira esse seu instrumento de disciplina depois de atingir seu objetivo. A meta de Deus em seu relacionamento com o crente é levar este a uma condição de total submissão a ele, de modo a receber com alegria tudo que ele fizer em sua vida. Deus não se agrada daquele que o louva na prosperidade, mas reclama dele na adversidade. Ele não quer que seus filhos duvidem do seu amor, nem que interpretem mal os seus atos com tanta facilidade. Quer que eles o obedeçam até à morte.

Deus deseja que seus filhos entendam que tudo o que lhes sobrevém provém dele. Por mais perigosas

que sejam as circunstâncias físicas ou ambientais, elas passam pela medida de sua mão. Até mesmo a queda de um fio de cabelo depende da vontade dele. Se alguém resiste ao que lhe sobrevém, está resistindo ao próprio Deus, que permite esse acontecimento. E se ele, depois de um doloroso período de enfermidade, deixar que o ódio domine seu coração, essa revolta na verdade é contra o Senhor, que permitiu que tal provação lhe sobreviesse. A questão em foco não é se o crente deve ficar doente, mas sim se ele está se opondo a Deus. Este quer que os seus, quando doentes, esqueçam-se da doença. Sim, temos de nos esquecer da enfermidade e buscar resolutamente o Senhor. Suponhamos que a vontade divina seja que eu fique doente e permaneça assim. Será que estou preparado para aceitar isso? Será que sou capaz de me humilhar sob a potente mão de Deus sem resistir a ela? Ou será que, em meio ao sofrimento, estou querendo uma cura que não se encontra dentro do atual propósito do Senhor para mim? Será que saberei esperar até que seu propósito para essa enfermidade se cumpra, para depois pedir-lhe a cura? Ou será que vou buscar outros meios de cura enquanto ele está me disciplinando? Será que, nas horas de profundo sofrimento, costumo batalhar por algo que ele não vai conceder de imediato? Precisamos examinar profundamente essas questões quando nos encontramos doentes.

Deus não tem prazer na doença de seus filhos. Pelo contrário, por causa do seu amor, deseja que gozemos uma vida amena e cheia de paz. Contudo ele sabe também que existe um perigo. Em tempos de bonança, nosso amor para com ele, nossas palavras de louvor, e o serviço que lhe prestamos estão condicionados a um viver tranqüilo. Ele sabe com que facilidade nosso coração pode afastar-se dele e da sua vontade, buscando apenas suas bênçãos. Deus permite que nos sobrevenham enfermidades e outros instrumentos de aflição para que possamos descobrir se queremos a ele mesmo ou apenas suas dádivas. Se, nos dias de adversidade, não buscarmos a nada mais, é porque genuinamente queremos a Deus. A doença revela prontamente se estamos buscando nossos próprios desejos ou os desígnios divinos.

Ainda abrigamos nossos desejos pessoais. Essas aspirações provam o quanto o viver diário é dominado por nossos próprios pensamentos. Tanto na obra de Deus quanto no relacionamento com outros, agarramo-nos tenazmente a nossos pensamentos e opiniões. Assim, o Senhor tem de levar-nos até perto das portas da morte, a fim de ensinar-nos como é insensato de nossa parte resistir-lhe. Ele permite que passemos por águas profundas, para que sejamos quebrados e nos esqueçamos da nossa vontade própria, ou seja, aquela conduta que tanto lhe desagrada. Parece que um grande número de cristãos não segue nada do que o Senhor diz. Só se dispõem a obedecer após sofrerem a-

flições físicas. Por isso, depois que a persuasão por meio do amor perde a eficácia, o Senhor emprega o método da disciplina. O propósito do castigo é quebrar a vontade do homem. Todo cristão doente deve pensar seriamente nisso.

Além do desejo e da vontade próprios, Deus também abomina um coração cheio de *amor-próprio*. Esse sentimento ameaça a vida espiritual, destruindo as obras espirituais. Se Deus não remover nosso amor-próprio, não teremos condições de correr com rapidez nossa carreira espiritual. O amor-próprio tem muito a ver com o corpo. Dizer que amamos a nós mesmos significa que estimamos nosso corpo e nossa vida. Por isso, é para destruir essa característica odiosa que Deus, muitas vezes, permite enfermidades. Por causa do nosso amor ao ego, tememos o enfraquecimento do nosso corpo. Entretanto é isso que Deus faz, permitindo que experimentemos a dor. E quando pensamos que vamos melhorar, a doença se agrava. Queremos continuar vivendo, mas tal esperança parece extinguir-se. Naturalmente, Deus trata de modo diverso com cada pessoa. Com algumas, ele age de forma drástica. Com outras, opera levemente. O propósito divino, porém, é sempre transformar o coração cheio de amor-próprio. Muitas pessoas fortes precisam ser levadas até perto das portas da morte para que seu amor-próprio se desfaça. Que é que lhe resta para amar agora com o corpo enfraquecido, a vida em perigo, a doença devorando progressivamente a saúde, e a dor minando-lhe as forças? A essa altura a pessoa está realmente desejando morrer, desesperada e também sem amor-próprio. Seria o ápice da tragédia não se voltar para Deus nesse momento, invocando dele sua promessa de cura.

O coração do crente está longe do coração divino. Deus permite que ele fique doente para que se esqueça de si mesmo. Contudo, quanto mais doente ele fica, maior é o seu amor-próprio. Na ansiedade de obter a cura, ele vive em função de sua doença. Quase todos os pensamentos giram em torno dele mesmo! Quanta atenção ele agora devota à alimentação, procurando ver o que deve e o que não deve comer! Como fica preocupado quando algo sai errado! Ele tem muito cuidado com seu conforto e com seu repouso. Se sua temperatura oscila, ou se passou uma noite ruim, fica agoniado, como se isso fosse fatal para sua vida. Como ele se torna sensível à maneira como outros o tratam! Será que pensam bastante nele? que cuidam bem dele? que o visitam com a frequência devida? Passa horas incontáveis, pensando em seu corpo. E assim não tem tempo para meditar no Senhor ou naquilo que ele pode estar querendo realizar em sua vida. Em verdade, muitos simplesmente são "enfeitiçados" por suas próprias doenças! Só sabemos realmente como é excessivo o amor que temos por nós mesmos quando ficamos doentes.

Deus não tem prazer em nosso amor-próprio. Ele quer que compreendamos o enorme prejuízo que isso nos causa. O Senhor quer também que, nas horas de enfermidade, aprendamos a não nos absorver com nossos sintomas, mas a atentarmos exclusivamente para ele. É seu desejo que lhe entreguemos nosso corpo por inteiro, aceitando seus cuidados. Toda vez que sentirmos um sintoma adverso, devemos nos voltar para o Senhor, e não para o nosso corpo.

Devido a esse amor ao ego, assim que o crente adoece, busca logo a cura. Ele não percebe que, antes de suplicar a Deus que o cure, deve limpar seu coração, abandonando o pecado. Contudo ele está com os olhos fixos na cura. Não se preocupa em perguntar a Deus por que ele permitiu essa doença, do que é que ele deve arrepender-se, ou como pode deixar o Senhor aperfeiçoar sua obra nele. Ele só consegue contemplar a própria fraqueza. Anseia ficar bom novamente, buscando por toda parte os meios para a cura. Então, querendo ser curado rapidamente, ele suplica isso a Deus, e busca informação com o homem. Quando o crente se acha nessa situação, o Senhor não pode realizar seu propósito na vida dele. É por essa razão que alguns se curam apenas temporariamente. Depois de algum tempo, a antiga enfermidade volta. Como pode haver uma cura duradoura se ele não removeu a raiz da doença?

A enfermidade é um dos métodos que Deus utiliza para falar conosco. O Senhor não quer que fiquemos ansiosos, buscando a cura imediatamente. Pelo contrário, ele nos pede para orarmos com atitude de obediência a ele. Como é triste ver uma pessoa esperando ansiosamente a cura, e sem poder dizer ao Senhor: "Fala, Senhor, porque teu servo ouve." Nossa única preocupação é livrar-nos da dor e da fraqueza. Apresamos-nos em procurar o melhor remédio. A doença nos leva a inventar muitas formas de cura. Cada sintoma nos atemoriza, e logo nosso cérebro se põe a trabalhar. Deus parece estar longe de nós. Negligenciamos nossa condição espiritual. Todos os nossos pensamentos se centralizam no sofrimento e nas formas pelas quais poderemos obter a cura. Se o remédio faz efeito, damos graças a Deus. Se o restabelecimento, porém, demora, começamos a entender mal o amor do nosso Pai. Será que nessa ânsia de nos livrar da dor, estamos sendo guiados pelo Espírito Santo? Será que achamos que podemos glorificar a Deus pela força da carne?

O REMÉDIO

O amor-próprio, naturalmente, cria os seus recursos particulares. Em vez de os cristãos recorrerem a Deus, objetivando eliminar a raiz da doença, eles anseiam pela cura, indo buscá-la nos remédios. Não pretendemos analisar extensamente essa questão, se um crente pode ou não tomar medicamentos. Todavia

queremos dizer que, quando o Senhor Jesus nos salvou, fez também provisão para nossa cura física. Assim, parece ignorância, se não incredulidade, recorrer a invenções humanas.

Muitos crentes questionam se os filhos de Deus devem ou não tomar remédio. Dão a entender assim que, solucionando essa questão, todas as demais estarão resolvidas. Será que eles estão cientes de que o viver espiritual não se pauta pelo "poder ou não poder", e sim pela direção divina? Perguntamos, então: um crente que, levado pelo amor-próprio, recorre a remédios e busca ansiosamente a cura, está sendo guiado pelo Espírito Santo? Ou será que está agindo por sua própria decisão? Quando o homem age segundo sua natureza, geralmente busca a salvação pelas obras. Só após muita relutância, depois de haver passado por várias circunstâncias adversas, é que aceita a salvação pela fé. Será que isso também não acontece em relação à cura do corpo? Com respeito à cura divina, a luta talvez seja muito mais intensa do que no tocante ao perdão dos pecados. Os crentes sempre acabam reconhecendo que só poderão entrar no céu se confiarem no Senhor Jesus para sua salvação. No entanto, quando se trata da cura física, eles se perguntam por que é que teriam de depender da salvação do Senhor Jesus, quando existem à sua disposição tantos recursos médicos. A questão, então, não é saber se podemos ou não tomar remédios, mas, se o uso deles, por decisão própria do crente, não limita a salvação de Deus. O mundo já não inventou muitas teorias para salvar o homem do pecado? Não oferece tantas escolas de filosofia, de psicologia, de ética e de educação, além de um grande número de rituais, regras e práticas para ajudar as pessoas a serem boas? Será que nós, os crentes, podemos aceitar tais recursos como sendo perfeitos e eficazes? Somos salvos pela obra que o Senhor Jesus consumou na cruz, ou por esses enganos engenhosos criados pelo homem? De modo semelhante, o mundo inventou remédios dos mais variados tipos para aliviar o homem de suas doenças.

Todavia a obra de salvação que o Senhor realizou na cruz tem relação com o corpo também. Devemos buscar a cura segundo os métodos humanos ou vamos depender do Senhor Jesus?

Reconhecemos que às vezes Deus utiliza intermediários para manifestar seu poder e sua glória. Contudo, pelo relato das Escrituras, e pela experiência dos cristãos, percebemos que, depois da queda do homem, parece que nossos sentimentos passaram a controlar nossa vida. Isso produziu em nós uma inclinação natural para buscar esses intermediários em vez de recorrer a Deus. É por isso que, nas horas de enfermidade, os crentes têm mais interesse por remédios do que pelo poder do Senhor. Embora possam proclamar que confiam nesse poder, no coração estão quase que to-

talmente confiantes no medicamento, como se Deus não pudesse exercitar seu poder sem o uso do remédio. Não é de espantar que eles estejam sempre revelando intranquilidade, ansiedade e temor, buscando com afincos e por toda parte os melhores meios de cura. Não gozam da paz que brota de uma confiança plena em Deus. Como seu coração se acha tão dominado pela idéia de usar medicamentos, voltam-se para o mundo e sacrificam a presença de Deus. O plano do Senhor era trazê-los *para mais perto de si*, por meio da doença. E no entanto, exatamente o *oposto* é que parece estar acontecendo. É possível que alguns sejam realmente capazes de usar remédios sem prejudicar sua vida espiritual, mas são poucos. Muitos crentes tendem a confiar mais nos recursos intermediários do que em Deus. Por conseguinte, sua vida espiritual passa a sofrer em razão do uso de medicamentos.

Existe uma grande diferença entre a cura através do remédio e a cura que vem de Deus. O poder do medicamento é natural, enquanto o do Senhor é sobrenatural. A maneira de obter a cura também é diferente. Quando usamos o remédio, estamos confiando na inteligência humana. Quando dependemos de Deus, confiamos na obra e na vida do Senhor Jesus. Mesmo que o médico seja um crente que suplica a Deus sabedoria e bênção no emprego do remédio, ele não tem poder para comunicar bênção espiritual ao enfermo. É que este, inconscientemente, dirigiu sua esperança de cura para o medicamento, e não para o poder do Senhor. Embora receba a cura física, sua vida espiritual vai sofrer alguma perda. Quem realmente confia em Deus entrega-se ao seu amor e ao seu poder. Procura investigar a causa de sua doença, isto é, busca saber em que ele desagradou ao Senhor. Desse modo, quando for curado, será abençoado espiritual e fisicamente.

Muitos argumentam que já que os remédios vêm de Deus, certamente podemos tomá-los. Contudo o que queremos enfatizar é isto: será que o Senhor nos orienta a tomar medicamentos? Não desejamos discutir se o remédio vem ou não de Deus. Queremos é verificar se Deus deu o Senhor Jesus aos seus filhos como Salvador dos seus males físicos. Devemos buscar a cura através do poder natural dos medicamentos, como fazem os não-crentes e os crentes fracos, ou devemos aceitar o Senhor Jesus, a quem Deus preparou para nós, confiando totalmente em seu nome?

Confiar em medicamentos é uma atitude diametralmente oposta a aceitar a vida do Senhor Jesus. Concordamos que os remédios e outros recursos médicos possuem eficácia. Entretanto não passam de agentes de cura naturais, e ficam muito aquém da provisão de Deus para os seus, que é o melhor para eles. Podemos pedir ao Senhor para abençoar os remédios e sermos curados. Podemos também dar graças a Deus por eles, depois de curados, reconhecendo que a cura

foi uma operação divina. Entretanto tal cura não é a mesma que ocorreria se aceitássemos a vida do Senhor Jesus. Quem age assim está enveredando pelo caminho mais fácil, abandonando o campo de batalha da fé. As doenças se encaixam no contexto do nosso conflito com Satanás. Se o único propósito almejado fosse a cura, poderíamos empregar quaisquer meios. Contudo, como estão em jogo objetivos mais elevados, será que não deveríamos ficar quietos diante de Deus, aguardando por sua operação?

Não queremos declarar dogmaticamente que o Senhor nunca abençoa os remédios. Sabemos que Deus já abençoou muitas vezes, pois ele é extremamente bom e generoso. Entretanto os cristãos que confiam unicamente nos medicamentos não estão permanecendo na base da redenção. Assumem a mesma posição que os homens do mundo. Nessa questão, não podem dar testemunho de Deus. Tomar comprimidos, aplicar pomadas e injeções são práticas que não podem nos comunicar a vida do Senhor Jesus. Quando confiamos em Deus, colocamo-nos numa posição acima do natural. A cura pelos medicamentos é sempre lenta e dolorosa; a cura divina é rápida e abençoada.

O restabelecimento pelos remédios jamais poderá nos conceder o mesmo proveito espiritual da cura que obtemos quando confiamos em Deus. Essa é uma verdade irrefutável. Quando alguém está de cama, doente, arrepende-se profundamente de seus pecados. No entanto, se é curado pelo uso de medicamentos, afasta-se ainda mais de Deus. Se, porém, se curasse, esperando e confiando em Deus, não sofreria esse "efeito colateral". Quem recebe a cura divina confessa seus pecados, nega a si mesmo, confia no amor de Deus e depende do poder dele. Aceita a vida e a santidade do Senhor, estabelecendo com ele um relacionamento novo, que nunca se desfará.

Através da doença, Deus quer nos ensinar a cessar toda atividade própria, para que passemos a confiar inteiramente nele. Muitas vezes, quando buscamos a cura ansiosamente, estamos sendo dominados pelo amor-próprio. Esquecemo-nos de Deus e da lição que ele quer nos ensinar. Será que, se os crentes se esvasiassem do amor-próprio, buscariam a cura com tanta ansiedade? Se realmente cessassem suas atividades, buscariam o auxílio da medicina humana? De modo nenhum. Fariam um auto-exame cuidadoso diante de Deus, buscando primeiro entender a razão de ser da doença. Depois, então, pediriam a cura, com base no amor do Pai. Quando uma pessoa recorre à medicina, busca ansiosamente a cura. Quando se volta para o poder de Deus, aspira calmamente descobrir qual é a vontade dele. Os crentes buscam a cura com ansiedade porque estão cheios de amor-próprio, de desejos impetuosos e de sua própria força. Se aprendessem a depender do poder divino, reagiriam de forma diferen-

te. Ao confiar em Deus para a cura, é necessário que confessemos os pecados e os abandonemos e nos dediquemos totalmente ao Senhor.

Hoje em dia há muitos enfermos. E Deus tem um propósito específico para cada uma dessas enfermidades. Sempre que abrimos mão de dominar por meio do "ego", o Senhor cura. Quando os cristãos não recebem a doença de bom grado, não a vendo como o melhor que Deus tem para nós, quando eles buscam outros meios de cura que não o Senhor, recusando-se a submeter-se a ele, adoecem novamente, mesmo depois de terem sido curados. Se se apegarem ao amor-próprio, e ficarem o tempo todo preocupados consigo mesmos, Deus lhes dará mais motivos para sentirem auto-piedade. Ele vai lhes mostrar que a medicina terrena não pode curar permanentemente. O Senhor quer que seus filhos saibam que *um corpo forte e saudável não é para a satisfação própria, nem para ser usado segundo os próprios desejos, mas somente para Deus*. O espírito de cura é um espírito de santidade. Carecemos é de santidade; não de cura. Precisamos ser libertos primeiro é do ego; não da doença.

Quando renunciamos à medicina e a outros meios humanos, confiando no Pai de coração sincero, verificamos que nossa fé se torna mais robusta. Iniciamos um novo relacionamento com Deus, e passamos a viver por uma vida em que antes não confiávamos. Entregamos nosso corpo, alma e espírito ao Pai celestial. Descobrimos que a vontade de Deus é manifestar o poder do Senhor Jesus e o amor do Pai. Assim aprendemos a exercitar fé no sentido de provar que o Senhor redime o corpo e também o espírito e a alma.

"Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida..." (Mt 6.25.) O Senhor cuida de tudo aquilo que lhe entregamos. Se obtivermos a cura imediata, louvamos a Deus. Se nossos sintomas se agravarem, não devemos duvidar, mas procurar nos firmar nas promessas divinas, sem permitir que o amor-próprio reviva. Deus pode estar usando essa situação para extinguir as últimas partículas do nosso amor pelo ego. Se nos preocuparmos com o corpo, começaremos a duvidar; se contemplarmos as promessas de Deus, chegaremos para mais perto dele, nossa fé crescerá e, por fim, obteremos a cura.

Entretanto devemos ter cuidado para não cair em extremos. A vontade de Deus é que descansemos exclusivamente nele. Contudo, depois que negarmos definitivamente os nossos próprios meios, e confiarmos nele de maneira plena, pode ser do seu agrado que utilizemos alguns recursos naturais para ajudar nosso corpo. Estamos nos referindo a coisas como "um pouco de vinho", que Paulo receitou para Timóteo. Ele possuía um estômago fraco, sendo freqüentemente afligido por indisposições. Em vez de repreendê-lo pela falta de fé e por não ter sido curado diretamente por

Deus, o apóstolo persuadiu-o a tomar um pouco de vinho, pois isso lhe seria benéfico. O que ele recomenda aí é o uso de um elemento como o vinho que, em si mesmo, é neutro.

Esse acontecimento nos ensina uma lição. É verdade que devemos crer em Deus e depender dele (como Timóteo certamente fez). No entanto não podemos cair em extremos. Se nosso corpo estiver fraco, devemos acatar a direção do Senhor, comendo certos alimentos especialmente nutritivos.

Nessas condições, fortaleceremos nosso corpo pelo consumo desses alimentos. Enquanto não experimentarmos a redenção completa, continuaremos sendo seres humanos que ainda possuem um corpo físico. Desse modo, portanto, devemos estar atentos às necessidades naturais desse corpo.

O consumo de elementos nutritivos não implica anular a fé. Os crentes precisam ter cuidado apenas para não se limitarem ao uso deles, sem a fé em Deus.

É MELHOR SER CURADO

Alguns crentes caíram em extremos. Refiro-me a cristãos naturalmente duros e obstinados, que foram quebrantados pela doença que Deus lhes enviou. Submeteram-se à disciplina divina e se tornaram bondosos, amáveis, mansos e santos. Entretanto a doença foi tão eficaz na transformação de sua vida que eles começaram a apreciar mais a enfermidade do que a saúde, passando a considerá-la como uma enzima para o crescimento espiritual. Já não aspiram à cura. Aceitam com uma resignação incomum toda doença que lhes sobrevém. Argumentam que, se tivessem de ser sarados, Deus interviria curando-os. De acordo com seu entendimento, é mais fácil ser espiritual na doença do que na saúde. Acham que o repouso e o sofrimento os aproximam mais de Deus do que a atividade. Crêem que é melhor ficar deitados na cama do que correr de um lado para o outro. Conseqüentemente, não querem buscar a cura divina. Como poderemos ajudá-los a entender que a saúde é *mais proveitosa* do que a doença? Reconhecemos que é durante a enfermidade que muitos crentes abandonam seus pecados e passam a gozar de uma comunhão mais profunda com Deus. Admitimos que muitos inválidos e enfermos são extremamente santos e espirituais. Contudo precisamos dizer também que muitos cristãos se encontram bastante confusos em várias questões.

Um doente pode ser santo, mas tal santidade é um tanto anormal. Quem sabe se depois de restabelecido e, tendo liberdade de escolha, ele não voltará ao mundo e ao amor a si mesmo? Doente, ele é santo. Com saúde, torna-se mundano. Então ele crê que o Senhor precisa mantê-lo enfermo prolongadamente, a fim de conservá-lo santo. Para ser santo, ele depende da doença! Entendamos, porém, que, para termos uma vida

com o Senhor, de modo nenhum precisamos estar restritos à enfermidade. Jamais abriguemos o pensamento de que, se um indivíduo não estiver sob o jugo da doença, não terá forças para glorificar a Deus em suas obrigações diárias. Pelo contrário, ele deve ser capaz de manifestar a vida do Senhor normalmente no seu viver diário. E muito bom sermos capazes de suportar o sofrimento, mas não será muito melhor podermos obedecer a Deus quando cheios de saúde?

Devemos reconhecer que a cura - a cura divina - é algo que pertence a Deus. Na ânsia de buscar a cura por meio da medicina, naturalmente nos afastamos dele. Por outro lado, quando aspiramos ser curados pelo Senhor, nos aproximamos dele. Quem é curado *por Deus* glorifica-o mais do que quem está sempre enfermo. A doença pode glorificar a Deus, pois lhe oferece uma oportunidade de manifestar seu poder de curar (Jo 9.3). Contudo, como é que alguém que permanece doente por um período muito longo pode glorificá-lo? Quando Deus nos cura, testemunhamos do seu poder e também da sua glória.

O Senhor Jesus nunca ensinou que a doença é uma bênção que seus seguidores devem suportar até à morte. Em nenhum momento ele deu a entender que ela fosse uma expressão do amor do Pai. Ele conclama seus discípulos a tomarem a cruz, mas não permite que o doente permaneça enfermo por muito tempo. O Senhor afirma que devemos sofrer por ele, mas nunca que devemos ficar doentes por ele. O Senhor prediz que neste mundo teremos tribulações, mas não inclui a doença entre elas. Ele suportou profundo sofrimento aqui na Terra, mas nunca ficou doente. Além do mais, toda vez que encontrou alguém enfermo, ele curou. Ele ensina que a doença vem do pecado e do diabo.

Precisamos fazer distinção entre sofrimento e doença. "Muitas são as aflições do justo", observa o salmista, "mas o Senhor de todas o livra. Preserva-lhe todos os ossos, nem um deles sequer será quebrado." (Sl 34.19,20.) "Está alguém entre vós sofrendo?", pergunta Tiago. Então "faça oração" para obter graça e força. O apóstolo continua: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja" para que seja curado (5.13,14).

Em 1 Coríntios 11.30-32, Paulo analisa essa questão das enfermidades do crente de forma bastante abrangente. A doença é a disciplina de Deus. Se o cristão se dispuser a julgar a si mesmo, Deus afastará a enfermidade. Ele não deseja que os seus fiquem doentes por muito tempo. Nenhuma disciplina é permanente. Removida a causa, desaparece o castigo. "Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, (os crentes tendem a se esquecer dos "depois" de Deus) produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hb 12.11). Vemos, en-

tão, que a disciplina é apenas momentânea. Depois, vem o excelente fruto de justiça. Não devemos interpretar a disciplina de Deus como punição. Estritamente falando, os crentes não são mais julgados. Em 1 Coríntios 11.31, Paulo confirma essa idéia. Não devemos mais pensar de acordo com o conceito de *lei*, como se para cada pecado houvesse uma punição correspondente. O que temos aqui não é um problema judicial, mas familiar.

Voltemos ao proveitoso ensino bíblico a respeito do nosso corpo. O ensinamento de 3 João 2 pode derubar completamente o conceito errado de alguns: "Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma." Essa é a oração do apóstolo João, conforme a revelação do Espírito Santo, expressando o pensamento eterno de Deus a respeito do corpo do crente. Deus não quer que seus filhos passem a vida toda doentes, incapazes de servi-lo com diligência. Ele os quer fisicamente saudáveis, assim como a alma deles está saudável. Por isso, podemos concluir, sem sombra de dúvida, que a doença prolongada não é da vontade de Deus. Ele pode nos disciplinar temporariamente, através da doença, mas não tem prazer na enfermidade demorada.

Em 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo reafirma que a doença excessivamente prolongada não é da vontade de Deus. Nosso corpo deve estar como o espírito e a alma. O Senhor não se compraz em ver nosso corpo fraco, doente e atormentado pela dor, ao passo que nosso espírito e alma se acham sãos e inculpáveis. Seu propósito é salvar o homem todo, e não apenas parte dele.

A obra do Senhor Jesus revela também a vontade de Deus com respeito à doença, pois ele só fez a vontade do Pai. Na cura do leproso, por exemplo, ele descortina para nós, de modo especial, o coração de Deus para com o doente. O leproso suplicou: "Senhor, se *quiseres*, podes purificar-me". Vemos aqui um homem batendo à porta do céu, perguntando se é a vontade de Deus curar. O Senhor estendeu a mão, tocou-o, e disse: "Quero, fica limpo!" (Mt. 8.2,3.) Com frequência, a cura revela a mente de Deus. Aquele que pensa que Deus está relutante em curar, não conhece a vontade divina. Em seu ministério terreno, o Senhor Jesus "curou *todos* os que estavam doentes" (v. 16 - grifo do autor). Como é que podemos declarar arbitrariamente que ele agora mudou de atitude?

O interesse de Deus para nós hoje é que a vontade divina seja feita na terra assim como é feita no céu (Mt 6.10). A vontade de Deus é realizada no céu, onde não existe enfermidade. Ela é absolutamente incompatível com a doença. Às vezes, os cristãos pedem a cura divina, mas logo perdem a esperança, dizendo em seguida: "Seja feita a vontade do Senhor."

Parece que para eles a vontade do Senhor é sinônimo de doença e morte. Essa atitude é um erro muito grave. Deus não deseja que seus filhos fiquem doentes, embora algumas vezes permita que isso aconteça, para o benefício deles. Seu plano eterno é que seu povo tenha saúde. O fato de não haver doença no céu mostra de maneira absoluta qual é a vontade de Deus.

Se analisarmos bem a fonte das enfermidades, teremos mais um motivo para buscar a cura. Todos os doentes eram "oprimidos do diabo" (At 10.38). Acerca da mulher que estava encurvada, e não podia endireitar-se, o Senhor Jesus disse que Satanás a "trazia presa" (Lc 13.16). Ao curar a sogra de Pedro, ele "repreendeu a febre" (Lc 4.39), da mesma forma que repreendeu os demônios (veja versículos 31 a 41). Lendo o Livro de Jó, vemos que quem causou a doença dele foi o diabo (capítulo 1 e 2). E quem o curou foi Deus (capítulo 42). O espinho que importunava e enfraquecia Paulo era um "mensageiro de Satanás" (2 Co 12.7); mas quem o fortaleceu foi Deus. Quem tem o poder da morte é o diabo (Hb 2.14). Sabemos que a doença culmina com a morte, pois é uma de suas facetas. Assim como Satanás tem o poder da morte, tem também o das doenças, pois aquela nada mais é que o auge do processo de enfermidade.

Essas passagens deixam claro que a doença tem sua origem no diabo. Deus *permite* que Satanás ataque seus filhos, porque existem pecados na vida deles. Quem se recusa a abandonar o pecado que o Senhor requer que ele deixe, permitindo assim que a enfermidade continue em sua vida, está agindo como se tivesse virado as costas a uma ordenança divina, dando as boas-vindas à doença. Com isso, esse indivíduo se coloca voluntariamente sob a opressão de Satanás. Quem seria tão obtuso a ponto de querer retornar à escravidão, depois de ter obedecido à vontade revelada de Deus? Reconhecendo que a doença procede do diabo, devemos resistir-lhe. Temos de estar cientes de que ela provém do inimigo, por isso não devemos acolhê-la. O Filho de Deus veio para nos libertar, não para nos prender.

Por que Deus não remove nossas enfermidades quando elas já não são necessárias? Essa é uma pergunta que muitos crentes fazem. Atenemos para o princípio pelo qual o Senhor lida conosco, e que é sempre este: "Seja feito conforme a tua fé" (Mt 8.13). Deus deseja que seus filhos sejam sempre saudáveis, mas permite que continuem doentes por causa da incredulidade e da falta de oração. Se os servos de Deus consentem em ter a doença - ou pior ainda - se a acolhem, como se ela fosse livrá-los do mundo e torná-los mais santos, o Senhor não pode fazer nada a não ser conceder-lhes o que pedem. Muitas vezes, Deus lida com seus filhos de acordo com o que eles podem receber. Ele pode ter grande prazer em curá-los, mas, pelo fato de não orarem com fé, perdem essa dádiva preciosa.

Será que somos mais sábios do que Deus? Devemos ir além daquilo que a Bíblia revela? Embora o quarto do doente possa, muitas vezes, ser como um santuário onde o homem interior se move poderosamente, a enfermidade não é a vontade expressa de Deus, nem o melhor que ele tem para nós. Se seguirmos nossos caprichos emocionais, desprezando a vontade revelada do Senhor, ele nos dará aquilo que desejamos. Muitos crentes, crendo estar sendo muito espirituais, dizem o seguinte:

"Coloco-me nas mãos do Senhor para que ele me cure ou não. Permito-lhe fazer sua vontade."

São essas pessoas que geralmente tomam remédios. Será que isso significa entregar tudo a Deus? Como essa atitude é contraditória! A submissão, nesse caso, é apenas um sinal de letargia espiritual. No íntimo, esses crentes anseiam por ter saúde. Entretanto o simples desejo não basta para que Deus opere. Aceitaram a doença passivamente por tanto tempo que terminam sucumbindo a ela, perdendo toda a coragem de buscar a liberdade. Para eles, o melhor seria que outro cristão cresse em seu lugar, ou então que Deus lhes concedesse a fé necessária para crer. No entanto, se eles não ativarem sua vontade, resistindo ao diabo e apegando-se ao Senhor Jesus, a fé dada por Deus não virá. Muitos estão enfermos sem nenhuma necessidade, simplesmente por não terem forças para lançar mão das promessas divinas.

Então, devemos entender que a bênção espiritual que recebemos pela doença é muito inferior à que obtemos pelo restabelecimento. Se confiarmos em Deus, buscando nele a cura, com certeza continuaremos a andar em santidade depois de curados, a fim de preservar nossa saúde. Quando o Senhor nos torna saudáveis, passa a possuir nosso corpo. A alegria de um novo relacionamento e de uma nova experiência com ele é indescritível, não tanto por causa da cura, mas por causa do novo toque de vida que recebemos. Nessas ocasiões, os crentes glorificam ao Senhor muito mais do que na hora da enfermidade.

Portanto os servos de Deus devem levantar-se e lutar pela cura. Antes, porém, precisamos ouvir o que o Senhor tem a nos dizer através da doença. Depois, com sinceridade de coração, cumpramos tudo aquilo que ele nos revelou. Além disso, entreguemos novamente o corpo ao Senhor. Se pudermos recorrer aos anciãos da igreja que possam nos ungir com óleo (Tg 5.14,15), vamos chamá-los e cumprir a *ordem* das Santas Escrituras. Ou então exercitemos a fé com serenidade, tomando posse da promessa de Deus (Êx 15.26). Deus há de curar-nos.*

Gostaríamos de considerar, diante de Deus, algumas questões a respeito da doença.

1. A relação entre as doenças e o pecado

Antes da queda do homem, não existia nenhuma espécie de enfermidade. A doença surgiu depois que o homem pecou. De modo geral, pode-se dizer que tanto a doença quanto a morte são fruto do pecado, pois pela transgressão de um só homem entraram no mundo o pecado e a morte (Rm 5.12). A doença, assim como a morte, atingiu a todos os homens. Nem todos pecaram do mesmo modo que Adão; no entanto, por causa da transgressão dele, todos morrem. Onde há pecado há morte também. Entre os dois, está a doença. Esse, portanto, é o ponto comum a todas as enfermidades. Na realidade, porém, existem mais de uma causa dos males que afligem os seres humanos. Algumas doenças brotam do pecado; outras, não. No que diz respeito à *humanidade* como um todo, as doenças não vêm do pecado. Já com relação aos *indivíduos* em particular, o pecado pode ou não ser a causa. Precisamos fazer distinção entre as duas situações. É absolutamente certo que, se não houvesse pecado, não haveria nem morte nem doença. Não havendo morte, obviamente não poderia haver doença. A morte é fruto do pecado, e a enfermidade vem pelo princípio da morte. Mesmo assim, não se pode aplicar esse raciocínio indiscriminadamente a todos os indivíduos. Embora muitos fiquem enfermos por causa do pecado, outros adoecem por razões outras que não o pecado. No que diz respeito à relação entre o pecado e as doenças, devemos fazer uma distinção cuidadosa entre a aplicação dessa relação à humanidade como um todo e sua aplicação aos homens individualmente.

Devemos lembrar que em vários livros do Antigo Testamento, como Levítico e Números, a promessa de Deus era que, se o povo de Israel lhe obedecesse, andasse em seus caminhos, não se rebelasse contra suas leis, e não pecasse contra ele, o Senhor os protegeria de muitas enfermidades. Isso demonstra claramente que várias doenças têm origem no pecado ou na rebelião contra Deus. Todavia o Novo Testamento revela que algumas enfermidades não são causadas por nenhuma transgressão cometida pelo próprio doente.

Certa vez, Paulo escreveu que entregava a Satanás, para destruição da carne, o homem que tinha pecado, vivendo com a mulher do próprio pai (1 Co 5.4,5). Isso mostra, de modo claro, que algumas enfermidades provêm do pecado. Se o pecado for simples, sua consequência será uma doença. Se for grave, será a própria morte. A julgar pelo que está escrito em 2 Coríntios 7, esse homem só não ficou doente a ponto de morrer porque sua tristeza produziu o arrependimento que o levou à salvação, e não trouxe pesar (2 Co 7.9,10). Paulo pediu à igreja em Corinto para perdoar tal homem (2 Co 2.6,7). Em 1 Coríntios 5, o apóstolo diz para entregar a carne desse homem (não sua vida) a Satanás. Ele devia ficar doente, mas não morrer.

Paulo afirma ainda que os membros dessa igreja,

que comiam do pão e bebiam do cálice do Senhor sem discernir o seu corpo, haviam ficado fracos e doentes, e alguns haviam até morrido (1 Co 11.29,30). Isso revela que a desobediência ao Senhor foi a causa da enfermidade deles.

As Escrituras contêm bastantes revelações, provando que muitos (não todos) adoecem por causa de pecado. Desse modo, a primeira atitude que devemos tomar quando doentes é nos examinar para descobrir se pecamos contra Deus. Com isso, muitos vão descobrir que seus males, na verdade, se devem ao pecado. Alguma vez na vida rebelaram-se contra Deus, ou desobedeceram à sua Palavra. Desviaram-se. Assim que se conscientizarem disso, e confessarem esse pecado, a doença desaparecerá. Inúmeros irmãos em Cristo têm passado por experiências desse tipo. Logo depois que, diante de Deus, descobrem a causa da doença, ela vai embora. Esse fenômeno ultrapassa o entendimento da medicina.

A doença não surge necessariamente do pecado; muitas vezes, porém, se origina nele. Reconhecemos que várias moléstias têm causas naturais. Entretanto não podemos dizer que a causa de toda doença seja natural.

Lembro-me de um irmão, professor de uma faculdade de medicina, que disse o seguinte aos seus alunos:

"Temos encontrado muitas explicações naturais para as doenças. Determinado tipo de bactéria, por exemplo, causa uma doença específica. Nós, os médicos, podemos identificar que tipo de organismo produz essa ou aquela enfermidade. Contudo não sabemos explicar por que, entre pessoas igualmente expostas, algumas são contaminadas, enquanto outras permanecem imunes. Suponhamos, por exemplo, que dez indivíduos entrem no mesmo cômodo simultaneamente, e sejam expostos ao mesmo tipo de bactéria. Deveríamos esperar que os mais fracos fossem contaminados. Todavia pode perfeitamente acontecer que os fracos não adoçam e os mais fortes, sim. Temos de reconhecer", concluiu ele, "que além das causas naturais existe o controle da Providência."

Pessoalmente, concordo com as palavras desse irmão. Quantas pessoas às vezes adoecem, apesar de tomarem medidas preventivas.

Lembro-me, também, do relato de um de meus colegas sobre sua experiência na Faculdade de Medicina de Pequim. Havia um professor com muitos conhecimentos, mas com pouca paciência. Por isso, nas provas, freqüentemente elaborava questões bem simples. Certa vez, ele perguntou por que as pessoas contraíam a tuberculose. Apesar de tratar-se de uma pergunta bastante simples, muitos não conseguiram dar a resposta certa. Alguns responderam que certos indiví-

duos tinham o bacilo da tuberculose. O professor considerou essa resposta errada, argumentando que a Terra estava cheia de bacilos da tuberculose, mas nem por isso todos possuíam a doença. Somente sob determinadas condições favoráveis, lembrou ele, esses bacilos causam a moléstia. Os bacilos por si só não podem causar a doença. Muitos estudantes se esqueceram de como é importante haver as condições favoráveis. Estejamos cientes, portanto, de que a despeito da presença de muitos fatores naturais, os cristãos só adoecem com a permissão de Deus, dada sob condições apropriadas.

Creemos, sem dúvida nenhuma, que existem explicações naturais para as doenças. Isso já foi provado cientificamente. Todavia reconhecemos que muitas das moléstias que acometem os cristãos são causadas por pecados cometidos contra Deus, conforme Paulo diz em 1 Coríntios 11. É essencial, portanto, que antes de o doente pedir a cura, deve pedir perdão. Muitas vezes, logo depois de acometidos pela doença, podemos descobrir onde foi que transgredimos contra o Senhor, ou em que fomos desobedientes à sua Palavra. Quando confessamos o pecado e resolvemos o problema, a enfermidade desaparece. De fato, isso é algo extremamente maravilhoso. Desse modo, temos primeiro de entender a relação entre o pecado e as doenças. No que diz respeito à humanidade em geral, a doença advém do pecado. No que se refere ao indivíduo, também, ela pode advir dele.

2. A obra do Senhor e a doença

"Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades." (Is 53.4,5.) De todos os textos do Antigo Testamento, o capítulo 53 de Isaías é o mais citado no Novo Testamento. Essa profecia faz referência ao Senhor Jesus Cristo, principalmente como nosso Salvador. No versículo 4, o profeta afirma que ele "tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si". Em Mateus 8.17, a Palavra de Deus declara que isso aconteceu "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças". Aqui o Espírito Santo ensina que o Senhor Jesus veio ao mundo para tomar as nossas enfermidades e carregar as nossas doenças. Antes de ser crucificado, ele já havia tomado nossas enfermidades e carregado nossas doenças. Isso quer dizer que, durante seu ministério terreno, o Senhor Jesus fez da cura sua missão e responsabilidade. Ele não somente pregou, mas curou também. Ele pregou as boas novas, e também fortaleceu o fraco, restaurou a mão mirrada, purificou o leproso e levantou o paraplético. Enquanto estava neste mundo, o Senhor Jesus devotou-se à realização de milagres, e também ao minis-

tério da Palavra. Ele andou fazendo o bem, curando os enfermos e expulsando os demônios. O propósito de sua obra foi destruir a doença, que é resultado do pecado. Ele veio para resolver o problema da morte e das enfermidades, e também do pecado.

Muitos crentes conhecem bem o Salmo 103. Eu mesmo gosto bastante de lê-lo. Ali Davi proclama: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome." Por que bendizer ao Senhor? "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios." Quais são os seus benefícios? "Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades." (Vv. 1-3.) Desejo que os irmãos compreendam que as doenças acham-se associadas a dois elementos: a morte e o pecado. Dissemos anteriormente que a morte é o resultado do pecado. A doença se acha entre um e a outra. Tanto a enfermidade como a morte surgem do pecado. Nesse salmo, vemos que as enfermidades se acham associadas ao pecado. E por causa dele que existe doença no corpo. Junto com o perdão da nossa iniquidade, vem a cura da doença. O grande problema do corpo é o pecado interior que o acomete exteriormente. Contudo o Senhor Jesus desfaz a ambos.

No entanto, existe uma diferença fundamental entre o tratamento de Deus para com a nossa iniquidade e para com a nossa doença. Por quê? Jesus Cristo carregou nossos pecados em seu corpo na cruz. Será que permanece ainda algum pecado sem perdão? Nenhum, absolutamente, pois a obra de Deus é tão completa que destruiu totalmente o pecado. Já no tocante ao fato de o Senhor Jesus haver tomado nossas enfermidades, e carregado nossas doenças, enquanto estava aqui na Terra, ele não erradicou todas elas. Observemos que Paulo não disse: "Quando peço então estou santificado". O que ele disse foi: "Quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.10). Portanto Deus trata do pecado de modo completo e ilimitado, enquanto que, com a doença, ele o faz apenas em parte.

Na redenção, Deus trata a enfermidade de modo diferente do pecado. A destruição do pecado é absolutamente ilimitada; já a da doença, não. Timóteo, por exemplo, continuou com o estômago fraco. O Senhor permitiu que seu servo continuasse com essa enfermidade. Portanto, na salvação, Deus erradica o pecado de modo completo, mas não a doença. Alguns cristãos afirmam que o Senhor Jesus trata com o pecado, mas não com a doença. Outros acreditam que o tratamento da doença é tão amplo e abrangente quanto o do pecado. Contudo as Escrituras mostram com toda clareza que o Senhor Jesus trata tanto com o pecado quanto com a doença. Enquanto o tratamento com o pecado é ilimitado; com a doença, é limitado. Devemos contemplar o Cordeiro de Deus tirando *todo* o pecado do mundo. Ele carregou o pecado de todas as pessoas. O

problema do pecado, portanto, já está resolvido. Já a doença ainda acomete os servos de Deus.

Nós, porém, afirmamos que entre os filhos de Deus não deveria haver tanta enfermidade, pois o Senhor Jesus já levou sobre si nossas doenças. Sem sombra de dúvida, enquanto Jesus esteve neste mundo, ele se empenhou em curar os enfermos. A cura foi um dos aspectos de seu ministério. A profecia de Isaías 53.4 cumpriu-se em Mateus 8 e não em Mateus 27. Realizou-se *antes* do Calvário. Se tivesse sido realizada na cruz, ela seria ilimitada. Mas, não. O Senhor Jesus levou sobre si as nossas doenças antes da crucificação. Isso significa que, nesse aspecto, sua obra não apresenta resultados ilimitados, como acontece com nossos pecados, que ele levou até à cruz.

Mesmo assim, inúmeros crentes permanecem doentes porque perderam a oportunidade de serem curados. Não conseguem ver que o Senhor já levou sobre si as nossas enfermidades. E com relação a isso, vamos acrescentar algumas palavras mais. Sempre devemos orar pedindo a cura, a não ser que tenhamos a mesma convicção de Paulo. Ele orou três vezes, mas depois teve certeza de que sua fraqueza permaneceria por ser-lhe útil. Somente depois que ele orou pela terceira vez, quando então o Senhor lhe mostrou claramente que sua graça lhe bastava, e que sua força seria aperfeiçoada, na fraqueza, foi que Paulo a aceitou. Enquanto não tivermos certeza de que Deus quer que levemos nossas fraquezas, devemos pedir com ousadia que ele mesmo as leve, e remova a enfermidade. Não é para ficar doentes que os servos de Deus estão aqui na Terra, mas para glorificar ao Senhor. Se pela doença trouxerem glória a Deus, será ótimo. Contudo nem todas as enfermidades o glorificam. Conseqüentemente, devemos aprender a confiar no Senhor enquanto doentes, reconhecendo que ele carrega sobre si também a nossa enfermidade. Enquanto ele estava aqui no mundo, curou um grande número de pessoas, e ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Entreguemos nossa enfermidade a ele, pedindo-lhe a cura.

3. A atitude do crente para com a doença

Toda vez que um cristão adoecer, deve primeiro buscar ao Senhor, no intuito de descobrir a causa do mal, sem contudo, abrigar muita ansiedade pela cura. Paulo nos dá um bom exemplo, mostrando que conhecia bem sua fraqueza. Devemos examinar a nós mesmos para ver se desobedecemos ao Senhor, se de algum modo pecamos, se somos devedores de alguém, se violamos alguma lei natural, ou se negligenciamos alguma obrigação especial. Precisamos entender que quebrar uma lei natural muitas vezes constitui pecado contra Deus, pois foi ele quem as estabeleceu e governa o universo por meio delas. Muitos têm medo de morrer, buscando apressadamente os médicos assim que adoecem. Isso revela que estão ansiosos pe-

la cura. O cristão não deve ter essa atitude. Devemos, primeiro, procurar identificar a causa da doença. Infelizmente, muitos irmãos não possuem paciência nenhuma. No momento em que adoecem, logo procuram um remédio. Parecem estar tão temerosos de perder sua preciosa vida que, ao mesmo tempo em que buscam a Deus, através da oração, pedindo cura, correm a um médico querendo os recursos dele. Isso mostra como estão dominados pelo "eu". E como poderiam estar menos dominados pelo "eu" na doença, se isso é o normal para eles? Aqueles que costumam estar dominados pelo "eu" são os que, assim que adoecem, buscam a cura com ansiedade.

O cristão deve entender que a ansiedade de nada adianta. Ele pertence a Deus, por isso sua cura não é tão simples. Ainda que ele seja curado agora, adoecerá de novo. Primeiro precisa resolver seu problema com o Senhor; o problema do corpo poderá ser resolvido depois.

Devemos nos dispor para aceitar qualquer lição que nos venha pela doença. A razão é que, colocando-nos diante de Deus, resolveremos muitos dos nossos problemas. Descobriremos, por exemplo, que muitas vezes a doença se deve a algum pecado. Depois de confessá-lo, pedindo o perdão, podemos esperar que Deus nos cure. E quem tiver avançado um pouco mais na comunhão com o Senhor, talvez possa descobrir que o problema é fruto de um ataque do inimigo. Ou então que nossa falta de saúde se deve a uma disciplina de Deus. O Senhor nos corrige por meio da doença para tornar-nos mais santos, mais brandos ou mais maleáveis. Quando colocamos essas questões diante de Deus, podemos descobrir a causa exata de nossa enfermidade. Algumas vezes, o Senhor poderá permitir que recebamos alguma ajuda médica; de outras, porém, ele poderá curar-nos instantaneamente, sem essa ajuda.

Precisamos entender que a cura está nas mãos de Deus. Devemos aprender a confiar naquele que cura. No Antigo Testamento, Deus tem um nome especial: "Eu sou o Senhor, que te sara" (Êx.15.26). Devemos buscá-lo, pois ele será misericordioso para conosco nisso também.

Assim, o primeiro passo do crente ao adoecer é procurar descobrir a causa da enfermidade. Depois, ele pode recorrer aos diversos meios de cura, um dos quais é chamar os presbíteros da igreja para orar e ungi-lo com óleo. Essa é a única ordem na Bíblia a respeito da doença.

"Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados." (Tg 5.14,15.)

Não tenhamos muita pressa em buscar a cura. Primeiro vamos nos colocar diante de Deus. Uma providência que devemos tomar é chamar os "presbíteros" da igreja para ungir-nos com óleo. Isso representa o óleo da Cabeça que flui para nós, membros do corpo. O óleo que a Cabeça recebe desce pelo corpo inteiro. Como membros do corpo de Cristo, podemos esperar que o óleo derramado sobre a Cabeça venha até nós. E onde a vida flui, a doença desaparece. Portanto o propósito da unção é trazer a nós o óleo da Cabeça. É possível que, por causa de alguma desobediência, de pecado ou outra razão, o crente tenha se desligado da circulação do corpo, perdendo a proteção que vem dele. Por isso, precisa chamar os presbíteros da igreja para reintegrá-lo à circulação e ao fluxo da vida do corpo de Cristo. Quando algum membro do nosso corpo físico está enfermo, a vida não pode fluir livremente para ele. O mesmo acontece no corpo de Cristo. Desse modo, a unção com óleo tem por objetivo restaurar esse fluxo. Os presbíteros representam a igreja. Eles ungem o crente em nome do corpo de Cristo, a fim de que o óleo da Cabeça possa voltar a fluir para ele. Então, que o óleo da Cabeça venha sobre aquele membro no qual a vida foi obstruída! Nossa experiência mostra que tal unção pode levantar instantaneamente até alguém que se acha gravemente enfermo.

Alguns já reconheceram que a causa de sua doença é o individualismo. E isso, de fato, pode ser a causa principal. Existem cristãos fortemente individualistas. Fazem tudo por si mesmos, conforme sua própria vontade. Se Deus pesa a mão sobre eles, adoecem, porque não recebem as forças que vêm do corpo de Cristo. Não podemos, de forma nenhuma, achar que tal assunto é simples. As causas das doenças podem ser muitas e variadas. Um crente pode ter uma enfermidade por estar desobedecendo a um mandamento do Senhor, recusando-se a realizar a vontade dele. Outros podem adoecer em conseqüência de algum pecado em particular. Outros, ainda, sofrem os efeitos do individualismo. Há alguns casos de atitude independente, que Deus ignora e não disciplina. Em outros, porém, ele envia uma doença com o objetivo de corrigir o crente, principalmente se quem toma essa atitude conhece a igreja. Esses, o Senhor não deixa sem a disciplina devida.

É possível também que a enfermidade seja a conseqüência de um físico enfraquecido. Se alguém profanar o próprio corpo, Deus destruirá esse "templo". Muitos se acham enfermos porque adotam práticas que prejudicam o corpo.

Resumindo, podemos dizer que toda doença tem uma causa. Quando um crente contrai uma enfermidade, deve logo procurar identificar as causas dela. Depois de confessá-las, uma por uma, a Deus, deve chamar os presbíteros da igreja para cumprir a orde-

nança de confessar os pecados uns aos outros, e orar uns pelos outros. Em seguida, os presbíteros devem ungir o doente com óleo, para que a vida do corpo de Cristo lhe seja restaurada. O influxo da vida nele fará desaparecer a doença. Cremos nas causas naturais, mas temos de afirmar, também, que as espirituais têm maior peso que as naturais. Se cuidarmos das espirituais, a doença desaparecerá por completo.

4. A disciplina de Deus e a doença

Um maravilhoso fato que observamos na Bíblia é que a cura de um incrédulo é relativamente fácil; já a de um crente, nem tanto. Vemos claramente no Novo Testamento que sempre que um incrédulo buscava o Senhor era imediatamente curado. A cura divina é dada tanto aos crentes quanto aos não-crentes. Todavia a Bíblia fala de alguns crentes que não foram curados. Entre eles, estão Trófimo, Timóteo e Paulo. E esses homens estão entre os mais espirituais. Paulo afirma que deixou Trófimo doente em Mileto (2 Tm 4.20). Além disso, exortou Timóteo a que tomasse um pouco de vinho por causa do seu estômago e das suas frequentes enfermidades (1 Tm 5.23). O próprio Paulo experimentou um espinho na carne, que o fez sofrer muito, e o debilitava bastante (2 Co 12.7). Fosse qual fosse a natureza desse espinho - problema nos olhos ou alguma outra doença - ele maltratava sua carne. Todos sentimos muito desconforto pela simples picada de um espinho num dedo. No caso de Paulo, porém, era um espinho enorme. O incômodo era tão intenso que ele se referiu à sua condição física como fraqueza. Apesar de esses três homens serem crentes extremamente espirituais, nenhum deles foi curado. Esses irmãos tiveram de suportar a doença.

É evidente que as conseqüências de uma enfermidade diferem bastante dos efeitos do pecado. O pecado não produz nenhum fruto de santidade; já a doença, sim. Quanto mais uma pessoa peca, mais corrupta se torna. A doença, porém, produz o fruto da santidade, porque por ela Deus está aplicando sua disciplina sobre o doente. Sob tais circunstâncias, convém que aprendamos a submeter-nos à poderosa mão de Deus.

Se alguém está enfermo, deve buscar a presença do Senhor, para resolver o problema das causas da doença. Se, depois disso, a mão de Deus continuar pesando sobre ele, deve entender que essa enfermidade tem algum propósito, como, por exemplo, refreá-lo para que não se torne orgulhoso nem libertino. É preciso, então, aceitar a doença e assimilar as lições que ela contém para nós. Se não aprendermos essas lições, a enfermidade não nos trará nenhum proveito. Por si só, a doença não santifica ninguém. Contudo, atentando para as lições que ela ensina, podemos alcançar a santidade. Há casos em que, durante o período da enfermidade, o crente piora espiritualmente, tornando-se ainda mais egocêntrico. É por isso que, nessas ocasiões,

precisamos descobrir qual a lição que Deus quer que aprendamos. Temos de ver que proveito podemos extrair dela. Pode ser que a mão de Deus esteja sobre nós para nos manter mais humildes, como aconteceu a Paulo. Disse ele: "... para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações..." (2 Co 12.7.) Ou pode ser que estejamos praticando um individualismo obstinado que Deus deseja enfraquecer. Qual seria a utilidade da doença, se ela não nos levasse a aprender as lições da fraqueza? Muitos estão doentes em vão, porque jamais aceitam que o Senhor toque em seus problemas específicos, e os resolva.

Não devemos enxergar a doença como algo terrível. Quem é que está no controle dessa situação? É Deus. Por que, então, devemos ficar ansiosos por causa das nossas enfermidades, como se tudo estivesse na mão do inimigo? Lembremo-nos de que todas as nossas doenças passaram pelo crivo de Deus. Para sermos exatos, é Satanás quem dá origem a elas; é ele quem torna as pessoas doentes. No entanto os que já leram o livro de Jó entendem que, para isso, ele precisa da permissão de Deus, e tudo está debaixo do mais absoluto controle do Senhor. Sem a permissão divina, Satanás não pode lançar enfermidade em ninguém. É verdade que Deus permitiu que Jó fosse acometido de uma enfermidade, mas observemos que o Senhor não permitiu que o inimigo tocasse em sua vida. Por que, então, quando somos acometidos por uma moléstia, ficamos tão agitados, cheios de desespero, ansiosos para sermos curados, e temos tanto medo de morrer?

É sempre bom ter em mente que as doenças estão nas mãos de Deus. Ele as controla e limita. No caso de Jó, depois que se encerrou seu período de provação, a doença desapareceu, pois já tinha realizado seu propósito nele. "Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo." (Tg.5.11.) E uma pena que tantos crentes estejam doentes, mas não reconheçam o propósito da doença, nem aprendam sua lição! Todas as enfermidades estão nas mãos do Senhor e vêm a cada um de nós na medida exata de nossa necessidade, para que possamos aprender as lições. Quanto mais cedo aprendermos, mais rápido ficaremos livres delas.

Vamos ser francos. Muitos estão doentes porque amam demais a si mesmos. Se o Senhor não remover esse amor-próprio do coração deles, não poderá usá-los em seu reino. Portanto temos de abandonar o amor-próprio. Alguns não pensam em mais nada, a não ser em si mesmos. O cosmo inteiro parece girar ao redor deles. Eles são o centro da Terra e também do Universo. Dia e noite, estão voltados para si mesmos. Todos existem em função deles. Tudo gira ao seu redor. Até mesmo Deus, nos céus, é para eles; Cristo é para eles; a igreja, também. Como é que o Senhor po-

de destruir tal egocentrismo? Por que é que algumas doenças são difíceis de curar? Observemos que tais doentes buscam intensamente a compaixão dos outros. Se parassem de desejar essa piedade, sua doença logo desapareceria.

Um fato impressionante é que muitos estão doentes simplesmente porque gostam de tal situação. Quando enfermos, recebem muita atenção e amor de que comumente não desfrutam quando estão com saúde. É muito comum essas pessoas adoecerem só para poder ser amadas. Tais indivíduos precisam de uma repressão severa. Se estivessem dispostos a receber a correção de Deus nessa questão em particular, logo ficariam curados.

Conheço um irmão que procurava receber amor e atenção de outros o tempo todo. Sempre que lhe perguntavam como estava passando, normalmente respondia queixando-se de seus problemas de saúde. Dava um relatório detalhado de quantos minutos estivera com febre, quanto tempo durara a dor de cabeça, quantas vezes por minuto respirava, e como a batida do seu coração estava irregular. Viviam em constante desconforto. Gostava de falar aos outros sobre seus problemas, para que pudessem se compadecer dele. Não conversava sobre outro assunto a não ser a interminável história de suas doenças. E às vezes ainda queria saber por que Deus nunca o curava.

Reconheço que é difícil falar a verdade, o que às vezes pode nos custar caro. Certo dia, senti-me impulsionado a dizer-lhe, com todo carinho, que sua doença prolongada se devia ao amor que ele tinha por ela. Ele naturalmente negou. No entanto insisti, dizendo que ele tinha medo de que sua enfermidade desaparecesse. Disse-lhe que desejava a compaixão, o amor e o cuidado dos outros, e como não podia obter essas coisas de outra forma, conseguia-as por meio da doença. Disse-lhe também que ele devia livrar-se desse desejo egoísta, para que Deus pudesse curá-lo. Falei-lhe que, quando alguém lhe perguntasse como estava, devia dizer: "Está tudo bem". Será que estaria mentindo se dissesse isso quando não tivesse passado bem a noite? Nesse caso, ele devia lembrar-se da mulher de Suném. Ela deitou o filho morto na cama do homem de Deus e foi em busca de Eliseu. Quando lhe perguntaram: "Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino? Ela respondeu: Tudo bem" (2 Reis 4.26). Como podia ela dizer isso, sabendo que a criança já estava morta e deitada sobre a cama de Eliseu? Porque tinha fé. Ela cria que Deus ia ressuscitar seu filho. Assim também o irmão devia crer hoje.

Seja qual for a causa de uma enfermidade, venha ela de dentro ou de fora, ela terminará quando Deus tiver realizado seus propósitos nesse indivíduo. Os casos de Paulo, Timóteo e Trófimo são exceções. Embora eles tivessem experimentado doenças prolongadas, re-

conheciam que isso era útil para sua obra. Aprenderam a cuidar de si mesmos para a glória de Deus. Paulo persuadiu Timóteo a tomar um pouco de vinho e a ter mais cuidado com o que comia e bebia. A despeito da fragilidade da saúde deles, não negligenciaram a obra de Deus. O Senhor lhes deu graça suficiente para vencer as dificuldades. Paulo trabalhou apesar de sua fraqueza. Lendo seus escritos, podemos facilmente concluir que ele realizou o trabalho de dez homens. Deus usou esse indivíduo fraco para fazer o serviço de mais de dez pessoas sãs. Embora seu corpo fosse frágil, o Senhor lhe deu força e vida. Esses homens, porém, são exceções na Bíblia. Hoje também alguns servos de Deus, em condições especiais, podem receber o mesmo tratamento. Entretanto os crentes em geral, principalmente os iniciantes, devem se examinar para ver se pecaram. Depois de confessar seus pecados, verão suas doenças curadas imediatamente.

Finalmente, precisamos entender, perante o Senhor, que algumas vezes Satanás pode desfechar ataques repentinos contra nós. Ou então nós mesmos, inadvertidamente, podemos violar alguma lei natural. Mesmo que seja esse o caso, podemos levar isso diante do Senhor. Se for um ataque do inimigo, vamos repreendê-lo em nome do Senhor. Certa vez, uma irmã teve uma febre prolongada. Afinal descobriu que se tratava de um ataque satânico. Ela a repreendeu em nome do Senhor. E a febre desapareceu. Se alguém violar uma lei natural, colocando a mão no fogo, por exemplo, ela certamente ficará queimada. Vamos cuidar bem de nós mesmos. Não esperemos adoecer para depois confessar nossa negligência. É importante cuidar bem do corpo constantemente.

5. O modo de buscar a cura

Como é que devemos buscar a cura de Deus? Há três frases no Evangelho de Marcos que precisamos analisar. Considero-as muitíssimo valiosas, pelo menos para mim. A primeira menciona o poder do Senhor; a segunda, a vontade do Senhor; e a terceira, a ação do Senhor.

(a) O poder do Senhor: *Deus pode*. "Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, *se tu podes* alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: *Se podes!* Tudo é possível ao que crê." (Mc 9.21-23 - grifo do autor.) O Senhor simplesmente repetiu as duas palavras que o pai da criança havia pronunciado. O pai clamou: "Se podes, ajuda-nos". O Senhor respondeu: "Se podes! Tudo é possível ao que crê". O problema aqui não é "se podes", mas "se podes crer".

Não é verdade que o primeiro problema que temos

com uma doença é a dúvida quanto ao poder divino? Olhando a bactéria através de um microscópio, o poder dela parece maior que o poder de Deus. Raramente Jesus interrompia alguém quando a pessoa ainda estava falando. Aqui, porém, ele parece irado (que o Senhor me perdoe por falar assim). Quando ele ouviu o pai da criança dizer: "Se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos", ele bruscamente reagiu dizendo: "Por que dizes *se podes?* Todas as coisas são possíveis ao que crê. Na doença, a questão não é se eu posso, mas se *você crê*."

Portanto a primeira providência que temos de tomar na doença é levantar a cabeça e dizer:

"Senhor, tu podes!"

Vamos recordar o primeiro estágio da cura do paralítico. O Senhor perguntou aos fariseus: "Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?" (Mc.2.9.) Os fariseus naturalmente pensaram que era mais fácil dizer que os pecados estavam perdoados, pois quem poderia provar se estavam ou não? Entretanto as palavras que o Senhor disse e os efeitos delas mostraram-lhes que, além de curar as doenças, ele podia perdoar os pecados. Ele não perguntou o que era mais difícil, mas o que era mais fácil. Para ele, ambos eram igualmente fáceis. Para o Senhor, era tão fácil ordenar ao paralítico que se levantasse e andasse, como perdoar os seus pecados. Para os fariseus, ambos eram difíceis.

(b) A vontade do Senhor: *Deus quer*. Sim, ele realmente pode, mas como posso saber se ele quer? Não conheço a vontade dele. Talvez ele não queira me curar. Vejamos mais uma história encontrada em Marcos. "Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!" (Mc 1.40,41.)

Por maior que seja o poder de Deus, se ele não quiser curar, seu poder não vai me valer. O primeiro problema a ser resolvido é: Deus pode? E o segundo é: Deus quer? Não existe doença mais impura do que a lepra. Ela é tão impura que a lei estabelecia que qualquer um que tocasse num leproso tornava-se impuro também. E no entanto o Senhor Jesus tocou no leproso e disse-lhe: "Quero". Se ele quis curar o leproso, com mais razão ainda quer curar-nos de *nossas* doenças. Podemos proclamar com ousadia: "Deus pode" e "Deus quer".

(c) A ação do Senhor: *Deus faz*. Há algo mais para Deus fazer. "Em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e se-

rá assim convosco." (Mc 11.23,24.) Como é que a fé age? A fé crê que Deus pode, que ele quer e que já o fez. Se crermos que recebemos, certamente receberemos. Se Deus nos der sua Palavra, poderemos agradecer-lhe, dizendo:

"Deus me curou; ele já operou a cura!"

Muitos crentes apenas *esperam* ser curados. A esperança vê os fatos no futuro; já a fé os considera no passado. Se realmente crermos, não vamos esperar vinte anos, nem cem anos. Levantamo-nos imediatamente, dizendo:

"Graças a Deus, ele me curou! Graças a Deus, já recebi! Graças a Deus, estou limpo! Graças a Deus, estou bem!"

Uma fé perfeita pode proclamar que Deus pode, que Deus quer e que Deus já realizou o ato.

A fé opera com o que "é", e não com o que "se deseja". Permita-me uma ilustração simples. Suponhamos que pregamos o evangelho para alguém e ele confessa que creu. Perguntamos-lhe, então, se ele está salvo. Se essa pessoa responder que deseja ser salva, sua resposta é inadequada. Se ela disser: "Serei salva", a resposta ainda está incorreta. Mesmo que ela diga: "Tenho certeza de que serei salva", ainda está faltando algo. Se ela responder: "Estou salva", aí sim, está certa. Quem crê está salvo. A fé sempre vê os fatos no passado, isto é, já acontecidos. A fé verdadeira não diz: "Creio que serei curado". Quem crê agradece a Deus e diz: "Recebi a cura".

Guardemos estas três verdades: Deus pode, Deus quer, Deus faz. Quando nossa fé atinge o terceiro estágio, a doença se vai.



capítulo

11

DEUS, A VIDA DO CORPO

Dissemos anteriormente que nosso corpo é o templo do Espírito Santo. O que mais chama nossa atenção com relação a esse assunto é a ênfase especial que o apóstolo Paulo confere ao corpo. A idéia corrente é que a vida de Cristo é para o nosso espírito, mas não para o corpo. Poucos entendem que a salvação do Senhor dá vida ao primeiro (o espírito), e depois alcança o segundo (o corpo). Se fosse da vontade de Deus que seu Espírito vivesse somente em nosso espírito, de modo que só este fosse beneficiado, o apóstolo teria dito apenas que "vosso espírito é o templo de Deus", sem fazer nenhuma menção ao corpo. No entanto precisamos entender que o fato de o nosso corpo ser templo do Espírito Santo significa que ele não é apenas um recipiente de um privilégio especial. Tem também o sentido de que o corpo é um canal de poder eficaz. O Espírito Santo, que habita em nós, fortalece nosso homem interior, ilumina os olhos do nosso coração e torna nosso corpo sadio.

Já observamos também que o Espírito Santo vivifica este nosso corpo mortal. Não é necessário esperar até à morte para ele nos ressuscitar, pois agora mesmo ele confere vida ao nosso corpo. No futuro, ele ressuscitará esse corpo *corruptível*. Hoje mesmo, porém, ele vivifica o corpo *mortal*. O poder da sua vida penetra em cada uma de nossas células, a fim de que possamos experimentar seu poder e sua vida em nosso corpo.

Não precisamos considerar este nosso invólucro como uma triste prisão, pois podemos ver a vida de Deus manifesta nele. Podemos experimentar, no presente, de maneira mais profunda, esta declaração: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Cristo tornou-se agora nossa fonte de vida. Hoje ele vive em nós da mesma maneira que antes viveu na carne. Assim podemos compreender de maneira plena o alcance de suas palavras: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10). Essa vida mais abundante é suficiente para suprir todas as necessidades do nosso corpo. Paulo exorta a Timóteo a tomar "posse da vida eterna" (1 Tm 6.12). Certamente, Timóteo aí não está necessitando

da vida eterna para sua salvação. Não é essa vida que Paulo, nesse capítulo, chama de a "verdadeira vida" (v.19)? Ele não está instando com Timóteo para experimentar a vida eterna no presente, no sentido de vencer cada manifestação da morte?

Desde já queremos dizer aos nossos leitores que não perdemos de vista o fato de que nosso corpo é realmente mortal. Mesmo assim nós, que somos do Senhor, podemos em verdade possuir o poder daquela vida que "devora" a morte. Em nosso corpo, existem duas forças em ação: a morte e a vida. De um lado, está o desgaste natural que nos conduz para a morte. Do outro, está o reabastecimento que fazemos através do alimento e do descanso, que sustentam a vida. Ora, o desgaste excessivo enfraquece o corpo, porque a força da morte é muito grande. Contudo um suprimento excessivo também dá sinais de congestão, pois a força da vida é forte demais. A melhor atitude é manter essas duas forças em equilíbrio. Além disso, precisamos compreender que o cansaço físico que os crentes muitas vezes experimentam é, em diversos aspectos, bem distinto do das pessoas comuns. O desgaste dos cristãos não é apenas físico. Como eles andam com o Senhor, levam as cargas uns dos outros, têm compaixão dos irmãos, trabalham para Deus, intercedem diante dele, combatem as potestades das trevas e esmurram seu corpo para subjugá-lo, o alimento e o descanso não são suficientes para operar a reposição das energias perdidas. Em parte, isso explica por que muitos crentes, que antes de serem chamados para servir a Deus eram saudáveis, pouco depois tornaram-se fisicamente débeis. Nossas forças físicas não se acham à altura das exigências da vida, da obra e da batalha espiritual. O combate contra o pecado, contra os pecadores e contra os espíritos malignos minam nossa vitalidade. Os recursos naturais apenas não bastam para suprir nossas necessidades físicas. Precisamos depender da vida de Cristo, pois somente ela pode sustentarnos. Se confiarmos no alimento material, na nutrição e nos remédios, estaremos cometendo um erro grave. Somente a vida do Senhor Jesus satisfaz mais do que suficientemente todas as necessidades físicas da nossa vida, do serviço cristão e da batalha espiritual. Só ele

nos concede a vitalidade necessária para atacarmos o pecado e Satanás. Assim que o crente entende o que é a batalha espiritual, e aprende a lutar em espírito com o inimigo, começa a reconhecer o grande valor do Senhor Jesus como vida para seu corpo.

Todo crente precisa enxergar com clareza que está unido com o Senhor. Ele é a videira, e nós, os ramos. Assim como os ramos estão unidos ao tronco, assim também estamos unidos com o Senhor. Unidos ao tronco, os ramos recebem o fluxo da vida da planta. Nossa união com o Senhor produz os mesmos resultados. Entretanto, se acharmos que essa união se limita ao espírito, a fé se levantará para protestar. Como Deus nos chama para mostrar ao mundo a realidade da nossa união com Cristo, ele quer que creiamos nesses fatos e recebamos o fluxo de sua vida para o nosso espírito, alma e corpo. Se nossa comunhão for cortada, nosso espírito certamente perderá a paz, e o corpo não terá saúde. Se permanecermos em Cristo, a vida dele estará continuamente enchendo nosso espírito e fluindo para o nosso corpo. Se não participarmos da vida do Senhor Jesus, não poderemos receber cura nem saúde. Deus deseja que seus filhos hoje experimentem uma união mais profunda com o Senhor Jesus.

Devemos reconhecer, então, que os fenômenos que ocorrem em nosso *corpo* são de natureza espiritual. A cura divina e o aumento de nossas forças são experiências espirituais, e não apenas físicas, embora aconteçam no corpo. Na verdade, tais experiências são a manifestação da vida do Senhor Jesus em nosso corpo mortal. Primeiro, a vida do Senhor ressuscitou nosso espírito que estava morto. Agora ela vivifica nosso corpo mortal. Deus quer que deixemos a vida ressurreta, gloriosa e vitoriosa de Cristo manifestar-se em cada parte do nosso ser. Ele nos conclama a renovar nosso vigor por intermédio de Cristo, diariamente e a cada hora. Isso é que é a verdadeira vida. Nosso corpo ainda está animado pela vida da alma natural. Apesar disso, já não vivemos por ela. Isso se dá porque confiamos na vida do Filho de Deus, que infunde energia em nossos membros de forma muito mais abundante do que a alma poderia comunicar. Damos grande ênfase a essa "vida". Em todas as nossas experiências espirituais, essa "vida" misteriosa, mas maravilhosa, entra em nós abundantemente. Deus quer que a vida de Cristo venha a ser nossa força.

A Palavra de Deus é a vida do nosso corpo: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Isso prova que a Palavra de Deus é capaz de sustentar nosso corpo. Falando naturalmente, o homem vive de pão, mas quando a Palavra de Deus emite seu poder, podemos viver por ela também. Contemplamos, aqui, as duas maneiras de viver: a natural e a sobrenatural. Deus não diz que de agora em diante não precisamos comer. Ele

simplesmente revela que sua Palavra pode conceder-nos uma vida que não provém do alimento. Quando o alimento não consegue produzir o efeito desejado em nosso corpo, sua Palavra pode dar-nos aquilo de que precisamos. Alguns vivem só de pão; outros, pelo pão e pela Palavra de Deus. O pão às vezes falha; a Palavra de Deus, nunca.

Deus coloca sua vida na Palavra. Como ele é vida, assim também é a sua Palavra. Se considerarmos a Palavra de Deus como um ensinamento, credo ou padrão moral, ela não terá muita eficácia em nós. Não. Temos de "digerir" a Palavra de Deus, para que se incorpore ao nosso ser da mesma forma que o alimento. O cristão que tem fome, recebe-a como a um alimento. Se a recebermos com fé, ela se torna nossa vida. Deus declara que sua Palavra pode sustentar nossa vida. Quando não temos o alimento natural, podemos crer no que Deus diz acerca de sua Palavra. Assim, nós o conheceremos, não apenas como vida para o nosso espírito, mas também para o corpo. Os cristãos de hoje perdem muito, por não reconhecerem a abundância de provisões que Deus tem para o nosso "tabernáculo" terreno. Achamos que as promessas de Deus se limitam ao espírito (interior), ignorando o fato de que elas se aplicam também à carne (exterior). Será que ainda não compreendemos que nossas necessidades físicas não são inferiores às espirituais?

AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS DE DEUS DO PASSADO

Deus não quer que seus filhos sejam fracos. Sua vontade expressa é que eles sejam robustos e sadios. Sua Palavra afirma: "... e, como os teus dias, durará a tua paz" (Dt 33.25). Naturalmente, isso se aplica ao corpo. Enquanto vivermos na Terra, o Senhor promete dar-nos força. Se Deus nos der um dia a mais de vida, providenciará também o vigor extra para aquele dia. Como seus filhos não reivindicam, pela fé, essa preciosa promessa, acabam descobrindo que sua vitalidade não corresponde aos seus dias aqui neste mundo. Deus promete tornar-se a força de seus filhos, a fim de dar-lhes a energia de que precisam no tempo de vida que ele lhes concede. Assim como o Senhor vive e nós também vivemos, dessa maneira será a nossa força. Crendo nas promessas divinas, a cada manhã, quando nos levantarmos e contemplarmos o amanhecer, poderemos afirmar que, assim como Deus vive, nós também receberemos capacitação, tanto física como espiritual, para aquele dia.

Os homens de Deus do passado sabiam que o Senhor era a força do seu corpo. Experimentavam a vida de Deus em si. O primeiro em quem vemos isso é Abraão: "E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara" (Rm 4.19). Pela fé, ele gerou Isaque. O poder de Deus manifestou-

se num corpo quase morto. O ponto crucial da questão aqui não é tanto a condição do nosso corpo, mas sim o poder de Deus operando nele.

Dizem as Escrituras que Moisés tinha "a idade de cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor" (Dt 34.7). Sem sombra de dúvida, a Bíblia está falando aqui sobre o poder da vida de Deus no corpo de Moisés.

A Bíblia menciona também a condição física de Calebe. Depois que os israelitas entraram em Canaã, Calebe testemunhou:

"Então, Moisés, naquele dia, jurou, dizendo: Certamente, a terra em que puseste o pé será tua e de teus filhos, em herança perpetuamente, pois perseveraste em seguir o Senhor, meu Deus. Eis, agora, o Senhor me conservou em vida, como prometeu; quarenta e cinco anos há desde que o Senhor falou esta palavra a Moisés, andando Israel ainda no deserto; e, já agora, sou de oitenta e cinco anos. Estou forte ainda hoje como no dia em que Moisés me enviou; qual era a minha força naquele dia, tal ainda agora para o combate, tanto para sair a ele como para voltar." (Js 14.9-11.)

Conforme Deus havia prometido, tornou-se a força desse homem que o seguiu com inteireza de coração. Desse modo, mesmo passados quarenta e cinco anos, seu vigor não diminuiu.

Lendo o livro de Juizes, tomamos conhecimento das proezas físicas de Sansão. É verdade que ele cometeu muitos atos imorais, e que o Espírito Santo talvez não queira comunicar força tão descomunal a todo crente. Contudo um fato é certo: se confiarmos no Espírito Santo, veremos que ele, com seu poder, supre todas as nossas necessidades diárias.

Pelos cânticos de Davi, registrados no livro de Salmos, podemos verificar que o poder de Deus estava em seu corpo. Observemos as seguintes passagens:

"Eu te amo, ó Senhor, força minha. O Deus que me revestiu de força e aperfeiçoou o meu caminho, ele deu a meus pés a ligeireza das corças e me firmou nas minhas alturas. Ele adestrou as minhas mãos para o combate, de sorte que os meus braços vergaram um arco de bronze." (18.1,32-34.)

"O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?" (27.1.)

"O Senhor dá força ao seu povo." (29.11.)

"Reúne, ó Deus, a tua força, força divina que usaste a nosso favor... o Deus de Israel, ele dá força e poder ao povo." (68.28,35.)

"Quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia." (103.5.)

Existem outros salmos que também revelam que

Deus se tornou força para seu próprio povo. Alguns desses são: "Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (73.26). "Bem-aventurado o homem cuja força está em ti" (84.5). "Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação" (91.16).

Eliú falou a Jó sobre a disciplina de Deus e seus resultados:

"Também no seu leito é castigado com dores, com incessante contenda nos seus ossos; de modo que a sua vida abomina o pão, e a sua alma, a comida apetecível. A sua carne, que se via, agora desaparece, e os seus ossos, que não se viam, agora se descobrem. A sua alma se vai chegando à cova, e a sua vida, aos portadores da morte. Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que lhe convém, então, Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate. Sua carne se robustecerá com o vigor da sua infância, e ele tornará aos dias da sua juventude." (Jó 33.19-25.)

Vemos aí como a vida de Deus pode manifestar-se em alguém que está às portas da morte.

O profeta Isaías também dá testemunho a esse respeito:

"Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação." (Is 12.2.)

"Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam." (Is 40.29-31.)

Todo esse vigor se manifesta no nosso corpo, pois o poder de Deus é gerado naqueles que nele esperam.

Quando Daniel teve as visões de Deus, disse: "... e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma" (10.8). Entretanto Deus enviou seu anjo para que Daniel recuperasse as forças. Registrando esse acontecimento, o profeta escreveu: "Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu; e disse: Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, meu senhor, pois me fortaleceste" (10.18,19). Mais uma vez, vemos Deus comunicando força ao nosso corpo.

Precisamos entender que o Senhor cuida do nosso corpo ainda hoje. Ele não é força apenas para nosso espírito, mas também para o corpo. Mesmo nos tempos do Antigo Testamento, quando a graça ainda não

se tinha manifestado como hoje, os homens de Deus conheceram que o Senhor era a força de sua carne. Será que nossa bênção hoje deve ser menor que a deles? Devemos experimentar, no mínimo, o mesmo vigor do poder divino que eles conheceram. Quem não estiver bem informado a respeito das riquezas de Deus, talvez possa limitar suas bênçãos ao espírito. Os que têm fé, porém, não limitarão a vida e o poder divinos ao espírito, negligenciando o fato de que eles se aplicam também ao corpo.

Queremos ressaltar que a vida de Deus é poderosa não apenas para curar enfermidades, mas também para nos preservar com força e saúde. Como Deus é nossa força, ele nos capacita a vencer tanto as doenças quanto as fraquezas. Quando ele cura alguém, não é para depois essa pessoa continuar vivendo por sua energia natural. *Deus* deve ser a energia do nosso corpo, para que possamos viver por meio dele, buscando nele forças para realizarmos sua obra. Quando os israelitas deixaram o Egito, Deus lhes fez a seguinte promessa: "Se ouvires atento a voz do Senhor, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara" (Êx 15.26). Mais tarde, no Salmo 105, encontramos essa promessa totalmente cumprida. Diz ali: "... e entre as suas tribos não havia um só inválido" (v. 37). Portanto precisamos entender que a cura divina compreende a cura das enfermidades e também sua prevenção, para que possamos permanecer vigorosos. Se nos entregarmos totalmente a Deus, não resistindo em nada à sua vontade, e recebendo pela fé sua vida e seu poder para nosso corpo, também nós provaremos a realidade da cura divina.

A EXPERIÊNCIA DE PAULO

Se aceitarmos o ensinamento bíblico de que nosso corpo é membro de Cristo, teremos de reconhecer que a vida de Cristo flui nele. A vida de Cristo flui da Cabeça para o corpo, comunicando-lhe energia e vitalidade. Nosso corpo é membro *de Cristo*, por isso a vida do corpo dele flui naturalmente para o nosso. Todavia precisamos nos apropriar disso pela fé. Iremos experimentar essa vida na medida da fé que exercitarmos para recebê-la. As Escrituras ensinam que podemos tomar posse da vida do Senhor Jesus para benefício do nosso corpo, mas isso requer fé. Muitos cristãos, ao receber tal ensino, inicialmente ficam muito surpresos. Entretanto não podemos diluir algo que a Palavra ensina claramente. Estudando a experiência de Paulo, verificamos o quanto esse ensinamento é precioso e real.

Paulo falou de um espinho na carne, referindo-se à sua condição física. Três vezes, ele rogou ao Senhor que o removesse. Mas Deus lhe respondeu: "A minha

graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". E o apóstolo, respondendo, disse: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo... Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.9,10). Não precisamos procurar saber o que era esse espinho. A Bíblia não explica. Um fato, porém, é certo: esse espinho causou o enfraquecimento do corpo de Paulo. A "fraqueza" aqui mencionada é de natureza física. O mesmo termo é usado em Mateus 8.17. Os coríntios estavam bem familiarizados com a fragilidade física de Paulo (2 Co 10.10). O próprio apóstolo reconhece que, quando esteve com eles a primeira vez, achava-se fisicamente fraco (1 Co 2.3). E de modo algum podemos atribuir essa debilidade a uma falta de poder espiritual, pois as duas cartas aos coríntios revelam que o apóstolo possuía um extraordinário vigor espiritual.

Essas poucas passagens são suficientes para revelar a condição física de Paulo. Seu corpo era muito fraco, mas será que ele permaneceu assim muito tempo? Não, pois ele afirma que o poder de Cristo repousou sobre ele e o fortaleceu. Observamos aqui uma "lei de contrastes". Tanto o espinho como a fraqueza resultante dele continuaram em Paulo. Todavia o poder de Cristo inundou seu corpo frágil e lhe deu forças para enfrentar cada uma de suas necessidades. O poder de Cristo contrastava com a fraqueza de Paulo. Esse poder não afastou o espinho, nem eliminou a fraqueza, mas permaneceu em Paulo, habilitando-o a enfrentar qualquer situação que estivesse acima da capacidade do seu corpo enfraquecido. Podemos comparar essa experiência a um pavio que, embora em chamas, não se consome por estar saturado de óleo. O pavio continua frágil, mas o óleo lhe comunica tudo o que o fogo tira dele.

Desse modo, compreendemos o princípio segundo o qual a vida de Deus deve dar-nos capacitação física. A vida divina não transforma a natureza do nosso corpo fraco e mortal: ela simplesmente lhe comunica tudo de que ele precisa. No que dizia respeito à condição física de Paulo, ele era, sem sombra de dúvida, o mais fraco. Contudo, devido ao poder de Cristo que ele possuía, era o mais forte de todos. Sabemos que ele trabalhou dia e noite, "gastando" sua vida e energia no serviço cristão, realizando uma obra que muitos homens fisicamente fortes não poderiam realizar. Como é então que um homem fraco como Paulo podia levar avante tal obra? Se seu corpo mortal não fosse vivificado pelo Espírito Santo, isso não poderia acontecer. Não há dúvida de que Deus comunicou força ao corpo de Paulo.

E como foi que Deus fez isso? Em 2 Coríntios 4, Paulo estava falando sobre seu corpo, quando disse que ele e os que com ele estavam traziam "sempre no

corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal" (vv. 10,11). Quando comparamos os versículos 10 e 11, observamos algo que chama nossa atenção. Temos aí uma redundância, mas não uma repetição. O versículo 10 fala sobre a vida de Jesus manifestando-se em nosso corpo. Já o 11 fala sobre essa vida manifestando-se em nossa *carne mortal*. Muitos crentes são capazes de expressar a vida de Cristo em seu corpo, mas não chegam ao ponto de expressá-la também em sua carne mortal. Existe aí uma profunda diferença. Muitos cristãos, quando adoecem, mostram-se obedientes e dotados de paciência, sem reclamar nem demonstrar ansiedade. Sentem a presença do Senhor e revelam as virtudes dele em seu rosto, em seus atos e na sua linguagem. Através do Espírito Santo, manifestam genuinamente a vida de Cristo em seu corpo. Entretanto não tomam conhecimento do poder curador do Senhor Jesus. Parece que não sabem que a vida de Cristo aplica-se também ao corpo. Não exercitam a fé para receber a cura do corpo, como o fizeram anteriormente para receber o perdão dos seus pecados e a vivificação do seu espírito morto. Por isso, acham-se impotentes para manifestar a vida de Jesus em sua carne *mortal*. Recebem graça para suportar a dor, mas não para receber a cura. Experimentaram o versículo 10, porém continuam sem provar o 11.

Como é que Deus nos cura e nos fortalece? Pela vida de Jesus. Isso é muito importante. Quando nossa carne mortal é revitalizada, a natureza do nosso corpo não muda, isto é, não se reveste de imortalidade; permanece a mesma. Contudo a vida que comunica vitalidade ao corpo *muda*. Antes, vivíamos pelo poder da nossa vida natural. Agora, vivemos pela energia da vida sobrenatural de Cristo. O poder da sua ressurreição sustenta nosso corpo, por isso recebemos a capacidade de realizar as tarefas que nos foram atribuídas.

O apóstolo não dá a entender que, como passou a viver pela vida do Senhor, jamais voltaria a ser fraco. De modo nenhum! Toda vez que ele deixasse de experimentar a cura pelo poder de Cristo, iria enfraquecer. Podemos perder a manifestação da vida do Senhor Jesus em nosso corpo por causa do pecado, da negligência ou de uma atitude de independência. Algumas vezes, podemos nos tornar fracos pelo ataque das potestades das trevas, contra as quais avançamos com ousadia. Podemos, ainda, sofrer aflições por causa do corpo de Cristo, se estivermos profundamente envolvidos com ele. Contudo tais coisas acontecem somente a pessoas profundamente espirituais. De qualquer forma, temos certeza de que, por mais que estejamos fracos, a vontade de Deus não é que sejamos inválidos nem in-

capacitados para o seu trabalho. O apóstolo Paulo estava sempre fraco, mas a obra de Deus nunca sofreu por causa da sua fraqueza. Reconhecemos a soberania absoluta do Senhor, mas os cristãos não podem usar isso como desculpa para serem fracos.

Trazendo "sempre no corpo o morrer de Jesus" constitui a base para que "também a sua vida se manifeste em nosso corpo". Em outras palavras, devemos renunciar totalmente à nossa própria vida, para que a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Isso revela que existe uma relação íntima entre um viver espiritual não egocêntrico e um corpo sadio. O poder divino é usado exclusivamente para o Senhor. Quando Deus manifesta sua vida em nosso corpo, ele o faz por causa da sua própria obra. O Senhor nos concede sua vida e força, mas não para que as gastemos egoisticamente. Ele não nos dá sua energia para que a desperdicemos, nem tampouco para que realizemos nossos propósitos. Como Deus irá conceder-nos esse poder, se não vivermos inteiramente para ele? E exatamente essa a razão pela qual não obremos a resposta de muitas das nossas orações. Muitas vezes, os crentes almejam ter saúde e vitalidade apenas para o seu bem-estar. Buscam a força de Deus para seu corpo, mas somente para desfrutar de uma vida mais confortável, alegre e aprazível. Desejam a capacitação para se moverem livremente, sem qualquer impedimento. É por isso que ainda estão fracos. Deus não vai nos conceder sua vida para que a usemos segundo nossos próprios desejos. A realidade é que assim viveríamos ainda mais para nós mesmos, com um prejuízo maior para a vontade de Deus. O Senhor espera hoje que seus filhos renunciem ao *seu eu*, para depois conceder-lhes o que estão buscando.

Que é que significa a expressão "o morrer de Jesus"? É a vida do Senhor que está sempre entregando seu eu à morte. O viver do nosso Senhor sempre foi caracterizado pela autonegação. O Senhor Jesus, durante toda a sua vida, e até à sua morte, não fez nada por si mesmo, apenas realizou a obra do seu Pai. Agora o apóstolo ensina que, assim que ele permitiu essa operação do morrer de Jesus em seu corpo, a vida de Cristo também se manifestou em sua carne mortal. Será que estamos aptos a receber esse ensinamento? Deus está agora esperando aqueles que estão dispostos a aceitar "o morrer de Jesus", para que ele possa viver no corpo deles. Quem hoje está disposto a seguir inteiramente a vontade de Deus? e a deixar de viver segundo seu próprio entendimento? Quem se dispõe a atacar corajosa e incessantemente as potestades das trevas por amor ao Senhor? Quem se recusa usar o próprio corpo como meio de alcançar o sucesso? A vida do Senhor Jesus vai se manifestar no corpo dos cristãos que responderem afirmativamente a essas perguntas. Se assumirmos essa "morte", Deus se encarregará do resto. Se lhe oferecermos nossa fraqueza, ele nos dará sua força.

O PODER NATURAL E O PODER DE JESUS

Quem já se ofereceu totalmente a Deus pode crer que ele lhe preparou um corpo. Sempre imaginamos como seria bom se pudéssemos decidir a respeito do modo como fomos feitos. Nosso maior desejo é que nosso corpo não tivesse tantos problemas inatos, mas que possuísse maior resistência, para que pudéssemos viver mais tempo, sem dor e sem doença. Contudo Deus não nos consultou a respeito disso. Ele sabe melhor do que nós o que devemos ter. Também não devemos julgar nossos antepassados pelas faltas e pecados que eles cometeram. Nem devemos duvidar do amor e da sabedoria de Deus. Tudo o que concerne a nós foi determinado antes da fundação do mundo. Deus realiza sua boa vontade mesmo neste nosso corpo de dor e morte. E o propósito dele não é que abandonemos este corpo, como se ele fosse uma carga pesada. Pelo contrário, ele nos aconselha a tomar posse de um *novo* corpo, através do Espírito Santo que em nós habita. Seja qual for o corpo que Deus nos tenha dado, o certo é que ele possui limitações e perigos, dos quais o Senhor tem plena ciência. Através das experiências dolorosas, porém, ele quer que venhamos a desejar um novo corpo, para que não mais vivamos pelo poder *natural que possuímos*, mas pelo poder de Deus. Assim podemos trocar nossa fraqueza pela força divina. Embora nosso corpo não tenha sido ainda transformado, a vida pela qual ele vive já é uma nova vida.

O Senhor tem prazer em encher do seu poder cada nervo, cada vaso capilar e cada célula do nosso corpo. Ele não transforma nossa natureza debilitada numa natureza vigorosa. Tampouco nos dispensa uma grande quantidade de força para que a estoquemos. Ele quer ser vida para nossa carne mortal, a fim de que vivamos por meio dele *cada momento* de nossa vida. Talvez alguns pensem que ter o Senhor Jesus como a vida do nosso corpo signifique que Deus nos concede poder físico em abundância, de modo que não venhamos jamais a sofrer nem a ficar doentes. Contudo não foi essa, evidentemente, a experiência do apóstolo, pois ele declara de modo categórico que "nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal". O corpo de Paulo era habitualmente fraco, mas a força do Senhor Jesus fluía para ele de maneira contínua. Ele vivia cada instante pela vida do Senhor. Aceitá-lo como a vida do nosso corpo exige um *permanente exercício de confiança*. Por nós mesmos, não podemos enfrentar situação nenhuma, em tempo nenhum. Entretanto, confiando permanentemente no Senhor, recebemos a cada momento toda a força de que precisamos.

É esse o sentido do que Deus diz através de Jeremias: "A ti, porém, eu te darei a tua vida como despo-

jo, em todo lugar para onde fores" (45.5). Não devemos nos considerar salvos e seguros por causa da nossa própria força. Pelo contrário, temos de entregar todo nosso fôlego à vida do Senhor. Só assim encontraremos segurança, porque somente ele vive para sempre. Não possuímos nenhuma *reserva* de poder que nos capacite a nos mover segundo nossa própria vontade. A cada momento estamos precisando da força que vem do Senhor. O que recebemos num determinado momento é bom para essa ocasião. Não existe a possibilidade de guardarmos um pouquinho para depois. Assim é a vida completamente unida ao Senhor, que vive na dependência exclusiva dele. "Eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá." (Jo 6.57.) E exatamente nisso que reside o segredo dessa vida. Se pudéssemos viver sem a vida que o Senhor nos concede, renegariamos esse espírito de dependência total e viveríamos segundo nossa própria vontade! Desse modo, estaríamos agindo conforme as pessoas do mundo, e desperdiçando nossas forças. Deus quer que a nossa confiança nele e nosso senso de dependência dele sejam constantes. Da mesma maneira que o povo de Israel tinha de colher o maná diariamente, nosso corpo também deve viver por meio da força de Deus a cada momento.

Vivendo assim, não estaremos limitando nossa obra, pois não a estaremos realizando em nossa própria força. Tampouco jamais ficaremos ansiosos por causa do corpo. Como essa é a vontade de Deus, devemos encher-nos de coragem e viver dessa maneira, mesmo que a sabedoria humana ache isso arriscado. O Senhor é a nossa força, e estamos apenas esperando que ele nos envie. Em nós mesmos não temos poder para realizar nenhuma tarefa. Todavia nossos olhos estão voltados para o Senhor. Em nós mesmos, achamo-nos totalmente incapazes. Contudo, através dele, sairemos e venceremos. Ah, quantos de nós nos consideramos por demais poderosos em nós mesmos! Não aprendemos a não confiar em nossa força, para passarmos a confiar nele. A força do Senhor se aperfeiçoa em nossa fraqueza. Quanto mais reconhecermos que somos incapazes, mais o seu poder se manifestará. Nossa própria força jamais pode cooperar com o Senhor. Se tentarmos empregar nossas forças para reforçar a dele, nada colheremos, senão derrota e vergonha.

O Senhor exige total confiança nele. Por isso, não devemos aplicar esse tipo de atitude apenas às nossas fraquezas naturais, mas também aos nossos pontos positivos. É claro que alguns cristãos estão gozando de saúde e robustez física. Talvez estes estejam pensando que só precisam buscar essa experiência de dependência do Senhor quando estiverem fracos. Isso é um engano. O fato é que tanto aquele que naturalmente é fraco como o que é forte necessitam da vida de Deus. Ao Senhor não interessa nada que tenhamos recebido na velha criação. Se os crentes se dispuses-

sem a receber toda a instrução do Senhor, abririam mão de sua própria força para aceitar a de Deus, mesmo que o corpo deles fosse forte e não aparentasse precisar da vida divina. Isso não significa fazer uma opção voluntária pela fraqueza. Pelo contrário, trata-se de descrever de nossa própria força, como descremos de nossos próprios talentos. Tal consagração nos livra de nos exaltarmos a nós mesmos, o que fazemos quando nosso serviço se baseia na energia natural (o que é um mal de muitos servos do Senhor). Atuando pela força de Deus, eles não terão coragem de ir além daquilo que ele ordena. Já sem a força que vem do Senhor, eles vão agir como os fracos, não ousando dar nem um passo sequer. Agirão como se fossem naturalmente fracos, isto é, evitarão trabalhar demais, e viver descuidadamente.

Nessa vida consagrada, é imperativo que o "eu" fique sob o controle do Espírito Santo; caso contrário, certamente seremos derrotados. Alguns crentes de fato admiram uma vida de autonegação, mas não conseguem desistir completamente de agir por suas próprias forças. Desse modo, não levam em conta os propósitos de Deus, atuando de acordo com seus próprios desejos. Podem granjear temporariamente a admiração dos homens, mas, por fim, seu corpo entrará em colapso. A vida de Deus jamais se torna escrava da vontade do homem. Uma obra, que não provenha da vontade divina, nunca terá a força do Senhor para sua realização. Se começarmos a agir fora dos propósitos de Deus, descobriremos que a vida divina irá nos faltar, e que nosso corpo frágil é que terá de realizar as tarefas. Para vivermos por meio do Senhor, não podemos agir com presunção. Só devemos começar a atuar depois que tivermos certeza de que realmente se trata da vontade de Deus. Somente através da obediência é que poderemos experimentar a vida de Deus operando por nós. Será que o Senhor nos daria de sua força sabendo que iríamos nos rebelar contra ele?

A BÊNÇÃO DESSA VIDA

Se recebêssemos a vida do Senhor Jesus para ser a vida do nosso corpo, este experimentaria o fortalecimento do Senhor e nosso espírito teria a prosperidade que vem dele.

Do ponto de vista do conhecimento, sabemos que nosso corpo é para o Senhor. Todavia, por causa de nossa vontade própria, Deus não nos pode encher completamente. Agora, porém, nos entregamos totalmente ao Senhor, para que ele possa nos tratar da maneira que bem desejar. Apresentamos nosso corpo como sacrifício vivo. Por conseguinte não controlamos mais nem nossa vida nem nosso futuro. Então entendemos realmente o que significa o fato de que "o corpo é para o Senhor". Aquilo que antes nos preocupava já não pode nos abalar. O inimigo pode tentar-nos, dizendo que esse caminho é muito arrisca-

do, ou que estamos nos descuidando de nós mesmos. Contudo não ficamos tão atemorizados como antes. De uma coisa sabemos: pertencemos ao Senhor completamente. Portanto nada pode acontecer em nossa vida sem o conhecimento e a permissão dele. Qualquer ataque que nos sobrevenha constitui apenas uma indicação de que ele tem um propósito especial para nós e de que sua proteção é infalível. Nosso corpo não nos pertence mais. Já entregamos a ele cada nervo, cada célula e cada órgão. Não somos mais senhores de nós mesmos, daí não termos mais nenhuma responsabilidade. Se o tempo mudar repentinamente, isso diz respeito somente a ele. Uma noite de insônia não nos deixa ansiosos. E ainda que Satanás nos ataque de forma inesperada, lembramo-nos de que a batalha é do Senhor, e não nossa. Agora a vida de Deus flui através do nosso corpo. Numa situação como essa, outros podem perder a paz, ficar desanimados e preocupados, e buscar uma solução humana para o problema. Nós, porém, exercitamos fé e vivemos por meio da vida de Deus. Sabemos que daqui por diante não vivemos mais pelo alimento, pelo sono, nem pelo que bebemos ou por qualquer outra coisa que fazemos, mas sim pela vida de Deus. Nada disso pode nos causar dano.

Sabendo que o Senhor é para o corpo, podemos agora apropriar-nos de todas as riquezas de Deus para suprimento de nossas necessidades. Sempre que houver uma necessidade urgente, haverá uma provisão. Por isso, nosso coração descansa. Não pedimos nada mais do que a provisão divina. Também não ficamos satisfeitos com nada menos do que o que ele prometeu. Seja qual for a situação, recusamo-nos a usar nossa própria força para "ajudar" a Deus, tentando resolver os problemas antes da hora por ele determinada. Enquanto os homens do mundo correm ansiosamente em busca de socorro para o seu sofrimento e dor, nós podemos esperar com serenidade a hora de Deus e suas riquezas, devido à união que temos com ele. Não seguramos a vida em nossas próprias mãos, mas buscamos o cuidado do Pai. Isso é que é paz!

Agindo assim, o crente está glorificando a Deus de diversas maneiras. Ele recebe tudo que lhe sobrevenha como uma oportunidade de manifestar a glória do Senhor. Não usa seus próprios métodos, evitando assim interferir com a glória somente devida a Deus. E quando o Senhor estende o braço para livrá-lo, então ele está pronto para render louvores.

O grande anseio desse filho já não é mais receber a bênção do Pai. O próprio Deus é muito mais precioso do que qualquer uma de suas dádivas. Se a cura não for uma manifestação da Pessoa de Deus, então ele prefere não ser curado. Se desejarmos apenas a proteção e a provisão do Pai, se tão-somente lhe clamarmos pedindo que nos livre da tentação, simplesmente cairmos. Essa realidade - Deus viver a nossa vida - não

é um negócio. Aqueles que o conhecem genuinamente não imploram a cura, mas sempre buscam o Pai. Se estar bem de saúde implicar desviar-se e afastar-se da glória de Deus, então ele prefere não ser curado. Devemos nos lembrar continuamente disso: sempre que desejamos os dons de Deus em vez do próprio Deus, começamos a falhar. Se vivermos inteiramente para o Senhor, não ficaremos ansiosos pela ajuda dele, nem pela sua bênção ou provisão. Pelo contrário, nós nos entregaremos incondicionalmente a Deus.

VENCENDO A MORTE

A vitória sobre a morte não é uma experiência incomum para os filhos de Deus. O sangue do cordeiro protegeu os israelitas das mãos do anjo da morte, que matou os primogênitos do Egito. Pelo nome do Senhor, Davi foi salvo das garras do leão e do urso, e também das mãos de Golias. Lançando farinha dentro de uma panela, Eliseu retirou a morte que nela havia (2 Rs 4.38-41). Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não sofreram nenhum dano na fornalha ardente (Dn 3.16-27). Daniel, quando foi lançado na cova dos leões, deu testemunho de que Deus fechara a boca desses animais. Paulo foi picado por uma víbora venenosa, mas atirou-a dentro do fogo, e não sofreu dano (At 28.3-5). Enoque e Elias foram ambos arrebatados para o céu, sem provar a morte. Todos esses são exemplos perfeitos de vitória sobre esse inimigo.

O objetivo de Deus é levar seus filhos a vencer a morte ainda nesta vida. É fato que precisamos triunfar sobre o pecado, sobre o "eu", o mundo e Satanás. Contudo nossa vitória não estará completa sem vencermos a morte. Se quisermos um triunfo completo, devemos destruir esse *último* inimigo (1 Co 15.26). Se não vencermos a morte, estaremos deixando invicto um inimigo.

Existe morte na natureza, em nós, e a morte que vem de Satanás. A Terra jaz sob maldição; e é governada por esta. Se quisermos ter uma vida vitoriosa na Terra, teremos de vencer a morte que está no mundo. A morte está em nosso corpo. Assim que nascemos, ela começa a operar em nós, pois todos iniciam a caminhada em direção à sepultura já no dia em que nascem. Não devemos encarar a morte simplesmente como uma "crise". Antes de mais nada, ela é um processo. Já se encontra em nós, devorando-nos gradativa e implacavelmente. Nossa libertação dessa tenda terrena nada mais é que o momento em que se consuma a prolongada operação da morte. Ela pode atacar nosso espírito, privando-o de vida e poder. Ataca nossa alma, mutilando seus sentimentos, pensamentos e vontade. Agride nosso corpo, tornando-o fraco e doente.

Lendo Romanos 5, vemos que "reinou a morte" (v. 17). Ela não apenas existe, reina também. Reina no espírito, na alma e no corpo do homem. Embora nosso corpo ainda esteja vivo, a morte já está reinando sobre

ele. A influência dela ainda não alcançou seu apogeu, mas ela está reinando e vai se expandindo mais e mais, visando a absorver todo o corpo. Vários sintomas que descobrimos em nosso corpo demonstram como é amplo o poder da morte sobre nós. Tudo isso conduz as pessoas para aquele final - a morte física.

Da mesma maneira que existe o reino da morte, existe também o reino da vida (Rm 5.17). O apóstolo Paulo afirma que todos os que recebem a abundância da graça e o livre dom da justiça "reinarão em vida", uma força que excede em muito o poder que opera na morte. Contudo, hoje, os cristãos têm estado tão ocupados com o problema do pecado que praticamente se esquecem do da morte. Tão importante quanto vencer o pecado é derrotar a morte, um problema paralelo que não deveríamos negligenciar. Embora nos capítulos 5 a 8 de Romanos Paulo analise a questão da vitória sobre o pecado de forma bem distinta, dá igual atenção ao problema da morte: "O salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Ele aborda tanto a questão do pecado como a da consequência dele. Além de apresentar o contraste entre a justiça e a transgressão, também compara a vida e a morte. Muitos cristãos dão bastante valor à idéia de vencer as várias manifestações do pecado em seu caráter e em sua vida diária. Contudo deixam de dar a devida ênfase à maneira pela qual se pode vencer o resultado dele, que é a morte. O apóstolo, porém, inspirado por Deus, nesses poucos capítulos, analisa não só as manifestações do pecado na vida diária, mas também a consequência dele, que é a morte.

Precisamos entender com clareza a relação que há entre esses dois elementos. Cristo morreu para nos salvar não apenas dos nossos pecados, mas também da morte. Deus hoje nos conclama a derrotar ambos. Antes de nos convertermos, estávamos mortos em pecados, pois o pecado e a morte reinavam sobre nós. Todavia o Senhor Jesus, morrendo em nosso lugar, trouxe nosso pecado e nossa morte. Anteriormente, a morte reinava em nosso corpo. Quando nos identificamos com a morte de Cristo, morremos para o pecado e nos tornamos vivos para Deus (Rm 6.11). Por causa da nossa união com Cristo, "a morte já não tem domínio sobre ele (nós)" e não pode mais nos escravi-

zar (Rm 6.9,11). A salvação de Cristo substitui o pecado pela justiça, e a morte, pela vida. Como o principal objetivo do apóstolo nesse trecho da Escritura é analisar o pecado e a morte, se absorvermos apenas uma parte do tema, não estaremos aceitando sua mensagem completa. Paulo descreve a plena salvação do Senhor Jesus nestes termos: "A lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2). Suponhamos que nossa vitória sobre o pecado seja bem ampla. Como está nossa vitória sobre a morte?

Já que recebemos em nosso espírito a vida não-criada de Deus, nós, que cremos no Senhor e somos regenerados, certamente experimentamos certa medida de vitória sobre a morte. Será, porém, que nossa experiência de triunfo deve limitar-se a tão pouco? Até onde a vida pode vencer a morte? Não há dúvida de que a maioria dos crentes ainda não desfrutou plenamente dessa experiência que Deus tem para eles. Sendo assim, não somos obrigados a confessar que a morte opera mais ativamente em nosso corpo do que a vida? Devemos estar tão atentos a essa questão do pecado e da morte como Deus está. Precisamos vencer a morte também, e não apenas o pecado.

Cristo venceu a morte, por isso os crentes *não têm mais necessidade* de morrer, embora ainda *possam* morrer. Da mesma maneira, Cristo condenou o pecado na carne, por isso *não necessitamos* mais pecar, embora ainda *possamos* pecar. Se nosso alvo *é* não pecar, nosso objetivo também deve ser não morrer. Nossa relação com o pecado é regida pela morte e ressurreição de Cristo. De igual modo, nossa relação com a morte deve ser regida também por esses dois fatos. Em Cristo, vencemos de modo absoluto tanto o pecado quanto a morte. Por isso, Deus quer que apliquemos em nossa vida a vitória sobre ambos. Geralmente, cremos que, como Cristo venceu a morte por nós, não precisamos mais nos preocupar com ela. Como podemos, então, exibir a vitória do Senhor em nossa vida? É claro que não temos nenhuma outra base para declararmos vitória a não ser aquela que foi consumada no Calvário. Por outro lado, se não reivindicarmos o que Cristo realizou para nós no Calvário, sem dúvida nenhuma não estaremos buscando a vitória. Não é assumindo uma condição passiva que vencemos o pecado. Do mesmo modo, não podemos vencer a morte negligenciando-a. Deus quer que tenhamos uma atitude de seriedade a respeito da vitória sobre a morte. Isto é, assimilar o fato de que, através da morte de Cristo, podemos realmente vencer o poder da morte em nosso corpo. Até aqui temos subjugado muitas tentações e também a carne, o mundo e Satanás. Agora precisamos nos levantar para vencer o poder do último inimigo.

Se, para resistir à morte, tivermos a mesma determinação que demonstramos para resistir ao pecado,

mudaremos completamente nossa atitude para com ela. A humanidade marcha em direção à sepultura. A morte é a herança comum a toda a raça caída. Por isso, nossa tendência natural é adotar uma atitude passiva em relação a ela. Não aprendemos a nos levantar contra a morte. Sabemos que a volta do Senhor é iminente, e assim temos esperança de ser arrebatados para o céu, e não passar pela sepultura. Apesar disso, muitos crentes ainda se preparam para esperar a morte. E verdade que, quando a justiça de Deus opera em nós, passamos a detestar o pecado. Todavia não temos permitido que a vida de Deus opere da mesma forma, para passarmos a odiar a morte.

Para vencer a morte, os crentes devem largar essa atitude de submissão, e adotar a de resistência. Se não rejeitarmos essa conduta *passiva*, não poderemos derrotar a morte. Ela "zombará" de nós, dando-nos um fim fora de tempo. Inúmeros crentes interpretam erradamente a passividade, confundindo-a com fé. Argumentam que entregaram tudo a Deus. Crêem que, se não for para eles morrerem, o Senhor certamente os livrará da morte. Se for, sem dúvida nenhuma então ele permitirá que morram. Seja feita a vontade de Deus. Essa idéia *parece* correta, mas será que isso é fé? De modo nenhum. Trata-se simplesmente de uma passividade preguiçosa. Quando *não sabemos* a vontade de Deus, é conveniente orarmos: "Não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22.42). Isso não quer dizer que não precisamos orar *especificamente*, apresentando nossos pedidos a Deus. Não devemos nos submeter passivamente à morte, pois o Senhor nos instrui a agir de forma ativa em harmonia com sua vontade. Se não tivermos *certeza absoluta* de que Deus quer que morramos, não devemos permitir passivamente que a morte nos vença. Pelo contrário, devemos agir ativamente de acordo com a vontade de Deus para resistir a ela.

Por que é que devemos adotar essa atitude? A Bíblia trata a morte como a um inimigo (1 Co 15.26). Conseqüentemente, devemos nos opor a ela, subjugando-a. Já que o Senhor Jesus enfrentou a morte aqui na Terra em nosso lugar, ele quer que nós a derrote-mos pessoalmente nesta vida. Não devemos pedir a Deus que nos conceda forças para suportar o poder da morte; devemos, pelo contrário, pedir poder para derrotar o dela.

A morte veio por causa do pecado, por isso nossa vitória sobre ela vem da obra do Senhor Jesus, que morreu por nós e nos salvou do pecado. Sua obra redentora está intimamente ligada à morte. "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por to-

da a vida." (Hb 2.14,15.) A cruz é a base de nossa vitória sobre o poder da morte.

Satanás tem esse poder, e o obteve devido ao pecado: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e *pelo pecado*, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5.12 - grifo do autor). Contudo o Senhor Jesus invadiu o domínio da morte, e através do seu ato redentor, removeu seu aguilhão, que é o pecado, desarmando assim o poder de Satanás. Pela morte de Cristo, o pecado perdeu a força, de modo que a morte também ficou sem poder. Com a crucificação de Cristo, se tomarmos posse da vitória do Calvário, passaremos a ter condições de derrotar o poder da morte, e de desfazer o cerco que ela arma ao nosso redor.

Os cristãos têm três caminhos para vencer a morte. Primeiro, confiar que não morreremos enquanto nossa obra não estiver terminada. Segundo, não ter medo da morte, mesmo que ela nos sobrevenha, pois sabemos que seu aguilhão já foi removido. E terceiro, crer que seremos completamente libertos da morte, pois vamos ser arrebatados por ocasião da volta do Senhor. Vamos analisar cada um deles.

SÓ MORRER DEPOIS DE TERMINADA NÓSSA OBRA

Se não tivermos convicção plena de que concluímos nossa obra e de que o Senhor não mais requer nossa permanência na Terra, devemos resistir à morte por todos os meios. Se os sinais da morte se tornarem visíveis em nosso corpo antes do término de nossa obra, decididamente devemos resistir tanto a ela como a esses sinais. Podemos crer que o Senhor vai dar todo apoio a essa resistência, pois ainda temos trabalho a realizar. Assim, enquanto nossa missão não chegar ao fim, podemos confiar totalmente no Senhor, mesmo que enfrentemos fortes sinais físicos. Cooperando com o Senhor, e resistindo à morte, logo veremos Jesus operando em nós com o intuito de tragar a morte por meio de sua vida.

Observe como o Senhor Jesus resistiu às garras da morte. Quando o povo tentou empurrá-lo penhasco abaixo, ele passou no meio da multidão e foi embora (Lc 4.29,30). Certa vez, "Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo" (Jo 7.1). Em outra ocasião, os judeus "pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo" (Jo 8.59). Por que Jesus resistiu três vezes à morte? Sua hora ainda não chegara. Ele sabia que havia um tempo certo estabelecido para a morte do Messias. Ele não morreria antes do momento designado por Deus, nem poderia morrer em qualquer outro lugar, a não ser o Gólgota. Nós também não precisamos morrer antes do tempo.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo também resistiu à morte. Os poderes das trevas queriam para ele uma partida prematura, mas ele sempre alcançou a vitória. Certa vez, na prisão, sabendo que o desfecho ali poderia ser a morte, afirmou:

"Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne. E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé." (Fp 1.22-25.)

Paulo não tinha medo de morrer. Pela fé em Deus, porém, sabia que não morreria antes de concluir sua obra. Foi essa sua vitória sobre a morte. E, bem no fim, quando disse "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé", sabia também que "o tempo da minha (sua) partida é (era) chegado" (2 Tm 4.7,6). Não devemos morrer antes de "completar" nossa carreira.

Pedro também teve conhecimento do momento da sua partida: "Certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou" (2 Pe 1.14). É um erro de nossa parte afirmar - com base numa avaliação pessoal das circunstâncias, condições físicas e sentimentos - que nossa hora chegou. Devemos esperar uma revelação clara do Senhor. Vivemos para ele, por isso devemos também morrer para ele. Temos de resistir a qualquer impulso para partir que não seja um chamado do Senhor.

Lendo o Antigo Testamento, vemos que todos os patriarcas morreram "avançados em anos". Que quer dizer essa frase? Significa que viveram até ao fim do tempo que Deus lhes designou. O Senhor determinou para cada um de nós uma certa idade (Jo 21). Se não a alcançarmos, não teremos vencido a morte. Como podemos conhecer o tempo que Deus designa para cada um de nós? A Bíblia apresenta um padrão: "Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta..." (Sl 90.10.) Não estamos querendo dizer que todos devem viver pelo menos setenta anos, pois assim estaríamos usurpando a soberania de Deus. Entretanto, caso não recebamos registro de um período mais curto, devemos aceitar esse número como sendo o padrão, e rejeitar uma partida anterior a ele. Permanecendo na Palavra de Deus, alcançaremos a vitória.

NÃO TER MEDO DA MORTE

Quando falamos em vencer a morte, não queremos dizer que nosso corpo nunca morrerá. Embora creiamos que "nem todos dormiremos" (1 Co 15.51), seria errado afirmar que *nós* não morreremos. Como a Bí-

blia indica que a duração comum da vida deve ser de setenta anos, devemos esperar viver esse período, caso tenhamos fé. Entretanto não podemos esperar viver para sempre, porque Jesus é a nossa vida. Sabemos que, com freqüência, Deus abre exceções. Alguns morrem antes de setenta anos. Pela fé, podemos pedir a Deus apenas para não partirmos antes de concluirmos nossa tarefa. Seja nossa vida longa ou curta, não podemos perecer como os pecadores, isto é, antes que se cumpra a metade dos dias que Deus designou para nós. O tempo que ele nos dá aqui neste mundo deve ser suficiente para realizarmos nossa missão na vida. Aí então, quando chegar o fim, poderemos partir em paz, tendo sobre nós a graça de Deus, e ir de forma tão natural como a queda de uma fruta plenamente madura. O livro de Jó descreve tal partida assim: "Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo a seu tempo" (Jó 5.26).

Vencer a morte não significa necessariamente não passar pela sepultura, pois Deus pode desejar que alguns a vençam através da ressurreição, como aconteceu ao Senhor Jesus. Contudo os crentes, ao passar pela morte, como o Senhor, não precisam *temê-la*. Se buscarmos vencer as garras da morte por estarmos com medo, ou relutando em morrer, já estaremos derrotados. Pode ser que o Senhor nos salve da morte, arrebatando-nos vivos para o céu. Contudo não devemos pedir que ele volte rapidamente, movidos pelo temor da morte. Tal preocupação mostra que ela já nos venceu. Devemos entender que, mesmo passando pela sepultura, estamos simplesmente indo de um cômodo para outro. Não há justificativa para termos angústias, temores e tremores insuportáveis.

Antes, éramos "todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2.15). O Senhor Jesus, porém, nos libertou, por isso já perdemos o temor. A dor, as trevas e a solidão que acompanham a morte não podem nos amedrontar. O apóstolo Paulo, que experimentou a vitória sobre a morte, testificou: "... o morrer é lucro... tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é *incomparavelmente melhor*" (Fp 1.21,23 - grifo do autor). Não vemos aí a menor sombra de temor. Sua vitória sobre a morte foi real e completa.

SER ARREBATADOS VIVOS

Sabemos que na volta do Senhor Jesus muitos serão arrebatados vivos. Essa é a última maneira pela qual alguém pode vencer a morte. Paulo fala sobre isso em 1 Coríntios 15.51,52 e em 1 Tessalonicenses 4.14-17. Reconhecemos que não existe data determinada para a vinda do Senhor. Ele poderia ter voltado a qualquer momento, nesses últimos vinte séculos. Com isso, os crentes puderam nutrir a esperança de ser arrebatados sem passar pela sepultura. Visto que hoje a volta do Senhor está muito mais próxima do que an-

tes, nossa esperança de sermos arrebatados vivos é maior do que a de nossos predecessores. Não desejamos falar muito, mas podemos afirmar com segurança que, se o Senhor Jesus viesse em nossos dias, certamente gostaríamos de estar vivos para sermos arrebatados. Sendo assim, devemos vencer a morte, não aceitando morrer antes da hora que Deus designou para nós, a fim de sermos arrebatados vivos. De acordo com o que dizem as Escrituras, alguns crentes serão arrebatados sem passar pela morte. Esse arrebatamento constitui outro tipo de vitória sobre a morte. Enquanto permanecermos vivos aqui na Terra não poderemos negar que é possível estarmos entre aqueles que serão arrebatados dessa maneira. Será que isso não é motivo para nos prepararmos para vencer a morte por completo?

Pode ser que morramos. Contudo não somos necessariamente obrigados a morrer. O Senhor Jesus fez várias declarações que deixam isso bem claro. Ele afirmou: "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.54). Ainda na mesma ocasião, Jesus disse o seguinte: "Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente" (v. 58). O que o Senhor está ensinando é que, entre os que crêem nele, alguns morrerão e ressuscitarão, enquanto outros de modo nenhum passarão pela morte.

Por ocasião da morte de Lázaro, o Senhor Jesus expressou o seguinte:

"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." (Jo 11.25,26.) Aqui, ele afirma que é não apenas a ressurreição, mas também a vida. Entretanto muitos crentes crêem que ele é a ressurreição, mas se esquecem de que ele é igualmente a vida. Reconhecemos, sem questionar, que ele nos ressuscitará depois que morrermos. Contudo será que admitimos também que ele, por ser nossa vida, é capaz de nos manter vivos? O Senhor Jesus nos apresenta suas duas obras, todavia só cremos em uma. No decorrer desses vinte séculos de cristianismo, os crentes com certeza têm experimentado a realidade da seguinte afirmação do Senhor: "Quem crê em mim, ainda que morra, viverá." E no futuro, outros certamente irão desfrutar de uma outra afirmação dele: "Todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." Milhares e milhares de crentes já partiram. Entretanto Deus diz que alguns nunca morrerão. Ele não afirma que alguns jamais ressuscitarão, mas, que alguns *nunca morrerão*. Conseqüentemente, não temos razão para achar que primeiro precisamos morrer para depois ressuscitar. A vinda do Senhor está próxima. Por que, então, temos de morrer primeiro, para depois esperar a

ressurreição? Por que não esperar que o Senhor venha e nos arrebate, para sermos totalmente libertos do poder da morte?

O Senhor promete ser ressurreição para muitos, e também vida para alguns. Embora seja maravilhoso experimentar a ressurreição dos mortos, como Lázaro, essa não é, de modo nenhum, a única maneira de vencer a morte. O Senhor tem outro método: *Nunca morrerá*. E verdade que temos de andar pelo vale da sombra da morte, mas Deus ergueu uma ponte flutuante para nós, permitindo-nos ir direto para o céu. Essa ponte flutuante é o arrebatamento.

O tempo do arrebatamento se aproxima. Se alguém deseja ser arrebatado, deve aprender a vencer a morte no presente. Antes do arrebatamento, o último inimigo deve ser derrotado. Na cruz, o Senhor Jesus venceu totalmente esse inimigo. Hoje Deus quer que sua igreja experimente essa vitória de Cristo. Todos nós sentimos que estamos vivendo no tempo do fim. O Espírito Santo atualmente está nos inspirando a travar a última batalha com a morte, antes que venha o arrebatamento.

Satanás reconhece que seus dias estão contados, e por isso emprega toda a sua força para impedir que os cristãos sejam arrebatados. Isso explica, em parte, por que os filhos de Deus hoje estão sendo atacados no corpo de forma tão feroz. Como esses ataques físicos são muito sérios, os crentes parecem perceber em si mesmos o odor da morte. Com isso, abandonam qualquer esperança de serem arrebatados. Não têm idéia de que isso nada mais é que um desafio do inimigo, visando a impedir sua ascensão. Se no entanto, perceberem que estão a caminho do arrebatamento, naturalmente terão um espírito combativo contra a morte. É que sentirão no espírito que a morte é um obstáculo ao arrebatamento, e que eles devem derrotá-la.

O diabo é assassino (Jo 8.44). O propósito da obra de Satanás contra os crentes é matá-los. Ele tem uma tática especial para os últimos dias: magoar os cristãos (Dn 7.25). Se ele puder comunicar-nos mais ansiedade ao espírito, produzir qualquer intranqüilidade em nossa mente, levar-nos a perder o sono por uma noite, ou a comer menos num dia e trabalhar excessivamente em outro, isso mostra que ele já penetrou em nós com seu poder de morte. Um pingo d'água só não pode fazer nada, mas o gotejar contínuo com certeza pode abrir um buraco numa pedra. Satanás acha-se familiarizado com essa verdade, e por isso provoca uma preocupação pequena aqui, um pouco de ansiedade ali, uma negligência acolá, sempre com o propósito de literalmente "magoar" ou destruir os cristãos.

Algumas vezes, o diabo ataca os crentes, causando-lhes a morte. Muitas mortes são resultado de ataques desse tipo, embora poucos reconheçam esse fato. Às

vezes os vêem apenas como um resfriado, uma insolação, insônia, exaustão ou perda de apetite. Às vezes, pensam que é a impureza, a ira, o ciúme ou a licenciosidade. Quando os cristãos não percebem que o que está por trás desses acontecimentos é o poder da morte, ficam com sua vitória plena ameaçada. Se os reconhecessem como ataques da morte e aprendessem a resistir, triunfariam. Muitas vezes eles atribuem tais problemas à idade ou a outros fatores, deixando de entender o real significado de tudo que está acontecendo.

O Senhor Jesus voltará em breve. Por isso, devemos empreender uma guerra total contra a morte. Da mesma maneira que lutamos contra o pecado, o mundo e Satanás, precisamos resistir à morte. Não nos limitemos a *pedir* a vitória; vamos também nos apropriar dela. Temos de tomar posse do triunfo de Cristo sobre a morte, em toda a sua plenitude. Se fizéssemos uma revisão da nossa vida até aqui, examinando-a com o conhecimento que Deus tem dela, descobriríamos que muitas vezes fomos assaltados pela morte sem que o soubéssemos. Inúmeras vezes atribuímos os eventos de nossa vida a outras causas, perdendo, assim, a oportunidade de exercitar a capacidade de resistir à morte. Se tivéssemos reconhecido que certos acontecimentos eram ataques desta, Deus nos teria fortalecido para que hoje experimentássemos a vitória sobre esse inimigo. Nesse caso, nossa experiência teria sido como passar sobre pontes quebradas e estradas interrompidas. É que todas as circunstâncias pareciam exigir nossa morte, e ainda assim *não podemos morrer*. Mais de uma vez, chegamos a desesperar da vida, contudo *não podemos morrer*. Perguntamos então a nós mesmos por que temos de morrer *agora*, pois embora a batalha se torne renhida, não é nossa vontade partir. Em vez disso, parece que clamamos:

"Não quero morrer!"

Qual é o significado dessa experiência? Simplesmente que Deus está nos levando a travar uma última batalha contra a morte, antes de sermos arrebatados. Tais ataques têm apenas um propósito: frustrar nosso arrebatamento.

Armados da vitória de Cristo, devemos fechar com toda firmeza as portas do Hades, que se acham escancaradas. Temos de resistir à morte, proibindo qualquer incursão dela em nosso corpo. Precisamos resistir a tudo que possa significar uma tendência para a morte. Devemos encarar a doença, as fraquezas e o sofrimento com essa atitude. Às vezes, a morte já está operando no corpo, embora ele possa não estar consciente disso. A ansiedade de espírito ou a tristeza de alma também podem produzir a morte. No momento, Deus está nos chamando ao arrebatamento. Então, devemos subjugar qualquer evento que possa impedir que ele aconteça.

Deus submete seus filhos a várias situações que os impelem a entregar a vida totalmente na mão do Senhor, como que por um fio de fé. Deixá-la na mão dele é sua única esperança de sobrevivência. E durante todo o tempo é como se esses cristãos estivessem clamando:

"Senhor, deixa-me viver!"

Nossa batalha hoje é a batalha pela vida.

Em toda parte, há espíritos malignos e assassinos agindo. Se os crentes não resistirem e orarem, serão derrotados. Se continuarem passivos, inevitavelmente morrerão. Alguém talvez ore assim:

"Senhor, permite-me vencer a morte."

E Deus responderá:

"Se você resistir à morte, permitirei que a vença!"

Se nossa vontade estiver passiva, tal oração será inútil. Devemos dizer:

"Senhor, por causa da tua vitória sobre a morte, agora resisto a todos os ataques dela. Estou determinado a vencer a morte agora. Senhor, torna-me vitorioso."

O Senhor nos capacitará a vencer a morte. Portanto devemos nos apossar das promessas de Deus, pedindo-lhe a vida, e confiando que nada nos poderá causar dano. Não devemos nos render ante o poder da morte, senão ela nos atingirá. É possível até que nos encontremos num lugar altamente contaminado, mas poderemos resistir a essas enfermidades, não permitindo que nenhuma delas nos ataque. Não devemos permitir que a morte nos atinja por meio da enfermidade.

Não podemos mais aguardar a volta do Senhor passivamente, conformando-nos com a idéia de que, de qualquer maneira, seremos todos arrebatados. Precisamos estar preparados. Como em tudo mais, é preciso que a igreja opere em harmonia com Deus também na questão do arrebatamento. A fé nunca deixa os acontecimentos ocorrerem de acordo com a lei do menor esforço. Cada um de nós deve resistir à morte individualmente. Devemos também ansiar pelo arrebatamento, de todo o coração. É necessário exercitar a fé, mas isso não significa que podemos abandonar passivamente nossas responsabilidades. De que nos adiantará crer, apenas com o intelecto, que podemos escapar da morte se continuarmos a submeter-nos passivamente ao poder dela?

O PECADO MORTAL

A Bíblia menciona um tipo de pecado mortal ou pecado "para morte" (1 Jo 5.16). Não se trata aqui da morte espiritual, pois a vida eterna que Deus dá jamais se pode extinguir. Isso também não pode ser uma alusão à "segunda morte", já que as ovelhas do

Senhor não podem perecer. Portanto o termo "morte" aqui significa necessariamente a morte do corpo.

Vejamos, então, qual é, especificamente, a essência do pecado mortal. Sabendo isso, poderemos evitá-lo, a fim de que (1) nossa carne não sofra corrupção, (2) não venhamos a perder a bênção de ser arrebatados antes da morte, ou (3) possamos ainda terminar a obra que o Senhor determinou para nós. Assim, a concluiremos antes que nosso tempo termine e morramos, caso ele demore e tenhamos de passar pela sepultura. Podemos dizer que, pelo fato de muitos filhos de Deus ignorarem essa questão, eles morreram prematuramente e perderam sua coroa. Muitos obreiros ainda poderiam estar servindo ao Senhor, caso tivessem levado isso em consideração.

A Palavra não define claramente em que consiste esse pecado. Ela só nos assegura que ele existe e podemos cometê-lo. Pelos registros das Escrituras, entendemos que esse pecado varia de uma pessoa para outra. O que para uns é mortal, para outros pode não ser, e vice-versa. Isso se deve às variações na graça que cada crente recebe, no conhecimento que cada um tem e na posição que cada um alcança.

Embora a Bíblia, em nenhum lugar, dê nome a esse pecado, podemos no entanto observar que qualquer pecado que resulte em morte constituiu-se em pecado mortal. O povo de Israel cometeu tal pecado em Cades (Nm 13.25 a 14.12). Embora tivessem tentado o Senhor muitas vezes antes (14.22), em todas elas ele simplesmente lhes perdoou. E mesmo nessa vez, quando se recusaram a entrar em Canaã, apesar de lhes ter perdoado, ele também determinou que o *cadáver* deles caísse no deserto (14.32).

Nas águas de Meribá, Moisés foi tentado a falar "irrefletidamente" (Sl 106.33). Esse foi seu "pecado mortal", por isso morreu fora de Canaã. Arão cometeu a mesma ofensa que Moisés, e foi também proibido de entrar na terra santa (Nm 20.24). O homem de Deus que viajava de Judá para Betei desobedeceu à ordem do Senhor com respeito a comer e beber. Com isso, cometeu seu pecado mortal (1 Rs 13.21,22). No Novo Testamento, vemos Ananias e Safira sendo punidos com a morte por terem cometido o que para eles foi seu pecado mortal. Tentaram mentir ao Espírito Santo, guardando parte do produto da venda de sua propriedade (At 5). O homem de Corinto, que viveu com a esposa do pai, também foi culpado desse pecado, forçando o apóstolo Paulo a pronunciar julgamento sobre ele, dizendo que fosse "entregue a Satanás para a destruição da carne" (1 Co 5.5). Em Corinto, muitos irmãos morreram por não terem discernido o corpo e o sangue do Senhor (1 Co 11.27-30). Esses também cometeram o pecado para a morte.

Para vencer a mortalidade, temos de lutar com per-

sistência contra o pecado, porque é ele que traz a morte. Quem deseja viver até ao fim do tempo que Deus designou para ele, ou até a volta do Senhor, precisa ser cuidadoso para não pecar. Por negligenciar essa questão, muitos têm sido levados para a sepultura prematuramente. O pecado mortal não é nenhuma transgressão particular e terrível, pois a Bíblia não o define em nenhum lugar. O pecado de fornicção, cometido pelos coríntios, pode ser considerado como mortal. Contudo palavras irrefletidas, como as que Moisés pronunciou, também podem tornar-se um pecado para morte. Observemos como as Escrituras caracterizam Moisés: "Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12.3). Por isso, Deus não poderia tolerar nenhum pecado na vida desse homem.

Vivemos no tempo da graça. Deus é cheio de graça para conosco. Que nosso coração esteja confortado! Não permitamos que Satanás nos acuse, insinuando que cometemos o pecado mortal, e que por isso devemos morrer. Embora a Bíblia não ordene que oremos pelos que cometeram o pecado mortal, Deus nos perdoará se julgarmos a nós mesmos e genuinamente nos arrependermos. Na opinião de muitos estudiosos da Bíblia, o homem de 2 Coríntios 2.6,7 é o mesmo que viveu com a esposa do pai. Em 1 Coríntios 11.30-32, Paulo ensina que, mesmo que tenhamos cometido o pecado para morte, podemos escapar se verdadeiramente nos julgarmos. Desse modo, não devemos permitir que nenhum pecado reine em nosso corpo, para que não se torne um pecado mortal. Nossa carne pode estar enfraquecida, todavia jamais devemos perder a atitude de julgar a nós mesmos. Temos de julgar nosso pecado sem misericórdia. E verdade que nunca podemos alcançar uma perfeição total, isto é, viver sem pecados nesta vida, mas é indispensável que os confessemos sempre, confiando na graça de Deus. O Senhor nos perdoará. Aqueles que buscam a vitória sobre a morte precisam lembrar-se disso.

"Ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões, e que se houveram com soberba. Abre-lhes também os ouvidos para a instrução e manda-lhes que se convertam da iniquidade. Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em felicidade e os seus anos em delícias. Porém, se não o ouvirem, serão traspassados pela lança e morrerão na sua cegueira. Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e, agrilhoados por Deus, não clamam por socorro. Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutas culturais." (Jó 36.9-14)

OS ENSINAMENTOS DE PROVÉRBIOS

O livro de Provérbios focaliza o viver diário do crente aqui neste mundo. Nele podemos aprender bastante sobre como conseguimos nos manter vivos. Aqui vamos examinar principalmente as instruções dele

relacionadas com o modo de vencermos a morte.

"Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz." (3.1,2.)

"Será isto saúde para o teu corpo e refrigério, para os teus ossos." (3.8.)

"Retenha o teu coração as minhas palavras; guarda os meus mandamentos e vive." (4.4.)

"Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras, e se te multiplicarão os anos de vida." (4.10.)

"Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida." (4.13.)

"Porque (meus ensinamentos) são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo." (4.22.)

"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida." (4.23.)

"O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa." (6.32.)

"Porque o que me acha (sabedoria) acha a vida e alcança favor do Senhor." (8.35.)

"Porque por mim (sabedoria) se multiplicam os teus dias, e anos de vida se te acrescentarão." (9.11.)

"A justiça livra da morte." (10.2.)

"O temor do Senhor prolonga os dias da vida, mas os anos dos perversos serão abreviados." (10.27.)

"Na vereda da justiça, está a vida, e no caminho da sua carreira não há morte." (12.28.)

"O temor do Senhor é fonte de vida para evitar os laços da morte." (14.27.)

"O ânimo sereno é a vida do corpo, mas a inveja é a podridão dos ossos." (14.30.)

"Para o sábio há o caminho da vida que o leva para cima, afim de evitar o inferno, embaixo." (15.24.)

"O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma." (15.32.)

"O semblante alegre do rei significa vida." (16.15.)

"O que guarda o seu caminho preserva a sua alma." (16.17.)

"O que guarda o mandamento guarda a sua alma; mas o que despreza os seus caminhos, esse morre." (19.16.)

"O temor do Senhor conduz à vida." (19.23.)

"Trabalhar por adquirir tesouro com língua falsa é vaidade e laço mortal." (21.6.)

"O homem que se desvia do caminho do entendimento na congregação dos mortos repousará." (21.16.)

"O que segue a justiça e a bondade achará a vida, a justiça e a honra." (21.21.)

Quando o Espírito de Deus nos instrui a respeito da vitória sobre a morte, descobrimos novos significados nesses versículos. Estamos acostumados a considerar a palavra "vida" apenas dentro do contexto de uma certa terminologia. Quando, porém, entendemos melhor as realidades bíblicas, começamos a reconhecer que, se cumprirmos as condições estabelecidas por Deus, nossa existência física será prolongada. Se, pelo contrário, desobedecermos a esses mandamentos, nossa vida se extinguirá gradativamente. Deus nos exorta, por exemplo, a honrar pai e mãe, "para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra" (Ef 6.2,3). Se desobedecermos a esse princípio, nosso tempo aqui na Terra será reduzido, devido ao pecado. Deus quer que atentemos para suas palavras para que possuamos a sabedoria, busquemos a justiça, e guardemos nosso coração, a fim de não perdermos a vida. Se quisermos viver, precisamos aprender a obedecer.

OS PODERES DO MUNDO VINDOURO

A Bíblia diz que, no reino futuro, o Senhor Jesus será o sol da justiça, trazendo salvação* em suas asas (Ml 4.2). E "nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente" (Is 33.24). Naquele tempo nós, os *crentes*, desfrutaremos daquilo que as Escrituras predizem: "E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória." (1 Co 15.54.) Para os cristãos, a característica da era do reino será a ausência de fraqueza, doenças e morte, porque nosso corpo terá sido redimido e Satanás, pisado.

As Escrituras igualmente ensinam que, já no presente, podemos gozar os poderes do mundo vindouro (Hb 6.5). Embora nosso corpo esteja ainda aguardando a redenção, podemos hoje, pela fé, gozar antecipadamente os poderes do mundo por vir, livres de fraquezas, doenças e morte. Essa experiência é muito profunda, mas, se o cristão satisfizer as exigências de Deus, e confiar plenamente na Palavra do Senhor, poderá desfrutar dela. Para a fé, não existe tempo. Assim como ela pode receber daquilo que Deus realizou por nós no passado, também pode obter o que ele ainda há de fazer no futuro.

O apóstolo Paulo descreve a mudança que se operará em nosso corpo, dizendo: "Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito." (2 Co 5.4,5.) A palavra

"penhor" aí significa um "sinal", isto é, um pagamento inicial que se faz como garantia de que se pagará tudo futuramente. O Espírito Santo em nós é a garantia divina de que "o que é mortal será absorvido pela vida". Embora até hoje não tenhamos experimentado essa vitória em sua plenitude, podemos experimentá-la em parte, porque possuímos o Espírito Santo como o "sinal". O Espírito nos foi dado para podermos antegozar o triunfo futuro da vida.

"E manifestada (a graça de Deus), agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho." (2 Tm 1.10.) A vida e a imortalidade, declara o apóstolo, constituem a porção comum de todos aqueles que recebem o evangelho. Daí a pergunta: "Até que ponto o Espírito Santo pode induzir o crente a entrar na posse dessa bênção?" A morte foi abolida, portanto isso deve trazer algum benefício para nós. Esta nossa era, porém, está prestes a terminar. Com o arrebatamento em vista, o Espírito Santo pretende levar os cristãos a experimentar mais e mais dessa bênção.

Precisamos crer que é possível antegozar os poderes do mundo vindouro. Quando Paulo exclama: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15.57), está falando de algo que ocorre no *presente*, mas também está levando em conta o problema da *morte*. Embora ele esteja se referindo à vitória total sobre a morte que ocorrerá no futuro, ainda assim não deixa essa experiência inteiramente para o porvir. Ele declara que podemos vencer por meio do Senhor Jesus, agora!

Um dos princípios pelos quais Deus opera é o seguinte: o que ele pretende fazer numa determinada era manifesta primeiro em alguns dos seus fiéis. O que todos vão experimentar no milênio, os membros de Cristo devem experimentar ainda hoje. Mesmo nas dispensações passadas houve pessoas que provaram de antemão dos poderes do mundo vindouro. Quanto mais, então, a igreja de nossos dias deve experimentar a vitória de Cristo sobre a morte! Deus quer que avancemos e atravessemos as fronteiras do Hades agora. O Senhor nos chama a vencer a morte pelo seu corpo. Nossa batalha só chegará ao fim quando derrotarmos o último inimigo.

Cada um de nós deve procurar saber qual é a vontade do Senhor com respeito ao seu futuro. Não estamos defendendo aqui nenhuma idéia supersticiosa, no sentido de que não iremos morrer. No entanto é fato que estamos no tempo do fim e a volta de Cristo não vai mais demorar. Deve consumir-se ainda enquanto vivemos. Por isso, devemos exercitar fé e nos apropriar da Palavra de Deus, confiando que não morreremos, mas veremos o rosto do Senhor ainda vivos. Todos nós, que temos essa esperança nele, devemos pu-

rificar-nos, assim como ele é puro. Procuremos viver para ele a cada momento, recebendo o poder de sua vida ressurreta para suprir nossas necessidades do espírito, da alma e do corpo.

"Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte." (Hb 11.5.) Devemos crer nisso também. Vamos confiar que não é necessário que morramos. Creiamos que o arrebatamento é certo, e não vai demorar. "Pois, antes da sua transladação, (Enoque) obteve testemunho de haver agradado a Deus." (Hb 11.5.) E nós?

Oh! como é maravilhosa a glória futura! Como é perfeita a salvação que Deus preparou para nós! Levantemo-nos e nos elevemos. Meu anseio é que estejamos tão cheios do "céu" que a carne não tenha mais lugar em nós, e o mundo não exerça mais nenhuma atração sobre nosso coração! Que o amor do Pai possa estar em nós, de modo que não tenhamos mais nenhuma comunicação com o inimigo! Que o Senhor Jesus possa satisfazer nosso coração, de modo que não desejemos mais ninguém! E que o Espírito Santo possa fazer brotar em cada crente a oração: "Vem, Senhor Jesus!"